

DISCURSOS E NÃO-DISCURSOS DO *ISSO*:  
*PASSAROFES* DE UMA  
ESCOLA DO CAMPO,  
*INADUBAÇÕES* E  
LESBIANIDADES *CIS*

LESBIANIDADES *CIS*  
*INADUBAÇÕES* E  
ESCOLA DO CAMPO'  
*PASSAROFES* DE UMA  
DISCURSOS DO *ISSO*:

**Raony de Souza Ribeiro**

Orientadora: Pr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Giseli Gagliotto  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/FBe  
Mestrado em Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

DISCURSOS E NÃO-DISCURSOS DO *ISSO: PASSAROFES* DE UMA ESCOLA  
DO CAMPO, *INADUBAÇÕES* E LESBIANIDADES *CIS*

RAOANY DE SOUZA RIBEIRO

Francisco Beltrão - PR

2018

RAOANY DE SOUZA RIBEIRO

DISCURSOS E NÃO-DISCURSOS DO *ISSO: PASSAROFES* DE UMA ESCOLA  
DO CAMPO, *INADUBAÇÕES* E LESBIANIDADES *CIS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação - Nível de Mestrado - Área de Concentração: Educação, Linha de Pesquisa: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Giseli Monteiro Gagliotto.

Francisco Beltrão - PR

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Ribeiro, Raony de Souza  
Discursos e não-discursos do isso : passarofes de uma Escola do Campo, inadubações e lesbianidades cis / Raony de Souza Ribeiro; orientador(a), Giseli Monteiro Gagliotto; coorientador(a), Gisele Paris, 2018.  
233 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1. Discurso/Não-Discurso. 2. Lesbianidades cis.  
3. Escola do Campo. I. Gagliotto, Giseli Monteiro.  
II. Paris, Gisele. III. Título.

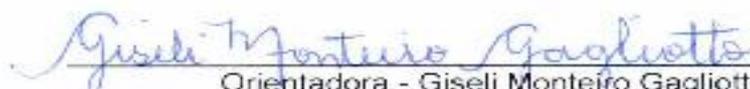
## FOLHA DE APROVAÇÃO

**RAOANY DE SOUZA RIBEIRO**

**TÍTULO DO TRABALHO:** DISCURSOS E NÃO-DISCURSOS DO "ISSO":  
PASSAROFES DE UMA ESCOLA DO CAMPO, INADUBAÇÕES E  
LESBIANIDADES CIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, Área de Concentração: Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestre em Educação a autora.

### COMISSÃO EXAMINADORA



Orientadora - Giseli Monteiro Gagliotto  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão  
(UNIOESTE)



Sônia Maria dos Santos Marques  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão  
(UNIOESTE)



Eliane Rose Maio  
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Francisco Beltrão, 13 de março de 2018

*Dedico a todas às passarunes camponesas que não conseguem e/ou sentem que não podem expressar sua sexualidade lesbierótica, por medo do que de terrível possa acontecer, tanto na escola, quanto em casa, igreja ou na comunidade. A elas, com todo carinho e esperança de dias melhores.*

## Canarina InveStida

iA Ai  
עוֹ Que  
מֵת têm  
זוֹתוּמ muitos  
זִמְרוֹת canarinhos  
מוֹבֵרִים brincando com  
בֵּינֵי-בֵּינֵי bem-te-vis.  
עוֹ E eu que sou  
זִמְרוֹת canária,  
זִמְרוֹת ser feliz  
נֹאֵי לֹאֵי Não falei canalha, senhor Livro Falante  
זִמְרוֹת canária, canarina cantante!  
זִמְרוֹת Da grade, vejo tuas canetas  
זִמְרוֹת Estojo, pastas, cadernetas  
זִמְרוֹת Lhe dou um pio, lhe faço "pssiu"  
זִמְרוֹת Lhe aclamo,  
זִמְרוֹת Silêncio vil...  
זִמְרוֹת Para quem  
זִמְרוֹת direi que amo?  
זִמְרוֹת Para quem  
זִמְרוֹת direi quem amo?  
זִמְרוֹת E assim...  
זִמְרוֹת Eu voo  
זִמְרוֹת Em-  
זִמְרוֹת com-  
זִמְרוֹת solo-  
זִמְרוֹת nada,  
זִמְרוֹת Se o  
זִמְרוֹת grão  
זִמְרוֹת que  
זִמְרוֹת deixei  
זִמְרוֹת cair  
זִמְרוֹת do  
זִמְרוֹת bico,  
זִמְרוֹת era  
זִמְרוֹת em  
זִמְרוֹת terra  
זִמְרוֹת a  
זִמְרוֹת du  
זִמְרוֹת ba  
זִמְרוֹת da

(Raoany Ribeiro)

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todes... Beijos. É só isso (ahahahahaha). Mentira. Se fosse só isso eu teria que ter sete vidas para sobreviver a tanta praga que iam me rogar. Então, agradeço à minha **família escolhida**, iniciando com: Pâmella Barros, que da sua maneira ajudou e resistiu a todos os contratempos, sempre será um grande amor e minha melhor lembrança de ser humana; assim como toda a sua família, em especial a Silvia Cristina, sua mãe e por muitas vezes minha também. Uma mulher que sempre foi feminista e só descobriu isso há pouco tempo. Ao meu cunhado lindão José Augusto de Oliveira Barros e sua família Laura e *piolinho* por terem me ajudado e me mandado boas energias neste voo do Mestrado, que para nós pobres, é tão mais dificultoso e dificultado.

Agradecimentos carinhosos à Regina do Socorro Oliveira, Maria do Socorro Barros, vovó de Pâmella, Maura da Silva, Renata Cristiny da Silva Oliveira e sua mais nova filhote Marina, junto ao papai da Marina Felipe Durans, que de alguma maneira estimularam seja por ajuda financeira, moral, por fotos de bebês lindos ou apenas por um sorriso sincero, do fundo do meu coração, agradeço.

E agora o bicho pega: “eu sou um pássaro que fica avoando, fica avoando, sem nunca mais parar, ai, ai, ai, ai saudade, não venha me matar [...] Abre a porta e a janela e vem ver o sol nascer [...]” (Preta, Pretinha – Novos Baianos).

### **À minha família de origem:**

Agradeço à minha amada avó Maria Izabel Lobato de Souza que enfrentou a ditadura militar e Golpe de 1964, (tentando sobreviver a outro golpe em 2016 e à ameaça de Ditadura neofacista em 2018, lamentando a prisão de Lula) como mulher, viúva, mãe de três filhas e avó de nove, além de passarofe de história. Ela que na maior parte de minha vida, provou que uma

família se faz de amor, responsabilidade e luta e não se resume a pai (homem *cis* héterossexual), mãe (mulher *cis* heterossexual) e filhos (*cis* heterossexuais) como bem a sociedade quer impor.

Agradeço a dona Maria do Carmo Teixeira Ribeiro, a minha vovó Carmita, ela foi a minha primeira sacerdotisa, minha anciã mais poderosa, que me ensinou a me curar e curar os outros assim como ela mesma diz, com “o *puder* (poder) da mente”.

À minha mãe, cuja criatividade herdei; assim como as loucuras, afinal, a genialidade não está na normalidade e sempre soubemos que es mais normais, encaixades em uma sociedade adoecida, são es mais adoecides. Agradeço por ter-me empoderado em autoestima e autoimagem, mesmo com quase todes me chamando de “burra” e “esquisita”.

Às minhas tias/primas Tia Dilha, Tia Regina, Tia Dodó, Tia Orlandina, Tia Chica, Tia Tânia, Tia Solange e em especial a Tia Iza que mesmo sendo muito chata, me protegeu e me ensinou grandes lições, além de ter convivido de perto com as dificuldades que passei, lembro-me que me ensinou a realidade do mundo, para além de minhas fantasiosas maneiras de percebê-lo, afinal, a inocência nem sempre é vantajosa. A ela, como uma grande modelo de poder feminino e liderança.

Agradeço a estas pessoas que em muitos momentos estiveram e não estiveram fisicamente, mas sempre em pensamento e coração: Raony, Raoana, Renan, Thayssa, Diandra e Brida, o primeiro, é a prova viva de que homens podem ser feministas, mesmo com todas as suas dificuldades; a segunda, a prova de que com coragem, força e determinação, acalçamos grandes vitórias; o terceiro, o homem mais lindo que já vi, é um amor, um *Guitar Hero* (Vídeo Game) e uma saudade guardada no peito; a Quarta é o carinho, também a fúria, a leveza e a força que também levo comigo; a quinta irmã, escondo suas fotos e esqueço suas canções para não cair em lágrimas, mas devo reconquistá-la, pois

quando adulta, tenho medo de seu esquecimento do meu amor e finalmente a sexta que mais parece minha filha do que irmã, é minha alvorada, entre desenhos e cantoria, quando perco as esperanças, é minha melhor companhia.

Ao meu progenitor, que me mostrou os primeiros dispositivos de poder misógino, me fazendo desenvolver resistências fluidas de como ser feminista.

### **Amigues de Belém:**

Ao meu grande amigo, Flávio Rocha, que mesmo distante nos mantemos interligamos em um amor sem barreiras de tempo ou espaço. O nosso contato é transcendente. Te amo pra sempre.

À Malocoterapia: Evelyn *Caramujo*, Priscila a *Rainha do Deserto* e Diego *Risada de Taquara*. Duas psicanalistas, um behaviorista e um gestaltista (eu), só poderiam dá muito certo. Quase dez anos de muito amor nas nossas *maloquinhas* psicológicas.

Às cumadis Mayara (minha passadora de slide oficial, a *Bolda*), Winnie (Herma, minha desenhista favorita), Tati (*Salva Vidas*) e Susi (*Beatles Maníaca*) amo muito vocês com farinha. À Renata (*Morena BraSil*), Verena e Amanda nas mais altas análises das problemáticas da vida, estávamos lá, tomando uma(s) cerveja(s).

Às amigas do teatro da UNIPPOP e dos Pássaros Juninos, em especial à Iracema Oliveira, minha maior mestra em cultura popular. Àquele abraço para *Amérika Estérika* e a Cassandra, além de minhas amigas da Wiccan, em destaque Aine Volk e Oyá, uma fada loba e uma deusa do trovão, cujos encantamentos serão eternizados.

À Vanessa Moraes, meu devir poeticamente complexo. Tuas palavras sempre vieram sem eu pedir e ainda, nos momentos mais apropriados.

À Juliana Battisti, que sem saber veio como um tufão, me movendo às inspirações poéticas para as considerações finais, sempre será minha menina namoradeira dos olhos de cavalo marinho.

**Às amigas de Francisco Beltrão:** Gisele Pimentel (minha fênix azul, magia pura), Elis Ayala (Minha filha linda e inteligente), Luane (uma sósia de bom gosto e militância), Eritânia (musa e 1º *crush*, belíssima e genial), Francielle Menin e Lorenze (Meninas que me ajudaram na inserção dos estudos educacionais e nas pesquisas), Joice (Te conheci um dia desses, mas tá aprovada já mana). À Rita de Cássia, que fez eu me sentir em casa, várias vezes, mesmo estando tão longe, dentre tantos outros.

Sirlene, Seu João e seus filhos que me acolheram com sorrisos e bom humor, além de me doarem uma escrivinha, na qual fiz esta dissertação. Meus sinceros agradecimentos.

**Às passarofes:**

À Giseli Gagliotto, minha coruja do Harry Potter, aquela que sempre está em sacrifício pelas pessoas que ama. E mesmo com minha teimosia, me acolheu mui carinhosamente.

À Sônia Marques, uma Deusa Viva, uma Harpya ambulante. Meu sonho era poder ler uma de suas poesias secretamente guardadas (rsrsrs...). Vamos adubar isso aí.

À Eliane Maio, que me inspirou e me inspira a querer ministrar palestras, com seu carisma e coragem, mas se não for para falar de *vulva rocha*, eu nem vou.

À Roseli Sousa, minha querida e amada Aondê Airequecê, que somente com o símbolo de sua pessoa, me favorece em ensinamentos e maturações mágicas, em sonhos e meditações em ligação à Mãe Terra.

À minha mais nova *crush*, Georgina Lima, a qual, subimos montanhas de sabedoria, entre energias de vida e de morte, sobretudo, de luta.

À Gisele Paris que me ensinou em poucos contatos, o dom do reconhecimento e um dos mais honrosos valores humanos, a humildade.

RIBEIRO, R.S. *Discursos e não-discursos do isso: passarofes de uma Escola do Campo, inadubações e lesbianidades cis*. 2018. 233 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2018.

## RESUMO

Investigamos as lesbianidades *cisgêneros* (o isso), por meio dos discursos dos não-discursos de oito passarofes (professores) de uma Escola do Campo do município de Francisco Beltrão/PR. São seis passarofes do ensino médio, uma do fundamental e uma passarofe que atua com um projeto na escola pesquisada a mais de 20 anos. O trabalho é qualitativo, por intermédio do método: estudo de caso, com aporte teórico foucaultiano. O texto tem uma escrita não-binária com palavras e conceitos criados ou metaforizados. Foram realizadas visitas na escola, questionário, entrevistas abertas com passarofes e convivências com es passanáres (funcionários), passarunes (alunos) e o passadire (diretor). A dissertação também teve influência do antropólogo Geertz, então, a cultura é ressaltada, junto a seus símbolos expressos como meio que iniciou a pesquisa e que ajudaram nas investigações. Foi percebido que pesquisar sexualidade na realidade de uma Escola do Campo, requer sensibilidade e desconstrução de um pensamento colonial, principalmente sobre os parâmetros da escola urbana. Consideramos também, que o *isso* é vivido conforme a comunidade consegue negociar junto aos seus vizinhos e a escola. Todes es passarofes relataram que possivelmente não saberiam e não conseguiriam lidar em sala de aula com o tema *lesbianidades*, levamos em conta que as projeções de possibilidades futuras, podem modificar o presente e *adubar* (dar importância, valorizar) um pensamento que antes era *inadubado* (oposto de adubar). Também retrataram escassez do tema na graduação, formações continuadas, assim como, souberam de apenas de um caso de um suposto beijo lesbierótico entre meninas do Ensino Fundamental, mas que não houve aprofundamento. Foi nítido o desconforto ao serem questionados de algo que nunca abordaram nem na formação, nem em sala de aula, entretanto, percebemos interesse e curiosidade de suas partes. Sobretudo, as percepções foram provocadas ao falarmos do assunto e ao discursarmos sobre o *isso*, que também é o discurso pelo não-discurso. Esperar-nos-emos que as interpretações possibilitem boas adubações para minimizar as dificuldades reais des passarofes, assim como favorecer a resistência contra a lesbofobia nas Escolas do Campo diante de seus valores e especificidades sobre a terra, meios de produção, religião, escolarização e comunidade.

**Palavras - chave:** Discurso/Não-Discurso. Lesbianidades cis. Escola do Campo.

RIBEIRO, R.S. **Discourses and no-discourses about *it*: Birdteachers** a field school, *outferts* and cisgenders lesbian. 2018. 233 p. Dissertation (Maester) – post graduate program in education State University Oeste from Paraná. Francisco Beltrão, 2018.

## **ABSTRACT**

The research investigates the cisgender lesbians (the *it*), through the discourses and no-discourses of eight Birdteachers (teachers) of a school of the field of the municipality of Francisco Beltrão / PR. There are six high school birdteachers, one of the fundamental and one birdteachers that works with a project in the school researched more than 20 years. The work is qualitative, through the method: case study, with Foucaultian theoretical contribution. The text has a non-binary writing with words and concepts created or metaphorized. Visits were carried out at the school, questionnaire, open interviews with birdteachers and coexistence with birdemployees (employees), birdstudents (students) and birdprincipal (school principal). The dissertation also had influence of the anthropologist Geertz, then, the culture is emphasized, next to its symbols expressed like means that initiated the research and that helped in the investigations. It was perceived that researching sexuality in the reality of a rural school requires sensitivity and deconstruction of a colonial thought, especially on the parameters of the urban school. We also consider that this is lived as the community manages to negotiate with its neighbors and the school. All of these birdteachers have reported that they might not know and would not be able to deal with lesbian issues in the classroom, we take into account that projections of future possibilities can modify the present and fertilize (give importance, value) a previously unadvised opposite of fertilizing). They also portrayed a scarcity of the subject at undergraduate level, continuing education, as well as knowing only one case of an alleged lesbian kiss among elementary school girls, but that there was no deepening. The discomfort was not clear when being questioned of something that never approached in the formation, nor in the classroom, however, do we perceive interest and curiosity of its parts. Above all, the perceptions were provoked when we talked about the subject and when we discourse about *it*, which is the speech by the non-speech too. We will hope that the interpretations allow good fertilization to minimize the real difficulties of the birds, as well as to promote resistance against lesbophobia in the rural schools, given their values and specificities on land, means of production, religion, schooling and community.

**Key words:** Discourses / no-discourses. Cisgender Lesbians. Field school.

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE 1</b>	Termo de Ciência de Responsável Pelo Campo de Estudo	229
<b>APÊNDICE 2</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	230
<b>APÊNDICE 3</b>	Termo de Compromisso para uso de Dados em Arquivo	231
<b>APÊNDICE 4</b>	Questionário para es Professories	232

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Diagrama dos quatro elementos, sendo relacionado pelas 67 autoras com quatro categorias que Foucault mais utiliza em suas obras, Poder/Biopoder; Discursos; Enunciados e Dispositivos.	
FIGURA 2	Símbolo de duas mulheres que se relacionam homoeroticamente.	75
FIGURA 3	Metáfora por meio de um desenho sobre como ocorre um processo de educação heteronormativa e branca.	88
FIGURA 4	Calçada de Francisco Beltrão	119
FIGURA 5	Bandeira da Alemanha	119
FIGURA 6	Revolta dos Posseiros	126

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS: Acquired Immunodeficiency Syndrome

AMSOP: Associação dos Municípios do Sudoeste do Paraná

APA: American Psychological Association

APA: American Psychiatric Association

APP SINDICATO: Associação dos Professores do Paraná Sindicato

CANGO: Colônia Agrícola Nacional General Osório

CID: Classificação Internacional de Doenças

CIS: Cisgênero

CFM: Conselho Federal de Medicina do Brasil

CFP: Conselho Federal de Psicologia

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DEB: Diretrizes da Educação Básica

DSM-IV: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - fourth edition

DST's: Doenças Sexualmente Transmissíveis

DVD: Digital Versatile Disc

EUA: Estados Unidos da América

GETSOP (Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná

GLS: Gays, Lésbicas e Simpatizantes

HETERO: Heterossexual

HIV: Human Immunodeficiency Virus

INCA: Instituto Nacional do Câncer

LABGEDUS: Laboratório e Grupo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidades

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

LDO: Lei de Diretrizes Orçamentárias

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais

LGBTTI+: Lésbicas Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros e Mais

MC: Mestre de Cerimônias

MEC: Ministério de Educação

MP: Ministério Provisória

MPB: Música Popular Brasileira

NASF: Núcleo de Atenção e Apoio à Família

OMS: Organização Mundial de Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

PCN do Ensino Médio: Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação

PEC: Projeto de Emenda Constitucional

PL: Projeto de Lei

PLS: Projeto de Emenda Constitucional

PPGED: Programa de Pós-Graduação em Educação

PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SECAD: Secretaria de Educação a Distância, Alfabetização e Diversidade

SEU: Seminário de Extensão Universitária

SciELO: Scientific Electronic Library

SUS: Sistema Único de Saúde

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

TRANS: Transgênero

UNIOESTE: Universidade Estadual do Oeste do Paraná

UPA: Unidade de Posto Atendimento

UTFPR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Histórico da Educação no município de Francisco Beltrão/PR	147
<b>Quadro 2</b>	Informações referentes aos dados sociais des Passarofes entrevistades	174
<b>Quadro 3</b>	Informações referentes aos tipos de vínculos, às turmas, turnos e faixa etárias des Passarofes entrevistades	180
<b>Quadro 4</b>	Respostas des Passarofes para as <b>perguntas 1. e 2</b>	181
<b>Quadro 5</b>	Respostas des Passarofes para as <b>perguntas 3, 4. e 5</b>	184
<b>Quadro 6</b>	Respostas des Passarofes para as <b>perguntas 6</b>	186
<b>Quadro 7</b>	Respostas des Passarofes para as <b>perguntas 7. e 8</b>	187
<b>Quadro 8</b>	Respostas des Passarofes para ' <b>O ISSO</b> '	191
<b>Quadro 9</b>	Realidade do campo e trocas de linguagens e expressões. Adaptado de Guimarães (1995, p.85)	194
<b>Quadro 10</b>	Respostas des Passarofes para as <b>perguntas 9., 10. e 11</b>	197
<b>Quadro 11</b>	Respostas des Passarofes para as <b>pergunta 12</b>	207

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
I - DAÍ CULTURA E LESBIANIDADES DAÍ: Água Fria no Chimarrão dos Processos Educativos	36
1.1 Culturas e discurso: Hermes e Tácita/Canarinho e Canarina	38
1.2 Culturas e Identidades de Francisco Beltrão: choques culturais	41
1.3 Culturas e Lesbianidades	51
1.3.1 <i>Lesbianidades e Poderes - Discursos - Enunciados Dispositivos</i>	61
1.3.2 <i>Panoptismo às identidades lésbicas</i>	77
1.4 Processos Educativos e Sexualidades	84
1.4.1 <i>Educação - Os três poderes</i>	90
1.4.2 <i>Juventude e Educação Sexual no Ensino Médio</i>	94
II - AS BASES NORTEADORAS E SUDOESTEADORAS PARA AS INTERPRETAÇÕES DAS SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO: ENSAIOS HISTORIOGRÁFICOS DA EDUCAÇÃO E MICRORRESISTÊNCIAS SOBRE AS SEXUALIDADES PARA A EDUCAÇÃO: POLÍTICAS PÚBLICAS E MICRORRESISTÊNCIAS	103
2.1 <i>Adubações e Memória da Mestranda: Cirandas de Pará-Belém, Paraná-Francisco Beltrão, Culturas e educação</i>	103

<i>2.1.1 - Girando à Infância e Adolescência</i>	105
<i>2.1.2 Girando a sapatão na academia e a academia na sapatão</i>	108
<i>2.1.3 Girando o Campo Profissional</i>	110
<i>2.1.4 Impactos, choques e estranhamentos de corpos e espaços</i>	115
<i>2.1.5 Contradições Históricas e Amizades por Familiaridade</i>	122
<i>2.1.6 Os rolês de Bell City</i>	131
<i>2.1.7 Vivências que somaram para a Pesquisa de Dissertação</i>	133
<i>2.2.1 Ensaio de historiografia da Educação</i>	135
<i>2.2.2 Brasil e Escola Urbana, Periférica e do Campo</i>	136
<i>2.2.2.1 Sudoeste do Paraná e Escola Urbana</i>	143
<i>2.2.2.2 Francisco Beltrão e Escola Urbana</i>	146
<i>2.2.3 Sudoeste do Paraná e Escola do Campo</i>	151
<b>III - ANÁLISE DE RESULTADOS DIANTE DOS OBJETIVOS</b>	152
<b>3.1 Descrições do Diário de Campo</b>	153
<i>3.1.1 Diário de Campo: a Escola do Campo na ruralidade</i>	154
<i>3.1.2 Diário de Campo: a escola urbana na periferia da cidade</i>	167
<i>3.1.3 Diário de Campo: a escola quilombola: amadurecer sem esmorecer</i>	169
<b>3.2 Interpretação das lesbianidades nos processos educativos</b>	171

no ensino médio da escola Urbana e do Campo estaduais de Francisco Beltrão/PR.

3.3 Elucidação da viabilidade dos temas transversais de sexualidade nos processos educativos. 184

3.4 Análise da formação dos professores correlacionando com o que o sistema educacional voltado ao Ensino Médio disponibiliza acerca da temática sexualidade. 187

3.5 Perceber a inter-relação da teoria e da prática no que se refere à questão das lesbianidades. 190

CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES DAS CONTINUIDADES FINAIS 209

REFERÊNCIAS 213

APÊNDICES 228

## INTRODUÇÃO

Antes de contar por quais motivos foi produzida esta pesquisa, vale avisar que a linguagem gramatical, será usada a partir de teorias não-binárias. Salvo, quando a identificação for voluntariamente (direta ou indiretamente) binária. Esta iniciativa foi inspirada pela leitura da dissertação<sup>1</sup> de Lau (2016) que – pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade, referente à linha de pesquisa Subjetividade, Texto e Ensino – defendeu o impacto da linguagem na cultura, assim como a problematização da utilização do X para pronomes e artigos neutros, devido ao fato do X não ser acessível para leitores de tela. Assim, deficientes visuais não conseguirão ler. Pois se usarem o programa de tela, a pronúncia não conseguirá ser lida pela máquina. Então, “O X não torna as coisas mais fáceis de entender”; pois o X não é pronunciável (LAU, 2016, p.25).

Neste caso as vogais neutras que serão utilizadas no lugar de “a”, “o” e seus plurais como na palavra o outro, será trocada pela palavra outre, e o plural outres. Assim como, “e” ou “ies” no caso de palavras terminas em “e” ou “es” colocadas para o gênero masculino, como autores autories, etc. Afinal, o movimento da vida, em todos os aspectos, exige transformações que possam se adaptar o mais democraticamente possível. É um desafio aos nossos costumes que estamos dispostas a realizar.

Recusamo-nos aqui, colocar artigos e pronomes masculinos em primazia aos femininos, ou escrever sobre os males do “homem”, como de toda a humanidade e ainda, como se englobasse todas as similaridades de identidade de gênero, ou o binarismo “homem”, “mulher”, e/ou colocando as professoras

---

<sup>1</sup> Título da dissertação: Pelo Direito e Orgulho de ser Heterossexual no Terceiro Domingo de Dezembro: os discursos de Carlos Apolinário e Eduardo Cunha nos PLs 294/2005 e 1672/2011.

nos parênteses, como: “professores (as)”. A recusa vem de resultados das leituras científicas voltadas a gênero que são citadas no decorrer no trabalho e vivências empáticas sobre a validação das diferenças humanas.

A presente pesquisa nasceu do interesse científico desde a graduação em psicologia da mestranda em 2011, concretizando-se o início, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre o estado da arte do que as psicólogues brasileiras estariam produzindo acerca das lesbianidades pelo período de 2003 a 2013 (RIBEIRO, 2013). Em 2016, foi produzindo um artigo, atualizando esta pesquisa bibliográfica e abrangendo para o período de 2001 a 2016 (Século XXI). Entretanto, nessas atualizações foram pesquisadas somente produções do Sul do Brasil e mesmo com uma diferença de dois anos para trás e três anos para a frente, os discursos não sofreram muitas variações (RIBEIRO, GAGLIOTTO, 2016).

As análises e resultados do TCC citado acima culminaram na palavra “medo”; medo de se assumir na escola, para a família, igreja, comunidade, enfim, medo de dizer qual o seu desejo sexual para quem convivesse com as mulheres que foram pesquisadas pelas psicólogues nas produções de artigos, dissertações e teses. Este TCC realizou justamente uma análise bibliográfica sobre estas produções e logo foram percebidas as demandas de aceitação social e de autoaceitação com processos dolorosos, e o quanto foi difícil ter o apoio afetivo e até mesmo de conhecimentos sobre a questão das lesbianidades, de pessoas da família, escola ou comunidade. (RIBEIRO, 2013).

Desta maneira, surgiu a curiosidade e a vontade de pesquisar o que está sendo discursado e não discursado por professoras que atuassem do Ensino Médio, já que nesse nível de escolaridade, as professoras trabalham com adolescentes e é na adolescência<sup>2</sup> que a expressão da sexualidade é mais

---

<sup>2</sup> “[...] nesta reflexão a imperativa tarefa de construção da identidade sexual no decorrer da adolescência,

percebida e exercida socialmente. No projeto de dissertação o interesse era o que estava e não estava sendo discursado por passarofes de escolas do campo e urbanas, tendo como lente principal, a cultura. Depois, percebendo a demanda e o tempo do programa de mestrado, foi cogitada a ideia de realizar uma pesquisa etnográfica apenas com escolas do campo. A imaturidade da mestranda em pesquisa etnográfica inicialmente fez-se acreditar que seria possível manter o plural na pesquisa, mas no processo, então, se resolveu pesquisar apenas uma Escola do Campo, com es passarofes que se disponibilizassem, haja vista a dificuldade de quererem participar das entrevistas sobre o tema lesbianidades.

Desta maneira, em aprendizado constante do como iniciar os trabalhos, percebemos, por fim, que não tínhamos condições de vivenciar etnograficamente se quer uma escola, quiçá duas. Desta forma, o método foi mudado no terceiro semestre do curso de Mestrado, entretanto, os ensaios etnográficos junto a uma leitura foucaultiana dos saberes, nos levaram para uma análise do dito e não-dito no conceito de Michel Foucault (2008) mediante à metodologia do estudo de caso. A certeza do método foi por intermédio de leituras dos livros desse autor, como: *Microfísica do Poder* (1979), *Arqueologia do Saber* (2008) e *A Ordem do Discurso* (1971), discutidas com leituras complementares, assim como vídeos de especialistas no youtube<sup>3</sup>.

---

cuja necessidade de edificá-la contribui para que seja considerado o ponto crítico/fundamental desse período". (DALL'AGNOL, 2003, p. 29)

<sup>3</sup> Análise do Discurso com Michel Foucault | Ep. 01 Quem somos nós hoje? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uIBfuOpNdT4&t=1064s>;

Introdução aos estudos do discurso e a obra de Michel Foucault. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EUwmCxBItp4>;

Análise do Discurso com Michel Foucault | Ep. 01 Quem somos nós hoje? . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uIBfuOpNdT4&t=1064s>;

Análise do Discurso com Michel Foucault | Ep. 02 Os dispositivos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IpMURaG9hYc>;

Análise do Discurso com Michel Foucault | Ep. 03 O dispositivo escolar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TdVYvrh-JfA>

Tu que estais apreciando (ou não) a leitura, poderá se indagar do por que a palavra lesbianidades, sempre vir no plural. Esta concepção vem justo do conceito de processos de subjetivação<sup>4</sup> de Foucault (2006, 1984), que não trabalha com identidade fixa e sim com identidades ou desenvolvimento de sujeitos, junto a suas continuidades. Logo, existem categorias nas quais podemos encaixar um ser lésbico, por motivos culturais, sociais e biopolíticos, mas não que este ser seja rigidamente limitado a este encaixe. Neste caso, a maneira que conseguimos fazer para acusar esta continuidade, foi trabalhando a palavra no plural, assim como seus ditos e não ditos que esta palavra carrega no contexto e sujeitos pesquisades.

Diante dos discursos e não-discursos de passarofes de uma Escola do Campo; o trabalho de pesquisa produz sobre lesbianidades *cis* no ensino médio. Vale ressaltar que a palavra *cis*, como retrata Jesus (2012): é uma “abreviação da palavra cisgênero” (p. 25). Em resumo, são “pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (p. 25), ou seja, quem nasce com vulva, a sociedade impõe em termos culturais, que este ser é uma mulher e quem nasce com pênis impõe culturalmente que é homem, assim como, projeta várias atribuições de papéis sociais femininos e masculinos, tais como: quais brinquedos o menino e menina podem usar, roupas, modos de falar, de andar, se expressar, de ter relações sexuais, etc. Este termo, como já foi escrito, vem da palavra cisgênero que serve não só para identificar es sujeitos não-trans, como também apontar que existem diferenças da lesbianidades com a

---

<sup>4</sup> como processo de subjetivação irreduzível ao jogo simbólico, *id.*, p. 628; para uma definição, *id.*, n. 338, p. 545: “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra”. [Esta passagem é extraída do texto “Usage des plaisirs et techniques de soi” que veio a ser incorporado à “Introdução” do vaI. IL *O uso dos prazeres*, da *História da sexualidade*. Este trecho foi extraído da tradução brasileira: *O uso dos prazeres*, p.15. (N. dosT.)]

transexualidade, sobretudo, passarelhês (mulheres) lésbicas *cis* têm a vantagem, ou privilégios de não serem tão violentadas ou invisibilizadas quanto uma mulher *trans* ou homem *trans* - principalmente no ambiente escolar (JESUS, 2012).

Por “falar” nisso, a palavra **visibilidade** (que é usada em muitas pesquisas e por movimentos sociais), será substituída pelo verbo **adubar** e suas variantes e invisibilidade por não adubar, ou “inadubar” e suas variantes existentes ou criadas ao longo do texto. De início a mestranda queria substituir por uma palavra indígena chamada *enduba*<sup>5</sup> ou *anduba*, justo porque, o tema indígena, assim como o tema lesbianidade, é de um grupo “invisibilizado” (inadubado), sobretudo, foi questionado qual o sentido e o peso linguístico que teria neste grupo de passarofes de Escola do Campo entrevistades (basicamente, aquela mesma situação do “X”).

Primeiro porque se entende que apesar do conceito da palavra visibilidade, não ser só agregada para a percepção visual, a palavra em si, parece contemplar somente as pessoas não cegas. Então, foi pensada uma palavra que abrangesse todos os sentidos e processos psicológicos. Todavia, a palavra indígena não caberia às identidades mostradas na escola pesquisada. Logo, o **adubar**, será utilizado como o antigo sentido de endubilar, somando com os sentidos metafóricos de: dar valor, atenção, cuidar, perceber, lembrar, preocupar-se com, entender as especificidades da terra (pessoa-sujeite) para então saber qual adubo utilizar melhor.

O adubo também será percebido, como o processo crítico-reflexivo sobre o fenômeno de Ensino-Aprendizagem, assim como de um bom manejo dos

---

<sup>5</sup> Esta palavra, endubidade foi criada pela mestranda a partir da etimologia das palavras *enduba*, ou *anduba* do tronco linguístico tupi guarani, que significa “perceber” ou “sentir”, pois que, o prefixo “endu”, está em muitas palavras tupis, como *enduba* ou *anduba* que significa sentir; *cenduba*: ouvir; *aenduara*: recordar-se, *maenduára*: pensar etc.

processos educativos. Pois, se um grupo de pessoas ocupa um terreno, se assentam, manejam a terra, mas não aduba, esta terra perde os nutrientes e corre o risco de sofrer erosão, dependendo do tipo da terra, clima etc. adubar a terra, assim como es sujeites, pode ser uma sugestão eficaz em função dos relacionamentos entre as pessoas do campo, na escola e na comunidade que também faz parte da escolarização e educação como um todo, evitando erosões e desgastes a todes, poeticamente discursando.

Sabemos que pode ocorrer estranhamento da palavra, afinal, tudo o que é desconhecido, causa certo desconforto ao cérebro, este último que é composto de ligações sinápticas para proteger-nos do perigo, que primariamente seria o medo do que não estamos familiarizadas. Talvez, uma palavra em Inglês fosse mais confortável, pois que a maior superpotência do mundo, os EUA (Estados Unidos da América), são as maiores propagadores de sua cultura. Sobretudo, não é essa a proposta da pesquisa.

Voltando ao pensamento sobre o termo cisgênero, o adubo da mulher lésbica é mais fácil comparado à expressão dos corpos de uma pessoa transexual, esta última, se comparada às peças de xadrez, são peões; estão na infantaria de frente e são es que morrem primeiro. Sobre as lésbicas, acreditamos que seriam cavalos que andam em “L” no tabuleiro, que por sua vez, valem três peões. Ou seja, a cavalaria é mais poupada; quando também não são pegos pelo “garfo” (uma ou mais táticas de isca para conseguir peças) do preconceito social e assim por diante. Esta metáfora com o jogo de xadrez foi intencional, pois se percebeu que na escola pesquisada existem esses jogos, quem sabe poderia ser um instrumento de ensino sobre as sexualidades, por meio das diversidades e funções das peças.

O tabuleiro, ou melhor, o campo de pesquisa é uma escola camponesa

estadual e faz parte de um assentamento, com histórico de lutas por terra e melhores condições de saúde e educação. Originalmente por base teórica freiriana (Educador Paulo Freire), mas que atualmente (2016, 2017, 2018) passa por processos de mudanças em constante adaptação, tanto como base teórica, quanto mudanças curriculares às demandas do campo, em relação às dificuldades que encontram na legislação e na falta de iniciativa governamental para com suas especificidades, além de influências administrativas de acordo com interesses e inclinações do governo atual, que segundo os discursos dos passarofes, passanáres e passarunes em conversas informais e formais, são opostas às bases filosóficas e pedagógicas que regem uma comunidade e uma escola camponesa.

Esta Escola do Campo pesquisada será mantida no anonimato para que não comprometa as identidades dos passarofes, e para que não sejam alvo de violência e preconceito, pois antes mesmo às entrevistas, já era sabido que questões referentes às sexualidade não-heteronormativas, já eram tidas com resistência. A escola citada, possui aspectos culturais diferenciados de uma escola tradicional urbana, ou urbana periférica, quilombola e até mesmo de outras escolas do campo não-quilombolas, possibilitando uma análise de diferenciações rica em variáveis.

Essa investigação foi qualitativa e como metodologia, foi estudo de caso, indo à busca dos ditos pelos não ditos ou o que Foucault (2008) chama de Formação Discursiva, requer uma série de sistemas que fluem e se concretizam, de acordo com as práticas sociais, com o tempo histórico, com o espaço, grupos e com as emergências deste tempo, território e pessoas; um conjunto de enunciados que se validam por outros enunciados que conseguiram se enunciar a partir de dispositivos de poderes, de sujeitos e instituições que o validaram e o reconheceram nesse sentido, assim como em outros sentidos, de acordo com o

empírico e relações que se estabelecem ao redor desses discursos, junto a princípios de diferenciação. Ou seja, uma condição de existência diante dos signos que se estabelecem nas suas especificidades e se repetem num “contínuo” não-linear. (FOUCAULT, 2008).

Como por exemplo, a homossexualidade masculina na Grécia ser considerada comum, como sentido de educação e amor ao seu mestre ou companheiro de guerra e da Idade Média em diante ser comumente chamada de doença, estado demoníaco, fraqueza. Como na ilha de Lesbos a mestre Safo e suas discípulas se amarem lesbieroticamente cortejando Eros e a Deusa Afrodite (COSTA, 2011). Até mesmo os filtros políticos de que um deputado acusado de estupro infantil consiga ter menos repercussão midiática, do que uma menina tocar no pé de um ator despido em um museu, ou um beijo entre duas mulheres em uma novela. Alvorço de conflitos éticos de dispositivos perspicazes causados por quais exercícios de poder? Causam alvorço em alguns grupos, em alguns espaços, em algumas instituições; e mesmo na ciência, que já reconheceu a homossexualidade, transexualidades e lesbianidades, como apenas outras formas da sexualidade como mais caminhos humanos a serem sentidos e vividos (porém, inda há um trabalho profundo para despatologizar a comunidade “trans”).

É como se um tema dependesse de quem, quando e onde o exercesse, o que culminaria no como, foi e/ou é exercido. Assim como uma mesma viola e uma mesma música, não teria o mesmo som, pois com o passar do tempo a madeira mudaria, dependendo do espaço, teriam ecos, ou não, sons abafados ou não e principalmente de quem a tocasse.

Ok, mas e a capa deste trabalho? O que tem a ver tudo aquilo com o tema? Provavelmente, o desenho em destaque provocou em suas percepções deste discurso, a palavra “passarinho”, no diminutivo e no masculino, pois bem,

esta ave apareceu na grade da janela da sala dos passarofes, cantando. Como se rapidamente me (nos) falasse algo e depois voou. Perguntei imediatamente es que se encontravam na sala, qual era a espécie. Uma passarofe logo se prontificou e disse que achava que era um canarinho. Então, algo me inquietou por dentro, perguntei ao máximo de pessoas daquela escola se era de fato um canarinho e disseram que provavelmente sim. Logo a pesquisa por canarinhos começara, entretanto, todos que achava eram amarelos e nada parecidos com o passarinho que vi naquela janela.

Após uma pesquisa mais aprofundada, foi descoberto que havia um canarinho chamado “canarinho do campo”, também confundido com o “canarinho da terra”, mas, apesar da semelhança, ainda não era idêntico ao que vi. A presença daquela ave foi tão significativa para a mestranda, que todos os detalhes daquele ser de asas tinham sido fixados em uma memória fotográfica. E com mais pesquisas, foi descoberto que havia diferenças entre se o passarinho era jovem ou adulto, entre machos e fêmeas. Principalmente na quantidade de cores nas penas, se tinha cores ao redor dos olhos, na altura dos olhos e também na parte traseira, se era arredondada ou mais pontiaguda. E *voilà!* Por fim, era uma fêmea. Uma Canarina do Campo.

O que não fazia sentido, pois alguns sites diziam que as fêmeas não cantavam. Quando fomos atrás de outros sites e vídeos no Youtube que pareciam mais científicos, escreveram que é raro, mas que existem sim fêmeas que cantam principalmente para acasalamento, ou como apresentam alguns vídeos de Youtube: “para esquentar o macho”; Diante destes pontos, sentimos mais ainda que as projeções sobre um suposto discurso que esta canarina nos oferecera era a metáfora que precisávamos. Sobretudo, não reconheço totalmente a pesquisa sobre os pássaros como científica, afinal precisaria de muito mais para termos certeza das preposições pesquisadas. Pedimos, então,

que se algum dia algum especialista de canarinhos ler esta dissertação, favor, nos dizer se estamos corretas quanto às preposições inferidas, mas mesmo assim, não mudará o discurso que impactou diante de nossos desejos inconscientes daquele momento.

A seguir exporemos os objetivos que concernem em investigar para adubar o que está nas palavras-chave. Preferimos colocá-los de maneira separada da introdução, para facilitar a leitura para pessoas com algum transtorno que comprometa a leitura ou a aprendizagem, como transtorno de atenção, dislexia, etc (também utilizamos a fonte *Lexie Readable*<sup>6</sup>, que é uma *Comic Sans* melhorada, própria para disléxicos ou para promover uma melhor visualização). Em sequência, segue a problemática, a justificativa, a metodologia, a fundamentação teórica, os resultados esperados, o cronograma e as referências de maneira separadas, também com o mesmo fim, de tentar facilitar a leitura para o maior número de leitores.

## 2 - OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo geral:

Investigar o discurso e não-discurso de professoras de uma Escola do Campo de Francisco Beltrão/PR, sobre o tema lesbianidades *cis*.

### 2.2 Objetivos específicos:

2.2.1 Investigar as formações discursivas que emergem na pesquisa em campo e nas entrevistas.

2.2.2 Analisar as inadubações nos discursos, dispositivos e enunciados,

---

<sup>6</sup> Lexie Readable (anteriormente Lexia Readable) foi projetado com acessibilidade e legibilidade em mente, uma tentativa de capturar a força e clareza da Comic Sans sem as associações de quadradinhos. Recursos como o não-simétrico bec, e as formas manuscritas de aeg podem ajudar os leitores disléxicos. As fontes agora incluem um complemento completo de caracteres latinos Extended-A e numerosas melhorias de contorno sutis. Visto pela primeira vez em DaFont: 16 de março de 2005 - Atualizado em: 29 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://www.dafont.com/lexia-readable.font>> . Acessado em 30 de Março de 2018.

pelo o que es passarofes expressam em relação a sexualidade, diversidade sexual e lesbianidades *cis*.

2.2.3 Compreender diferenciações entre Escola do Campo e escola não-campestres em relação ao tema: lesbianidades *cis*.

2.2.4 Interpretar o como ocorrem as inadubações na Escola do Campo acerca do tema lesbianidades *cis* e apontar possíveis soluções.

### 3. PROBLEMÁTICA

Para Gil (1999, p.49) o “problema é qualquer questão não resolvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento”; para Kerlinger (1980, p. 35) “é uma questão que mostra uma situação necessitada de discussão, investigação, decisão ou solução”, desta maneira, no levantamento bibliográfico percebemos que os processos educativos des passarofes estão diretamente ligados a sua formação acadêmica, ou seja, a forma que es mesmas abordam sobre ensino-aprendizagem.

Quais são os discursos e não discursos de passarofes do Ensino Médio, de uma Escola do Campo acerca do tema lesbianidades *cis*?

Outras questões a serem respondidas na pesquisa são: O que e como, es passarofes do Ensino Médio de uma Escola do Campo, estão sabendo e fazendo em relação às lesbianidades? O que e como é falado? O que não é falado? O que é feito? O que não é feito? O que sabem sobre a violência contra lésbicas?

As respostas para estes questionamentos são complexas e desconhecidas, pois existe a deficiência de material acadêmico sobre tal temática, assim como, a ausência de propostas educacionais (Diretrizes da Educação Básica, Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio e Estatuto da Juventude) mais especificamente, sobre a lesbianidade nas escolas, mais raro ainda, sobre a sexualidade em escolas do campo (FAVAL, 2009). Acham-

se, poucas informações (BRASIL, 2000; BRASIL, 2015) diversidade, orientação sexual e de forma tímida, ressaltando um suposto tratamento de igualdade, em relação à homossexualidade, como se romanticamente a palavra “homossexualidade” englobasse todas as diferenças das sexualidades homossexuais, não se importando assim, com as significativas peculiaridades de gênero que perpassam a vivência escolar dessas jovens.

Sendo assim, existem questões problemáticas para o exercício da docência sobre educação sexual, no que tange à homossexualidade, e tão pouco às lesbianidades. Diante do estado da arte, o clima é de instabilidade legislativa na educação, principalmente sobre o que e como os professores estão ministrando na aula, logo, são de necessidade pública, pesquisas atuais sobre processos educativos e questões sociais inadubadas como as lesbianidades.

#### **4 - JUSTIFICATIVA**

Não tem como dissertar sobre lesbianidades, se não se ater conjuntamente com a violência que vem junto à expressão da sexualidade delas, no caso a lesbofobia, pois, onde há expressão de afeto lesbierótico, há automaticamente violência por parte das redes de poder, microssistemas e macrossistemas sociais, conceito este de lesbofobia, que segundo Ipólito (2014) não pode ser igualado com homofobia, haja vista às especificidades dos fatos, principalmente quando tratamos de gênero e sexualidade feminina aos olhos do patriarcado. Por vezes, a reprodução da lesbofobia é praticada pela própria jovem com a autonegação do desejo, produzida pelos colegas, professores, diretoria no espaço escolar. Entretanto, antes disso, o próprio sistema por meio da mídia e de algumas religiões cristãs já enraizou e enraíza, o padrão normalizador em todos os espaços que a jovem frequentar, sobretudo a escola, que é onde permanece a maior parte do tempo.

É metafórico, que ao digitar a palavra lesbianidade e/ou lesbofobia o

*Microsoft Word 2013* sublinha de vermelho, indicando que a palavra está errada, ou que não reconhece, entretanto, no *Microsoft Word 2016*, reconhece o singular da palavra lesbianidade, mas não o plural, nem muito menos a palavra lesbofobia. No *Libre Office 6.0*, que é um editor de texto criado por um brasileiro, somente encontramos a palavra *lesbianismo* e seu plural, mas lesbianidade não, contudo, para a nossa surpresa a palavra *lesbofobia*, foi reconhecida nesse segundo editor.

Porém, ao apertar o segundo botão do mouse, no *Microsoft Word 2013*, para tentar corrigir, as primeiras opções que aparecem são: *Ignorar*, *Ignorar Tudo* ou *Adicionar ao Dicionário*. Por vezes, a primeira e a segunda opção fazem parte da vivência tanto dos passarofes em sala de aula, quanto das jovens consideradas lésbicas. O intuito é realizar a terceira opção, ou seja, legitimar a categoria, reconhecer suas expressões, para então intervir de forma sensivelmente pedagógica. Isto sim é ter opção, sendo o oposto de uma condição da sexualidade na qual nenhum ser humano escolhe objetivamente o que deseja como a programação de um computador.

O projeto se valoriza pela escassez de criações acadêmicas sobre o tema, o tornando essencial e importante para a transformação social educacional, entendendo que a pessoa que está em sala de aula, permeia pela postura de ser agente político-pedagógico diante de todas as diferenças, inclusive no que tange a categoria: lésbica.

O momento político no Brasil sobre estas questões na educação; são de retrocessos impositivos, com projetos de leis inconstitucionais de políticos que usam da religião para subverter a laicidade da constituição (ROCHA, 2015). Com isto, esta dissertação tentará fortalecer e qualificar as “diferenças” das lesbianidades (SILVA, 2000, p. 74 - 76), mediante aos discursos e não-discursos de docentes do Ensino Médio de uma Escola do Campo assentada.

## 5 - METODOLOGIA

A pesquisa é uma investigação qualitativa e foi utilizada o método de estudo de caso, realizando uma análise exploratória, passando por limites de explanação e descrição, seguindo traços conceituais de Yin (1994), e tem como a forma de conhecimento da pesquisa as perguntas “como?” “para quem?” de questões complexas da contemporaneidade. Segundo o autor citado acima, “*Cada pesquisador de estudo de caso deve trabalhar com afinco para expor todas as evidências de forma justa*” (p.20). Desta maneira “*Um estudo de caso é uma investigação empírica que: investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando: os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos*”. (p.24)

Utilizamos questionários e entrevistas semi-abertas, com algumas perguntas de caráter futurista e condicional, pois entendemos que as projeções futuras desenvolvem a imaginação e a cognição de sujeito, neste sentido, caso ocorra casos semelhantes aos das perguntas, o planejamento e a memória será resgatada, não sendo algo totalmente inesperado, pois para o cérebro imaginação, memória e sensação, são interligados e desenvolvidos de maneira semelhante nos processos de pensamento, sendo eles materializados ou não, facilitando assim, possíveis ações cabíveis às demandas que possam ocorrer diante da temática lesbianidades *cis*. Foram mediadas perguntas para projeções do futuro de si para o meio e um futuro que poderá inspirar um possível tempo presente, mesmo com algumas imprevisibilidades e variáveis diferenciadas do hoje, há de ter algo já esperado, devido a adubação das questões, no aqui e no agora, fazendo parte das decisões projetadas, empaticamente e saudavelmente, se possível (PERLS, 1977b).

Foram entrevistades oito passarofes, a intenção era investigar passarofes do Ensino Médio, entretanto, acreditamos que foi interessante,

colocar entre os oito, uma passarofe que atua como um projeto de extensão na escola por cerca de vinte anos e uma passarofe que é do Ensino Fundamental, sobrando assim, seis passarofes no padrão da pesquisa e duas para fins de enriquecimento da análise com disparidades e percepções diferenciadas.

Vale frisar que inicialmente a intenção era realizar uma pesquisa etnográfica, tomando como autor principal Clifford Geertz (2008). Que, por intermédio da cultura do contexto de cada pessoa entrevistada, seria realizada a pesquisa. Neste ritmo, foi realizada, observação e descrição de campo; entrevistas abertas e questionários com a docência da instituição.

O método inicial da dissertação consistiu em “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p. 43), o que ajudou de maneira significativa na investigação dos conjuntos de signos pelos enunciados que se mostraram no discurso e não-discurso dos passarofes da Escola do Campo entrevistados, já que a base teórica da metodologia é principalmente, foucaultiana. Neste caso, foi preciso realizar ensaios historiográficos para assim explorar as origens dos discursos de poder que culminam até o presente, pelas identidades investigadas até o momento.

## **I - DAÍ CULTURA E LESBIANIDADES DAÍ: ÁGUA FRIA NO CHIMARRÃO DOS PROCESSOS EDUCATIVOS**

Em Francisco Beltrão/Paraná, existe o costume, de ao iniciar e terminar uma frase, a palavra *daí* é pronunciada, esta palavra serviria comumente para dar continuidade a algo, sobretudo, aqui, serve para reforçar a afirmativa, ou algum comando. Por exemplo: *Daí, você pega a água quente e põe na cuia de chimarrão daí.* Outro exemplo seria: *daí, a seção que segue, vai falar sobre culturas e lesbianidades daí.*

A lesbianidade, ou a diversidade sexual é com certeza uma água fria no chimarrão dos processos educativos. No sul do país se tem a cultura de tomarem o chimarrão com a água na cuia bem quente, que quem não está em costume, queima a língua e/ou a garganta. Logo, seria um ultraje beber um chimarrão com água fria (não estamos falando aqui do processo de erva mate do tererê, que se toma com água gelada e sim do processo de erva mate do chimarrão). Neste caso, o incomodo da temática, assim como uma água fria na cuia com chimarrão, foram confirmados com as entrevistas e as vivências nos dias e nas tardes que passamos na Escola do Campo pesquisada.

O tema lesbianidades incomoda por variados motivos, analisados nos discursos, por vezes falta de conhecimento, pré-julgamentos, costumes religiosos, maneiras e modelos de criação intolerantes com as sexualidades que não são heterossexuais, etc. Essa água fria, sobretudo, não cai e não cairia bem em meio a determinadas tradições, dependendo de ambientes, clima, subjetividade, cultura, estação do ano. Pontos de referência que é necessário investigação, para que possamos verificar quais estratégias utilizar em prol do bem estar de todes.

Por escrever em pontos de referências, antes, pensava-se que para esta pesquisa ser melhor escrita, se precisava compreender e interpretar os fatos, então fomos à busca destes significados. Segundo Leffa (2012, p. 268) “compreender é relacionar. Essas relações precisam ser estabelecidas em várias direções, locais e globais, dentro do objeto de leitura e fora dele, dentro do leitor e fora dele”, ele utiliza este conceito principalmente para compreensão e interpretação de texto, mas o que é a descrição vivencial se não a leitura de um contexto? Dessa maneira, utilizamos a palavra interpretar, com significado relacional, pois ela “permite uma penetração nesse objeto, que é desmontado e recomposto em cada um de seus elementos, mostrando de que modo ele se

constrói” (p. 268).

Seria, por conseguinte, descrever pela interpretação, o que nos é dado, mas de maneira a desvelar os significados e símbolos que podem surgir no contexto. Sobretudo, percebemos que o foco da pesquisa não estava exatamente em interpretar os fatos colhidos e sim realizar uma investigação do como, explorar o que foi e são os discursos e os não-discursos, realizar críticas analíticas diante das diferenciações dos discursos e não apenas descrever, compreender e interpretar.

Entretanto, o conceito de cultura por GEERTZ (2008), será utilizado, afinal, também faz parte dos discursos, neste sentido, a cultura é algo que é percebido e não definido, a cultura não é plenamente localizável, ela vem junto aos significados compartilhados. Ela é compartilhada publicamente, é produzida e transformada em todo momento, inclusive agora. Neste momento, do que aqui e agora, é trocado um conjunto de significados constantemente, dessa maneira a cultura nunca é estática. O fato de esse conceito ter sentido de fluidez e movimento, também consegue acompanhar o sentido não-estático do conceito de discurso de Foucault (1971, 2000, 2008). Então quais seriam os discursos que a cultura propaga até hoje para mulheres? E a para mulheres lésbicas *cis*?

O discurso cultural da violência contra o gênero feminino, por exemplo, o estado da arte do século XXI, ainda se fala em cultura do estupro, assassinatos “passionais” e para lésbicas, estupros corretivos, como se ao violentar uma mulher lésbica, fosse corrigir a sua orientação sexual, como se fosse uma cura para uma doença da violação deste corpo em questão (CARVALHO *et al*, 2014). Mas quem afinal já “ouviu” falar sobre este estupro corretivo? Este assunto está sendo adubado? O que é dito? O que não é dito?

### **1.1 Culturas e discurso: Hermes e Tácita/ Canarinho e Canarinha**

Hermes, o Deus<sup>7</sup> romano, mensageiro de Zeus e de outas Deusas e Deuses, Deus dos comerciantes, dos discursos, da comunicação. Tácita, também de origem romana, Deusa do silêncio e da virtude, Deusa dos lares e fertilizadora de terras, Deusa do campo; seu outro nome também é Lara, do grego, uma ninfa que por informar a traição do Deus Júpiter, tirou-lhe assim, a língua, tornando-a muda (FAUR, 2001).

E o canarinho, pássaro cantador, ressaltado entre poetas e cantories. Seu canto é cortejado e por sua beleza é muitas vezes caçado, engaiolado e mantido preso para que escutem os reclames de seus sons de passarinho. Sobre a canarinha, que é pouco falada e vista apenas para “esquentar” o macho, ou para reprodução, há quem diga que ela não canta, apenas pia, pois que raras vezes, acontece sim, de uma fêmea cantar. E ainda, há relatos que esta espécie tem práticas homossexuais e lesbissexuais em alguns casos, em cativeiro ou não.

Diferenciações que aparentemente são antagônicas, mas possuem lógicas de Yin Yang como antagônico, complementares e oscilantes, ultrapassando binarismos de dito e não dito, discurso e não discurso.

A esse tema se liga um outro, segundo o qual todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar (FOUCAULT, 2008, p.26).

Qual afinal a influência de Tácita sobre Hermes? Hermes também nunca se cala? Como Tácita se comunicava depois de perder a língua? O canarinho não cala? A canarinha não canta? “O discurso manifesto não passaria, afinal de

---

<sup>7</sup> Escolhemos colocar a acepção, Deus e Deusa, com letras maiúsculas, mesmo não sendo nome próprio, para em parâmetro de igualdade cultural com o Deus cristão, que também foge a gramática, mas é aceito tanto em textos comuns quanto científicos desta maneira. Isto também é emancipar e igualizar socialmente.

contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz” (FOUCAULT, 2008, p.26).

O primeiro motivo condena a análise histórica do discurso a ser busca e repetição de uma origem que escapa a toda determinação histórica; o outro a destina a ser interpretação ou escuta de um já-dito que seria, ao mesmo tempo, um não-dito. É preciso renunciar a todos esses temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2008, p.26-29).

‘Qualquer semelhança, não é mera coincidência’; este ditado nos serve aqui, pois não nos surpreende – o falante; o comunicador; o honroso e confiante Hermes está na figura masculina, e a Deusa Tácita, ou a ninfa associada à Deusa, sejam virtuosas por ficarem caladas, caso contrário, são obrigadas e severamente punidas ao silêncio, às sombras, à não adubação. Consideradas rainhas dos lares e fertilizadoras da terra e/ou a canarinha somente como procriadora. O que lembra a História da Sexualidade I, de Foucault (1988), quando o início do patriarcado nasceu, mulheres dentro de casa, fertilizando a terra o que antes era sagrado e importante, agora como uma função subalterna e escrava. Amordaçadas socialmente, pela força do Biopoder e por redes que mais parecem com as pescas predatórias, desequilibrando as relações e distanciando diferenças ao longo da história.

Governar um Estado significará, portanto, estabelecer a economia ao nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos, uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto à do pai de família (FOUCAULT, 1979, p. 281).

A história é construída e governada pelo interesse de quem? De onde vêm os discursos? Quais influências históricas, inconscientes pesam neste discurso? O silêncio não tem conteúdo?

Dependendo de como a história é contada, o *status* da memória, o julgamento dos monumentos orais, o discurso movimenta atitudes e sentimentos reais resultantes da intenção por trás de quem conta, descreve, interpreta, ideologiza.

mas não me colocarei no interior dessas unidades duvidosas para estudar-lhes a configuração interna ou as secretas contradições. Não me apoiarei nelas senão o tempo necessário para me perguntar que unidades formam; com que direito podem reivindicar um domínio que as especifique no espaço e uma continuidade que as individualize no tempo; segundo que leis elas se formam; sobre o pano de fundo de que acontecimentos discursivos elas se recortam; e se, finalmente, não são, em sua individualidade aceita e quase institucional, o efeito de superfície de unidades mais consistentes. Aceitarei os conjuntos que a história me propõe apenas para questioná-los imediatamente; para desfazê-los e saber se podemos recompô-los legitimamente; para saber se não é preciso reconstituir outros; para recolocá-los em um espaço mais geral que, dissipando sua aparente familiaridade, permita fazer sua teoria (FOUCAULT, 2008, p.29).

Então, o que antes era sagrado, como um silêncio sábio de tática, hoje, torna-se adjetivo de “Implícito; que está subentendido e, por isso, não precisa ser dito; que não se pode traduzir por palavras. Oculto; que não se mostra. Não expresso de modo formal” e antônimo é “expresso, dito, falado”. (Dicionário Online de Português, 2017).

Nesse ponto do não-discurso, daquilo inadubado, as culturas, as identidades e os sujeitos, estão em relação holística reforçando, omitindo ou desprezando questões urgentes de violência, pelo excesso da falta.

## 1.2 Culturas e Identidades de Francisco Beltrão: choques culturais

“A porta da verdade estava aberta  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só conseguia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade

voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia os seus fogos.  
Era dividida em duas metades  
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.  
E era preciso optar. Cada um optou  
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia”  
(ANDRADE, 2012, p. 52)

Drummond de Andrade (2012), por meio de seu conto *A Verdade Dividida*, alimenta poeticamente o que Beauvoir (2005) produziu em relação à moral da ambiguidade, não como algo dicotômico exatamente, ou binário, e sim sobre o que importa. O Ser diante da morte e da vida, a não limitação do alienado crônico, com percepção pessimista e desistente, sobretudo, fazer algo com o que fizeram da humanidade, é promover a relevância no processo de liberdade e construção de *certo* e *errado* de maneira a visar o bem-estar daquele momento, como algo dinâmico e responsabilmente livre, no qual o sujeito deve bancar o seu ser no mundo, em resposta do mundo. Em plenos processos de subjetivação e identidade.

se devemos nos posicionar em relação à questão da identidade, temos que partir do fato de que somos seres únicos. Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, elas devem ser antes relações de diferenciação, de criação, de inovação. É muito chato ser sempre o mesmo. Nós não devemos excluir a identidade se é pelo viés da identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal (FOUCAULT, 2004, p. 266).

Ainda sobre a questão da moral,

uma tal moral é ou não é um individualismo? Sim, se com isso entendermos que ela concede ao indivíduo um valor absoluto e que só nele reconhece o poder de fundar a sua existência. Ela é individualismo no sentido em que as sabedorias antigas, a moral cristã da salvação, o

ideal da virtude kantiana também merecem esse nome; elas se opõe às doutrinas totalitárias que elevam para além do homem a miragem da Humanidade. Mas ela não é um solipsismo, uma vez que o indivíduo só se define por sua relação com o mundo e com os outros indivíduos, ele só existe ao transcender-se e sua liberdade só pode ser realizada através da liberdade de outrem. Ele justifica a sua existência por um movimento que, como ela, irrompe de seu próprio cerne, mas desemboca fora dele (BEAUVOIR, 2005, p. 125).

Diante da crítica de Beauvoir (2005) contra as concepções de moral de Kant acerca das mulheres, do dever, da liberdade, da inferioridade por uma ideia misógina do feminino, sobretudo, se a mulher é limitada em sua existência, como poderia ter liberdade? Este questionamento lembra-me que muitos filósofos são citados como deuses na academia, no dia a dia, e quando passarofes de filosofia são perguntados, sobre o que pensadores como Kant, Hegel, Platão e até mesmo para passarofes adeptos de Marx, escreveram sobre as mulheres; não sabem, não sabem responder, não estudaram sobre, ora, me lembra do questionamento das autoras Godinho; Silveira (2004, p. 15): “Conheço professores de filosofia que consideram que não é relevante sabê-lo. Haveria que ver se realmente não tem importância o que se disse sobre a metade da humanidade [...]”.

A adubação do gênero feminino engloba suas partes na sexualidade, diante do desconhecimento de si, pela voz do homem, aquele que tem o poder dos conceitos, das escritas, da ciência; afinal, quantas teóricas se estudam no ensino básico e no superior? Quantos teóricos? Quais são considerados como principais? Até mesmo na formação de Psicologia e suas quatro principais abordagens no Brasil, não como as mais importantes, mas como as primeiras e mais divulgadas academicamente no Brasil: Psicanálise, Comportamental, Gestalt e Abordagem Centrada na Pessoa – exatamente nesta ordem de prestígio percebidas pelas academias – e graduandes de Psicologia, então, escutarão nomes como: Freud, Skinner, Perls e Rogers.

A maioria do curso feito por mulheres, estudando homens que falam de humanidade, homens que falam minimamente do gênero feminino e dessas diferenças de corpo e cultura. Raro, pois, saber que a Gestalt, por exemplo, não foi feita apenas por Perls, e sim por sete pessoas, sendo uma delas, mulher, chamada Laura Posner. (RODRIGUES, 2001) Sobretudo, a questão ambígua entre erros e acertos, êxito e fracasso, principalmente o fracasso, pode ser ressignificada, a tornar consciência, ao invés de acomodar e fugir da liberdade do saber.

Dessa maneira, Beauvoir (1968), em *A Mulher Desiludida*, reforça em sua preocupação com seu peso, diante do discurso do outro: “menos eu me reconheço em meu corpo, mais me sinto obrigada a me ocupar com ele”. Em contemplação ao pensamento, Lispector (1998, p. 45), ressalta que “Sou cada pedaço infernal de mim.” Dessa maneira, é ir à busca, desvelar, permitir-se, ser sem ter obrigação de ser, desconstruir, apenas por desejar existir.

No livro da pedagoga Melo (2004), logo em seu sumário, revela com objetividade, marcas no processo de identidade e corpo diante de uma intersubjetividade inserida no meio, pois vou pontuá-las, já que a pesquisa perpassará por esses critérios de percepção.

No primeiro capítulo, a autora expõe suas inquietações diante de sua problemática. Traz diretamente (e metaforicamente em letras e imagens na capa do livro com letras espelhadas) com o título de *Corpos no Espelho: a percepção da corporeidade em professoras*, mas, logo em seguida, no segundo capítulo, realiza a crítica sobre a dicotomia mente e corpo, e diante de seus estudos sobre Merleau-Ponty, bem como concordando com ele, “o sujeito é sempre um sujeito encarnado, como também o são professores e seus alunos na vivência do cotidiano escolar”, ou seja, o “corpo é o seu ‘modo de Ser no mundo” (MELO, 2004, p.42).

Desse modo, Knaster (*apud* Melo, 2004, p. 41) “nossa forma de viver e sentir o corpo vem das experiências que tivemos das atitudes e crenças fundamentais de nossa família, cultura sistemas educacionais”. Melo (2004) revela que essa dicotomia, corpo separado da mente, vem da religião cristã, com ideologias binárias de céu e inferno, homem e mulher, bem e mal, entretanto, a *posteriori*, com as pesquisas fenomenológicas e existenciais surgiram concepções de Ser no mundo, que será abordado no terceiro capítulo.

Pulando três capítulos, no VI revela sobre a consciência de si como ser corporificado: “sou corpo no mundo”, no VII A percepção da sexualidade como dimensão humana: “sou corpo sexuado”; no VIII a consciência do processo de deseducação sexual “sou corpo negado”, IX O resignificar da vida na busca da utopia, “sou corpo esperança” e perfeitamente em suas conclusões, uma pergunta autocrítica reflexiva, “Conclusões. Ou Aprendendo a Desaprender?”.

Esta ideia de corpo para as abordagens existencialistas são baseadas nas relações do “ser-no-mundo”, no qual como Yontef (1998, p. 237), retrata, que “o contato é o processo básico do relacionamento. Ele proporciona a verificação da diferença entre o self e o outro”. É nesse processo de contato que o organismo<sup>8</sup> se encontra, desencontra, se sente, se adapta, se fixa, se modifica diante da existência do seu corpo no mundo, com e outre.

Podemos dizer que um organismo é governado pela tendência de atualizar, tanto quanto possível, suas capacidades individuais, sua “natureza” no mundo. Essa natureza é o que chamamos de constituição psicossomática ... Essa tendência para atualizar sua natureza, atualizar a “si própria”, é o impulso básico, o único impulso pelo qual a vida do organismo está determinada (GOLDSTEIN, 1995, p. 162). (Tradução da autoras)

---

<sup>8</sup> A Teoria Organísmica é baseada no autor Kurt Goldstein surgiu para superar a ideia de Descartes de Mente e Corpo, no sentido integral, no qual o todo é mais importante, pois que se afeta uma parte, se afetará o todo, assim como, o organismo é o corpo consigo e com os outros no mundo, em busca de equilíbrio, auto-regulação e atualização, um movimento dinâmico por vezes com figuras naturais e por vezes não natural, natural quando agrada o que se é, e figuras não-naturais quando é forçado a ter ações estereotipadas, padrões que atingem o *self* na sua subjetividade. (Goldstein, 1995)

Segundo o autor, o organismo tem uma natural tendência de se atualizar no mundo e em si mesmo, sempre que possível fazê-lo, é uma somatização dessa relação, indo em direção de se organizar, de se regular e equilibrar, entretanto, apesar desse movimento ser necessário, pode ser que esta adaptação seja desorganizada, no sentido de adoecer o organismo, o corpo, por meio desse processo de ser no mundo, consigo e com os outros, no momento vivido.

Vale reanimar que a existência, o corpo e a sexualidade não estão em partes separadas, afinal, como Merleau-Ponty (1996, p.219) desenvolve: “é a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história”, ou seja, somos seres sexuados, existindo no mundo e sexualizando mutuamente, no qual se não há sexualidade não há existência.

Sobre sexualidade, sexo e corpo, Louro (2001, p.09), coloca como premissa categorias como: “geração, raça, nacionalidade, religião, classe, etnia” como base para o ensaio de algumas respostas sobre a sexualidade. É nítido quando a autora releva a relação dessas três categorias citadas no início desse parágrafo, pois com a influência social, como meio de controlá-las.

As várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas (LOURO, 2001, p. 9).

Weeks (2001), em seu texto sobre O Corpo e a Sexualidade e acerca dos estudos de Foucault, sobre a produção *Vigiar e Punir* (1987, p. 51) revela que “o dispositivo sexual está intimamente relacionado com a análise que ele faz do desenvolvimento daqui que ele vê como a ‘sociedade disciplinar’”, na qual a palavra: *regulador social* é figura de destaque, e ainda, que o *biopoder* pode ser algo positivo, no sentido de ordem afirmativa, como “tu deves fazer isto ou aquilo”, desta maneira, Weeks (2001) coloca a sexualidade, a partir dos estudos de Foucault (1993, p.51) como essencial, no que se trata do sexo, pois “o sexo é

um meio de acesso tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (o “corpo político) como um todo”.

Sobretudo, Butler (2001) ainda reforça que o sexo é atualizado, e regulado, por um ideal de controle produtivo, bem como materializado no corpo, nos fazeres e nas relações, de maneira dinâmica, pois a hora que quiser voltar, se pode rearticular e se refazer quando quiser, diante das necessidades econômicas. O gênero, então, entra nesta performance de materialidade do corpo, é que

as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2001, p. 154).

O corpo e a materialidade do corpo como um efeito de poder, assim como o gênero, não se pode tê-lo “como um construto cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria” (IDEM, p.154) Desta maneira, o sexo, que é entendido na sua heteronormatividade, essa matéria desse corpo, limita-se a uma norma reguladora de materialização desse corpo.

Em muitas das pesquisas recentes sobre a sexualidade e a conduta sexual, essa ênfase na organização social das interações sexuais, nos contextos nos quais as práticas sexuais ocorrem e nas complexas relações entre significado e poder na constituição da experiência sexual, tem levado, então, a um novo foco na investigação de variadas “culturas sexuais”. A atenção da pesquisa tem mudado crescentemente, do comportamento sexual em si e por si mesmo, para os espaços culturais nos quais ele tem lugar e para os papéis culturais que o organizam [...] Tem-se enfatizado, especialmente, a análise das categorias e dos sistemas de classificação culturais nativos que estruturam e definem a experiência sexual em diferentes contextos sociais e culturais (PARKER, 2001, p. 132-133.).

Diante desses diversos contextos, a escola, como instituição, também é um espaço em que esses corpos habitam, principalmente com as influências políticas, pelo viés da vigília e da punição, assim como prisões e igrejas, por intermédio da cultura, a ética e pelas redes de poder, como as políticas na

educação (FOUCAULT, 1987). Escrevendo sobre corpo e corporeidade como receptores e atores do exercício do biopoder o passarofe Jacondino (2006) complementa não só essas influências no organismo biológico, mas nas expressões da identidade que se sobressaem no corpo a partir das relações.

A crítica que Jacondino (2006, p. 25) realiza sobre a maneira determinista e progressiva das atividades políticas na educação, se faz de caráter epistemológico conceituado no corpo e na identidade desses sistemas, destacando as “contradições, incongruências e a hipocrisia sociais” em contraponto ao rotineiro discurso supostamente “ético, crítico e politicamente progressista” (IDEM, p. 25)

Desse modo, corpo, natureza e cultura se interpenetram através de uma lógica recursiva. O que é biológico no ser humano encontra-se simultaneamente infiltrado na cultura. Todo ato humano é bio-cultural. Questões que estão diretamente ligadas ao estudo da corporeidade, pois esta perpassa a complexidade existencial e, por consequência, educativa. (JACONDINO, 2006, p. 33)

Alimentado pelas concepções de Morin (1973) o Jacondino (2006), conclui que essa complexidade existencial perpassa pelo corpo, cultura e educação, nesta inter-relação das partes no todo, pelo todo.

Uma das formas de analisar as relações entre educação e corporeidade é a partir dos modelos educacionais predominantes e seus cernes antropológicos. Porém, ainda antes de estabelecer esta relação, é importante explicitar que o que entendo por corporeidade: uma instância bio-psico-energética e bio-social inserida num contexto sócio-ecológico determinado [...] Nesta perspectiva, entender a corporeidade significa, por um lado, reconhecer que o homem é mais do que mente, entendida tradicionalmente como a parte privilegiada (racional) deste mesmo homem (JACONDINO, 2006, p.9).

Jacondino (2006) escreveu questões sobre o corpo, epistemologia, identidade, educação e cultura, tomando como base as teorias de Assmann (1994), assim como o senso crítico de Foucault (1987) na obra *Vigiar e Punir* e argumentos advindos da dialética, que, se aproximam do corpo deste trabalho dissertativo. Ele considera tanto os aspectos biológicos, energéticos, que seria

o intuitivo, ambientais, no sentido ecológico, considerando o clima, por exemplo, quanto calor, quente, úmido e seco, no sentido de influenciar o corpo, o comportamento o grupo, assim como os aspectos sociais, históricos e culturais.

Sobre climas, ambientes, relações, tempos e espaços, microssistemas que podem interagir com a nossa corporeidade, Fitz (2011) expõe o quanto à religião cristã, por exemplo, tem poderes e autonomia nas questões sócio-econômicas e políticas naquele contexto histórico entre portugueses e espanhóis na colonização brasileira, invadindo e ocupando territórios indígenas e posteriormente de caboclies. Essa ideia de colonização, de imposição de poder pela ambição da exploração, ainda é ressaltada pelas psicólogas citadas no início do texto sobre o TCC da mestranda. Controlando e contornando comportamentos, modos de ser e estar no mundo.

Tudo que saia do controle ou que contradiga ou envergonhe a igreja, seria um enfraquecimento de suas verdades, desta maneira, existe a necessidade de manter a tradição para que a igreja não perca credibilidade. Nessas produções pesquisadas, é nítido o quando es paranaense indígenas, negres e cabocles ficam no não-dito, sempre pautados no reforço do dito, como a afirmativa “sou alemão”, pautada no não-dito de “não sou brasileiro”, “não sou negro”, “não sou preguiçoso”.

Apesar de ser considerada uma terra de todas as gentes, é perceptível que algumas dessas famílias recebem destaque nas obras que relatam a história paranaense, especialmente em relação à formação dos municípios em determinado contexto histórico. Enquanto isso, outras famílias de igual importância que antecedem esse contexto são pouco apresentadas para a sociedade, como por exemplo, o indígena e seus descendentes, os caboclos (SCHKALEI, 2014, p.05).

Ressalta-se que existe um sentimento de fortalecer identidade, principalmente quando um grupo se encontra em construção ou instabilidade, Fitz (2011, p. 168) pontuou sobre a história de colonização gaúcha, que “o isolamento a que os colonos foram submetidos reforçou a criação de um

sentimento étnico, cultural e religioso próprio”, então, criaram escolas coordenadas por igrejas e desenvolveram uma maneira nova de viver, bem como regras de expressão sexual.

Realizamos um levantamento bibliográfico de autoras psicólogas que produziram sobre lesbianidades de 2001 a 2016 no Paraná, e sobre questões religiosas e não foi diferente do que Fitz (2011) pontuou acima. Sobre a questão da sexualidade, as psicólogas Palma e Levandowski (2008) citaram Miranda (2001) em um breve histórico sobre a sexualidade entre pessoas do mesmo sexo.

Averiguaram que a sexualidade sempre existiu, nos quais os primeiros relatos de práticas consideradas homossexuais advindos de análises de pinturas nas cavernas e depois em paredes egípcias aconteceram cerca de 2.500 a.e.c. (*antes da era comum substituindo antes de Cristo*) a partir da era judaico-cristã que o desempenho sexual pelo mesmo sexo foi imposta como pecaminosa, depois os marcos da era gregoriana, Idade Média e a modernidade com a medicina no século XIX definiu, então, a orientação homossexual como uma patologia fisiológica. No século XX, surgiu a percepção psicológica, considerando a prática um desvio do desenvolver da sexualidade. Contudo, as autoras citam Freud (1917/2007, p. 46) que definiu o *homossexualismo*, como era chamado na época “uma variedade especial da espécie humana, um terceiro sexo que tem o direito de se situar em pé de igualdade com os outros dois”. O sufixo *ismo* sugere um sentido patológico, ou anormalidade aparecendo na Classificação Internacional de Doenças (CID), como Personalidade Patológica, somente em 1973 que a Associação Psiquiátrica América, constatou que a homossexualidade nunca foi doença, dois anos depois, a Associação Americana de Psicologia (APA), também chegou à mesma conclusão (RIBEIRO, 2013).

No Brasil, foi somente da década de 80, mais precisamente em 1985,

que o Conselho Federal de Medicina (CFM) deixou de considerar como desvio da personalidade ou um transtorno sexual no CID. Sendo assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS), também acatou o entendimento médico acerca da homossexualidade. Depois de passados 14 anos do CFM realizar a retirada da homossexualidade como doença, foi que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) pela Resolução 01/99, vedou qualquer postura de profissionais de Psicologia que prometam cura, considerando antiético para os psicólogos que atendam a homossexualidade como desvio comportamental ou doença (RIBEIRO, 2013).

Encontramos temas recorrentes na produção teórica: a questão da invisibilidade; preconceito de sexualidade, gênero, mídia televisiva e lesbianidade, e mulheres lésbicas mães, querendo e não querendo sê-las e a teoria dos *Guettos* como território de invisibilidade, heteronormatividade. (Toneli; Perucchi, 2006)

Pesquisamos por meio de bibliotecas virtuais acadêmicas e universitárias da região visada, bem como, em sites de psicologia. Preocupamos em averiguar nomes das autoras, para constatar se tinham graduação em Psicologia, no site de busca do currículo Lattes - Cnpq<sup>9</sup>. Fizemos resumos dos textos e analisamos convergências e divergências, assim como aspectos que reforçavam ou complementavam a produção das outras psicólogas, sobretudo, um aprofundamento da pesquisa de Ribeiro (2013).

### 1.3 Culturas e Lesbianidades

As pesquisadoras Piason (2008), Godoy (2008), Borges (2009), Julio *et al* (2010), Palma *et al* (2010), Piason e Strey (2011) e Carvalhaes *et al* (2011),

---

<sup>9</sup> A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. Sua dimensão atual se estende não só às ações de planejamento, gestão e operacionalização do fomento do CNPq, mas também de outras agências de fomento federais e estaduais, das fundações estaduais de apoio à ciência e tecnologia, das instituições de ensino superior e dos institutos de pesquisa. PLATAFORMA LATTES, Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>

abordam a importância histórica e social do movimento feminista, para a obtenção de direitos humanos às lésbicas, estas que têm como pauta de luta movimentos contra a ideologia essencialista religiosa e naturalista em prol de uma percepção pós estruturalista do ser humano, não como algo fixo e determinado e sim como um ser fluído e em construção sempre; são colocadas também, questões opressoras de invisibilidade tanto na família, na comunidade, quanto na mídia televisiva brasileira. Verificamos, sobretudo, categorias binárias de poder, como: homem e mulher, branco e negro, hetero e homossexual, gay e lésbica e o que essa cultura *falocêntrica*<sup>10</sup> repercute na vivência dessas mulheres na sociedade.

Piason (2008), em sua dissertação de mestrado *Mulheres Que Amam Mulheres: Trajetórias de Vida, Reconhecimento e Visibilidade Social às Lésbicas*, abarca considerações voltadas a gênero e sexualidade feminina, principalmente no que tange a mulheres lésbicas, tendo como objetivo transfigurar preconceitos acerca da homossexualidade feminina, utilizando autoras feministas e transgressoras da ideia heteronormativa. A pesquisadora cita Gois (2003), no sentido em que a ideia geral de que lésbicas – são *anormais*, ou vão contra o que é *natural*, devido à construção de pensamentos tidos como *verdade absoluta*, dificultando assim, o desenvolvimento de uma opinião pessoal, sobre as sexualidades.

Godoy (2008) relata os modos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis, revela que o pai no discurso das participantes da pesquisa, é sempre ausente sobre o assunto da orientação sexual, tendo a família, como um todo, dificuldade para entender a sexualidade da filha, irmã ou antiga esposa, que se revelou lésbica ou se referiu clandestinamente com a afirmativa de que

---

<sup>10</sup> Termo usado pelo movimento feminista brasileiro comparando o pênis com a teoria psicanalítica de Freud em relação ao falo. Como se a sociedade estivesse centrada ao corpo masculino, voltada a esse símbolo que representa poder. GALOP, 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a12.pdf> >

ia “morar com uma amiga”. Na pesquisa de Godoy (2008) verificamos que quando mulheres lésbicas vão morar juntas, elas costumam dividir as tarefas de casa de forma igualitária e que o sexo é essencial na relação entre mulheres homossexuais, tentando desconstruir a ideia romantizada e assexuada de homossexualidade feminina.

Borges (2009), na tentativa de compreender as formas de falar sobre lesbianidade nas redes televisivas, trabalhou a pesquisa para sua tese de doutorado em Psicologia Social *Visibilidade Lésbica na TV: comentários a partir da novela Senhora do Destino*, delimitada por uma análise discursiva diante das personagens Eleonora e Jenifer, o casal homossexual da novela *Senhora do Destino* (2004 - 2005) e tendo como base teórica estruturalista do marxismo. Entendendo que as novelas circulam no cotidiano, sendo uma prática social assisti-la, a pesquisadora aborda as maneiras que a televisão influencia para a construção social diante de temas sobre gênero e sexualidade.

Julio *et al* (2010) utilizam a visão pós-estruturalista com as autoras citadas na pesquisa que fizeram em Louro (1997) e Pereira (2004), tal visão se apresenta por Chantal Mouffe, Joan Scott, Judith Butler, Linda Nicholson e Teresa de Lauretis, procurando extinguir as ideias essencialistas e heterossexistas (ódio da homossexualidade em diferentes gênero e sexos), almejando transcender o sentido do binário sexo-gênero.

A tese de Doutorado de Piason (2008) pesquisa mulheres que se definem como lésbicas e participam ativamente de movimentos feministas, a proposta originou da experiência da pesquisa de mestrado “Mulheres que amam mulheres: trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas”, assim, aspiram relativizar e problematizar as questões sobre o modelo padrão da sexualidade heterossexual.

Palma *et al* (2010) escreveram um artigo na integração de duas

pesquisas, uma de trabalho de conclusão de curso e a outra de dissertação de mestrado, na primeira pesquisa se ativeram a pesquisar mulheres lésbicas do interior do Rio Grande do Sul, com 22 a 33 anos de idade e na segunda, lésbicas com 24 a 44 da capital. Concluíram que as demandas de ambas os espaços, por mais diferenciados, eram semelhantes, anterior a esta pesquisa Piason (2008, p. 49), já havia concluído sobre estas questões que essa “visão misógina tem sido perpetuada na história da humanidade e transmitida de geração em geração até os dias atuais”, e que a sociedade, religião, família contemplam os ideais heterossexistas, invisibilizando (palavra utilizada pelas psicólogas citadas acima) a livre expressão sexual dessas mulheres.

De acordo com Piason e Strey (2011), os estereótipos dificultam a legitimidade de uma mulher lésbica, escondendo a identidade real, para uma projetada e construída para fins de enfraquecimento e deslegitimação desse tipo de sexualidade, para tal é necessário ter um novo olhar, perceber, em primeira instância; já em segunda instância, notam-se as opressões existentes contra, para que então analisem de forma crítica as situações que violam a visibilidade dessas mulheres.

Carvalhoes *et al* (2011); as psicólogas e os dois únicos psicólogos da pesquisa, também utilizaram a perspectiva pós-estruturalista<sup>11</sup>, autoras e autores renomados, e que possuem produções de significância científica sobre questões da sexualidade humana; esses profissionais da Psicologia alegam que, “classificações destinadas para as diversas expressões das sexualidades humanas foram utilizadas com objetivo primordial de organizar as sociedades” (Carvalhoes *et al*, 2011 p.94), utilizando-se de “códigos sociais e morais implantados conforme os interesses de cada cultura (Carvalhoes *et al*, 2011 p.94). Essa perspectiva se manifesta por meio de relações construídas

---

<sup>11</sup> citando Butler (2001, 2003, 1993, 1995), Foucault (1971, 1979, 1988), Louro (1997), Katz (1996).

historicamente num sistema de poder androcêntrico, machista”, visto como, “heteronormativo, viril e binarizado, marcado por práxis institucionais tais como a religião cristã, a família, as pedagogias e as ciências do corpo e da mente” (Carvalhaes *et al*, 2011 p.94).

Toneli e Perucchi (2006) e Perucchi (2008), retratam o conceito de território e *Guettos*. *Guetto* são lugares como boates ou casa de festa que as mulheres lésbicas se sentem mais seguras para expressar sua sexualidade sem que lhes ocorram agressões físicas, verbais, morais, psicológicas etc. As autoras concluíram que esses *guettos* também são reforçadores de invisibilidade, reprimindo a expressão livre da sexualidade lésbica, escondendo e aprisionando essas relações.

Diante desses padrões estabelecidos heteronormativos, Toneli e Perucchi (2006) reportam que muitas mulheres com medo do que possam acontecer se expuserem seus desejos por outras mulheres em qualquer lugar, ou nas ruas, se infiltram em *guettos*, espaços quase confinados, colocando-se em grupos fechados para se sentirem mais seguras, então se abrigam e ao mesmo tempo se escondem da sociedade, podendo assim, contribuir para o preconceito.

No que tange à invisibilidade e o preconceito duplo, mais particularmente a invisibilidade social, Toneli e Perucchi (2006) apontam para a inadubação gerada nos guetos LGBTIQ+ (Lésbicas Gays, Bissexuais, Transsxuais, Transgêneros e Mais), nos quais na procura de um abrigo, o mesmo torna-se esconderijo, podendo reforçar assim o preconceito em relação à palavra *invisibilidade* nas quais tanto pontuam. Toneli e Perucchi (2006) se expressam ainda sobre a territorialidade e o gênero, exemplificando em relação aos *guettos* que se formam, assim como mulheres homossexuais se sentem nesses espaços, que não se estende somente ao metro quadrado ou o espaço físico e

sim o símbolo que esse espaço significa. Complementando a ideia esses aspectos de exclusão social, segundo Perucchi (2008), retrata os *guettos* GLS, como um esconderijo de segregação, conforto e reforço de preconceitos e discriminações.

Na pesquisa de Perucchi (2008), que se desenvolveu durante dois anos, com uma investigação mediante as entrevistas semi-estruturadas com mulheres lésbicas e suas relações dentro de um *guetto* LGBTTI+, A autora explica *guetto* na ideia em que a Escola de Chicago propôs, como: locais de lazer, compras e residência para determinados grupos “minoritários” nos Estados Unidos. O significado de minoria seria das pessoas que se encontram com menos privilégios ou em desvantagem, e não no sentido de quantidade.

Nesses “*guettos* gays” como a autora acima citada Perucchi (2008), ressalta, conseguiu colher dados sobre os sentimentos que se criam nesses espaços, na qual pelas entrevistadas de Perucchi (2008), é um lugar este que se sentem à vontade, por perceberem que estão entre iguais, tendo assim, uma cumplicidade coletiva, em que podem expressar-se de forma espontânea, principalmente o desejo de uma mulher por outra, que não vão atrair olhares de reprovação, podendo ficar à “vontade com as namoradas” e se “sentirem seguras”.

As pesquisadoras Palma e Levandowski (2008), Piason (2008), Palma (2011), revelam que as primeiras agressões acontecem na família, desde a fase em que reconhecem o sexo biológico da criança, as responsáveis projetam ideias tradicionais e religiosas de gênero, como o que brincar, que roupa usar, como se comportar, casar com um homem e ter filhos. É destacado por Piason (2008), o desejo da mulher lésbica de ser mãe ou querer sê-la. A autora destacou que, geralmente a mulher lésbica é mãe, devido a um antigo relacionamento heterossexual, pois que, para agradar a família e a sociedade,

bem como não conseguir aceitar-se, teve que viver em situações de heteronormatividade para fins de autoaceitação e aceitação social. Também relatou que a mulher lésbica mesmo nesta condição de lésbica, também é cobrada para ter filhas, mas quando se destaca a ideia de tê-las na companhia afetivo-erótica de sua parceira, a família e a sociedade acha que seriam “mau exemplo” para a desejada criança. Concluindo que, a família possui significativa influência nas vivências lesbianas.

Já a pesquisa de Palma e Levandowski (2008) expõe de forma descritiva as vivências íntimas e familiares de mulheres homossexuais. Em sua pesquisa, foram entrevistadas seis mulheres, com idade de 22 a 33 anos, morando em Caxias do Sul/RS, nas quais suas famílias possuem conhecimento da orientação sexual, todas solteiras, com nível médio sócioeconômico, estando ativas no mercado de trabalho. As entrevistadas de Palma e Levandowski (2008) relataram que logo no início quando se assumiram para seus familiares, os mesmos tiveram uma posição de negação, melhorando com o tempo. Vale ressaltar que as autoras constataram a necessidade de atuação psicológica por meio de programas de atendimento às famílias.

Segundo Palma e Levandowski (2008), nessa época, de transformações de pensamento sobre a homossexualidade, era comentado até mesmo por médicos e psicólogos, a homossexualidade masculina, a homossexualidade feminina não tinha vez, ficava novamente nas sombras, como se não existisse, até mesmo pela ideia de que mulheres são sensíveis, puras e frágeis, sendo inquestionável a ‘transgressão’ da sexualidade por parte delas, entretanto, a lesbianidade foi conseguindo espaço.

A negação da sexualidade, por esse pensamento de que a mulher é apenas sensível, frágil ou fraca, ou que no momento em que assume uma lesbianidade, se deve escolher se reportar como um papel social feminino ou

masculino camufla suas identidades reais, para o encaixe de meros estereótipos, não adubando o que algumas mulheres sentem por outras mulheres, acontece que, pelos autores Fairchild e Hayward (1996 *apud* PALMA; LEVANDOWSKI, 2008), muitas vezes, as lésbicas, por medo, assumem papéis heterossexuais, escondendo o desejo, ou a prática sexual homoerótica<sup>12</sup>, às vezes já descobertas na infância.

Mott (1987 *apud* PALMA; LEVANDOWSKI, 2008) reforça essa ideia quando afirma que são poucas as lésbicas que conseguem a maturidade da autoaceitação para conseguirem revelar sua lesbianidade para seus familiares ou amigas; e a família por sua vez, acredita que a orientação sexual dessas mulheres, geralmente filhas; pode mudar a qualquer momento para heterossexual, ou que a lesbianidade é apenas uma fase. Sendo assim, geram desrespeito, inconformismos, pois se evidencia que essas famílias de origem fantasiam que todes es filhas que tiverem serão heterossexuais e seguirão os padrões heteronormativos. Agredindo assim seus antes que antes eram *querides*. Segundo o mesmo autor, registros do Grupo Gay da Bahia, afirmam que es homossexuais feminino e masculino em suma maior parte parte, sofreram agressões físicas por parte des responsáveis quando descobriram a sexualidade des filhas.

Segundo Palma e Levandowski (2008), em relação à descoberta da sexualidade, ou atração pelo mesmo sexo, todas alegaram que tiveram início na infância ou na adolescência. A exposição da sexualidade para a família foram experiências difíceis, tanto para as participantes, quanto para a aceitação familiar, sendo assim, sempre encontraram aceitação nas boates e amigas,

---

<sup>12</sup> Vale ressaltar que utilizamos o sufixo erótico em palavras como homoerótico ou lesbierótico pelo seguinte fomentar reflexivo de que não é somente afeto, sentimento, companheirismo, é justo para pontuar que existe sexo, a prática sexual entre es pares, rejeitando assim, a palavra homoafetivo por exemplo, percebemos que não existe a precisão de existir a palavra heteroerótico, pois suas relações íntimas são adubadas a todo instante, sobretudo, no texto, adubamos as relações íntimas LGBTQI+.

mais até do que nas suas casas. Palma *et al* (2010), complementam que a família é fundamental diante da qualidade de vida das mulheres lésbicas, elas precisam de apoio e carinho para que se sintam mais seguras para lutar por seus direitos de igualdade.

A dissertação, *Mamãe e... Mamãe? Apresentando as Famílias Homomaternais* da psicóloga Palma (2011), possui como objetivo, apresentar mulheres que são mães, junto às suas relações familiares com seus filhos. Em relação ao direito de ser mãe *versus* a imposição desse direito, enquanto as entrevistadas por Palma (2011) lutaram para ter a guarda de seus filhos e de poder exercer a maternidade, outras se sentem incomodadas com a imposição naturalista de por ter nascido mulher e obrigada a ser mãe. A autora reporta que há casos que mulheres homossexuais tiveram filhos de seus antigos relacionamentos heterossexuais, justamente pela dificuldade de assumirem-se lésbicas, se percebendo então, inicialmente “obrigadas” a reproduzir um comportamento heteronormativo para a aceitação social.

Quando se trata de antigos relacionamentos cujas práticas eram consideradas socialmente como heterossexuais, as lésbicas expressam que uma das resistências vivenciadas é pelos pais biológicos da criança, principalmente pelo fato de terem sido *trocades* por uma mulher e não por seus “iguais”, entendendo que este sentimento é composto de preconceitos e rebaixamento da mulher pelo sexo/gênero. (PALMA, 2011)

Palma (2011) apresenta que a sociedade precisa ultrapassar a barreira sexista do homem melhor que a mulher, afirmando que não existe um modelo de família, e sim diversos, nas quais mulheres lésbicas têm o direito de serem mães, convivendo ou não com outra mulher de maneira lesbierótica. A família dessas mulheres é importante para a promoção da qualidade de vida ou dificuldade de aceitação, que podem convergir ou divergir sobre os padrões

estabelecidos pela sociedade, mas que se forem flexíveis para a diversidade das famílias homoparentais como das hegemônicas podem conviver de forma mais saudável, como precaução das mais diversas violências coexistentes, em que muitas vezes não se sabe a procedência do porque é “errado”, apenas sabe-se que é “errado”.

Concluimos que as psicólogas e os dois psicólogos registrades anteriormente entendem a homossexualidade feminina como mais um viés de expressão da sexualidade, considerada ‘natural’ e não desviante, sendo mais saudável quando se tem o apoio familiar. Assumiram o papel ético e seguiram as considerações diante do *Código de Ética do Psicólogo*, lê-se, então, Código de Ética de Psicólogo, pela resolução 001/99 (CFP, 1999). Entendemos diante das releituras dos textos desses profissionais da Psicologia, que os motivos colocados pela sociedade acerca da homossexualidade feminina foram construídos ao longo de interesses socioeconômicos, muitas vezes com a roupagem religiosa e posteriormente absorvidos pela medicina, esse histórico negativo diante desse tipo de expressão sexual, que se estende até os dias atuais, como algo ‘pecaminoso’, ‘anormal’ ou ‘errado’, confunde sexualidade com ‘caráter’ e homossexualidade com o oposto. Todas as retrataram sobre o quanto a religião cristã influenciou e influencia o aumento de preconceitos familiares e sócio-históricos-culturais. Essa educação religiosa tem base essencialista e dogmática, nas quais a disseminação de não-natural e herege, reforça violências simbólicas e *biopsicosóciohistóricas* para essas mulheres que amam e se relacionam homoeroticamente com outras mulheres.

O levantamento bibliográfico legitimou a relevância da pesquisa pelo apontamento da ausência de produções no sudoeste, excitando assim, a área de educação, para que se problematize e reflita na Psicologia tanto para a área de humanas quanto da saúde e, está diretamente ligada às inter-relações sociais e

acadêmicas. Sobretudo, é necessário transcender à ingenuidade e/ou alienação, diante desses mecanismos de poder impostos socialmente para fins de controle e benefícios financeiros, construídos a partir de instâncias religiosas e econômicas.

### *1.3.1 Lesbianidades e Poderes- Discursos - Enunciados- Dispositivos*

*“O que caracteriza o poder moderno é muito mais a ausência de lugar e visibilidade. Por meio de uma microfísica, Foucault quer desvendar o véu do poder [...]”*. (KARLFRIEDRICH HERB, 2013, p. 279)

Este subcapítulo foi inspirado na dissertação da autora Ziegler (2015), cujo título é: *A Poética dos Quatro Elementos na Obra de Maria Carpi*, principalmente no que tange aos quatro elementos da natureza que serão expostos mais à frente. Entretanto, escrevermos na ordem da subseção, exaltando primeiramente a homossexualidade, lesbianidades e assim por diante.

A homossexualidade feminina, aqui será caracterizada como Lesbianidade, por representar que este universo é considerado separadamente da homossexualidade masculina. Sobre a palavra Lésbica, foi utilizada pela primeira vez, nomeando as homossexuais em 1942 na França:

[...] vem da musa da poesia grega, Safo, exilada por duas vezes da ilha de Lesbos, hoje Mitileno, no Mar egeu. Ali, ela teria fundado uma escola para meninas, e não raro apaixonar-se por uma de suas alunas, louvando o amor lésbico com intensidade e sensualidade. O termo lésbica é usado como sinônimo de tribalismo, de origem grega, que significa o roçar de duas genitálias femininas (RODRIGUES 2004 *apud* CANCESSU, 2007, p. 24).

Para além da palavra lésbica, segundo Calderaro (2011) o termo Lesbofobia, foi criado pelo movimento feminista, significa desrespeito e todos os tipos de violência contra as lésbicas que ao expressarem sua sexualidade publicamente, são fadadas a preconceitos verbais, olhares hostis, violência física e até mesmo em alguns casos, assassinatos. E mesmo que não se assumam o não falar, ou seja, a invisibilidade causa mal estar, podendo até

mesmo suscitar transtorno depressivo e suicídio.

Segundo Borrillo (2009) a lesbofobia é uma categoria diferenciada, reconhecendo que a etimologia da palavra, seria o medo de mulheres que se relacionam afetivo-eroticamente com mulheres, entretanto a interpretação do conceito por intermédio do autor é sobre repulsa, nojo, exclusão, e violências, como consequência da falta de conhecimento da amplitude da sexualidade e/ou sobre travas de valores construídos pelo poder político-religioso, chegando até ao extremo de violência como o feminicídio, considerado hoje como crime hediondo (BRASIL, 2015), para além do feminicídio, o lesbicídio (assassinato de lésbicas, nomeado pelo movimento lésbico-feminista), motivo de assassinato pelo conceito machista/sexista e preconceituoso da apresentação de mulher lésbica.

No que tange o sexismo na educação das adolescentes, é curioso o que se revela nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio-PCN (BRASIL, 2000, p.79):

A adolescente que aprendeu tudo sobre aparelho reprodutivo, mas não entende o que se passa com seu corpo a cada ciclo mensal não aprendeu de modo significativo. O mesmo acontece com o jovem que se equilibra na prancha de surfe em movimento, mas não relaciona isso com as leis da Física aprendidas na escola.

A adolescente é exemplo de comparação de gravidez, e o adolescente é tido como comparação de esporte. Há no próprio PCN (BRASIL, 2006), sombras sexistas sobre sexo feminino e masculino, bem como suas relações de gênero. Segundo Beauvoir (1967, p.248) a mulher é sentenciada pelo aspecto fisiológico do sistema reprodutor, a ser mãe, como algo 'natural', entretanto "a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade". Claro que existem muitos casos de gravidez na adolescência, sobretudo não era o caso do contexto neste PCN (BRASIL, 2006), o que fortifica a ideia essencialista, já explanada nas páginas anteriores.

Então, questões relacionadas a homem e mulher, tiveram maiores repercussões após o século XIX, com a força do movimento feminista, em contrariedade à religião e às políticas públicas, com o intuito de igualdade e à não discriminação pela diferença, tanto sexual quanto da sexualidade, pois se fazia o engessamento em relação à sexualidade como foco da vida do indivíduo. Esquecendo as redes dos microssistemas, dentre outros a fim de generalizar a vivência homossexual como parte predominante de uma pessoa mau caráter e errada socialmente, entendendo que no que se trata às mulheres lésbicas há uma singularidade por ser mulher-e-lésbica, tendo assim, discriminações duplamente qualificadas para com mulheres homossexuais (CECCARELLI, 2009).

Tais questões refletem no estado da arte sobre o quanto a religião possui o *biopoder* (TOLEDO, 2008; FOUCAULT, 1988) e a tentativa de coletivizar um ideal construído politicamente por ela e as redes de poder, para controle normativo da sexualidade, e o quanto é incoerente a lei ter bases em valores religiosos cristãos, haja vista que a constituição é laica (BRASIL, 2014). Assim como as questões de gênero, pois se sabe que mulheres consideradas lésbicas são estupradas como medida corretiva da sexualidade. Tal projeto retira completamente a autonomia da mulher sobre o próprio corpo, até mesmo nos casos de violência extrema. (CARVALHO, 2014) Como retrata a autora Rodrigues (2012, p. 4)

A alta comissária dos Direitos Humanos da ONU, Navi Pillay, mencionou o *modus operandi* dessa violência específica: 'Temos relatórios sobre homens gays atacados por agressores que gritavam insultos homofóbicos e sobre outros mortos na rua, lésbicas submetidas a estupro coletivo, às vezes descritos como "estupro corretivos"[...].

Levando em consideração as múltiplas formas da sexualidade, a pesquisa ficará também aberta para as minúcias das mais variadas violências. E pelo o que percebemos principalmente aqui que não é dito ou mostrado. Por exemplo,

nos PCN do Ensino Médio (BRASIL, 2000, p. 64), não há sequer citações sobre diversidade sexual, como se a equidade fosse de mérito somente para: raça, sexo, religião, cultura, condição econômica, aparência ou condição física.

Esta inadubação está sobre os mais variados tempos e espaços. Beauvoir (1967) partilhava da ideia desde a década de 40, em que sua primeira publicação do livro, *O Segundo Sexo*, foi em 1949; corajosamente para sua época retrata sobre as desigualdades de gênero existentes, ironizando a mulher como O outro, mas que ao decorrer do livro, revela que a mulher é “um também”, e dispõe de um capítulo inteiro nomeado como: “A Lésbica”, de forma articulosa e questionadora, relatando histórias junto a teorias psicanalíticas, antropológicas e filosóficas.

Atualmente, mais precisamente, no dia 21 de outubro de 2015, a Câmara dos Deputados aprova a lei 5.069 de Cunha (2013), na qual revê punições para pessoas que induzam ou ajudem a executar o aborto em vítimas de estupro, e ainda, quando menor de idade, a pena será mais rigorosa um terço, inclusive em casos de estupros, a gestante terá que obrigatoriamente realizar corpo de delito, bem como fazer um boletim de ocorrência comunicando às autoridades competentes, onde antes bastava a palavra da vítima do estupro. Bem como, deixa aberto e genérico sobre o fornecimento de pílulas consideradas abortivas, ou seja, a se caso um farmacêutico, ou médico entender que infringir a sua consciência e considerar que a “pílula do dia seguinte” é abortiva, ele não será obrigado a permitir a venda. Alguns fatos que permeiam o gênero feminino independente da orientação sexual.

No que tange à saúde, o quadro de urgência de uma educação sexual emancipatória para lésbicas é percebido nas questões de saúde pública, não só psicológica, mas como biológicas também, Calderaro (2011) chegou à conclusão que as lésbicas estão perigosamente expostas a diversas doenças como DST,

HIV, AIDS, câncer de mama e colo de útero, sendo também vulneráveis a preconceito e violação de direitos pelas redes de saúde, Outubro Rosa<sup>13</sup>, por exemplo, contempla quais mulheres?

Por esses motivos, muitas lésbicas negam os riscos que correm, não procuram atendimento especializado, ou não utilizam meios da contracepção de doenças pela diminuição de prazer e medo de ser vítima de violência psicológica pelas agentes de saúde. Não é à toa que não existe “camisinha” para elas, ou alguma maneira de contraceptivo. O que se ensina na escola, é como se todas as relações fossem heterossexuais e penetrativas, ainda de certa maneira, casais homossexuais masculinos possuem melhores condições de utilizar o contraceptivo produzido pelo Governo ao contrário das lésbicas. Todas estas questões possuem base essencialista religiosa de homens e mulheres que se deitam para procriação. Qual “lógica” é utilizada pela sociedade afinal?

O célebre gato de Alice prova que é louco com uma curiosa demonstração “lógica”: “Para começar”, disse o Gato, “um cachorro não é louco. Concorda?” “Acho que sim”, respondeu Alice. “bem”, prosseguiu o Gato, “você vê um cão rosar quando está bravo, e abanar o rabo quando está feliz. Agora, eu rosno quando estou feliz e balanço o rabo quando estou bravo. Logo, sou louco” (CARROL, 2010, p.5).

Esta forma literária, é intitulada de *nonsense*, é uma maneira de brincar com a lógica e com as palavras em situações aparentemente absurdas, em função de realizar críticas minuciosas e astutas. Lembra a maneira sofista de discursar, com suas retóricas e oratórias sagazes. Em busca do poder do convencimento por manobras de pensamento e linguagem e não necessariamente ir em busca da ‘verdade’, pois essa também, os sofistas, é relativa. Sobretudo, quais seriam os discursos propagados sobre as lesbianidades? Seria a lógica de:

(*Gato Sofista*) - Um homem e uma mulher namorando não são anormais.

---

<sup>13</sup> Outubro Rosa é uma campanha do Governo Federal para incentivar mulheres acima de 30 anos a realizarem exames corporais para saber se possui possíveis tumores, no intuito de prevenir o câncer de mama, ovário etc.

Concorda?

*(Aliceada)* - Acho que sim.

*(Gato Sofista)* - Bem, quando um homem e uma mulher transam, eles têm filhos. Duas mulheres quando transam, não têm filhos, logo, elas são anormais.

Discursos de uma lógica do poder. O poder e os discursos não andam somente de mãos dadas, mas são como os 4 elementos da natureza.

O elemento do fogo é quente e seco; tem, portanto, antipatia pelos da água, que é fria e úmida. O ar quente é úmido, a terra fria é seca, eis a antipatia. Para conciliá-los, o ar foi colocado entre o fogo e a água, a água, entre a terra e o ar. Enquanto é quente, o ar se avizinha do fogo e sua Umidade se acomoda com a da água. Ademais, porque sua umidade é temperada, modera o calor do fogo de que também recebe ajuda, assim como, de outro lado, por seu calor medíocre, amorna a frieza úmida da água. A umidade da água é aquecida pelo calor do ar e abrandada a fria secura da terra.” A soberania do par simpatia – antipatia, o movimento e a dispersão que ele prescreve dão lugar a todas as formas da semelhança. (FOUCAULT, 1999, p.34)

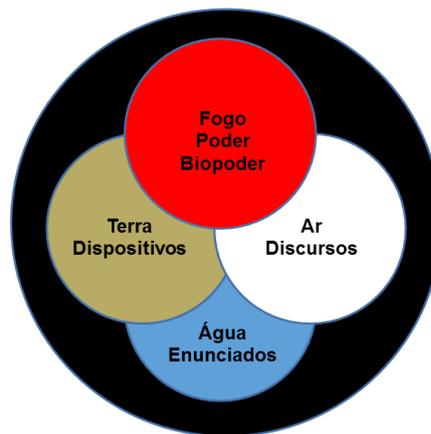
Então, visualizaremos ou entendamos o que o texto acima dinamiza. De maneira poética, Foucault (1999) realiza movimentos de diferenciações e de ligações equilibradas sobre os elementos, nos quais todes estão em tudo, e todes estão uns nes outres, como maneira de definir seus espaços e diferenças e ao mesmo tempo, denunciar uma dependência mútua de todes por todes. Ele pontua, muitas vezes, esse movimento de simpatia e antipatia, aproximação e distanciamento e muitos contrastes que mesmo diferentes, o todo, ainda, não se define pela soma das partes, mas, sobretudo, pelo processo, pela continuidade das relações de um efeito de arroz, feijão, carne e salada fazem com a química do nosso corpo.

Foucault (2006) dá mais importância ao processo e uma adubação holística, sobre a percepção que “não pode ser explicada simplesmente como uma reunião de elementos sensoriais nem como a mera soma das partes” (SCHULTZ e SCHULTZ, 1996, p. 305), e depois com outres teóricas a ideia de

fluxo, e aqui trazemos novamente a ideia dos espirais infindáveis. Neste sentido, os fenômenos são as chaves principais para a análise de mudanças e campos relacionais.

Ainda realizando escritas por intermédio desta percepção holística, resolvemos criar esquemas metafóricos com quatro elementos da natureza (terra, ar, fogo e água), os comparando com poderes discursos, enunciados e dispositivos que Foucault expressa em todas as suas obras.

**Figura 1 - Diagrama dos quatro elementos, relacionado-es em quatro categorias mais utiliza nes obras de Foucault: Poder/Biopoder; Discursos; Enunciados e Dispositivos.**



Fonte: Elaboração da autora.

Em seguida colocaremos uma citação de Pelbart (2017, p. 1) na íntegra, pois percebemos que se faz necessário colocá-la tal qual foi escrita, afinal suas afirmativas são primordiais para o entendimento da teoria de Foucault em várias maneiras de se dizê-la

O contexto contemporâneo se caracteriza por uma nova relação entre o poder e a vida. Por um lado, uma tendência que poderia ser formulada como segue: o poder tomou de assalto a vida. Isto é, ele penetrou todas as esferas da existência, e as mobilizou inteiramente, pondo-as para trabalhar. Desde os gens, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes. Mas o que são os poderes? Digamos, para ir rápido, com todos os riscos de simplificação: as ciências, o capital, o

Estado, a mídia. Sabemos, no entanto, que os mecanismos diversos pelos quais eles se exercem são anônimos, esparramados, flexíveis, rizomáticos. O próprio poder tornou-se "pós-moderno": ondulante, acentrado, reticular, molecular. Com isso, ele incide diretamente sobre nossas maneiras de perceber, de sentir, de amar, de pensar, até mesmo de criar. Se antes ainda imaginávamos ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes (o corpo, o inconsciente, a subjetividade) e tínhamos a ilusão de preservar em relação a eles alguma autonomia, hoje nossa vida parece integralmente subsumida a tais mecanismos de modulação da existência. Até mesmo o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, mesmo a fé, nada disso preserva já qualquer exterioridade em relação aos mecanismos de controle e monitoramento, se é que alguma vez tal exterioridade fosse cabível. Para resumi-lo numa frase: o poder já não se exerce desde fora, nem de cima, mas como que por dentro, pilotando nossa vitalidade social de cabo a rabo. Não estamos mais às voltas com um poder transcendente, ou mesmo repressivo, trata-se de um poder imanente, produtivo. Como o mostrou Foucault, um tal biopoder não visa barrar a vida, mas tende a encarregar-se dela, intensificá-la, otimizá-la. Daí nossa extrema dificuldade em situar a resistência, já mal sabemos onde está o poder, e onde estamos nós, o que ele nos dita, o que nós dele queremos, nós nos encarregamos de administrar nosso controle, e o próprio desejo está inteiramente capturado. Nunca o poder chegou tão longe e tão fundo no cerne da subjetividade e da própria vida como nessa modalidade contemporânea do biopoder.

Bem, começamos então, pelo o que metaforizamos com o poder. A morte, a vida, o desejo do ódio e do amor, o desejo do saber e não saber. A luz, a chama, se não do conhecimento que nos dominam e denominam *normais* e *anormais*.

Se a criança aproxima a mão do fogo, o pai dá-lhe logo uma palmada. O fogo castiga sem ser preciso queimar. Quer se trate de chama ou calor, lâmpada ou fogão, a vigilância dos pais é a mesma. O fogo constitui, portanto, inicialmente, o objeto de uma proibição geral; daí esta conclusão: a proibição social é nosso primeiro conhecimento geral acerca do fogo (BACHELARD, 1989, p. 17).

Como uma dança, com o balançar das chamas, exerce uma representatividade de um simbolismo do gênero masculino na sociedade, como aquele que penetra, invade, sendo intenso e ativo, sempre em movimento, inacabado, por mais que tenda a devastar pelo toque de sua quentura,

entretanto, “[...] Para ele, a destruição é, mais do que uma mudança é uma renovação” (BACHELARD, 1989, p.22).

Ainda sobre sua dança fascinante,

Em nós o ser sobe e desce, o ser se ilumina ou se ensombrece, sem jamais repousar num ‘estado’, sempre vivo na variação de sua tensão. O fogo jamais é imóvel. **Ele vive quando dorme.** (BACHELARD, 1990, p.8, *grifos nossos*).

O fogo, mesmo dormindo, vive, nos sonhos, nas sensações, nas memórias. Este fogaréu de poder, Foucault (1979) abrasa em funções, sendo elas de controle, principalmente dos corpos, como nos sentamos, comemos, temos nossas relações amorosas, quem podemos achar bonito, como cuidamos da nossa saúde, como uma pessoa do binarismo de gênero feminino e masculino deve andar, falar, ser, enfim, como as pessoas devem se relacionar.

“Olha o pequeno crocodilo  
Que ao sol estende a cauda,  
Banhando nas águas no Nilo  
Cada escama dourada.  
Expondo as garras e os seus dentes  
Alegre, ei-lo sorrindo –  
E engole os peixes entrementes  
Como quem diz ‘bem-vindo’.”  
(CARROL, 2010, p.25)

Quando Foucault (2005) se refere a relações de poder, ele fala que exige uma escavação histórica que alimente a política e que a política alimente a história, sendo esta arqueologia, como a naturalização de caça e presa e presa e caça, na qual exige tempo de ação, espaço, tanto quanto de estratégias:

[...] uma tentativa históricopolítica que não se baseia em relações de semelhança entre o passado e o presente, mas sim em relações de continuidade e na possibilidade de definir atualmente objetivos táticos de estratégia de luta, precisamente em função disso (FOUCAULT, 2005, p.156).

Logo, é uma excelente estratégia, entender como estas relações funcionam, de onde veem e para onde vão. Entretanto, o que seria do poder sem os discursos de poder que os envolve, o que seria, então, do fogo sem o

oxigênio, sem o Ar.

O Ar por sua vez, como um sonho, como imaginação-imaginário, ou um voo de significados e sentidos, este então, “ar imaginário é o hormônio que nos faz crescer psiquicamente” (BACHELARD, 1990, p.12). E ainda, um discurso poético, como que vos faço, não é estático,

Uma imagem estável e acabada corta as asas à imaginação. Faz-nos decair dessa imaginação sonhadora que não se deixa aprisionar em nenhuma imagem e que por isso mesmo poderíamos chamar de imaginação sem imagens, assim como se reconhece um pensamento sem imagens. [...] O poema é essencialmente uma aspiração a imagens novas. Corresponde à necessidade essencial de novidade que caracteriza o psiquismo humano (BACHELARD, 1990, p.2).

Para então, entender os discursos, é preciso elevar-se, sair da pelagem do coelho como revela o livro *Mundo de Sofia* de Gaarder (2012), sair do conforto do conformismo e viver a magia fora da cartola, uma ascensão da *psique* (Alma em Grego - Oliveira, 2012). O ser real não nos ensina nada; a cotovia é “pura imagem”, pura imagem espiritual que não encontra sua vida senão na imaginação aérea, como centro das metáforas do ar e da ascensão. [...] (BACHELARD, 1990, p.87).

A cotovia como um pássaro em suas canções melodiosas, um canto ligeiro como um apito infantil afinado, discursa diante de seus signos de infinitas revoadas anteriores e posteriores, diante de seu habitat, condições climáticas, comportamentos adquiridos diante das necessidades ambientais, se em sua época a caça está mais crítica do que os anos anteriores. Quais práticas discursivas, quais representações, nós, seres humanos, assim como a cotovia se empenha nas passaradas da vida. A prática discursiva, não pode ser definida como o exercício individual da fala somente, mas sim,

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008,

p.133).

Se, Foucault (2008) descreve como exercício da função enunciativa um conjunto de regras, qual liquidez é derramada na cuia do mundo? Um enunciado de poder, na qual a primeira cuia de chimarrão vai para quem convidou, ou a pessoa mais idosa, girando a cuia como um relógio, com a regra de tomar uma cuia inteira por pessoa até “roncar” (realizar o barulho do sugar do filtro com o fundo da cuia, junto ao resto de mate sobrado) o fundo. Uma cuia para uma ou mais pessoas. Rituais, ordens, códigos e costumes que se perguntada a exata origem dessas regras sociais, teremos dificuldade de descobri-las.

A água por sua vez, como símbolo feminino, também possui em sua materialidade, seus contrastes daquela que traz a vida e nas distorções da imagem do seu espelho, talvez o medo, assim como um afogado pensamento ou circunstância de mortalidade. Uma força profunda do Ser. Bachelard (1990), com bases psicanalíticas e fenomenológicas, expõe a água também como um símbolo materno, sobre o líquido que alimenta por intermédio do seio da mãe, líquido amniótico que guarda a criança no ventre, também como algo puro, aquilo que limpa. Em seu contraste, o mistério dos mares, as ondas gigantes que destroem navios e até cidades, mais de seus contrastes, o imaginário da materialização do elemento Água,

então, se nossas ideias e sonhos encontram-se ordenados, as matérias que formam o devaneio são responsáveis por engrandecê-lo, pois a pureza deve ser colocada em algo que possa simbolizá-la. Dessa maneira, a substância líquida ganha valor pela sua limpidez e seu frescor, e os devaneios recebem forma e se ligam a realidades valorizadas. Por outro lado, a água também contém impurezas que as tornam turvas e, por isso, comportam devaneios imorais. A impureza da água traz uma repugnância natural, inconsciente, que pode transformar-se em rancor e projetar um pré-julgamento: toda água impura é nociva e pode ser acusada de malefícios (ZIEGLER, 2015, p. 26).

Não obstante, a mulher é sempre santificada e ao mesmo tempo incriminada, Eva do paraíso e a Deusa Lilith do submundo, a pura/ex-pura e a satânica,

para a mente consciente ela é aceita como mero símbolo do mal, como símbolo externo, para o inconsciente ela é o objeto de uma simbolização ativa, totalmente interna, totalmente substancial. A água impura, para o inconsciente, é um receptáculo do mal, um receptáculo aberto a todos os males; é uma substância do mal. Na água assim maleficiada, um signo basta: o que é mau sob um aspecto, numa de suas características, torna-se mau em seu conjunto. O mal passa da qualidade à substância (BACHELARD, 1989. p.145).

Por escrever sobre signos, a liquidez dos enunciados, é propagado a partir de seus enunciados anteriores, é complexo como Foucault (2008) explica sobre enunciado, pois ele não expõe como um conceito fechado, ele primeiro, explica o que não é enunciado e depois emite alguns exemplos ou afirmativas húmidas, um concreto fluido, metaforicamente retratando, no devir das correntezas conceituais, ou seja, força quem está lendo, o pensar, o refletir e o desvendar das coisas que faz sentido, mas que quase ninguém pensa sobre.

Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presente ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita); é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2008, p.98).

O Enunciado possui materialidade, foi criado por alguém, diante de alguma circunstância, logo tem consciência e lógica, e sempre é criado a partir de outro enunciado, também não tem um padrão, haja vista que são constantemente modificados, não são somente frases e preposições.

Descrever enunciados, descrever a função enunciativa de que são portadores, analisar as condições nas quais se exerce essa função, percorrer os diferentes domínios que ela pressupõe e a maneira pela qual se articulam é tentar revelar o que se poderá individualizar como formação discursiva [...] a formação discursiva é o sistema enunciativo

geral ao qual obedece um grupo de performances verbais (FOUCAULT, 2008, p.131).

O enunciado tem uma data, um espaço e é retratada pelo dito e não dito, por uma pintura, uma fotografia, uma sequência do teclado, um processo de diferenciação dos discursos, por exemplo, da sensualidade, oferece condições para possíveis enunciados, a água, em sua malemolência, tem sensualidade e assim como o fogo, também a dança, a água, também emitem sons, nem precisa ir para um rio, igarapé ou mar, para ouvir, em uma concha, em seus ritmos para uma pessoa não-surda, consegue escutar a musicalidade das ondas,

A água é a senhora da linguagem fluida, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abranda o ritmo, que proporciona uma matéria uniforme a ritmos diferentes. Portanto, não hesitaremos em dar seu pleno sentido à expressão que fala da qualidade de uma poesia fluida e animada, de uma poesia que se escoia da fonte (BACHELARD, 1989, p.193).

Bauman (2001) em seu livro *Modernidade Líquida* vislumbra a fluidez das relações, assim como são os enunciados e suas condições existenciais. Como já escrevemos anteriormente, é necessário imaginar logicamente, se utilizar de devaneios a fim de libertar a criatividade que é tão forçosamente destruída ao longo dos tempos, precisamos assim como a Terra, ter os devaneios da vontade e os devaneios do repouso, exercer a introversão e extroversão da imaginação/imagens de intimidade. E por fim, também tem seus contrastes, a imagem da pedra e a lama, argila seca e argila molhada, argila dura e argila flexível. Aquilo que é concreto ou mole pode ser modelado, com as mãos, com o vento, com o atrito de outra matéria.

Matérias, sem dúvidas reais, mas inconsistentes e imóveis, reclamam ser imaginadas em profundidade, numa intimidade da substância e da força. Mas com a substância da terra, a matéria traz tantas experiências positivas, a forma é tão manifesta, tão evidente, tão real, que não se vê claramente como se pode dar corpo a devaneios relativos à intimidade da matéria (BACHELARD, 2001, p. 2).

Sobre a contradição da estabilidade, que o autor coloca como repouso, um desejo íntimo do ser; exige, sobretudo, uma curiosidade profunda, ou devaneios

de profundidade, uma casa acolhedora. O autoconhecimento, o entrar-se em si mesmo pela estática, pelo repouso. Sobre as discrepâncias, o que seria a árvore da vida, em primeira instância? Representando o céu, terra e submundo, em primeiro, pelos assírios, associada à Deusa Ishtar<sup>14</sup>.

O que fica na luz e o que fica nas sombras, o dito e o não-dito, Hermes e os acordos tácitos, assim como os Dispositivos, não como algo binário, mas como a diversidade expressiva que fica de um ponto referencial ao outro ponto, e sobre as variáveis inacabadas entre estes pontos. Afinal, entre o número 1 e o número 2 tem incontáveis possibilidades, números infinitos. Poderes, relações de poderes e organizações que nos lembram dos dispositivos de poder brasileiros, sobre o que é moral ou imoral, associam o urinar (*profe, posso ir no banheiro, quero fazer o número 1*) e defecar (*Prooooofeee, tô muito apertado, quero fazer o número 2, tô me peidando todo*) ao “xixi” e ao “cocô”, comparações simbólicas heterogêneas, em que es responsáveis por crianças e adolescentes e es passarofes sabem no dia-a-dia dos exemplos citados entre os parênteses.

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

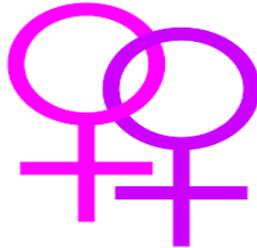
Ainda sobre a tentativa de explicar sobre dispositivos, o “dispositivo é, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações e somente enquanto tal é também uma máquina de governo” (AGAMBEN, 2009, p.46). Logo, dominá-lo, é de novo, uma estratégia de protagonismo sobre si e sobre os melindres sociais. Protagonismos esses que advêm de um controle da sexualidade por intermédio dos dispositivos de poder. No tudo, então, o que seriam os quatro elementos

---

<sup>14</sup> àquela que fertiliza e destrói, depois na bíblia como a árvore de Gêneses, a mesma em que Eva por meio da cobra, consegue a luz do conhecimento de bem e mal.

desta pesquisa sobre o tema da sexualidade?

**Figura 2 - Símbolo de duas mulheres que se relacionam lesbieroticamente**



Fonte: <http://www.fimdostempos.blogspot.com.br/2010/03/simbolos-lesbicos-bandeira-do-arco-iris.html>

- **Poder/Biopoder - Fogo:** Relações e processos de subjetivação, nas linhas curvas dos dispositivos, dos discursos e enunciados, sentimentos e ações ou não ações, noções e ações a partir de saberes advindo dessa alquimia dos quatro elementos, estão expressos no Biopoder; Orgulho lésbico, as cores expressam cores que a sociedade entende como femininas. É o símbolo do feminino junto com outro símbolo do feminino. Símbolo pelo fato de ser feito com a intenção de que outras pessoas entendam, como um código. Luta feminista.

- **Ar - Discursos:** Desejo expresso e não-expressos por meio dos enunciados e dos dispositivos da sexualidade são os Discursos; *Daí*, podem-se perceber projeções ou achismos, ou signos como: são duas cruzes egípcias juntas, são dois colares de cruzes cristãs. Dentre outros. Podemos dizer que são os símbolos das conhecidas socialmente e de maneira pejorativa, como: *sapatonas*.

- **Água - Regime de Encuciado:** Expressos por signos e símbolos do Sexo. São desenhos representando espelhos da Deusa Vênus em função de retratar o gênero feminino se relacionando homoeroticamente com outro gênero feminino e esta relação é conhecida como lesbianidade. É importante que sejam

do mesmo tamanho com o mesmo formato, para que também representem igualdade.

- **Terra - Dispositivo:** Sexualidade; o “isso”, o desejo, o silêncio, o falar baixo quando se pronuncia sobre o assunto, achar que mulher não tem orgasmo, ou que duas mulheres é por “falta de macho”, ou que seria legal duas mulheres, contanto que um homem estivesse no meio, o que circunscreve o poder.

Outro exemplo,

- **Poder/Biopoder - Fogo:** A intenção, o ato de pescar, a força utilizada, o movimento, o sentimento de precisa, conscientes ou inconscientes;

- **Ar - Discursos:** Os pensamentos, o dito e o não dito, sobre o que é, onde o peixe habita o que faz, o que pode e não pode fazer, para que servem;

- **Água - Regime de Encuciado:** O peixe; a sequência do pescar, desde a escolha do material para fazer a rede, a costura, à maneira de dobrar a rede de pesca, a forma de jogá-la no rio, a maneira de puxá-la, de retirar os peixes e separá-los de outras coisas ou seres que vieram junto na rede. Estes rituais, se é que podemos chamá-los assim, são os enunciados.

- **Terra - Dispositivo:** Rede de peixes, Rede com peixes, o como movimentar a *força/Biopoder* para fazê-los e tê-los.

Assim sendo, existem enunciados expressos nos dispositivos de poder, discursados nos processos de subjetivação e no coletivo sobre esse tema, as sexualidades, o peixe, seria uma célula com todos os elementos dialogando em cirandas de espirais infindáveis.

É aprender esses conceitos, pois, como deles podemos entender e perceber o quanto somos controlades, que estamos em constante estado de vigília e que as criações dos dispositivos e enunciados não são por acaso. A

sensação, sabemos e muitas vezes não sabemos que as construções das nossas identidades são macros laboratórios *políticosociais*. Entretanto, trazendo para um dos temas da pesquisa. As lesbianidades, como seriam estes discursos, enunciados, dispositivos e poderes diante delas? Foucault (1987) traz um conceito pertinente acerca desses experimentos *políticosociais*, com o fenômeno Panóptico.

### 1.3.2 *Panoptismo às identidades lésbicas*

Que o olho veja, sem ser visto [...]  
(BENTHAM, *et al* 2008, p. 91)

O conceito Panóptico possui como significado base: vigiar e punir para fins de controle, que será articulado com o ensino-aprendizagem de passarofes e passarunes, junto à reflexão crítica de Diretrizes e Parâmetros Educacionais, bem como políticas públicas que compõem a análise do tema.

A escola, no dever da educadora, organizada por interesses do Estado, e o este, devendo suprir os interesses do povo. Ora, qual governo brasileiro em sua historiografia o fez de fato? Sobretudo, se não seus próprios interesses econômicos, sorrateiros a diretrizes e parâmetros educacionais ainda arcaicos às demandas das diferenças e da fluidez criativa de processos de subjetivação, gêneros e identidades?

É relevante observar que também, se lê o Estado, em sistema patriarcal e não somente como discussões de gêneros e sexualidades, mesmo gênero sendo assunto mais antigo e amplo, o Panoptismo obedece a uma rede reguladora, material e simbólica a partir de aspirações de quem detém o poder, neste caso, o homem em suas representações de controle por intermédio da cultura capitalista. O sentido desse corpo que detém o poder desempenhou maneiras eficazes para o retorno de lucro e retenção deste, mesmo em microssistemas, como escolas. Quanto tempo de nossas vidas, passamos na escola? Mas, afinal,

por que pontuamos tanto a sexualidade nestes contextos de controle?

Aqui, a sexualidade interessa não tanto em si mesma, como seria o caso para um sexologista; ela interessa por ser um modo, um caminho, muito importante de experimentar a subjetivação, pelo qual nos subjetivamos como seres de desejo. A sexualidade interessa na medida em que ela funciona, como um grande sistema de interdições, no qual somos levados a falar sobre nós mesmos, em termos de nossos desejos, sucessos e insucessos, e no qual se dão fortes proibições de fazer isso ou aquilo (VEIGA-NETO, 2007, p.80).

A escola, então, com certeza é um ótimo negócio para fabricação de mão de obra padronizada para as necessidades de mercado. Para além de apelos simbólicos de monitoramento a essas adolescentes, mas a ideia de eterna vigília de uma moral sem conceitos ou cientificidade, chamada pelos movimentos de mulheres lésbicas de: *lesbofobia*. A violência com ou sem discurso, ainda é violência, então, essas estudantes lésbicas e jovens, no fervor do desenvolvimento de subjetivação, de prazeres e torturas, processam seus papéis neste grupo.

Mas, e os passarofes? Qual seria o papel destes, se essa vivência escolar fosse uma orquestra e os passarofes os regentes? Passarofes em sua orquestra de ensino-aprendizagem os separam em grupos? Menosprezam o som de seus instrumentos? Desligam o microfone? Os obrigam a tocar outros instrumentos que não querem? Escutam suas músicas? Reconhecem e valorizam as músicas, independente de qual ou quais instrumentos musicais escolheram? Ensinam a respeitar a criatividade subjetiva de cada estudante? Reduzem-nas a um rótulo de práticas sexuais? Ou ainda se sentem presas à torre panóptica dos responsáveis, da coordenação, direção, instituição, sistema educacional, Estado que vigia, pune e controla, e ainda, projetam e reproduzem suas desventuras sobre os passarunes?

Já de antemão, foram discutidas também, às questões de padronização dos saberes na escola, por aspirações de controlá-lo e coordená-lo, ganhando força com a diminuição do valor de tudo que leve os passarunes e passarofes a

pensarem de maneira crítica e intelectual (GIROUX, 1997), enfatiza o desafio docente de transformação das práticas educacionais.

Lésbicas *cis*, que controladas pelo símbolo da vigília, mesmo que o gênero feminino seja de acordo com o que projetaram para ela desde a infância, por ter nascido com vulva, a inadubação momentânea não apaga a memória das violências que saem dos corpos de quando o assunto emerge, ou de quando algo lesbiano se torna visível; ele por sua vez, o panoptismo nesta configuração, é uma metáfora de percepção e interpretação de símbolos.

Segundo Foucault (1987), Panoptismo, surgiu da reflexão de uma torre, uma das traduções seria como o olho que tudo vê, no sentido da percepção ampla não exatamente da visibilidade do enxergar; assemelha-se inclusive, ao Olho de Sauro<sup>15</sup>, como aquele que sente e percebe o medo, não tão antigo, quanto a lenda do olho de Hórus era Egípcia, sem pálpebras, como onisciência; um saber infalível e eficaz. A história do Egito antigo e também da contemporaneidade representa símbolos do saber para fins de controle e punição. Então, Foucault (2006) complementa que esse “ser que vigia” com a metáfora do olho em Sócrates, cujo filósofo grego revela esta parte do corpo como o *religare*, como literalmente os dizeres egípcios retratam, de que os olhos são as “janelas da alma”, e ainda, há a afirmativa na mesma obra de Foucault, que segundo Leonardo da Vinci, também são “espelhos do mundo”. Dessa maneira, como não vigiar para si mesmo em meio a tanta vigília?

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fã-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. Em consequência disso mesmo, o poder externo, por seu lado, pode-se aliviar de seus fardos físicos; tende ao incorpóreo; e quanto mais se aproxima desse limite, mais esses efeitos são constantes, profundos, adquiridos em caráter definitivo e continuamente recomeçados: vitória perpétua que evita qualquer defrontamento físico e está sempre decidida por antecipação

---

<sup>15</sup> Filme: Senhor dos Anéis – Retorno do Rei (2003).

(FOUCAULT, 1987, p. 226).

Os símbolos de punição e vigília na escola perpassam pela ordem do discurso, na qual contagia tanto com a comunicação excessiva, quanto àquela, cuja língua foi cortada. Para ilustrar tal ponto de vista foucaultiano, metaforizarmos os mitos de Hermes e Tácita.

Mesmo, Foucault (2006), em *A Hermenêutica do Sujeito*, seu último curso de 1982, pois dois anos depois veio a falecer, utilizou-se da etimologia da palavra “hermenêutica”, como sentido de aprofundamento de si, pois que estamos superficiais. No sentido de que, o sistema se importa com nossos corpos, aquilo que externaliza, não com o sujeito em si, assim como e outre se importa se a menina está com “roupas de menino”, age “como menino”, e não o que ela sente com isso, como ela está de fato. Sempre, o que é bom, mesmo na filosofia, é referendado no masculino.

Foucault (1988) resgata as funções do corpo da sexualidade e de onde transformou do matriarcado para o patriarcado; justo pela necessidade de se passar as posses ao primogênito, colocando mulheres como “essencialmente” domésticas; cuidadoras do lar e dos filhos herdeiros. Deste início, guerras ideológicas e materiais tornaram-se mais fortes, e, cada vez mais, os padrões estabelecidos por quem detém o poder, se torna critério de segurança social, bem estar social; ética e valores de família sagrada. Dessa maneira, a preocupação com a procriação e a higiene, ganharam corpos e a sexualidade, tornou-se prática sexual para procriação monogâmica.

O trabalho era essencial, pós-segunda guerra mundial, modernidade, pós-modernidade, o estudo passou a ser deveras importante diante das necessidades econômicas. Para isto, foi acoplada supressão do comportamento sexual considerado pervertido, pois este distrai do foco principal. Tornar-se mão de obra qualificada para o mercado, saudável ou não, e só.

O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma

descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2001, p. 155).

Essa “dinâmica de poder” (BUTLER, 2001, p.155) estão escravizadas “à significação daqueles efeitos materiais”, agora o sexo como uma “norma cultural que governa a materialização dos corpos” (IDEM, 2001, p.155), e não algo artificialmente imposto para o gênero, destes processos, desta maneira. Surge às identificações, o repúdio de si, diante daquilo que é colocado não somente pelos discursos, mas por símbolos que circulam em todos os grupos humanos.

Diante desses diversos contextos, a escola, como instituição, também é um espaço em que esses corpos habitam, principalmente com as influências políticas, pelo viés da vigília e da punição, assim como prisões, igrejas etc. (FOUCAULT, 1987). Tais vias reguladoras assombram aspectos da verdade, como “certo e errado”, a moral de si, e a moral de outre (BEAUVOIR, 2005).

Com a *História da sexualidade*, uma “nova fórmula”, a saber, emergência do sujeito nas práticas de si. Desta feita, o sujeito se autoconstitui ajudando-se com técnicas de si, no lugar de ser constituído por técnicas de dominação (Poder) ou técnicas discursivas (Saber). Estas técnicas de si são assim definidas: procedimentos que sem dúvida existem em toda civilização, propostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isto graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si (FOUCAULT, 2006, p. 620).

Na pesquisa de Bernardi (1985) a escola é dessexualizada e dessexualizante. Uma vez, que esta instituição admite realizar a Educação Sexual, no entanto, estaria repassando “uma informação desencorajante e enfadonha, acompanhada de normas que visam salvaguardar as instituições” (BERNARDI, 1985, p. 29), de fato, não está. Diante disso, reprovações a essa postura castradora e superficial são tantas e nos fazem perceber o quanto à transversalidade não alcançou os objetivos propostos inicialmente.

E ainda, nos dias atuais (2016 - 2017), surgiram dos movimentos de passarofoes mediante aos sindicatos, várias resistências aos projetos de leis que

exprimem retrocessos como a Lei da Mordaça, propagada e desenvolvida pela bancada Evangélica e partidos da direita, que tiram a autonomia dos professores quanto ao assunto sexualidade; deturpam teorias realizam leituras propositais diante de lentes dogmáticas, para fins de inspeção, em que o Estado aprisiona e professor, e professor aprisiona e professor, em um ciclo sem porta de saída, com antigas promessas de “estado novo”, mas com a intenção descarada de cortar direitos dos pobres, controlá-les, monitorá-les, puni-les, mas principalmente, que tudo isto seja útil e que recolha lucros, para que a sociedade alcance a felicidade plena. Bentham (2008), o criador da Torre Panóptica estrutural, que – Foucault pega emprestado para conceituar o estado de vigília e punição – antes, sofria *bullying* na escola, como um *nerd*<sup>16</sup> não popular de filme americano, cria então: prisões, hospitais e escolas onde possam, por meio de rígida inspeção, alcançar êxito de excelência produtiva. O objetivo do princípio da inspeção é “[...] fazer não que eles *suspeitem*, mas que eles estejam *certos* de que seja lá o que fizerem será sabido [...]” (BENTHAM, *et al*, 2008, p.83).

Ora, pois, tão atual, retirar o poder das pessoas, tirando a autonomia e a criticidade dos fatos, colocando propagandas ideológicas na T.V.; quando a mídia mostra sobre as intenções como reforma do ensino médio, reforma trabalhistas, cortes na saúde, porém, otimização dos atendimentos e cortes de bolsas diversas para pessoas com renda baixa ou sem renda. Como mostram tais notícias? Ou não mostram? Qual seria o papel da escola em função dessa demanda?

Salientamos que, a escola tem como papel principal para com os educandos, quanto à Educação Sexual, a necessidade de fornecer informações que supram essa carência desde a infância, mostrando-a de uma forma clara e

---

<sup>16</sup> Passalune que costuma tirar as maiores notas, gostam de assuntos considerados mais complexos e geralmente são excluídos da turma que estudam, sofrendo represálias por ser diferente.

objetiva, sem falsos pudores, que problematizem não só a respeito da sexualidade, mas da sua saúde em geral, com a finalidade de ajudar a tecerem sua própria identidade sem culpa, vergonha e/ou mal estar, como sujeitos que consigam pensar por si próprios, de forma crítica e social, assim como serem capazes de planejar critérios morais e analisarem seu contexto, combatendo o biocentrismo e ideologias inconstitucionais.

No nosso perceber, o governo capitalista não precisa de sujeitos críticos, e sim de sujeitos com conhecimentos específicos para que trabalhem nas áreas que o mercado de trabalho esteja precisando, para alimentar o sistema capitalista e não o intelecto, e ainda, selecionar os pobres para realizar trabalhos mais braçais e técnicos e os mais ricos, para que sejam os intelectuais, inclusive para que gerem conhecimento para o próprio interesse de aumento do lucro.

As redes normalizadoras; uma delas sendo a escola – padroniza e adocece os processos de subjetividades, causando efeitos devastadores no existir do sujeito. Dificulta o que Foucault (1985) chama de *Epiméleia heautoû* ou em latim *Cura Sui*, ultrapassar esses aspectos de si e ir para além da estética em que o *conhece-te a ti mesmo* de Platão, escrito no Templo de Delfos, seja não só o saber de si, ou ir à busca da verdade, mas o cuidado de si, esse encontro, estratégias e meios de curar e se proteger das importâncias do biopoder (FOUCAULT, 1985).

As redes sociais, por conseguinte, também viraram verdadeiros confessionários de pensamentos, acontecimentos e opiniões sobre as mais diversas ocorrências sociais, mecanismos tecnológicos astutos de vigilância e controle, que fazem o sujeito, voluntariamente emitir relatórios da vida pessoal, crenças e opiniões sobre tudo que é levantado como tema nestes fios condutores de comunicação por vezes crítica, mas em sua maioria alienante, como fábrica de pessoas viciadas num mundo virtual, esquecidas das relações

diretas e afetivamente concretas. O distanciamento, o encarceramento ou isolamento, também faz parte da estratégia panóptica de controle (FOUCAULT, 1985).

Em oposto a essa frieza ou distanciamento vivencial pelo virtual, existe a busca de si, que vem com a cultura da historiografia, cuja arte é viver e pintar a história do mundo. Sobretudo, a tinta do pincel, da pena, ou da caneta foi e é deturpada, escondida, destruída e moldada a interesses econômicos, principalmente para construir identidades normalizadoras antagônicas, de herói e vilão, forte e fraque, bem e mal, branque e prete, homem e mulher, adulto e criança, heterossexual e homossexual/bissexual, gay e lésbica, feministas *cis* e feministas *trans*; dentre outras dicotomias limitantes de identidades que se constroem pelo desespero de sobrevivência, para lutas políticas e conquistas de direitos, mas aquilo mais íntimo, o subjetivo, o sentir, o prazer, o desejo; são de possibilidades infinitas. (FOUCAULT, 1985)

Todavia, consideramos que ainda estamos nas migalhas de sentir menos dor, de escolher o “menos pior”, de subjugar-se a corpos que machucam passarofes, passarunes, passarulheres (pássare + mulheres), negres e meninas que sentem prazer erótico com outras meninas. Esta Torre Panóptica pode ser derrubada assim como o muro de Berlim, intermediado de investimentos em pesquisas de campo, que abordem estas temáticas, ou seja, políticas afirmativas para possíveis inclusões de estratégias de ensinos para uma educação emancipatória (FOUCAULT, 1985).

#### **1.4 Processos Educativos e Sexualidades**

Processo, da palavra latim *procedere*, significa avançar, mover adiante, ir à frente (PADILHA; CABRAL, 2016), sobre os conceitos rasos que lemos sobre processos educativos, o conceito mais completo que encontramos em um diagrama da Universidade do Oeste de Santa Catarina Programa de Pós-

graduação em Educação (PPGED), cuja linha de pesquisa é Processos Educativos:

Investiga os processos de ensino e aprendizagem, considerando as relações que se estabelecem entre diferentes perspectivas teóricas de ensino, aprendizagem e desenvolvimento e práticas pedagógicas que se processam em diferentes tempos e espaços educativos, níveis de escolarização e modalidades de educação (PPGED, 2016, *site*).

Luckesi (1994) afirma que existe uma considerável valia sobre os processos educativos, que são, es sujeitos dos processos educativos, destacaremos duas categorias, que são: A pessoa que educa e é educada, e a outra pessoa que educa e é educada, seria, por conseguinte, es passarofes e es passarunes. Luckesi (1994, p. 97), acusa que a maioria das pessoas segue o senso comum desta pessoa que educa,

para ser professor no sistema de ensino escolar, basta tomar um certo conteúdo, preparar-se para apresentá-lo ou dirigir o seu estudo; ir para a sala de aula, tomar conta de uma turma e efetivar o ritual da docência: apresentação de conteúdos, controle dos alunos, avaliação de aprendizagem, disciplinamento etc. Ou seja, a atividade de docência tornou-se uma rotina comum, sem que se pergunte se ela implica ou não decisões contínuas, constantes e precisas, a partir de um conhecimento adequado das implicações do processo educativo na sociedade.

Dessa maneira, seguindo o mesmo autor pela mesma obra, “se não buscarmos o sentido e o significado crítico, consciente e explícito da ação docente, seguimos o sentido e o significado dominante desse entendimento que se tornou senso comum” (IDEM, p.98). Explica que várias vezes não são exigidas uma formação específica para ministrar certas disciplinas e não ressalta que pode ser uma péssima agente educadora, nem bom, mas que essa não terá a responsabilidade e a reflexão ética de seu papel no processo educativo como sujeito que educa “tanto do ponto de vista do compromisso político, quanto do ponto de vista da competência técnica e científica, que ela exige” (IBIDEM, p.98).

Lembra-me de uma proposta de reforma para o ensino Médio da LDB, de

que uma pessoa com “notório saber” pode ministrar aulas em diversas disciplinas, assim como o “professor com licenciatura poderá fazer complementação pedagógica para dar aula de outra disciplina dentro da sua área de conhecimento” (BRASIL, 2016, *site*). Existem, também, muitas preocupações de como seria essa “complementação pedagógica”.

E quem está no “lugar” de aprender? Luckesi (1994) nomeia como educande, e questiona como a pessoa que educa percebe este educande e também critica, relatando que também há uma noção distorcida e sem cientificidade sobre quem é e sujeito que está para aprender.

Observando a relação professor-aluno, no cotidiano escolar, uma das características do educando que parece permear a prática pedagógica é a de que ele é um ser passivo. Basta observar uma sala de aula e veremos que, na maior parte das vezes, o professor considera que o aluno deve estar ali para receber as “suas lições” e, depois, no final de uma unidade de ensino, desenvolvê-las em provas e testes exatamente como foram ensinadas, até mesmo nas vírgulas e pontos. Não é que o aluno *seja propriamente passivo; mas, segundo o senso comum, deve sê-lo*. Em geral, os atos e condutas dos professores dão a entender que eles *querem* que os alunos sejam passivos, pois os ativos “dão trabalho”, seja na disciplina comportamental seja na disciplina intelectual. Usualmente, não se tem tido suficiente cuidado com a produtividade do educando (LUCKESI, 1994, p. 99).

Não se desenvolvem como seres autônomos, que buscam também as respostas, não se desenvolvem pesquisadores. A comunidade acadêmica que estes sujeitos não possuem capacidade criativa, assim como habilidades de descobertas. E assim até os dias atuais, pois mesmo no Programa de Mestrado, ainda percebemos enquanto discente e orientadora/docente, que há limitações (por falta de políticas públicas, por renovação das formas de fazer a educação e pelo desestímulo dos docentes enquanto agentes inovadores e transformadores) para o reconhecimento das criações autônomas dos estudantes, como o exemplo, a insuficiência de estímulos para um protagonismo maior, na criação de meios concretos e não só teóricos, de resolução das problemáticas encontradas.

Bem, nos recusaremos a somente repetir com outras palavras e modelar os conceitos existentes com as problemáticas encontradas. Percebemos como são verídicos as consequências de uma educação não-crítica, não-encorajadora, uma educação decadente, interesseira que nos torna preguiçosos para o ensino-aprendizado. Assim, como, complementaremos, que, ambas as categorias demonstradas acima, são compatíveis ao ensino-aprendizagem de maneira que este ser que educa, não detém o conhecimento, nem esse educande tem escuta catita e passiva a tudo. Estas pessoas se aprendem e se ensinam mutuamente todos os dias.

É em função deste pensamento e por esses motivos, que o educande deve estar sentado em cadeiras, com organização de fileiras, enquanto o professor está em pé e em alguns casos, numa espécie de palco, ou em uma parte mais alta ao contrário daqueles que estão sentados. Será que pensamos melhor quando estamos sentados? E o professor tem mais domínio de sala por estar em pé e poder observar a todos com mais facilidade? É interessante se passar uns estarem de costas para os outros? O que isso significa? Qual sentido alimentar um ensino-aprendizagem visual e auditivo, em rotinas estafantes, nas quais se aprende uma equação matemática sem saber em que concretamente ela se aplicará? E por qual motivo trabalhar um texto na disciplina de Português de José de Alencar, Machado de Assis, quando se estão lendo algum livro da J. K. Rowling (Saga de Harry Potter)? Quando se estão escutando “Garçom troca o DVD que essa moda me faz sofrer e o coração não aguenta”?

Mas de onde vem este tipo de educação tradicionalista? Será que foi acontecendo conforme a necessidade da nação? Afinal, quem escolheu esses autores para serem referências de literatura? Por qual motivo Machado de Assis é desenhado nos livros como se ele fosse branco? Por que ninguém sabe quem é Pagu?

É simplesmente um *nada* em meio à ditadura? E sobre Maria Firmina dos Reis, a primeira escritora negra romancista do Brasil? A criadora de escolas mistas e de Obras como *Úrsula* e o conto “A escrava”, pioneira. Ora por que não é reconhecida? Considerada primeira romancista brasileira, primeira literatura abolicionista. Primeira escola mista no Maranhão do Brasil. Isso não é importante?

#### Hino à Liberdade Dos Escravos

Salve Pátria do Progresso!  
 Salve! Salve Deus a Igualdade!  
 Salve! Salve o Sol que raiou hoje,  
 Difundindo a Liberdade!  
 Quebrou-se enfim a cadeia  
 Da nefanda Escravidão!  
 Aqueles que antes oprimias,  
 Hoje terás como irmão!  
 (Maria Firmina dos Reis)

Componentes da ordem do gênero, da raça, dos aspectos políticos, religiosidade, lutas e sexualidades, imagino como seria para uma estudante negra e lésbica conviver com comportamentos que tentam emitir prazeres e desejos a todes, impostos pela heteronormatividade (FOUCAULT, 1984). Mesmo com todas as diferenças só é possível adubar uma?

**FIGURA 3 - Metáfora por intermédio de um desenho sobre como ocorre um processo de educação heteronormativa e branca.**



PROCESSOS EDUCATIVOS - PROCESSOS HETERONORMATIVOS

Fonte: Elaboração da Autora.

Como não expor processos educativos e sexualidade, sem falar de gênero, de raça, de patriarcado e capitalismo? Ainda mais falando de Sul do Brasil, em que a “limpeza” social foi maior em função de uma terra mais europeicamente branca. Mais tradicionalmente religiosamente cristã. Quais entidades, empresas que comandariam Francisco Beltrão/PR, a Igreja Católica? Es Rotaryanes? Quais ligações estaduais e federais contribuem para a cultura heteronormativa de Francisco Beltrão? São perguntas que, por ora, não serão possíveis aprofundá-las.

Como a Educação urbana e a do campo recitam seus poemas no Brasil, no Sul, no Paraná, em Francisco Beltrão? Como sátiras do avesso? Ou do avesso em partes e noutras poucas um gregoriano pretexto? Gregório de Matos Guerra em que citamos como: “gregoriano pretexto”, vulgo Boca do Inferno, é em si mesmo, uma microrresistência de sua época, e educava ironicamente por meio de versos e poesias (MATOS, 1998). Então, o que seria do ontem e do hoje sobre políticas, políticas educacionais?

#### *1.4.1 Educação - Os três poderes*

Pesquisamos uma Escola do Campo para entender os impactos das transformações culturais nas práticas docentes de uma escola rural e mesmo com a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) que deve reconhecer nos artigos 3º, 23, 27 e 61, “a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e à diferença, possibilitando a definição de diretrizes operacionais para a educação rural sem, no entanto, romper com um projeto global de educação para o país”, iremos ressaltar os percalços ainda não desenvolvidos (BRASIL, 2007).

Permite também a “organização escolar própria, a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas”. É importante entender que a história militante da construção de escolas do campo, possuem características únicas e avessas, se comparadas às escolas

urbanas, para que destaquemos às diferenciações, fidedignizando às análises dos discursos e não-discursos colhidos (BRASIL, 2007, p.16).

Envolvendo o poder legislativo, judiciário e o executivo, o estado da arte na educação brasileira, se encontra em inconstância e retrocessos, diante de deputades e senadores que se utilizam de questões pessoais, como: a própria religião, para como eles mesmos costumam retratar, doutrinar a sociedade como mesmo percebemos em seus discursos deterministas: “A verdade; o único caminho; a única salvação”, desrespeitando as tantas outras maneiras religiosas ou não de existir no mundo, testando e brasileiro na sua falta de conhecimento diante do precário investimento a um ensino de qualidade.

É-nos pertinente colocar no texto, que a palavra “doutrina”, etimologicamente, encaixa-se em dogma, opinião, *doxa*, “se preocupando com a aparência” (CHAUÍ, 2000, p. 268), em princípios e tradições, contrário ao que chamamos de conhecimento científico, ofertados por profissionais graduados. Segundo Chauí (2000, p. 10) “as ciências pretendem ser conhecimentos verdadeiros, obtidos graças a procedimentos rigorosos de pensamento” assim como “pretendem agir sobre a realidade por intermédio de instrumentos e objetos técnicos; pretendem fazer progressos nos conhecimentos, corrigindo-os e aumentando-os” (IDEM, p. 10).

Da ciência à política existe uma proposta de emenda à constituição nº 241/2016, do poder executivo, que altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, aprovada na Câmara dos Deputados, também aprovada no Senado para congelar os gastos públicos com saúde, educação, segurança etc, por 20 anos (BRASIL, 2017). Por esses e outros motivos, os professores da rede estadual de ensino do Paraná organizaram uma greve geral para reivindicar essas questões.

A pauta de reivindicação desta greve é a retirada das emendas da Lei

de Diretrizes Orçamentárias (LDO) que acabam/alteram o pagamento da data-base; pagamento das dívidas com os(as) educadores(as), a retirada da falta do dia 29 de abril; manutenção do PDE e das licenças especiais e, no âmbito nacional, contra a MP do ensino médio, a PEC 241, o PLS 54 (antigo PL 257) e contra a reforma da previdência (APP SINDICATO, 2016, *site*).

Vale destacar outras razões da greve como os projetos de leis que estão ferindo os objetivos de uma educação emancipatória, impondo, arbitrariamente, por intermédio de invenções de uma suposta “doutrinação” ativa de passarofe para com e passarune passive, de “audiência cativa”. O PL 867/2015 conhecido como Escola Sem Partido por quem é a favor, e Lei da Mordança por quem é contra, já chegou a ser aprovada em algumas capitais como: Campo Grande (MS) e Alagoas, mas foi vetado pelos protestos e pressão social, o único município que a lei está em vigor, no município de Santa Cruz do Monte Castelo, no Paraná (GOMES, 2016). Mais recentemente, o PROJETO DE LEI DO SENADO nº 193 de 2016, por Magno Malta, Senador (PR - Partido da República), é viabilizado, destaco um trecho do pretendido:

Parágrafo único. O Poder Público não se imiscuirá na **opção sexual** dos alunos nem permitirá qualquer prática capaz de comprometer, precipitar ou direcionar o natural amadurecimento e desenvolvimento de sua personalidade, em harmonia com a respectiva identidade biológica de sexo, sendo vedada, especialmente, a aplicação dos postulados da teoria ou ideologia de gênero (MALTA, 2016 - PROJETO DE LEI DO SENADO nº 193 de 2016, grifo nossos).

O senador ainda se utiliza da ideia de “opção sexual” na qual impõe que, o “natural amadurecimento e desenvolvimento da personalidade”, se dão quando está de acordo com o sexo biológico, sendo proibido falar questões do que chamam de ideologia de gênero, ou seja, a heteronormatividade pode virar lei.

Para entender o estado da arte, em Francisco Beltrão, destaco o artigo do principal jornal, chamado “Jornal de Beltrão”, basta pesquisar na internet o texto feito por Vicari (2015), no qual aborda de maneira imoral, com falta de decoro, es passarofes; es mesmas foram chamades, dentre outras ofensas, de

“professorzinhos esquerdistas sem leitura”. Por outro lado, existe uma parte de resistência estudantil, de sindicatos e passarofes que já estão produzindo material impresso, informativo, das reais intenções do governo interino.

Sobre as intenções partidárias, os alvos são religiões africanas, negres, mulheres, LGBTQI+, sobretudo, de baixa renda, afinal, uma família que não gostar da escola particular que o filho está estudando, paga outra. Não podemos afirmar o mesmo para quem não pode pagar e é obrigado a aceitar essas leis nas escolas públicas. A palavra “ideologia” desvaloriza em forma de politicagem, os estudos científicos de sexualidade e gênero. Vale lembrar que todas as afirmativas das leis não possuem nenhuma pesquisa ou produção de dados que revele a veracidade e fidedignidade das denúncias escritas no projeto; tentam mostrar que ocorre uma suposta doutrinação dos passarofes para com os passarones, que possuem uma audiência cativa, ou seja, passiva e manipulável, mas não provam esses argumentos soltos, nem tão pouco chamaram a comunidade interessada e receptora para a construção dos Projetos de Leis.

Diante dessas questões, a pesquisa visa recolher informações bibliográficas, bem como, conteúdos de entrevistas com passarofes de Ensino Médio que atuaram nos anos de 2016 a 2017, para interpretar o estado de conhecimento científico sobre o processo educativo em relação ao tema homossexualidade feminina. O projeto recolher dados atuais, comparando com os antigos, para exaltar o *como* o percurso educacional tem lidado com aquilo que se difere da heteronormatividade (LOURO, 2001).

Para Louro (2001), heteronormatividade é tudo aquilo que sugere a categoria heterossexual homem e heterossexual mulher, implicando o que o sistema diz para que seja exercício padrão dos papéis de gênero, ou seja, o que é tradicionalmente padrão é considerado ‘normal’. Possui influência direta das

redes de poder, principalmente a religiosa, no caso das Cristãs, cuja relação econômica com o Estado é historicamente e socialmente engendrada.

No que se refere ao processo de aprendizado, o mesmo consiste em uma comunicação entre passarofe-passarune, em que e passarofe de forma laboral, promove discussões e problemáticas de vários assuntos, os relacionando com os problemas de hoje, com intenção educativa, bem como levando em consideração quais são as demandas da classe (MULLER; FERREIRA, 2002).

Também validamos o que Pátaro (2012) afirma, sobre os processos educativos, no qual assim como “formação moral de crianças e jovens, devem observar a relevância tanto dos aspectos cognitivos quanto da dimensão afetiva do sujeito”, questionando inclusive que a dimensão histórica está em nível subalterno para a “compreensão do funcionamento humano”.

Vale ressaltar que “a padronização do conhecimento escolar com o interesse de administrá-lo e controlá-lo; e a desvalorização do trabalho crítico e intelectual de professores e estudantes pela primazia de considerações práticas” (GIROUX, 1997, p. 45), enfatiza o desafio docente de transformação das práticas educacionais.

Segundo Silva (2003) existe uma identidade, cuja mesma é privilegiada em função de sua diferença. No caso desse estudo, a identidade seria uma pessoa do gênero masculino, heterossexual e a diferença seria uma pessoa com gênero feminino, lésbica. O autor afirma que a identidade só existe se puder ter um ponto referencial de diferença. Acredita também, que é essencial es passarofes trabalharem com a diferença em sala de aula, explorar a multiplicidade. Silva (2003) expõe de forma crítica e questionadora que se todes são idêntiques, há um nível de estagnação inviável, encorajando assim, a pedagogia da diferença como algo que flui, que evolui e se transforma, em que a subjetividade não é limitada, ao contrário, é positiva, devido à diferença existir.

Proporcionará, neste processo, emancipação para as crianças, jovens e adultos como um todo.

#### 1.4.2 *Juventude e Educação Sexual no Ensino Médio*

Há bases educacionais sobre sexualidade, entretanto genéricas e superficiais, não delimitando especificidades essenciais. Nos Parâmetros Curriculares do Ensino Médio (BRASIL, 2000), não existem tais indicações, como se a jovem ou o jovem se desprendessem da sexualidade, haja vista que a expressão da sexualidade, o desejo, rege toda a vivência do ser humano, desde quando começa a identificar o que é e não é prazer.

Parece que a tendência do Ensino Médio, a partir do que é oferecido para a formação dos professores, é puramente academicista<sup>17</sup>, em que os alunos estão ali como um regime aberto, para serem treinados para o mercado de trabalho e para o ensino superior, esquecendo os aspectos que estão diretamente ligados com o *como* os estudantes estão para conseguir aprender algo. Se esses jovens não estiverem motivados, não tiverem conhecimento de si mesmos com o exercício de sua sexualidade, levando em consideração os aspectos biológicos também, no que diz respeito aos hormônios etc, não haverá Ensino. Afinal se a aprendizagem estiver prejudicada, logo o Ensino estará concomitantemente.

Então, o Brasil (2015a), no site do Ministério da educação, demonstrou que os três poderes Legislativo, Executivo e Judiciário precisam trabalhar juntos e busquem dar autonomia (mesmo que eles deem, não é de garantia que terão), bem como formação para quem está, em sala de aula, praticando a docência e punições cabíveis para aqueles que cometem crimes de discriminação, tanto para professores quanto para alunos e responsáveis. No que diz respeito ao erotismo feminino, Beauvoir (1967, p.145) afirma que “uma

---

<sup>17</sup> Não se importa com o entendimento da comunidade externa à universidade ou ao meio científico.

história psicológica em que os fatores fisiológicos são envolvidos, mas que depende da atitude global do sujeito em face da existência”. É reanimar a autonomia de existir no mundo, nos convidando a refletir sobre qual é a nossa atitude diante do todo? Mesmo nos colocando em condições subalternas a partir de nossos corpos, o que fazemos com isso?

Nesse sentido, o ensino médio deve ser planejado em consonância com as características sociais, culturais e cognitivas do sujeito humano referencial desta última etapa da Educação Básica: adolescentes, jovens e adultos. Cada um desses tempos de vida tem a sua singularidade, como síntese do desenvolvimento biológico e da experiência social condicionada historicamente. Por outro lado, se a construção do conhecimento científico, tecnológico e cultural é também um processo sócio-histórico, o ensino médio pode configurar-se como um momento em que necessidades, interesses, curiosidades e saberes diversos confrontam-se com os saberes sistematizados, produzindo aprendizagens socialmente e subjetivamente significativas. **Num processo educativo centrado no sujeito, o ensino médio deve abranger, portanto, todas as dimensões da vida, possibilitando o desenvolvimento pleno das potencialidades do educando.** (BRASIL, 2015a, *site*, grifos nossos).

Atentando-se para o que foi grifado em negrito no texto, abranger todas as dimensões na vida, não é, sobretudo, trabalhar com aspectos de cor, de papéis de como é o ser homem e mulher e o como e o porquê de as coisas serem assim, de trabalhar as possíveis sexualidades que emergiram até o momento, estudar como respeitar as diferenças e cumprir seus deveres na sociedade, como principalmente zelar pela boa convivência?

O Ensino Médio, etapa final do processo formativo da Educação Básica, é orientado por princípios e finalidades que preveem: 1. a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; 2. a **preparação básica para a cidadania** e o trabalho, tomado este como princípio educativo, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de enfrentar novas condições de ocupação e aperfeiçoamento posteriores; 3. o desenvolvimento do educando como **pessoa humana**, incluindo a formação **ética** e estética, o **desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico**; 4. a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos presentes na sociedade contemporânea, relacionando a teoria com a prática. O Ensino Médio deve ter uma base unitária sobre a qual podem se assentar possibilidades diversas como

preparação geral para o trabalho ou, facultativamente, para profissões técnicas; na ciência e na tecnologia, como iniciação científica e tecnológica; na cultura, como ampliação da formação cultural (PARANÁ, 2007, *site*).

O que seria cidadania? Pessoa humana? Desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico? Seria ensinar sobre direitos e deveres sociais? Seria ensinar sobre igualdade, respeito às diferenças? O que quer dizer ser humano? Seria ter um pensamento racional e intelectual, em que se percebe o como pode conviver sem se destruir, destruir seu meio, ou os outros ao seu redor? Ser crítico é ser astute no discurso? Ou ser crítico é desconfiar e ter autonomia de pesquisar mais a fundo os padrões que estão estabelecidos, no seu tempo e espaço cultural. Pelo o que não poderia no Ensino Médio, trabalhar sobre a diversidade sexual, haja vista que se refere a direitos e deveres, à ética, à pessoa humana e à cidadania?

No Estatuto da Juventude (BRASIL, 2015b), há achados com os aspectos sociais e subjetivos, mas ainda assim, sem especificidades. Na seção IV, Art. 17§II refere-se ao direito à Diversidade e à igualdade, afirmando que nenhum jovem deve ser discriminado por motivo de Orientação sexual, idioma ou religião. No art. 18 §II e III, sobre a ação do poder público efetivar o direito do jovem à igualdade, devem-se tomar medidas como: “capacitação dos professores dos ensinos fundamental e médio para a aplicação das diretrizes curriculares nacionais (MOLL, 2013, p. 32), no que se refere ao enfrentamento de todas as formas de discriminação” e também “inclusão de temas sobre questões étnicas, raciais, de deficiência, de orientação sexual, de gênero e de violência doméstica e sexual praticada contra a mulher na formação dos profissionais de educação, de saúde e de segurança pública e dos operadores do direito” (MOLL, 2013, p. 32).

Vale ressaltar que nas Diretrizes da Educação Básica (MOLL, 2013, p. 23), não há a palavra homossexualidade. Sobre sexualidade, há a palavra

“orientação sexual”. Nos Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Médio (2000), <sup>18</sup>não existe a palavra Homossexualidade e nem Orientação Sexual, porém existe a palavra sexualidade e responsabilidade.

A palavra “responsabilidade” nesta citação deixa em aberto para cada passarofe interpretar de acordo com os seus valores e ideias de responsabilidade, não especifica, quais valores morais e éticos tangenciam a expressão “liberdade responsável”. É necessário entender que a premissa para discutir problemáticas acerca da Educação Sexual, é vital elucidar que a sexualidade é segundo Brasil (2006) condição básica para a existência pessoal, dimensionada em um processo biológico, psicológico, sociocultural e existencial do indivíduo, assim como emite influência direta das relações e expressões de gênero, bem como na expressão e consciência de vida e de morte e o agir moral (BRASIL, 2006) Vale lembrar que,

[...] a modernidade produziu uma nova síntese da Sexualidade, tendo como concepção predominante a perspectiva médico-higienista que se preocupou sobremaneira com a descrição e constituição anatômica e fisiológica dos órgãos sexuais, suas funções procriativas e doenças sexualmente transmissíveis (GAGLIOTTO, 2009, p.46).

Faval (2009), concordando com a citação acima, entende a sexualidade como expressão cultural, entretanto, questiona por intermédio de Bozon (2004), que os passarofes não são preparados para seguir com tal discussão, e que a partir dessas aberturas, como os PCN (BRASIL, 1998), ainda se detêm discussões em sala de aula, mais para as questões biológicas, como: a primeira relação sexual e gravidez na adolescência. Ressalta também pelas pesquisas feitas, que em Ciências Naturais é trabalhado o Sistema Reprodutivo, realiza indagações diretas sobre o organismo, anatômicas e fisiológicas não contemplando “as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da

---

<sup>18</sup> Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Médio (2000).

sexualidade” (BRASIL, 1998, p.292).

Berté (2014) afirma que a adolescência como engendrado nos discursos dos poderes, também faz parte dos dispositivos que a formaliza, tanto no dito, quanto no não-dito.

A adolescência é um dispositivo porque se constitui nos jogos das relações de poder. Tal poder é expresso pelas discursividades e não-discursividades acerca do sujeito adolescente, ou, ainda, do que seja a adolescência. Tais discursividades são responsáveis pela afirmação de diferentes saberes [...] **A adolescente que aprendeu tudo sobre aparelho reprodutivo mas não entende o que se passa com seu corpo a cada ciclo mensal não aprendeu de modo significativo [...]** (BERTÉ, 2014, p.76-80, grifos nossos).

A parte grifada é justamente uma parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o quanto ainda a corporeidade, os saberes, estão excluídos às práticas educacionais. Os PCN (BRASIL, 1998) apresentam propostas de transversalidade sobre a sexualidade, entretanto, no âmbito escolar não evoluíram para além do campo biológico do tema. Faval (2009) reflete que a intenção é de manter o controle e atendimento dos objetivos, de acordo com os “interesses e as necessidades” de educande. Contudo, o que é apresentado nos PCN como proposta de transversalidade é aconselhar um direcionamento para as práticas docentes. As discussões acerca da temática sexualidade, em sala de aula, não se expandiram, mantendo-se limitadas ao campo biológico. De acordo com Werebe (1980, p.10) a Educação Sexual, que o autor, nomeia de ‘recuperada’ pelos poderes institucionalizados, “torna-se um instrumento de repressão e controle, passando a atender objetivos que, via de regra, não correspondem aos interesses e às necessidades dos educandos”.

Concebe-se que na fala de Altmann (2006), a saúde não está estreitamente limitada à sua natureza biológica, ou muito menos, pontuá-la em saúde e doença, mas, no entanto, elucidá-la de uma forma ampliada, de caráter físico, psicológico e social para então conseguir também abranger, em sua

totalidade, a sexualidade.

Entretanto, cabe à família, ser

esse suporte deve acontecer também com o processo de aprendizagem escolar. O sucesso no processo de aprendizagem escolar depende de alguns elementos considerados fundamentais: a organização do espaço físico, a disponibilidade de materiais educacionais, além do envolvimento no processo de desenvolvimento dos filhos. A escola, por sua vez, precisa garantir uma relação de diálogo, ouvindo o que a família tem a dizer e se colocando como parceira no processo de desenvolvimento dos alunos. A escola precisa demonstrar interesse e apresentar atitudes livres de preconceitos para com os alunos e suas famílias. Ela precisa, ainda, agir como moderadora das ansiedades das famílias, com vistas a contribuir na resolução de problemas apresentados pelos alunos (MIGUEL; BRAGA, 2017, p.7-8).

Bernardi (1985, p.29) complementa com Miguel e Braga (2017) que a escola é dessexualizada e dessexualizante. Uma vez, que essa instituição admite estar realizando a Educação Sexual, no entanto, estaria repassando “uma informação desencorajante e enfadonha, acompanhada de normas que visam salvaguardar as instituições”. Diante disso, reprovações a essa postura castradora e superficial são tantas e nos fazem perceber o quanto à transversalidade não alcançou os objetivos propostos inicialmente.

Vale frisar que, a escola tem como papel principal para com os educandos, quanto à Educação Sexual, a necessidade de fornecer informações que supram essa carência desde a infância, mostrando de uma forma mais explícita, que problematize não só a respeito da sexualidade, mas da sua saúde em geral, com a finalidade de ajudar a tecerem sua própria identidade, como sujeitos que consigam pensar por si próprios, de forma crítica e social, assim como serem capazes de planejar critérios e analisarem seu contexto de acordo com as questões da comunidade.

No dia 17 de abril de 2016, ocorreu algo histórico e de extensa repercussão social no Brasil, curiosamente, diante do primeiro presidente da república, ser uma mulher, ocorre o segundo processo de *impeachment* que se

configurou, sobre acusação e especulação de crime de responsabilidade, sem quaisquer provas, sendo esta julgada por deputados que são réus em processos de corrupção, sendo a *Presidenta* (como prefere ser chamada, explicando que não existia esta palavra, pelo mesmo motivo de não existir mulheres presidentes no Brasil) ausente de qualquer acusação de corrupção (BRASIL, 2016b).

Se analisarmos, de forma crítica; os processos históricos que levariam a uma parte da população apoiar esta situação; entraríamos novamente à história da sexualidade de Foucault (1988), em que a mulher era apenas propriedade, e não tinha seus direitos garantidos, apenas o da reprodução e dos afazeres domésticos.

Há evidências e relatos ao vivo do deputado federal Jair Bolsonaro (Depois de sete partidos, se encontra no momento, visto em 22/04/2018 no Partido Socialista Liberal) que esse processo se assemelha ao Golpe de 1964 com a presidência de Collor, Collor que furtou todo o dinheiro dos cofres públicos brasileiros, apesar disto, esse mesmo ainda possui cargo político, tal deputado, Bolsonaro ao votar a favor do impeachment da presidenta Dilma Roussef, disse: “perderam em 64, perderam agora em 2016 [...] pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Roussef”<sup>19</sup> homenageou o seu voto a um major da ditadura<sup>20</sup> que a torturou. E não, ele não foi preso por incitar a violência. A seguir revelaremos o que incomodou de fato este senhor.

---

<sup>19</sup> CRAZY. Jair Bolsonaro votou sim impeachment 2016 HD. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SroqvAT71o0>

<sup>20</sup> Sobre a ditadura: As forças políticas vitoriosas por meio do movimento político-militar trataram, desde a primeira hora, de mostrar a que vinham: sustaram a democracia e desencadearam uma verdadeira razia política (suspensão de direitos políticos, cassação de mandatos, intervenção em sindicatos e outras organizações, invasão e depredação das sedes da UNE e do ISEB, inquéritos policiais-militares, perseguições, prisões, assassinatos, tortura etc). O regime ditatorial, sob o invólucro militar, procurou legitimar-se autoproclamando-se “revolução” – apresentou-se como ruptura, como algo novo; no entanto, o que fez foi reatualizar elementos pretéritos, modificados com novos componentes. Seu lema, “Segurança e desenvolvimento”, nada mais era do que “[...] a última metamorfose de ordem e progresso” (IANNI, 1981, p.201). Há ainda aqueles que apontam similitudes entre a ditadura instaurada em 1964 e a ditadura estado-novista de 1937, uma atualizando a outra. (VALLE, 2014, p. 52)

Há evidências de números e valores dos Programas iniciados pelo Governo Lula e a *posteriori* pelo governo Dilma, que beneficiam os direitos das Mulheres; em 2006, com a lei que Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), a lei de união estável para LGBTTI+ (612/2011), a lei de cotas raciais para inserção no ensino superior (12.711/2012), a lei do feminicídio (13.104/15), bem como, Programas que fazem ser possível e negro, índie e/ou e pobre ter acesso à educação (12.711/2012), e para mulheres, maior estabilidade civil em relação a sua segurança e garantia de direitos, como o Mais Educação (Resolução FNDE nº 5/2016); etc.

E o que essas situações políticas têm a ver com a educação? Ora, pois que se observa evidentemente a posição dessas sujeitas políticas popularmente e midiaticamente conhecidos como os de “Direita”, é fato a armadilha classista-religiosa, atuantes em uma extensa rede de informação, aumentando as horas e diminuindo direitos para que a escola seja uma fábrica de mão de obra barata e acrítica.

Enquanto a *internalização* conseguir fazer o seu bom trabalho, assegurando os parâmetros reprodutivos gerais do sistema do capital, a brutalidade e a violência podem ser relegadas a um segundo plano (embora de modo nenhum sejam permanentemente abandonadas), posto que são modalidades dispendiosas de imposição de valores, como de fato aconteceu no decurso do desenvolvimento capitalista moderno (MÉSZÁROS, 2011, p. 44).

A violência, a imposição sistematizada é incorporada por meio da ignorância, logo, o Ser crítico é muito temido e poderoso. No livro, *Memórias Inventadas: A Segunda Infância*, de Manoel de Barros (2006) foi destacada a Aula X do livro a frase: *desfazer o normal há de ser uma norma*, esta frase me recorda do quanto é difícil e passarofe ter liberdade para criar e fazer expandir criticamente os saberes em sala de aula, quando normas e supervisões e abordam como senhoras que separam o feijão podre do feijão bom, se essas

senhoras fossem mulheres da periferia do Estado do Pará, por exemplo, estes feijões seriam todos aproveitados, assim, entendo que só há controle e não preocupações com a cidadania, ética ou humanidade, pois não valorizam as necessidades famintas do todo e sim de um interesse socialmente construído pelas redes de poder, pelo capital.

Quais são as consequências desta crise política para a educação? Como estas temáticas estão sendo discutidas em sala de aula pelas docentes, sabendo que tais assuntos não fazem parte do PCN do Ensino Médio (BRASIL, 2000), mas tange a ética de passarofe como *civitas*<sup>21</sup> e agente político transformador e gerador de conhecimento? Como os passarofes têm recebido esses novos projetos de leis? A seguir, abordaremos sobre algumas questões históricas da educação do sudoeste.

## II - AS BASES NORTEADORAS E SUDOESTEADORAS PARA AS INTERPRETAÇÕES DAS SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO: ENSAIOS HISTORIOGRÁFICOS DA EDUCAÇÃO

[...] de sorte toda tarefa crítica, pondo em questão as instâncias de controle, deve analisar ao mesmo tempo as regularidades discursivas através das quais elas se formam; e toda descrição genealógica deve levar em conta os limites que interferem nas formações reais. Entre o empreendimento genealógico, a diferença não é tanto de objeto ou de domínio mas, sim, de ponto de ataque, de perspectiva e delimitação (FOUCAULT, 2014, p.62-63).

Parece um antagonismo conceitual desejarmos a emancipação educacional e ao mesmo tempo, utilizar o conceito de discurso em Foucault, como o primeiro movimenta-se à liberdade e o segundo, como formação de uma nova forma de controle, uma disciplina que nos adoeça menos, que nos proporcione mais prazer e menos dor, não obstante da genealogia pessoal da mestranda afirmando as limitações meramente humanas, nas quais Foucault se mostra aparentemente

---

<sup>21</sup> A palavra cidadão vem da palavra em Latim, *Civitas*, que significa: “conjunto de direitos atribuído ao cidadão”(PADILHA; CABRAL, 2018). Preferimos utilizar esta palavra, pois não encontramos maneiras de “não-binarizar” a palavra cidadão/ã com a letra “e”.

pessimista (para as pessoas que não conhecem sua obra).

Em seguida, um ensaio memorial da mestranda, pois acreditamos que as percepções devem ser embasadas, a partir do empírico, teórico, vivências e processos de subjetivação da mestranda para com o tema.

## **2.1 Adubações e Memórias da Mestranda: Cirandas de Pará-Belém, Paraná-Francisco Beltrão, Culturas e Educação**

Este subcapítulo é o único escrito em primeira pessoa (e por vezes em terceira, mas ainda referente a mim), haja vista que as adubações são apenas minhas (mestranda). Por isto, falarei um pouco de quem sou. Afinal, estarei descrevendo e interpretando falas e movimentos, fato este que faço a partir de meu conhecimento científico, minhas memórias, de interpretações que faço de mim e de como faço pesquisa. Geertz (2008, p. 14) explica as variações possíveis de interpretação de uma *piscadela*, intenções e possíveis inferências, mas atenta para que possamos sobreviver intelectualmente, para além dos diagnósticos, sobretudo, abrimo-nos para possibilidades dentro do meio pesquisado e descartar os pensamentos que não demos continuidade. É, no entanto, trabalhar a cultura de si.

Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a *techne to biou* sob as suas diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”; é esse o princípio do “cuidado de si” que fundamenta a sua necessidade, comanda seu desenvolvimento e organiza a sua prática (FOUCAULT, 1984, p.49).

Logo, desejo que estas interpretações de possíveis *piscadelas* possam ser as mais fidedignas possíveis, das coisas mesmas. Para tal, vale também a escavação de mim mesma. Lopes e Galvão (2001, p. 93), indicam que uma pessoa que pesquisa, deve realizar confrontos de fontes, assim haveria certo controle da subjetividade, seria, por conseguinte, problematizar o problema.

Neste sentido, haverá na dissertação autories nos quais escreveram suas

produções sem preocupações aprofundadas a fenômenos sociais, relações ou crenças. O que também será de alguma maneira útil em certo ponto, nem que seja para fortalecer o como não desejo fazer na metodologia nesta dissertação, mas considerar que existem sim, informações que podemos resgatar.

Essa percepção marginal de estar inserida no meio, mas percebê-lo como alguém de fora, é projetar o eu no todo e o todo no eu, todavia, escavar o mais fundo possível das verdades que me são permitidas, percebidas e dadas. Seria expressar por intermédio da densa escrita, “o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo” (LOPES; GALVÃO, 2001, p.38), mas para isso, é necessário reconhecer o que é meu, o que é do outro, o que é do meio e o que é nosso.

Inclusive, para análise de autorias, sempre precisamos ler a Vida e Obra, destes, logo, penso que é válida a amostra de recortes vivenciais para dentro e além da academia. Neste caso, algumas *pinturas* sobre as *Raonys* de mim, meus discursos, minhas possíveis hipocrisias, poderes, fraquezas, enfim, minhas humanidades estarão a seguir. E, que me expor pode parecer delicado, no entanto, não há insegurança quando temos concretude e certeza metodológica, sobre os objetivos e sobre a problemática pesquisada.

### *2.1.1 - Girando à Infância e Adolescência*

*“[...] Gira sol  
Gira Lua  
Gira o mundo.”  
(SOUSA, 2012, p.12)*

Boaventura (1995, p. 4) excita este tipo de produção, ser “relevante para a elaboração do memorial saber-se das condições em que foram obtidos os títulos da formação acadêmica”, para tal se faz necessário resumir as variáveis que perpassaram por este processo. Vale ressaltar que estas escritas estão para formalidade e informalidade de minha pessoa. Por falar em Pessoa (2013), justifico o perfil da escrita, pelo pseudônimo Álvaro de Campos, pois eis que me

aguento comigo e com “os comigos de mim”.

Ela foi gerada na praia do Caripi, na Vila dos Cabanos no município de Barcarena (Pará), norte do país. Porém, nasceu em Belém, capital; no Dia do Cinema Brasileiro e no dia de aniversário do compositor/cantor Chico Buarque, lá pela década de 1990, final do século XX, pós - constituição de 1988. Ela iniciava o processo de tornar-se Ela.

No início das mais marcantes lutas por direitos humanos; essa menina gordinha é parida; pernas tornas e roliças dançavam de brincadeira, em meio aos fogos, bombinhas, mingau de milho, pólvora queimada e suor de quadrilhas alastrando a casa inteira. Esta pequena, que mais parecia uma boneca, poderia por caprichos maternos, ser chamada de Dorinha, o brinquedo favorito de sua *índiamãe*. Mas o progenitor dela, que tivera belas prosas com um cacique dos índios kayapós, um tal de Raoni; decidira por vez, registrar o nome de sua segunda cria (sendo, que sua primeira, foi meu irmão Dionísio Raony), de... Raoany de Souza Ribeiro. Raoany, derivada no nome Raoni, significa: *guerreira, chefe, sexo de onça*. Nesse sentido, já nasci dizendo Não ao *Belo Monstro* (Hidrelétrica de Belo Monte) das terras do Xingú.

Sou eu, uma moça sorridente e míope; o ser que vos escreve. Digito o verbo escrever no presente, pois sei, que enquanto lê, minha escrita se renova e se presentifica nas tuas projeções interpretativas. Tirei esse conceito de “projeção”, de Perls (1977) da Gestalt, minha abordagem na Psicologia; mas vamos indo.

Passei pela morte de Ayrton Senna (1994); o Brasil foi Tetra na Copa do Mundo de 1994; os integrantes da banda Mamonas Assassinas (1996) morreram; dancei muito: “A de amor, B de baixinho, C de coração...”. Assistia Rei Leão da Disney em fita cassete todos os dias, mas meu desenho preferido sempre foi Pocahontas, também da Disney. Na programação aberta de

televisão, assistia o programa Castelo Rá Tim Bum na TV Cultura, (na verdade todos os desenhos que passavam nesse canal), X-Men, Xena: A Princesa Guerreira (a personagem Xena era minha e amor platônico) e T.V. Cruj.

Lembro-me que passei a ter insônia após meus quatro anos; rupturas e dores avessas ao vil, e só conseguia dormir se fosse ao lado de minha mãe. Ela costumava no balançar na rede, cantar muitas músicas - a que mais me lembro, era a música do Gepeto, que dizia: "Gepeto era um pobre velhinho/ vivia sempre sozinho/ morava com ele em seu lar/ um peixe, um gato e um grilo a cantar..."; isto me recorda o quanto nós (minha mãe, meu irmão e minha irmãzinha menor) sentíamos sós após a separação da minha mãe com meu progenitor (1994); sobretudo, a música "Apesar de você" do Chico Buarque, estava certa e apesar dos pesares, o amanhã foi outro dia, porque minha avó (materna) estava ajudando a cobrir este papel social de ser pai, e minha avó paterna, por sua vez, me empoderava em meus poderes; e, as flores que antes estavam embotadas, floresceram. Ainda bem que lembrar e escrever, também é esquecer.

Míope desde os três anos, porém, só descobriram quando tinha 8 anos de idade. Sempre fui uma passarune tímida, com medo de voar, péssima em matemática e surpreendente perspicaz na educação física (apesar de sempre estar em sobrepeso, pois sempre me encontrava acima do peso, perante às outras crianças, mas na verdade meu porte físico era diferente, parecia que tinha mais músculos e vontade de fazer a aula). No Ensino Médio era muito boa em Artes, Filosofia, Sociologia e Português, e terrível nas outras disciplinas. Entre notas e *tabus*, meu progenitor que é passarofe de matemática foi meu passarofe no primeiro ano do Ensino Médio. Por egoísmo filial, foi constrangedor e muito sofredor descobrir que ele é um excelente professor, enquanto pai, fora as fotos de Natal e alguns aniversários, nunca o foi.

No primeiro ano do Ensino Médio, com 15 anos, ganhei meu primeiro

prêmio de melhor poesia. Então, a menina certinha e diferente<sup>22</sup> ganhou o primeiro reconhecimento de sua arte. O tema da poesia era: *machismo camuflado e visto por mim*. O início da descoberta sexual e o fervilhar do sangue cabano se tornara vívido. Só para explicar um pouco essa questão dos cabanos, a Revolta dos Cabanos aconteceu na independência do Brasil, em 1835; durou cerca de cinco anos de luta sangrenta, pois os Cabanos (como eram chamados os Revoltosos) foram combatidos de forma cruel, na, então, Província do Grão Pará. Ao mesmo tempo em que ocorriam por todo País, os movimentos para a independência dos Estados e melhores condições para a população (SILVA, 2008).

Foi a primeira vez na história que um movimento popular conseguiu tomar o poder com certa estabilidade e por algum tempo, mas que depois foram severamente assassinados fisicamente, entretanto, com orgulho e cabeça erguida, estes índios tapuias, mestiços e negros que eram pobres, escravos e humilhados, lutaram bravamente e ainda vivem em nós paraenses, na luta cotidiana do Norte deste país. Minha avó Maria Izabel é passarofe de História aposentada, melhor referência do que ela não há; que inclusive viveu na pele as chibatadas da Ditadura.

Colheu diretamente o resultado de se ter uma herança cultural resistente, política crítica e ferina. Confirmei o que vovó disse no livro de Chiavenato (1984), ele repetiu muito do que ela já havia contado, que a cabanagem foi um movimento revolucionário, transformado e esquecido pela história, com a destruição de documentos e assassinatos de testemunhas.

### *2.1.2 Girando a sapatão na academia e a academia na sapatão*

*[...] Mil flores de plástico*

---

<sup>22</sup> Toda vez que escrevo a palavra diferente, lembro do livro Identidade e Diferença de Silva (2000), o autor explica que é necessário falar de diferenças e não só de diversidade, e que isto nas escolas deve ser ressaltado como bom e necessário para melhor bem estar e convívio social.

*Não fazem o deserto florescer  
Mil rostos vazios  
Não podem uma sala preencher[...]  
(PERLS, 1979, p.105)*

É intrigante como as ditaduras das flores de plástico, querem nos convencer por meio de padrões maciços que florescerão o deserto com ordem e progresso. Que rostos vazios, como máquinas, podem preencher uma sala, uma cidade, um país, uma nação. O que não foi diferente da minha passagem por essas salas-desertos. Penso que existem exceções de *salas jardins*, ao invés de somente *salas desertos*. Todavia, acredito que são poucos os momentos florescidos pelas escolas.

Também se tem valia, as observações de como foram meus processos de subjetivação acadêmica. Boaventura (1995, p. 22) explica o corpo do memorial, como a real “contingência da carreira universitária e tem muito a ver com a crítica, auto-avaliação, circunstâncias, condições e situações em que intelectualmente produzimos”.

Vencendo a descrença familiar de que eu passaria no ensino superior, consegui passar em três universidades, uma federal e duas particulares. Entre as universidades particulares, em uma passei em primeiro lugar. Surpreendeu, pois que e passarune que não era bom em matemática, não importava suas outras inteligências, era considerade “burre”, se bem que esse fato se perpetua até o momento na cultura escolar, fico imaginando que agora que o Ensino Médio irá se dividir em áreas, o como essas divisões ficarão cada vez mais espessas.

Cursei Psicologia com bolsa na Universidade da Amazônia, e não teria melhor universidade, bem como o seu segundo nome, para descrever minhas influências na formação. A Amazônia por sua riqueza demonstra cotidianamente

as feridas das explorações. Neste sentido, a Psicóloga<sup>23</sup> que vos é apresentada, é veemente engendradora nos aspectos sociais, históricos e culturais, não só de seu povo, mas por necessidades; e pelo vermelho sangue da bandeira, aprendeu a ser sensível a essas contingências *biopsicosóciohistóricas* dentro dessas culturas.

Era fato que assim como as aulas e as disciplinas que transversalizavam a sexualidade como condição humana, quase não falavam sobre homossexualidade feminina, ou seja, nesses momentos os discursos me incluíam pelo não dito e ao mesmo tempo me excluía nas salas de aula que passei, já que as lanternas dos passarofes, não focavam em mim. Às vezes, dava vontade de acender nem que fosse um palito de fósforo, só para dizer que estava ali, que eu existia.

Em protesto imaturo decidi me vingar, e iria criticar a academia e os passarofes por esquecerem de mim, não era possível que mais uma vez seria abandonada e excluída, como fizera meu progenitor. Fiz o estado da arte das produções que as psicólogas e os psicólogos estavam produzindo sobre as lesbianidades. Foi quando, felizmente conheci Sandra Rickmann Lobato, minha orientadora de TCC; ela disse: “querida, vá fazer terapia”.

Fiz dois anos de terapia para conseguir o manejo ético entre pesquisadora e a sapatão militante, saber o que posso criticar por cientificidade ao invés de rancor pela vida pessoal, o que não excluem minhas mazelas sociais, já que minha vida também faz parte do todo.

### *2.1.3 Girando o campo profissional*

*Minha ciranda é adulta  
A vida ensina errado  
E nos cobra da forma culta*

---

<sup>23</sup> Escolhi a Gestalt para abordagem terapêutica. É uma abordagem de base fenomenológica, existencial e humanista, valoriza a expressão humana pela arte, pelo contato e organismo (RODRIGUES, 2011), daí explica até a inclinação com a etnografia e posteriormente com a análise do discurso.

(Raoany Ribeiro)

Trabalho desde os 10 anos, minha irmã (7 anos) e eu desenhávamos “papéis de cartas” e vendíamos por 00,30 centavos; 00,50 centavos e os mais bonitos por 1,00 real. Ajudava a mamãe a comprar comida. Daí em diante, panfletava, fazia trabalho para as colegas, limpava a casa da minha tia etc. quando completei 19 anos, já segundo semestre da Universidade, fiz meu primeiro estágio como *Staff Center* no Prepara Cursos Profissionalizantes, era uma espécie de aprendiz de psicóloga e vendedora ao mesmo tempo, aos 20 trabalhei por seis meses em uma farmácia de manipulação como estagiária de Psicologia e finalmente, com o mesmo cargo, fui para a Consultoria Executiva Recursos Humanos todas estas experiências em Belém/PA.

Também na mesma cidade natal, trabalhei na Executiva e fiquei lá quase para completar 22 anos; com 9 psicólogas maravilhosas, elas me ensinaram o que é de fato, um trabalho em equipe. Atendia clientes de prestígio e renome industrial. Fiquei conhecida pelo meu alto desempenho e por fazer os laudos em tempo recorde e com qualidade; fiquei lá por pouco mais de um ano, para entender que nunca mais voltaria para aquela área da minha formação.

Estava promovendo emprego para pessoas, mas o perfil que me faziam selecionar era deveras agressivo a meus valores, desisti quando pela terceira vez chamei uma candidata excelente, e pela cor da sua pele não a selecionaram para terceira e última fase da vaga, não havia desculpas que eu pedisse que me fizesse sentir menos ‘suja’, por participar desse sistema que lutava e luto tanto para desconstruir.

Sobretudo, para não passar fome, tive que voltar a essa área de novo, então, trabalhei no mesmo cargo em mais duas empresas, uma de transporte de valores e a outra uma consultoria. Adoecei, as insônias voltaram. Minha avó materna me explicou sobre a vida e sobre o trabalho, me recuperei e voltei à

tona. Não posso esquecer que antes dessas duas últimas; trabalhei como Auxiliar Administrativa de Análise de Sistemas na Compar (Coca - Cola) - Belém/PA, minha área era a Manutenção Industrial, foi divertido, era cortejada todos os dias por alguns admiradores quase secretos, que se modificavam toda semana, sabia que tinham dois que eram eletrotécnicos, um mecânico e o outro era lubrificador de *video jet*. Sentia-me a mulher mais linda do mundo, talvez porque nesta área eu fosse a única, mas, esquece essa parte. Infelizmente tive que sair para fazer o estágio obrigatório e aí foi o pesadelo que falei acima.

Todos esses percalços valeram muito para o meu aprendizado, pois depois de formada, meus empregos foram lindos, o primeiro foi: Psicóloga de Recursos Humanos em uma escola de formação para jovem aprendiz, e tive a oportunidade de ser passarofe nessa mesma instituição, ministrando o módulo de Relações Humanas. Simplesmente foi paixão à primeira vista, e ali descobri que assim como minha mãe que é pedagoga e minha avó historiadora, queria ir para a sala de aula viver essa ciranda. Já havia ministrado palestras, feito treinamento com vendedoras, mas nada se compara a ministrar aula. Recapitulando, todas as experiências que tive foram em Belém do Pará, até chegar ao Paraná.

Após isso, tive uma experiência deliciosa com a Escola de Conselhos do Pará, sendo Educadora Social e era responsável por um curso de Especialização na Universidade Federal do Pará campus Belém, na sede da Escola de Conselhos. Era temporário, queria que durasse mais tempo para eu ter aprendido mais.

No final das contas, com 24 anos fui pelo Núcleo de Atenção e Apoio à Família (NASF), trabalhar no município de Santa Maria do Pará, um interior que ficava a 3 horas de minha casa (Belém). Viajava em uma van clandestina (porque era mais barato) três vezes na semana; eu era a única Psicóloga daquela região

que atendia no posto de saúde e fazia visitas junto com os Agentes de Saúde. Era chamada de *Doutora*, e por mais que eu falasse que não tinha feito doutorado, eles diziam que isso significava respeito pela profissional que eles atendia e não exatamente pela formação. E até parece que eu não gostei. Senti-me finalmente, muito importante e muito respeitada; ganhava farinha, imagens de santa, galinha viva, abraços, sorrisos, gratidões e uma imensa saudade no peito. Lembro de todas as centenas de pessoas que atendi e de suas histórias. Essas pessoas foram as minhas Doutoradas da vida.

Deixei esse emprego que tanto amava para seguir com meu sonho de ser passarife. Pedi um empréstimo de minha avó, para que ela investisse na minha viagem ao Paraná, curioso a etimologia da palavra Paraná ser a mesma do Pará, mas familiaridades à parte; vim tentar o Mestrado em Educação na UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Sobre tais questões, aqui em Beltrão, sempre tem uma pergunta chave: “O que você veio fazer para cá?”. Resumindo, minha irmã percebeu que a UTFPR de Francisco Beltrão tinha o curso de Engenharia Ambiental muito elogiado pelo mercado e resolveu realizar a matrícula, depois meu irmão veio da Itália desejando uma cidade tranquila e longe de grandes perigos para o filho pequeno, logo após nossa mãe e minha irmã menor também. A mãe abandonou um concurso efetivo, casa e tudo mais, para ficar finalmente, perto dos filhos. Mas, faltava a “gordinha”(Eu). Então, o convite veio quase que como uma ordem, para que viesse tentar o Mestrado nessa cidade, camuflando a verdadeira intenção da mãe, que era unir a família novamente.

E eu não tinha outra opção senão dar tudo de mim para conquistar a vaga e a passarife Giseli Gagliotto, ou melhor, Passareli Gagliotto; acreditou em minha competência, bem como me deixou ser integrante do LABGEDUS (Laboratório e Grupo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidades). Com

muita emoção e orgulho da minha família, resolvi cursar.

Vale lembrar que no SEU – Projeto de Extensão (UNIOESTE), ganhei meu segundo prêmio de melhor poesia, Sobre o tema Extensão para quê? Extensão para quem? Título: Eustenio e a Extensão. Isso, onze anos depois do primeiro prêmio de poesia. Depois de um tempo estudando na UNIOESTE e conversando com muitos acadêmiques, percebi que havia demandas urgentes que envolviam tanto aspectos familiares, sociais, psicológicos no geral, quanto demandas acadêmicas.

Conversei com minha passarofe e ela me indicou conversar com a passarora (diretora) da área de Ciências Humanas, a passarofe Sônia Marques, ou melhor, Passarônia Marques. Depois de algum tempo, a passarofe Vanice Schossler (Passarice Schossler) me chama e disse que tinha a mesma ideia e que queria concretizar um projeto de apoio psicológico aos acadêmiques. É quando surge o GAPAC (Grupo de Apoio Psicológico aos Acadêmicos) com psicólogas voluntárias e com muita vontade de trabalhar. Que é um projeto que veio para promover saúde e qualidade de vida para essas passarunes, fazendo-se então, grupos de apoio, de acordo com cada demanda analisada pelas psicólogas (todas são do gênero feminino).

Mas, voltando ao assunto, hoje, com 27 anos, consigo trabalhar o tema de lesbianidade com o reducionismo fenomenológico necessário para interpretar os símbolos e significados que são adubações e inadubações no processo da pesquisa de campo, sendo esta sobre a análise do discurso. Quis continuar com esse tema, pois já tinham produções científicas sobre, e estudando a historicidade de Francisco Beltrão sobre sexualidade, me interessou o desafio de dar visibilidade ao como a violência contra passarunes lésbicas do Ensino Médio está sendo trabalhada nos processos educativos pelas passarofes de uma escola urbana e a outra do campo, dessa cidade do Paraná.

Enfim, tudo conspirou para que eu viesse morar aqui, deixei tudo, deixei minhas avós. Minha avó paterna (vovó Carmita) em uma de suas intuições me disse que eu iria ajudar muita gente a ser feliz, minha avó materna (minha *cabôca* cheirosa), que me criou; também diante de suas credices, disse que ela via um futuro azul na minha vida, era uma luz azul muito linda; disse que chegava a lhe “arrupiar” os cabelos do braço. Até então, venho tentando sentir, descobrir e viver o sentido e o significado profundo desta cor. São as mulheres da minha vida pelo o que sou hoje, em memória delas.

#### *2.1.4 Impactos, Choques e estranhamentos de corpos e espaços*

*Minha identidade  
é o reNascer  
Assim como rio...  
que nunca é o mesmo  
e sempre vai Ser...  
(Raoany Ribeiro)*

Sobre todas as diferenças da minha cidade para esta que estou morando atualmente, sobre os impactos – sabe aquela ideia de choque cultural? Então, ela existe na prática. Quando cheguei em Francisco Beltrão no Paraná, sul do país, por ter vindo de avião, e ter passado quase cinco horas dentro de um, não conseguia escutar, as familiares que me receberam estavam com um olhar de profunda saudade e alívio. A falta de audição, fez com que eu me atentasse às suas expressões. Havia um tom de nostalgia e desespero.

Associei esse momento e voltei na época de quando vi o olhar de meu irmão ao voltar de Padova da Itália, lá estava, retornando de seu doutorado. Voltou barbudo, com um filho nos braços, que eu ainda não havia conhecido pessoalmente. E percebi que não importa onde tu estejas; sua terra é sua terra, e qualquer resquício dela, cheiro, gosto, vestimenta, música, sotaque, pessoas, tudo isso vira em um tom macro, quando esse reencontro ocorre e se está distante.

Dia 26 de Novembro de 2017, completei dois anos morando em Beltrão. O primeiro impacto foi com a coloração, simplesmente de tudo, as folhas das árvores são mais claras, talvez pelo tempo seco. As folhas da minha cidade são verdes escuras, talvez pelo tempo úmido, com chuva quase todos os dias depois das duas da tarde. O tom de voz, o tom de pele, o tom das músicas sertanejas. Em sentimentos românticos e tristes, junto à minha vivência com minha esposa e seus traços negroides, fiz a poesia que depois virou música:

**Para Ela de Barros**

Quem vai do Norte para o Sul  
Pisa com os pés descalços  
no espinho açu.

A preta de cabelo ruim  
É alvo do frio sua dor  
Inveja branca que só  
Daquilo que é  
daquilo que for

Quem tem sangue cabano  
Não se esquece  
A luta da terra quente  
Permanece  
Em sua pele sente, nasce, morre  
Cresce  
Tece nas teias encaracoladas  
De uma prece

Do cabelo breu, enaltece a sua flor  
A leveza daquilo que é, daquilo que foi de seu belo rancor

Quem é índia preta *acaboquece*  
Quem balança na rede se abastece  
Dos sonhos de voltar pra terra enobrece  
Cantos de um coração que de tristeza adormece

E como um gélido olhar, espelho profundo do rio sua cor  
Levanta cansada, dos morros, da estrada daquilo que canta seu fel, seu alvor  
Apetece a certo ponto o que tenho por ti,  
o que chamo de amor...  
(Raoany Ribeiro, 2016).

E mesmo a tanto pelejo, as cores do céu, e o zoom das estrelas, me

confortaram; fui ao Parque Marrecas e é o lugar que mais me agrada, por me fazer lembrar minha cidade natal. Ficar perto daquele lago é poesia, é um encontro consigo e com os outros que ali buscam paz.

Lá têm pessoas caminhando, pedalando, andando de skate, fazendo exercícios, dando ração para os marrecos, tomando chimarrão, quentão (vinho quente), pinhão, cerveja, pipoca, sorvete, tocando músicas no violão, andando de *slack line* e às vezes conversando sobre seus relacionamentos. O que lembra muito a Praça da República, ponto turístico no centro da cidade, em Belém/PA.

Penso que estava demasiadamente fixada com comparações e associações, ainda não havia saído dessa fase. Não sei se era uma maneira de ser fiel ao lugar que me criou, ou se era uma maneira preconceituosa de limitar minha percepção para o novo, ou os dois, ou ainda o medo de perder minha identidade e esquecer quem sou, e/ou uma proteção contra algum tipo de violência que possa sofrer. Daí surgem muitos questionamentos, sobre se mudar minha vestimenta, meu sotaque, minha alimentação, fazer a divisão do lixo, será que vou deixar de ser quem sou? Será que deixarei de ser paraense? Será que serei considerada paranaense?

Sei que é simplesmente impossível deixar de ser quem sou e ao mesmo tempo, completamente possível, afinal ser e estar é um dilema existencial de identidade e processos de subjetivação, mas mesmo me tornando outra personagem de mim, ainda seria eu. E não, não seria paranaense, apesar da etimologia da palavra ter a mesma origem, significando mar largo, ou rio grande, ou largo... A resposta é não.

Mesmo tão estudante da teoria de personalidade, a minha humanidade me colocara em apuros sobre essas questões, me punha em dúvidas que me faziam mais sensível no entendimento até mesmo dos outros, mas não, não me aceitaria outra para me igualar aos paranaenses, sentiria como se fosse uma traição aos

meus conterrâneos e muito menos, me aceitariam. Mas continuei minha saga.

Então, procurei comidas típicas. Era estranho, pois quando perguntava para os moradores daqui sobre comidas típicas, eles não respondiam de prontidão, demoravam a responder, pensavam bastante e falavam sobre o chimarrão e pinhão, e que nos finais de semana, às vezes comiam churrasco. Comparando novamente, o Norte do país possui a culinária mais diversa do Brasil, então, quando alguém pergunta qual comida típica temos, respondemos como que num susto, rápido e preciso... Tacacá, Maniçoba, Vatapá, Pato no Tucupí... Têm as frutas também, queres saber? Há, e têm as cervejas artesanais, têm as músicas, as danças culturais, como: o carimbó, lundu, siriá, brega... e aí para terminar essa prosa, demora bastante.

Algo que senti falta de Belém - as conversas longas com gargalhadas, muitas brincadeiras. Pelo menos era uma *sofrência* divertida. Essa *secura* de Beltrão não era só climática, muitas pessoas (principalmente em lojas) não sorriem muito, mais friamente quando tu estais com roupas simples, não tem cara de europeu e não tem sobrenome conhecido. Menos no SUS (Sistema Único de Saúde), no SUS na UPA (Unidade de Posto Atendimento) os profissionais de saúde são muito educados e nos tratam muito bem, lembrando que essas representações foram da cultura urbana na cidade.

Tal descrição faz lembrar Pesavento (1995, p. 2) quando retrata sobre a história cultural do urbano, e é por este viés que pretendo dar prosseguimento ao texto, como também será utilizado o termo da representação,

A utilização deste conceito, que implica o retorno a Durkheim e Mauss (Mauss, 1969), tornou-se uma categoria central para as análises da nova história cultural. O conceito, em si, envolve uma série de considerações, a começar pelo pressuposto de que a representação implica uma relação ambígua entre ausência e presença. No caso, a representação é a presentificação de um ausente, que é dado a ver segundo uma imagem, mental ou material, que se distancia do mimetismo puro e simples e trabalha com uma atribuição de sentido.

Pechman (1992, p. 7) traz à tona a questão do quanto o imaginário pode influenciar na arquitetura e nas ações de um povo, de um grupo, de uma cidade, como que a ideologia capitalista se instala como um troféu de modernidade, que para isso, ocorre, por exemplo, a destruição de coisas e pessoas, em benefício simbólico de outras coisas novas e outras pessoas, como a *varredura des pobres* (PECHMAN, 1992) fenômeno este que ocorreu do centro da cidade de Porto Alegre nos anos 30, como inclusive, ocorreu em Beltrão, a varredura des índies artesões (PECHMAN, 1992) da praça central. Como um código de roupas para vestir no verão na *loja do 2,00* e ao lado, no *Oba Oba*, como os cabelos, os rostos e as chaves de carro nas mãos em uma se tornam invisíveis e na outra loja visíveis. Quais sensações são geradas? Que representações são sentidas e percebidas? Onde estão es negres dessa cidade, que não sejam es imigrantes africanes, es natives? Quem são es pioneires? Quem foram es posseires?

Mas voltando ao início de tudo, oportunidade de estudar no Sul do País, e o status que isto traz para meu currículo, já que a riqueza é desenhada do joelho para baixo do Brasil, ainda devo pesquisar de onde vem a ideia de sulistas de que eles sustentam o Brasil, e que suas riquezas vão para o Norte-Nordeste (coloquei estas palavras juntas, pois norte e nordeste para a maioria dos sulistas é a mesma coisa).

E assim, achando que eu era nordestina, índia, só morava no mato e tinha jacaré como bichinho de estimação. Para mim não seria ofensa, entretanto, o sentido que é proposto é pejorativo. E elies, do Sul es gringues, evidente.

Algo que descobri ao longo de passeios pela cidade, a ser expresso nas próximas duas fotos. Algo a ser observado, é que não encontrei nada do tipo, como cores de representação alguma bandeira estrangeira, na Escola do Campo pesquisada.

**FIGURA 4 - Calçada de Francisco Beltrão**

Fonte: Acervo da autora (2016)

**FIGURA 5 - Bandeira da Alemanha**

Fonte: [http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-731443593-bandeira-da-alemanha-paises-\\_JM](http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-731443593-bandeira-da-alemanha-paises-_JM) (2012).

As calçadas pintadas com as cores da bandeira da Alemanha, e, uma cidade religiosa, com um Cristo parecido com o do Rio de Janeiro, só que menor e algumas Igrejas. Sobre as cores, inicialmente pensei que fossem as cores da bandeira Beltronense. Foi um ligeiro engano.

Conheci duas igrejas, uma muita bonita, mas escondida, conhecida como Igreja de Pedra e a outra a que fica no Centro a Concatedral Nossa Senhora da Glória, na praça Suplicy, ou Calçadão como é popularmente conhecido, cujas grades externas têm flechas apontadas para cima, chamadas de Pontas de Lança; paredes fortes com algum estilo romano, ou melhor, que lembra a

arquitetura italiana, ambas.

Sobre as igrejas, construíram uma torre com relógio na ponta, o monumento foi construído no meio de 2016, com sons de badaladas de sinos estridentes de uma em uma hora e canções cristãs. Ouvi muitas reclamações dessa imposição sonora, que não foi votada pela comunidade, apenas colocaram um relógio com som eletrônico de sino, no qual se consegue escutar pela cidade inteira. Depois de muitas reclamações abaixaram o som, mas não cessaram, todavia, para a comunidade e para mim não foi 100% ruim, apesar das intenções de propaganda, de repetições para fins de lembrete e ponto reforçador da igreja.

Percebi, sobretudo, que muitas pessoas ao escutarem as badaladas, sorriam, como se sentissem tranquilas, como se aquele som lembrasse do divino e acalmasse de alguma maneira, trazendo paz e segurança. Para mim me serviu de ponto de referência, pois devido à sua altura, nunca mais me perdi em Beltrão, pois a torre do relógio me guiava, como a constelação do Cruzeiro do Sul faz com os navegantes; onde eu me encontrava na cidade e a cidade se encontrava para mim.

Entretanto, quando subi na torre do relógio, percebi que tinha uma percepção de 360° da cidade. Dava para ver tudo, as casas, os prédios, as pessoas, os morros, as árvores. Tive uma *awariness*<sup>24</sup>, uma percepção sensorial, algo visceral. Veio-me a mente, de novo, a imagem da Torre de Sauro do filme *Senhor dos Anéis* (2002), projetei em minhas fantasias a imagem de Foucault, com uma camisa branca colada ao corpo, meio que sorrindo. Sim, ali estava a torre panóptica de Francisco Beltrão/Paraná. Ali estava a referência de disciplina, vigília, o poder cristão sobre os bentronensies. O enunciado dos

---

<sup>24</sup> Concentração do contato é o fato de está plenamente presente, ao comer, ao falar, propondo exercícios corporais como a cura de neuroses, como "identificação e assimilação como antídotos da projeção nas neuroses e nos sonhos" (D'ACRI *et al*/2012, p.23)

ponteiros do relógio, a ordem dos números. Por quais motivos giram para o lado direito? O sentido do som, da música (iniciou com uma música da igreja católica), os discursos circunscritos, os dispositivos da moral. Entende-se por moral,

um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. Com essas reservas podemos chamar código moral esse conjunto prescritivo (FOUCAULT, 1984, p. 26).

Soube-se inclusive que para a construção do relógio, teve recurso federal e da prefeitura da cidade. Logo, o dinheiro dos brasileiros, sendo cristãos ou não, contribuíram para uma das torres mais altas do mundo. Segundo Tomasi (2016) foram investidos 1,3 milhões de reais para a construção toda. Fico me perguntando, qual seria a utilidade real pensada para a construção dessa torre? Um ponto turístico? Uma simbologia marcante para a cidade? Para onde iam os 20 reais que eram cobrados para subir na torre? Por quais motivos depois do mês de junho, deixaram de cobrar a quantia? Enfim. Questões que quando tiver mais tempo vou atrás das respostas.

Sobre a outra igreja, a igreja de pedra, localizada no bairro Industrial, me lembrou castelos e a antiguidade; na sua lateral tem uma arquitetura que parecem guelras de peixe ou costelas acústicas, pois, se ficar entre elas, ou no centro de uma para outra, assobiar ou falar mais alto um “oi”, com a boca para cima, podemos escutar levemente, um eco entre as paredes, ninguém me falou para fazer isso, fui lá e fiz intuitivamente e deu certo, foi lindo.

### *2.1.5 – Contradições Histórias e Amizades por Familiaridade*

*[...]A maioria iludidos são  
Pois se acham os pioneiros da região*

*Esqueceram, ou não souberam  
que índios e “caboclos”, não ganharam um tostão  
Nem considerados humanos eram*

*Lá estavam em primazia  
Desde as primeiras capitânicas*

*Roubaram suas riquezas  
sem qualquer permissão  
Nas fontes literárias  
A omissão*

*Embranqueceram a terra preta  
moreno do Mouro, pardo pardal  
tratados como boi, como animal*

*Nos campos e na urbana periferia  
Um grito de tormento  
Sem alento*

*Ainda morrem pretos,  
índios que batem tambor no escuro,  
no silêncio*

*Axé pra quem é de axé  
Amém pra quem é de amém*

*Mas para direitos  
Quando se estuda  
Percebe que o Brasil é laico  
O triste é saber que o “bom senso”, é  
extremamente arcaico*

*Imoral*

*Classista e racista  
Não entra na panela  
Quem não é dizimista*

*E aí surge a pergunta:*

*Quem escolhe a NECESSIDADE nessa cidade?  
Porque, ao contrário da humildade  
A igreja e a economia dão as mãos em  
irmandade? [...]*

*(Raoany Ribeiro, 2016 – Pseudônimo Arawaque).*

Quando cheguei, final de 2015, até início de 2016, uma praça que possui a igreja católica de referência, e que é conhecida como Calçadão; era circulada pelas feirantes, hippies que vendiam seu artesanato e índies-artesãos da etnia Kaingang também; estes últimos, advindos de uma cidade chamada Mangueirinha, foram mais uma vez, violados pelos interesses do biopoder.

Então, em 2017 os kaingang foram convidados a se retirarem (expulsos) pelo atual Prefeito. Construíram um espaço no calçadão somente para os feirantes locais e mesmo o local sendo público, são proibidos vendedores ambulantes e sem autorização da Prefeitura. Ainda ninguém que eu tenha conversado, sabe os motivos exatos dos Kaingang não conseguirem autorização para trabalhar, como todos os outros. Ora, os motivos outros que criaram a partir do preconceito étnico-racial instalado.

De qualquer maneira, é uma cidade que mesmo com os impactos, ou choques culturais, existem pingos preciosos de amizade e riqueza de assuntos para pesquisas científicas. Principalmente no que se refere à identidade deste povo.

Beltrão tendo 64 anos, ainda não tem algo estável para se sentirem seguros ao falar. Os jovens menos ainda. Quando são perguntados sobre a história de sua cidade, simplesmente não sabem; quando são perguntados sobre os monumentos que existem no calçadão principal dessa cidade; o silêncio é lei.

Escutei muita gente que nasceu em Beltrão, dizendo que é italiano; alemão ou polonês, conhecido também popularmente como *polaco* e isso me causou estranhamento. Foi quando resolvi investigar, e o que descobri, é que possuem descendência, e que se alguém da família nascer branco, com cabelo claro, ou olhos, eles fazem referência a esses países, como se tivessem nascido lá.

O que estranhei mais ainda, é que eles também não sabiam a língua

italiana, nem da Alemanha, enfim, se diziam de lá, não sabiam a história de Beltrão, nem do seu Estado, nem do Brasil e nem dos países que se diziam nascentes. É estranho, mas também, não posso comparar em igualdade, pois minha cidade natal, Belém do Pará, tem 400 anos, então a identidade já tem uma base sólida e histórica que nos dá obrigação de saber.

Mas, para, além disso, nas escolas públicas de Belém e particularesse estuda em geografia e história, muitas demandas do Sul e do Sudeste do País, e até hoje me pergunto pelo o que a geografia da região Sul, em especial, Francisco Beltrão, não explica com firmeza para seus alunos que a região Norte não é o mesmo que a região Nordeste, e que Belém, não é o mesmo que Bahia.

Por falar em Bahia, aqui quando fazem algo de 'errado', ou alguma 'besteira', falam que estão fazendo "baianagem", ora uma forma costumeira de retratar os males do Brasil no Nordeste, tão banalmente aceita pelos sulistas. É uma maneira cruel, preconceituosa e racista de não assumir que sulista erra ou faz besteira, então, criar uma palavra para coisas ruins, utilizando a palavra Bahia é no mínimo ter certeza dos sintomas da fantasia hegemônica europeia criada desde à República, com a cultura sanitarista (Mello *et al*, 2010) ideológica imposta.

Por falar em racismo, minha mãe, que tem fenótipo indígena e negro, foi hostilizada em muitas lojas; em um clube perto de sua casa, e muitas vezes no local de trabalho. Essas situações não aconteciam com tanta frequência na minha cidade, e quando aconteciam se criava um movimento de combate significativo e imediato.

E, ainda, percebo que aqui se importam muito com *status*, com a marca do carro, com a marca do celular, da roupa, com o tom de pele, com o tipo de cabelo, da descendência, do Estado que nasceu etc. Sobre o Estado de nascença, é necessário pontuar uma vivência em especial.

Ocorreu-me algo bem conflitante, sobre o Estado em que nasci. Perdi uma vaga de bolsa, para atuar em um projeto de extensão; pois uma candidata paranaense entrou com recurso, dizendo que eu não poderia assumir o cargo, por eu não ser desse Estado e não ter me formado no Paraná. E que, esta informação estava no edital. Mesmo minha inscrição homologada, e ter tirado em primeiro lugar com 100% da nota total. Resolveram cancelar o concurso e realizar outro.

Ainda insisti um pouco nessa situação, dizendo que era discriminação e que era ilegal, enfim, depois escutei as minhas lembranças do que minha avó já me falou: “às vezes minha filha, recebemos livramento, e às vezes, não precisamos nadar contra a corrente, precisamos apenas, arrumar uma forma de não morrer na queda da cachoeira”. E foi o que fiz. Continuei estudando o município de Francisco Beltrão. E eis que me encanto com um monumento intrigante.

*Jeca, Jeca, Breca, Breca  
Jeca, Jeca, Jeca, Jeca  
Mais lascado que tu  
Só a mulher levada da breca*

*Apenas sobreviveu por um fio  
Dos trem mau Versus trem bão  
Dizendo: - óia os Zé Brasil!*

*Quem vem veio  
Quem foi não voltou mais  
Este “ordem e progresso”, sem amor não tem freio  
Desde posseiro, jagunço e capataz*

*Como julgar quem é bonito, quem é feio?  
Quem é louco, quem é normal?  
Se o lucro é o verdadeiro  
dono das “verdades” e da “moral”*

*Uma hora, vagabundo Sem Terra  
Outra, os heróis, os Posseiros  
E ainda hoje, na mesma quimera  
Outros são julgados a baderneiros*

*Mas e a senhora? Que é mãe e agora, nona  
Muito mais cansada dessa zona*

*Ela também, de mão grossa  
Pelejada, do bravo da roça  
Acorda antes do sol fusco  
Pelo galo que canta no susto*

*Eis que o colono, sertanejo,  
saco roxo das trincheiras  
Descaso vívido ao pelejo  
Vai abrindo as porteiras*

*Do alvor e da alvorada  
Do campo para a cidade  
Pega os pano, pega as tralha  
Rumores de felicidade*

*E quando no asfalto chega  
A solidão bate na porta  
Sem passarinho na janela  
Saúda a lembrança daquilo que volta*

*E volta, volta sem jamais esquecer  
Mesmo com o tanto que teve a sofrer  
De onde veio e para onde foi  
Resistiu à domaço do Estado  
que os fazia de boi*

*(Raoany Ribeiro - 2017)*

**FIGURA 6 – Monumento à Revolta dos Possseiros**



Fonte: Acervo Pessoal (2016).

A poesia acima foi inspirada nas histórias cotidianas que escuto dos beltronenses conhecidos, o como os camponeses eram tratados como os novos escravos do Brasil com espancamentos morais, psicológicos, materiais e algumas vezes físicos, se tratando de jagunços.

Após toda transição política, o novo regime democrático não realiza as grandes aspirações por liberdade e direitos que marcaram os movimentos de resistência. A criminalização da dissidência e dos movimentos populares em períodos não ditatoriais tem sido uma constante (mesmo que não seja excentricidade brasileira): o mito do trabalhador imigrante como revolucionário, tão bem estudado por Michael Hall, os anarco-sindicalistas entre 1900 e 1920, os comunistas nos anos de 1930 ou 1945, os sindicatos urbanos e rurais na década de 1960, os trabalhadores sem-terra na década de 1990. Toda mobilização popular operária, camponesa (lembramos que as Ligas Camponesas de Francisco Julião, no nordeste, foram bastante reprimidas antes do golpe militar de 1964), toda “violência defensiva”, como dizia Hebert Marcuse, tende a ser impedida pelos agentes do Estado por meio de um uso recorrente da violência legal, muito mais amplo do que o recurso à extralegalidade “normal” do Estado (PINHEIRO, 2001, p. 268).

O que o autor Pinheiro (2001) resgata, é antes e durante a ideia da poesia, pois esses colonos em que me reporto, são os posseiros que lutavam por pedaços de terra para construir suas casas e plantações; seus alimentos para subsistência, não tinham saúde, saneamento, escola, segurança, apenas a vontade de sobreviver com o pouco que tinham.

O único monumento fotografado que não faz parte do Calçadão é aquele que tem os touros em alto relevo, os outros todos fazem parte desta área, que segundo o site da Prefeitura de Beltrão (2017), o calçadão surgiu em 1988, em que ocorreu a reurbanização desta avenida. Projeto realizado pelo arquiteto Dalcy Salvatti, criando desta maneira, o que hoje conhecemos como calçadão, que segundo a prefeitura é “Palco de grandes eventos e promoções sociais e artísticas”. Em vida, Júlio Assis Cavalheiro recebeu grandes homenagens pelas contribuições em prol do desenvolvimento do município entre elas o nome da principal avenida “Júlio Assis Cavalheiro”. Segundo o Jornal de Beltrão (2014),

ele foi um dos principais empreiteiros da CANGO (Colônia Agrícola Nacional General Osório).

Sobre o monumento da Revolta dos Posseiros e ao GETSOP (Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná), é marcante o quanto a memória falada, fornecem crédito apenas aos ditos descendentes apenas de europeu. Uma suposta salvação branca, que veio para esta terra trazer a prosperidade, liberdade, igualdade e fraternidade. Estes três últimos, são devido à forte influência Maçônica junto es Rotarianes que dominam a cidade em comércio, política e posses de terra.

Sobre a luta pela posse de terra “foi a base da colonização no Sudoeste do Paraná e sua história não ocorreu pacificamente. Na historiografia da região, estão inscritos os embates travados nessas terras em diferentes períodos da história nacional e regional” (SILVA, 2010, p.1).

Faz-se necessário lembrar que já habitavam estas terras do sudoeste paranaense, desde o final do século XIX, indígenas, caboclos e também argentinos interessados na riqueza natural – erva-mate e madeira, além de refugiados maragatos que buscavam sossego; desempregados sem terra da Ferrovia São Paulo – Rio Grande e, mais tarde, derrotados da Guerra do Contestado<sup>2</sup>. Pessoas que passaram por experiências de dificuldade quanto às suas sobrevivências, trouxeram-nas enraizadas consigo para estas terras. Determinação e coragem que podem ter se manifestado nos seus descendentes na forma que estes sentimentos estiveram evidentes nos sujeitos sublevados da conhecida Revolta dos Posseiros de 1957. Nestas terras férteis, com valiosa reserva florestal nativa, porém litigiosas, migrantes, descendentes ítalo – germânicos, grande parte oriunda dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, se tornaram posseiros. Esses pioneiros aliados à população, que já vivia nesta região, vivenciaram confrontos com companhias de terra que se instalaram posteriormente (1951-1957). Estas companhias tinham como objetivos comercializar e obter lucros, o que gerou muitos conflitos que culminaram no levante agrário conhecido como “A Revolta de 1957”, na qual posseiros e seus aliados – radialistas, profissionais liberais, comerciantes, entre outros, - expulsaram as companhias e foram vitoriosos (SILVA, 2010, p. 12-13).

Por aqui se esquecem des Gês (etnia indígena), des Kaingang, des bugres (miscigenação de índie, negre e branque), cabocles es que são lembrades são

apenas es gaúches e catarinenses junto a suas famílias. Vale ressaltar que o papel da mulher nestas histórias é completamente inadubada, basta olhar para os desenhos no Monumento e tentar achar alguma. Com muita dificuldade, no Monumento que tem um carro de boi, localizado no bairro da Congo, percebi o que parecia uma, devido à vestimenta diferente, mas sempre retratadas como mães e esposas, nunca como lutadoras e participantes da luta por terras e sobrevivência, ora, pois, não é o que parece quando converso com idosas de Beltrão na fila do SUS quando vou me consultar nos postos de saúde.

Contaram-me algumas lutas com espingarda contra jagunços e contra onças, protegendo seus filhos e a si mesma, vi histórias de mulheres com problemas de coluna, justo pelo trabalho pesado de uma vida arejando terra, plantando milho, feijão, batata, dentre outras comidas para a sobrevivência. Outras, descendentes de bugres, falaram que seus maridos, já falecidos, não foram tão românticos quanto deveriam, que eram vítimas de agressões, traições, estupros e submissões de cárcere privado, elas sendo índigenas, caboclas, foram muitas porque queriam uma vida melhor ao lado de homens de olhos azuis, e outras foram obrigadas a isso. Muitas lutaram, morreram pela terra, e os monumentos, esquecem-se dessas guerreiras de saia, braços fortes e mãos grossas.

Perguntei uma vez, na fila do posto de saúde, para uma senhora de 72 anos, que fora uma das primeiras passarofes de Beltrão (por felicidade do destino), ela dizia que as mulheres não podiam fazer nada. Que até as compras eram os homens que faziam; as mulheres só saíam para comprar tecidos para costurar suas roupas. Mas que havia algumas poucas que eram mais bravas e que protegiam suas casas, já que lá era o lugar que ficavam mais tempo. Ela disse que em todas as portas, do lado, encostado em um canto, tinha um facão bem amolado, se caso soubesse manuseá-los.

Ela disse que os jagunços eram clientes de seu pai, que vieram convidades a Beltrão por saberem construir casas. Ela dizia que eles não faziam nada com a sua família, mas quem fosse revoltado, faziam atrocidades como jogar uma criança no ar e pegar com um “facão”, matando a criança ou cortando alguns membros, estupros roubos e espancamentos, além de ameaças e torturas psicológicas. Seu pai fez o primeiro moinho de vento de Beltrão, pois não existia na época na região, para isso teve que ficar um pouco longe do centro e não sofreu muitos impactos econômicos. Foi uma das famílias que foi privilegiada. Segundo a senhora “graças a Deus”.

Perguntei como eram as festas, como faziam para se divertir. Ela disse que não era sempre que se tinha uma viola e um chimarrão para cantarem e se divertirem, pois tinham que trabalhar muito. Mas que ora ou outra, as famílias se reuniam e trocavam comidas e bebidas. Era algo mais família. Na época não tinham os rolês como existe hoje em dia.

#### *2.1.6 - Os rolês de Bell City*

Rolês é uma palavra que aprendi em Beltrão, utilizada geralmente por jovens universitárias para designar “festa”, “saída”, “balada” etc. Dois lugares do centro da cidade que mais estive frequentando, foram A Conveniência do Plets e Bar do Beto, localizados na Av. Júlio Assis Cavalheiro.

Revendo o texto, soa como um reclame e um desabafo, e muitas pessoas podem me perguntar: “mas se não está gostando, por que está aqui então?”. Minha avó materna respondeu uma parte dessa pergunta, bem, a outra parte foi quando comecei a sair de casa aqui em Beltrão e quais as opções de diversão: bares, restaurantes, festas etc. E, no centro existe algo que me agradava (desde o ocorrido de violência moral contra mim, devido a minha orientação sexual, por parte de um segurança que trabalha lá por perto, não quis frequentar mais o local, nem proximidades), existem dois bares muito

frequentados e conhecidos. Um é chamado de Bar do Beto, e o outro de Plets, o Bar do Beto existe um perfil de público que em sua composição são: passarunes da UNIOESTE, tanto de graduação quanto de mestrado, pessoas com faixa etária de 19 a 60 anos, mas a maioria acima de 25, motoqueiros barbudos e muitos deles LGBTFóbicos. Mesmo assim, ocorre algo curioso, muitos clientes fazem o efeito “zigue-zague”, indo do Beto para o Plets, do Plets para o Bar do Beto, dependendo muito da energia de cada lugar.

No Plets, vão os estudantes de graduação da UTFPR, são jovens, maioria de 18 a 25 anos; sustentados pelos pais, que vieram “só” para estudar na UTFPR, dançam bastante, vale ressaltar que bebida alcoólica é mais barata. Também é como se fosse um *ghetto* LGBT, lá é como se fosse tolerada a presença da comunidade homossexual.

No Bar do Beto, existe certa rivalidade entre os “motoqueiros do rock” e as “bichas afetadas”. Os motoqueiros aceitam as lésbicas, tanto com estereótipo masculino e feminino, mas mostram, nitidamente o incômodo com as transexuais, travestis e homossexuais de sexo masculino com estereótipo feminino.

Todos e todas fazem muito barulho. Os motoqueiros furam os carburadores, que ao chegarem no rolê, impossível não olhar diante do barulho terrível causado, arrotam alto, cantam alto, quando algum amigo chega depois, se jogam no chão, se abraçam, gritam, carregam no colo, enquanto a comunidade LGBTIQ+, grita com as maquiagens, salto altos, roupas, beijos, unhas e cabelos originais. A comunidade LGBTIQ+ ignora os motoqueiros, mas os motoqueiros não conseguem parar de olhar para a comunidade LGBTIQ+.

As músicas que tocam no Bar do Beto são: Rock, Punk Rock, MPB, reproduções de músicas de Caetano, Novos Baianos, Maria Betânia, Secos e Molhados, ora, quanta ironia, gostar tanto de música nordestina e em alguns

momentos não respeitar essa cultura, como os ditos da “baianagem”, por exemplo.

Os rolês da periferia são os bailões, inclusive, já morei perto de um. Ao mesmo tempo em que se via uma grande variedade de pessoas, pretas, brancas, heterossexuais, transexuais, travestis, gordas, magras, baixas, altas, gente com mais idade, gente jovem, com muito dinheiro e outras nem tanto, via-se o dúbio de paz entre as diferenças e grandes demonstrações de violência movidas a álcool e frustrações amorosas.

### *2.1.7 - Vivências que somaram para a Pesquisa de Dissertação*

Por falar em cultura, muito me interessa este tema, não à toa que utilizo este cunho metodológico para a pesquisa de dissertação, ou seja, a pesquisa é de abordagem etnográfica, no objetivo de interpretar as práticas de docentes quando eles se deparam com o assunto ou acontecimento sobre lesbianidade.

A fenomenologia na educação propõe uma reflexão exaustiva sobre o método, sobre a demanda, sobre a interação do sujeito com os fatos, com o outro, com as coisas ao redor, são constituídas com as “etapas de interpretação e compreensão do fenômeno”, consistindo em três categorias: descrição, interpretação, reflexão e ação. (FAZENDA, Org. 2000, p. 66). Essa leitura fenomenológica, também nos ajudou a exercer o método do discurso. Não pelo método ter base fenomenológica, mas pelo fato da fenomenologia propor percepções holísticas nos fenômenos que possam surgir.

Refletir sobre nossos métodos para que não deixemos à ética de lado, é o mínimo exercício de *civita*, sendo esta a reflexão da moral, deste caso, científica, nem se distanciar das nossas práticas de pesquisa. Nesse sentido, tentando ser fiel ao método utilizado, não dá margens para críticas como essa, pois há que se colocar inteiramente na pesquisa, para fins de interesse pessoal,

manipulando resultados e/ou favorecendo suas crenças e valores, me parece mais uma atitude antiética de caráter pessoal, do que exatamente acadêmica. Sobretudo, algo tão complexo, os códigos, ética e moral. Repassamos o que Foucault (1984, p.29), fomenta sobre a moral e o controle de nossos corpos.

Se de fato for verdade que toda “moral”, no sentido amplo, comporta os dois aspectos que acabo de indicar, ou seja, o dos códigos de comportamento e os das formas de subjetivação; se for verdade que eles jamais podem estar inteiramente dissociados, mais que acontece deles se desenvolverem, tanto um quanto o outro, numa relativa autonomia, é necessário também admitir que em certas morais a importância é dada sobretudo ao código, à sua sistematicidade e riqueza, à sua capacidade de ajustar-se a todos os casos possíveis, e a cobrir todos os campo de comportamento; em tais morais a importância deve ser procurada do lado das instancias de autoridade que fazem valer esse código, que o impõe à aprendizagem e a observação, que sancionam as infrações; nessas condições a subjetivação se efetua no essencial, de uma forma quase jurídica, em que o sujeito moral se refere a uma lei ou a um conjunto de leis às quais eles devem se submeter sob pena de incorrer em faltas que o expõem a um castigo.

Existe o que simbolizamos com as nossas experiências e a experiência com a sociedade em que convivemos, por este motivo para algumas pessoas, o belo, são soldades, para outros a bem-querida da poesia de Safo<sup>25</sup>, estas questões englobam gênero, época, sexo, sexualidade, idade, território, enfim a cultura, aquilo que simbolizamos a partir de consensos subjetivos e sociais; assim se caracteriza a etnografia.

*Partilho da convicção* daqueles que consideram o descrédito da autoridade um dos problemas essenciais postos por uma atmosfera social que se tornou progressivamente irrespirável. Essa circulação anêmica, esse ar viciado, muitos observadores os diagnosticaram na nossa situação. Muitos sabem, igualmente, que não mais basta falar. Os próximos meses irão requerer escolhas. Creio que chegará a hora em que as opções fundamentais deverão se manifestar por atos e invocarão as nossas responsabilidades. Essa exigência pode ser avaliada pelo descrédito que atinge nossos “quadros de referência” oficiais e atesta uma mutação do crível (CERTEAU, 1995, p. 24).

---

<sup>25</sup> Safo foi uma filósofa, poeta, dançarina e Mestre grega da ilha de Lesbos, nome da ilha que deu origem a palavra Lésbica, poeta lírica, escrevia sonetos para suas discípulas que também eram amantes. (COSTA, 2011)

Diante do que Certeau (1995, p.23) em tom profético; escreveu essas referências, esses padrões que se colocam como legítimos, ou oficiais que se retroalimentam no combate com as outras possibilidades, nesses gritos, nessas discursões, muito gás carbônico é emitido; diminuem o oxigênio e o ambiente fica cada vez mais rarefeito, as partículas cada vez mais separadas e ao mesmo tempo necessitadas umas das outras, enquanto os modelos a serem seguidos se desbotam, o crível se fragiliza cada vez mais, e essa inconstância vai nos pressionar providências imediatas.

Sobre tantos enfeites na história, essas reflexões ironizam os livros de história, e por pensar em história, como percebemos algo tão simples, como Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau, nas suas conotações de desobediência seguida de estupro; sobre a crença de que o boto engravidava as ribeirinhas num encantamento, escondendo que não havia luz nem segurança nas palafitas, para identificar que o boto rosa, era o homem branco que vinha de longe nas navegações e estupravam as nativas cativas pela crença do boto encantando, menos penoso pensar que algo quase divino lhe marcou a vida, assim como as histórias de heroísmo dos gaúchos, da revolta dos posseiros. Sobre esse último, há vários questionamentos sobre quem gerou a revolta, quem de fato estava revoltado, para quem deveria servir e para quem serviu? A educação que das beiras de rio, veio do campo para a cidade e da cidade para o campo no território brasileiro, sobretudo, deve ser escavado com veemência.

### *2.2.1 Ensaios de Historiografia da Educação*

Lombardi (2003, p.9) é um pesquisador da área da historiografia e, conceitua em sua produção citada abaixo, a historiografia adaptada à educação.

A historiografia da educação é um campo de estudo que tem por objeto de investigação as produções históricas e por objeto de estudo o educacional. Apesar de ser um campo recente, a historiografia da educação praticamente reproduziu as características da produção historiográfica, com trabalhos onde a produção no campo da história

educacional é de caráter descritivo, com ênfase nos aspectos formais da produção (tema, período, fontes, etc.); mas também possuindo alguns trabalhos que fazem uma análise dessa mesma produção a partir de seus pressupostos metodológicos e teóricos. Certamente cabe e é necessária a pesquisa historiográfica que analise a produção sobre as instituições educacionais.

Neste sentido, percebemos que não é somente um levantamento de dados e fontes históricas, mas a análise de suas metodologias, contextos e teorias, de maneira crítica e atenta. Haja vista que a historiografia acusa intenções outras por detrás de descrições das “realidades”. Exemplo: quando leio um texto do autor Wachowicz (1985) sobre a história do Paraná e outros, nos quais colocam os índies como atrasados e bárbaros em relação aos outros povos. Não é excluir a importância da produção do autor, mas ser crítica quanto aos métodos de interpretação dos dados pesquisados.

É necessário avaliar os discursos e os dispositivos de poder que estão por trás destas fontes, que são

requisitos fundamentais para a produção e sistematização do conhecimento histórico. O trabalho de levantamento, catalogação, identificação e interpretação das fontes são elementos contribuintes da pesquisa histórica e representam o alicerce para a preservação da memória histórica. Dessa forma, a compreensão do conhecimento acumulado historicamente e da própria História são condições indispensáveis tanto para a produção de novos conhecimentos, quanto para evitar a sua mera reprodução, ou até mesmo sua manipulação em favor de determinados segmentos da sociedade. Portanto, conhecimento é poder (CASTANHA *et al*, 2008, p.15).

Ora, não revisitar o passado? Afinal “o passado, nunca é demais repetir, é uma realidade inapreensível” (LOPES; GALVÃO, 2001, p.73) e ainda limitada. As autoras problematizam algo deveras intrigante, quando escrevem corajosamente que todo conhecimento é mentira, na medida em que só tomamos conhecimento daquilo que o passado quis que fosse memorável. Bem, mentira ou não, a certeza que temos é que sempre estarão incompletos.

### *2.2.2 Brasil: Escola Urbana, Periférica e do Campo*

“Brasil” palavra que não existe origem certa em sua etimologia. Corante? Ilha? Madeira? Polêmica da imprensa Internacional? Barzel e brasil? Será que se originou de uma linguagem dos antigos hebreus e fenícios para designar uma cor avermelhada, que tinha a ver com as cores de uma tinta. Ou a preferida da mestranda, que surgiu por meio de uma ilha mitológica da Irlanda, chamada Hy Breasail:

também chamada Hy Brasil, Hi-Brazil, Hybrazil, I-Breasil, Brazil, Brazille, Brazir, Brazi, Brazie, Bracil, Bracir, Bacil, Berzil, Braxil, Braxili, Buzille, O'Brasil, O'Brassil e Brisilge, é uma ilha mitológica irlandesa que foi representada em muitos mapas do Oceano Atlântico de 1325 a 1865. Sua localização mais usual é a sudoeste da Irlanda.[...] a ilha invisível chamada Hy Breasail, imaginada como uma terra de prazer perpétuo e festejos, análoga aos Campos Elísios da mitologia grega, onde Breasal reina sobre os mortos privilegiados, originalmente os heróis que perderam a vida em batalha.[...] Em 1500, o Brasil como lugar mítico já estava presente no vocabulário dos povos do ocidente europeu há muitos séculos. Mas mesmo após a consagração do nome Brasil para o continente descoberto, a ilha mítica permanece na cartografia, como no mapa de Fernão Vaz Dourado, de 1568 (GLASMAN, 2011, p.942-944).

Fico imaginando quais motivos de não nos ensinarem isso na escola. Continuando, a madeira; sobre a origem da palavra Brasil pela vermelhidão da madeira pau-brasil, extraída uma tintura vermelha para tecidos, chama em inglês de *brezel wood*, mas segundo a autora esta palavra já era associada a tinturas vermelhas.

O que nos traz à reflexão do porquê na bandeira do Brasil não ter a cor vermelha. Fizemos algumas poucas pesquisas (pois não queríamos nos aprofundar, apenas levantar algumas curiosidades imediatas), mas não encontramos nenhum material como artigo, dissertação ou tese que falasse sobre uma cor vermelha na bandeira do Brasil. Mas em um vídeo do aplicativo *Youtube* pelo canal do **Xadrez Verbal** (Que atende por este pseudônimo), sobre o título: *Vermelho na bandeira do brasil (já teve!) - História e simbolismo*, revelou que já teve sim vermelho na bandeira, representando a revolução

francesa, como também as cores, preto, branco e vermelho, representando a negritude, os brancos e os índios, dentre outras representatividades, como significados de lutas sangrentas, igualdade etc.

Sobre a polêmica da imprensa que Glasman (2011, p. 949) expõe e a palavra Barzel e Brasil, a primeira e a segunda remontam a palavra de origem hebraica diante da palavra barzel que por sua vez significa 'ferro', "e para reforçar a teoria, apresentava dois argumentos linguísticos: o pau-brasil também era conhecido como pau-ferro e a expressão "tão duro como o brasil" era corrente na época".

A bandeira do Brasil, em que no símbolo são representados os Estados e o Distrito Federal nas estrelas projetadas em um globo azul, representando o céu, um céu visto inclusive, no Rio de Janeiro no século XIX, recordamos dessa informação, devido em meu Estado ser muito ressaltado o significado das estrelas da bandeira, ser conhecido pelos conterrâneos por Estrela do Norte, aquela que fica solitária por cima da faixa que tem a inscrição de Ordem e Progresso, inclusive, a bandeira como um todo não é ensinada nas escolas.

Tu leitora; leitor ou como queira ser chamada, pode ter se envolvido nestas reflexões, mas também, poderá ter um pensamento crítico, do que tudo isso tem a ver com a pesquisa em si, com a problemática, com lesbianidades, processos educativos e a metodologia da pesquisa. Bem, a pesquisa, como muitas vezes foi colocada, se remete a uma adubação holística, omnilateral (todas as lateralidades, ou todas as variáveis), abrangente, logo o que aqui é trabalhado, é uma escavação de muitas minúcias pela importância do todo, e não como mera soma das partes, como diria Goldstein (1995). É, sobretudo, inspiração das leituras de Foucault (2000), Geertz (1989) e Beauvoir (1968), nes quais exploram o que podem, nos processos de reflexão e pensamentos crítico-filosóficos. Desta maneira, como seria a nossa educação, se fosse

pautado na curiosidade e sede por tantas escavações?

Entretanto, antes de começar a escrevermos sobre a educação, é importante conceituar a palavra Urbana. Segundo Lefebvre (2001) há diferenças bem concretas sobre a cidade e o urbano, o rural e o campo. De maneira direta, a cidade é morfologicamente o material e o urbano é morfologicamente o social. Entendemos por material, o espaço, as matérias, os tipos de território, a arquitetura etc. E o social, como os costumes, maneiras de falar, de se comportar, de vestir-se etc. Da mesma forma, para a diferença entre o rural e campo, sendo o rural, o espaço material em si e o campo a morfologia social, essas estruturas culturais.

Sobre a cidade e o urbano, Arantes *et al* (2000) revelam em seu livro *A cidade do Pensamento Único Desmanchando Consensos* que o capitalismo sempre teve projetos de retroalimentação com percepções ambiciosas para a cidade, o espaço em si, com o passar das gerações foi adaptado para fins comerciais e cada vez mais competitivos. Não à toa, a arquitetura brasileira ainda hoje, é pautada em modelos europeus, ora tão claro que a atenção internacional sempre foi bem quista. Entretanto, Esta centralização de capital, resulta no aumento das periferias.

Segundo Corrêa (1986) por intermédio das leituras de Clawson (1970) e Sinclair (1967), apresentou um esquema sobre o processo do como surgem, afinal, as sub-cidades, ou periferias.

A periferia urbana tem sido usualmente considerada como aquela área da cidade que em termos de localização situa-se nos arredores do espaço urbano. Trata-se de uma faixa periférica que, a cada momento que se considera inclui: a) áreas que se acham urbanizadas e nos limites do espaço urbano contínuo; b) áreas onde a urbanização ainda é incipiente, coexistindo com áreas de agricultura, ora intensiva, ora extensiva, que então marcada por uma forte esterilização. Em realidade, pode-se falar em uma periferia suburbana ou suburbano simplesmente, e em uma periferia rural urbana (CORRÊA, 1986, p.71-72).

Esta “limpeza” social sempre se fez presente entre os animais, por exemplo, no sentido de preservar a espécie, mas principalmente quando se trata de comida. Poderíamos dizer que o capitalismo tem em sua base o medo da fome? Uma necessidade primária e pela complexidade humana, criaram-se justificativas inteligentes em manipulação para naturalizar que existem pessoas que merecem mais o mundo o que ele pode oferecer, do que outras? Não sabemos se essa teoria já existe, mas valemos de uma reflexão espontânea sobre tais questões, sobre a necessidade de separação. Mas o que seria a periferia? Ficaria entre a cidade e o campo? Seria um meio-rural, meio-urbano? Meio-campo, meio-cidade?

O processo de esterilização do campo do campo na periferia urbana, processo este que permite passar de uma área plenamente rural para, em primeiro lugar, uma periferia rural-urbana e, em um segundo momento para uma área suburbana. No meio desse processo há uma faixa, maior ou menor, de esterilização (CORRÊA, 1986, p.71-72).

Este processo que ocorreu nos países europeus, também se suscitou em Francisco Beltrão, diante das leituras de Corrêa (1986, p. 73),

a periferia urbana tem sido objeto de práticas territoriais das classes dominantes. Práticas que se traduzem em práticas complementares em relação às outras partes do território nacional. Estas práticas na periferia urbana estão inseridas, de um lado, no processo de acumulação de capital, seja através da incorporação e produção imobiliária, seja através da extração de uma renda fundiária, seja através da utilização de terrenos baratos para implantação industrial e de serviços diversos. De outro insere-se no processo de controle social através da reprodução segregada das diferentes classes sociais e suas frações. Ambos os aspectos, acumulação e reprodução, são interdependentes.

Sobretudo, a escola urbana e a Escola do Campo, possuem suas identidades específicas, conforme suas morfologias sociais. Entretanto, como falar de escola, sem falar de educação e sociedade? Logo,

alguns responderão que a educação é responsável pela direção da sociedade, na medida em que ela é capaz de direcionar a vida social, salvando-a da situação em que se encontra; um segundo grupo entende que a educação reproduz a sociedade como ela está; há um terceiro

grupo de pedagogos e teóricos da educação que compreendem a educação como uma instância mediadora de uma forma de entender a viver em sociedade, mas pode e deve servir de meio para a efetivação de uma concepção de sociedade. Esses três grupos de entendimento do sentido da educação na sociedade podem ser expressos, respectivamente, pelos conceitos seguintes: educação como *redenção*; educação como *reprodução*; e educação como um meio de *transformação* da sociedade (LUCKESI, 1994, p.37).

A primeira forma educacional seria encaixar as pessoas dentro dos padrões e das regras sociais, então, esta deve configurar e manter a “conformação do corpo social [...] curando-o de suas mazelas [...], dos destinos do todo social” (IDEM, p.38). Com concepções religiosas de salvamento. A educação como reprodução social, dessa forma, aponta como está atuando, de acordo com os aspectos sociais, nos quais ela está inserida, sendo crítica aos acontecimentos, mas concluindo ser o produto social dela mesma. O autor revela concepções de Althusser, que a escola é um aparelho ideológico dominante do Estado,

assim, na visão reprodutivista de Althusser, façam o que fizerem os professores – lutem, melhor tem suas práticas, melhorem seus métodos e materiais –, tudo será em vão, já que sempre reproduzirão a ideologia dominante e, pois, a sociedade vigente (LUCKESI, 1994, p.48).

O conceito de Althusser possui uma criticidade que se depara com aspectos de uma concretude social de como uma terceira forma de educação, como a educação transformadora, Luckesi (1994, p.49, grifos nossos) faz um esquema no qual retrata melhor as três como,

A *tendência redentora* é otimista em relação ao poder da educação sobre a sociedade, a *tendência reprodutivista* é pessimista, no sentido de que sempre será uma instância a serviço do modelo dominante de sociedade. Em termos de resultados, as duas tendências parecem chegar ao mesmo ponto. A *tendência redentora* pretende “curar” a sociedade de suas mazelas, adaptando os indivíduos ao modelo ideal de sociedade (que no fundo não é outra senão aquela que atende aos interesses dominantes) A *tendência reprodutivista* afirma que a educação não é senão uma instância de reprodução do modelo de sociedade ao qual serve; que, no caso do presente, é a sociedade

vigente. Uma reconhece que a educação é a instância que corrige desvios do modelo social; outra reconhece que a educação reproduz o modelo social. Em ambos os casos, a organização da sociedade é tida como “natural” e a-histórica. As formas de visão é que diferem: otimismo de um lado, pessimismo de outro. Os teóricos da **terceira tendência**, nem negam a educação tem papel ativo na sociedade, nem recusam reconhecer os seus condicionantes histórico-sociais. Ao contrário, consideram a possibilidade de agir a partir dos próprios condicionantes históricos. [...] Assim sendo, esta terceira tendência poderá ser denominada de “crítica” tanto na medida em que não cede ao ilusório otimismo, quanto na medida em que **interpreta a educação** dimensionada dentro dos determinantes sociais, com possibilidades de **agir estrategicamente**. Assim ela pode ser uma instância social, dentre outras, na luta pela transformação da sociedade, na perspectiva de sua democratização efetiva e concreta, atingindo os aspectos não só políticos, mas também sociais e econômicos.

Deve ser incômodo para as pessoas adeptas do materialismo histórico, o que vamos escrever a seguir, entretanto, o que tanto escrevemos sobre estratégia nos textos anteriores à luz da teoria foucaultiana? Esta terceira tendência citada, um dos teóricos mais conhecidos é Dermeval Saviani que ainda pelo texto de Luckesi (1994), revela a questão de pôr um exercício de um poder real, concreto, mesmo limitado para as educadoras, a partir de todos esses saberes; consideramos importante a teoria do materialismo histórico dialético para a educação, tanto ribeirinha, quilombola, urbana, do campo etc. Mas, ainda acreditamos que ao invés de haver disputas teóricas, podemos nos abrir para caminhos teóricos em grau científico de continuidade e perceber autorias e pensadoras sem fanatismo na abordagem que se segue, pois sem criticidade sobre as possíveis lacunas e imperfeições que circunscrevem em todas as teorias, não há cientificidade.

[...] A esperança estaria nos intelectuais?  
 Atrás de direitos, que lutam por mais?  
 Num Materialismo Histórico Diabético  
 Em degusto doce à teoria  
 mascado por dentes do sistema anti-ético  
 Vulgo do fel à utopia ...

Entrepranto...

Pedagogia do Oprimido, Na sociedade Rivotrill  
Viciada em comprimido, Só consegue ser hostil [...] (Raoany Ribeiro, pseudônimo Arawaque, 2016).

Acreditamos que esta rivalidade teórica só nos diminui enquanto lutadores sociais em prol de uma educação emancipatória, entretanto, o respeito aos saberes deve ser mútuo e adicionado quando deixamos de endeusar teóricas, desarmar nossas verdades supremas e perceber as coisas mesmas no decorrer dos acontecimentos do aqui e agora. Logo, pensar em uma educação, ou em uma escola concretamente crítica às diferenças, à política, à economia, à cultura é, por conseguinte, uma união de poderes desses discursos e seu melhor manejo de acordo com as construções *biopsicosóciohistóricas* brasileiras.

Os espaços (ou não) para a ação escolar também dizem muito sobre a escola e a educação em outras épocas. Que dizer na arquitetura dos grupos escolares no momento de seu surgimento em várias cidades brasileiras? O que incorporavam do ideal republicano? O que se pode inferir a respeito da vigilância e do disciplinamento moral, da disposição do pátio nos colégios, religiosos ou não? O ordenamento dos espaços faz parte da história da própria instituição escolar e a arquitetura vem sendo, cada vez mais, considerada fonte para se entenderem os processos educativos, já que é, ao lado de outros dispositivos, uma maneira de forjar homens e mulheres (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 84).

O passarife Castanha (2008, p.15-16), preocupado com a escassez de documentos e dados históricos do Paraná e em específico à história da educação do oeste do Paraná, não à toa que possui um grupo de pesquisa, pois,

Evidenciou-se uma grande carência de acervos documentais relativamente organizados na região. Municípios, escolas, sindicatos, associações, etc não tem se preocupado com a preservação da memória. Esse é um problema grave na região, principalmente se levarmos em conta a sua história recente.

Ainda no ano de 2017, o mesmo relato de escassez é reclamado. Por tais motivos, fomos à biblioteca central de Francisco Beltrão, assim como tivemos livre acesso à biblioteca da Escola do Campo. O que ajudou muito não só para fontes que retratassem a Escola do Campo, mas para a história do Paraná e

educação desse Estado, encontrou-se na biblioteca da escola, contos, lendas, folclores, comidas típicas etc.

#### 2.2.2.1 Sudoeste do Paraná e Escola Urbana

O sudoeste do Paraná é uma das regiões mais recentes do Brasil. Nas décadas de 50 para 60, eram terras que a atenção do Estado falhava, consideravelmente, portanto sem lei e sem muitas coisas essenciais como educação, saúde e segurança. Foi terra inadubada e de muitos sofrimentos e ao mesmo tempo esperança de se desfrutar uma vida digna e não somente de sobrevivência. Índios e caboclos, nesta ordem, já habitavam a região, há relatos, de que se utilizavam da terra de maneira “primitiva” ou como nômade. Foram massacrados (e ainda o são) e resistiram bravamente até onde puderam, pelas lutas das terras (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001).

Antes e durante disso, no século de 1800 e 1900 o Brasil abriu as portas para imigrantes do mundo inteiro. Afinal, a escravidão havia sido proibida, logo precisaria de mão-de-obra barata para as plantações de café, mais do que já tinham. Então, muitas famílias europeias vieram para o Brasil fugindo das guerras de seus países, da fome e miséria que estavam alastrando famílias pelo mundo inteiro (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001). Havia, sobretudo, um programa de “enbranquecimento” no Brasil, torná-lo mais ‘bonito’, *gringo, lindo, loiro, louco de amor pra dar*<sup>26</sup>.

Cheio de *gringues* italianes, famílias da Alemanha e Polônia (conhecidas no Sul como *polacos* ou *polacas*), povoavam o Brasil, mas precisamente o sudeste, sobretudo o Sul, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Depois, muitas necessidades, migraram para o Paraná em busca de terras férteis e

---

<sup>26</sup> Música estilo Brega de Mario Sena, interpretada pela banda Calypso. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/banda-calypso/gringo.html>.

felicidade<sup>27</sup>. Se es *gringues* passaram por necessidades sérias, imagina es índies e cabocles? (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001). Assim, depois de conseguirem algumas terras, o terror das pessoas que foram morar para o Sudoeste, eram es jagunços.

E sobre Escola? Bem, não se tinham nem terras, quiçá escolas. Evidente que as emergências de saúde eram o que tomavam maior atenção, pois muitas crianças morriam de vermes, frio, e adultos de muitas outras circunstâncias que envolviam falta de saneamento e segundo algumas memórias poéticas dos Concursos Literários de Poesia de Francisco Beltrão, promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de Francisco Beltrão/PR (2007), de total atenção do Estado. Logo, o urbano era o campo, o chão dos centros das cidades era de terra.

Evidente que poderia haver uma ideologia de agrupamentos des que ficavam no centro, eram organizades e tinham mais armas e suportes para proteção, des que ficavam mais distantes deste agrupamento. Entretanto, o centro, assim como o ponto de referência na física, é uma questão de perspectiva. Sobretudo, hoje essas identidades tão demarcadas fazem parte de uma necessidade de direitos pelas peculiaridades, pelas diferenças.

O queria então, em termos de território a região sudoeste? Tem uma área de 66,5 mil km<sup>3</sup>. E pelo que consta, foi dominada peles gaúches que segundo Padis (1981, p. 156) foram os “heróis” da região es que promoveram “rápida transformação, revitalizando, demográfica e economicamente, os núcleos populacionais e contribuindo para a sua multiplicação”.

Depois que saíram de suas terras, pois o progresso vindo com a industrialização não precisava de tanta mão de obra, es trabalhadores do

---

<sup>27</sup> Chegamos a essa conclusão de esperança de felicidade, por intermédio do Hino do Paraná e sobre o livro *Histórias do Cotidiano Paranaense* de Shmidt (1996), percebemos que o sentimento de habitar as terras paranaenses, era se livrar da fome e falta de recursos, com agricultura familiar.

campo iam procurar trabalho na cidade e essa já estava superlotada e o desemprego se alastrou, fazendo que ocorresse a busca quase nômade por melhores condições de vida, sobretudo pelo trabalho na terra. Foram primeiramente para o Oeste Catarinense e depois para o Paraná e depois Oeste do Paraná.

Segundo o mesmo autor,

indubitavelmente, pois, haver uma correlação muito grande entre os fenômenos ocorridos no Rio Grande do Sul e no sudoeste paranaense. Resta a indagação a respeito da magnitude numérica dessa imigração populacional. [...] os dados são incompletos. No entanto, um inquérito feito em 1960 numa parte desta região – parte essa que compreende os municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon – Acusavam uma população composta de 59,3 por cento de gaúchos; 14,1 por cento de catarinenses; 6 por cento de paranaenses; 1 por cento de paulistas; 2,5 por cento de alemães além de 15,6 por cento de nascidos na própria região (PADIS, 1981, p. 156).

Mesmo o autor não podendo generalizar os gaúchos para o sudoeste inteiro, ele estimou que pelo menos a metade da população o seja. Vale realizar a percepção de que 15,6 por cento de nascidos da própria região não acusa sua descendência ou etnia, seriam os índios e cabocles? São estas bibliografias que são ricas em informações e ao mesmo tempo faltosas, pois filtram a população que julgam por critérios de poder. São categorias que são escolhidas por resultados de exclusão pela diferença, daquelas que colaboram e não colaboram com a produção de riquezas que o mercado quer e precisa para si manter em um ciclo e giro de interesses.

#### 2.2.2.2 Francisco Beltrão e Escola Urbana

*Francisco Beltrão,  
um idoso calejado  
da erva-mate ao chimarrão  
endosso em preto cortejado  
(Raoany Ribeiro, 2017).*

As escolas de Beltrão surgiram afinal com as igrejas. A primeira aula na primeira escola feita pela CANGO (Colônia Agrícola Nacional General Osório),

foi ministrada por uma mulher, a passarofe Italina Zancan Scotti (PREFEITURA DE FRANCISCO BELTRÃO, 2017).

Colocaremos a seguir o que foi encontrado no site oficial da Prefeitura de Francisco Beltrão, aba 'História' exatamente como está no site (sem correções ortográficas). Pois se caso atualizarem o site, já temos um documento histórico preservado no como está sendo colocadas as informações neste dado momento, de maneira fidedigna.

### Quadro 1. Histórico da Educação no município de Francisco Beltrão/PR

<p><b>1</b> - “<b>Coração do Sudoeste</b>” - assim denominado pela sua localização central na região, pela liderança econômica, política e populacional no Sudoeste do Paraná -, o município de Francisco Beltrão começou como “<b>Vila Marrecas</b>”. Sua transformação em cidade foi rápida. Em menos de cinco anos do início do povoado, sem nunca ter sido distrito, a vila era elevada à condição de sede do município, em dezembro de 1952.</p>	<p><b>2</b> - O povoado começou a se formar em 1947, quando <b>Damásio Gonçalves</b> construía a primeira pensão (em frente à atual Praça da Liberdade) e abriam-se as primeiras “bodegas”, como a de Otávio Araújo, quase em frente à pensão. É que a Cango (<b>Colônia Agrícola Nacional General Osório</b>), criada em 12 de maio de 1943 (<b>Decreto nº 12.417, assinado pelo presidente Getúlio Vargas</b>) e instalada provisoriamente em Pato Branco, estava chegando.</p>
<p><b>3</b> - A pedido de <b>Júlio Assis Cavalheiro</b> e <b>Luiz Antônio Faedo</b>, proprietários da maior parte das terras da margem direita do rio Marrecas, um topógrafo da Cango (talvez Pedro Hyaudochen)</p>	<p><b>4</b> - A meta da Cango era instalar-se no meio da <b>Colônia Missões</b>, que começava no Marrecas, mas resolveu construir seus barracões provisoriamente às margens do rio, e</p>

<p>traçava o primeiro mapa da futura cidade. Em 1947, Júlio Assis e Faedo começaram a vender e até doar lotes, quase todos padronizados em 22x44 metros. E o povoado foi crescendo rapidamente.</p>	<p>acabou ficando em definitivo. Com a Cango, que assentava famílias de agricultores dando-lhes terra, ferramentas, sementes, orientação técnica, educação e assistência médica, a Vila Marrecas recebeu médico, dentista, professores, topógrafos, agrônomos, mecânicos, carpinteiros, marceneiros, o que muito contribuiu para o desenvolvimento do lugar.</p>
<p><b>5</b> - O distrito de <b>Francisco Beltrão</b> existia desde 1940, mas localizava-se no interior do futuro município de Renasença. A Lei estadual 790, assinada pelo governador <b>Bento Munhoz da Rocha Neto</b> em 14 de novembro de 1951, transformava o distrito de <b>Francisco Beltrão</b> em município, mas mudava sua sede para Marrecas.</p>	<p><b>6</b> - Em 1954, <b>Francisco Beltrão</b> transformava-se também em sede de Comarca. O desenvolvimento era grande, impulsionado pela extração da madeira e a agricultura. O que breco o desenvolvimento foi a disputa de terras, entre posseiros e as companhias colonizadoras, resultando na histórica Revolta dos Posseiros, que abrangeu quase todo o Sudoeste, mas teve seu ponto culminante em Francisco Beltrão, que era a sede das companhias de terra Citla e Comercial. Dia 10 de outubro de 1957, milhares de posseiros tomaram conta da cidade e</p>

	expulsaram as companhias, com todos os seus funcionários.
<p><b>7</b> - No ano de 1957, devido aos conflitos de terras, a cidade recebeu uma unidade do Exército. Depois foi mantida, devido à posição estratégica do município, que fica a menos de 100 quilômetros da fronteira com a Argentina.</p>	<p><b>8</b> - Para resolver o problema da legalização das terras, o governo federal e o governo do Paraná criaram, em 1962, o <b>Getsop (Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná)</b>, tendo <b>Francisco Beltrão</b> como sede. O Getsop viabilizou também a abertura de estradas e a construção de escolas, incentivou o reflorestamento, entre outros benefícios. Após cumprir sua missão, o Getsop foi extinto, em janeiro de 1974.</p>
<p><b>9</b> - <b>Francisco Beltrão</b> está na rota estabelecida pelo governo federal para ligar, por rodovia, <b>Três Pinheiros</b>, no centro do Paraná, a <b>Barracão</b>, na divisa com a Argentina. Mas ao ser asfaltado, em 1969, a rodovia teve sua rota desviada de <b>Coronel Vivida</b> para <b>Pato Branco</b>. E Beltrão receberia asfalto somente sete anos após, em 1976, por uma rodovia estadual vinda de Pato Branco (PR 280).</p>	<p><b>10</b> - Mesmo assim, apesar dos atrasos causados pela disputa de terras, pelo desvio do asfalto e tantos outros contratempos, Francisco Beltrão foi o município que mais cresceu no Sudoeste do Paraná, transformando-se no maior centro populacional e industrial da região da Amsop, que tem 42 municípios.</p>

### 11 - Homenagem a Francisco Gutierrez Beltrão

O nome é uma homenagem ao paranaense Francisco Gutierrez Beltrão (nascido em Paranaguá - 6.11.1875 - e sepultado em Curitiba - 29.5.1939), engenheiro, secretário de estado e grande colonizador do Paraná. Casado com Lavínia Trevisani, Francisco Beltrão teve nove filhos e o terceiro deles chamava-se Francisco Trevisani Beltrão. Não se devem confundir os nomes, pois a homenagem do município é ao pai, Francisco Gutierrez Beltrão. Quanto a Engenheiro Beltrão, no norte do Paraná, o nome daquele município é uma homenagem a seu fundador, o engenheiro Alexandre Beltrão (1896-1987), que era irmão de Francisco Gutierrez Beltrão.

Fonte: Site da Prefeitura de Francisco Beltrão/PR

E sobre es pioneiros, o que o Site da Prefeitura de Francisco Beltrão/PR (Pegoraro, 2017, s/n) expõe é que “Não contando os índios que devem ter passado por aqui sem deixar maiores vestígios”, os nomes mais conhecidos são todos nomes de homens. Parece-me que não havia mulheres pioneiras. Será? E sobre esses “maiores vestígios” que os índios supostamente não deixaram. Acusa o quanto a mulher, e índie, e cabocle não são contemplades pelo jornalista Ivo A. Pegoraro, que o próprio site afirma que este, é jornalista de Francisco Beltrão desde 1979, entretanto, o texto também teve o consentimento da prefeitura, esta instituição também menosprezou es pioneiros que não fossem homens de sobrenome europeu. E de todas as lideranças políticas de prefeitos a deputados estaduais e federais, apenas em 1998 houve uma deputada estadual (Site da Prefeitura de Francisco Beltrão/PR).

Não surpreende então, o Monumento dos Posseiros serem apenas *dos* posseiros, afinal, as posseiras foram completamente inadubadas. Faz-nos pensar no lema da Prefeitura: “o melhor daqui é a nossa gente”, de qual gente afinal? Logo se imagina o que é ensinado nas escolas sobre a história regional.

Sobre a historiografia de Francisco Beltrão, o autor Zatta (2016, p. 1) explicou em seu resumo o que exatamente pensamos sobre

a historiografia tradicional que discute o sudoeste paranaense, bem como a História Oral da colonização daquela região, apresenta, em sua maioria esmagadora, a “ocupação territorial” pela versão de que até meados do século XX ali se encontrava um imenso “vazio demográfico”. Nota-se que as apreciações sobre o sudoeste paranaense focaram sua atenção quase que exclusivamente no período que tange a colonização oficial da região, a partir de 1943 com a criação da CANGO – Colônia Agrícola General Ozório. A CANGO possuía o objetivo de instalar no Sudoeste do Paraná famílias de agricultores, provenientes principalmente do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, quais são reconhecidos como os “pioneiros” da ocupação humana regional. Neste contexto, o objetivo desta apresentação é discutir a versão de que a região estava desprovida de capital humano antes da chegada da colonização oficial; algo que vem sendo legitimado pela memória local como verdade, definindo os colonos gaúchos e catarinenses como os “primeiros”, omitindo a presença indígena e pormenorizando a minoria cabocla. Astucia-se como metodologia de pesquisa a análise da bibliografia pertinente, relacionando-a com peça do acervo fotográfico do Departamento de Cultura da Prefeitura de Francisco Beltrão-PR. Acredita-se, ser possível afirmar que a História oral regional, vinculada à política de memória fomentada por órgãos públicos, tem sido apresentada por uma narrativa quase que mística onde os pioneiros, são os desbravadores do sertão de araucária inóspito, desafiador e desocupado, sustentando o mito do “vazio demográfico” que omite a presença indígena e a minoria cabocla. Um erro fatídico!

Diante do ensaio da historiografia pesquisada, analisada, filtrada e interpretada, é fato que as fontes foram audaciosamente manipuladas, destruídas ou inferidas para uma fantasia romântica de heroísmo, bravura e primazia, mas como retrata Foucault (1979, p.14) no livro *Microfísica do Poder*, “a história, com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas sínopes, é o próprio corpo do devir”. É um trabalho de fato cauteloso, que alimenta a expressão “pisar em ovos”, pois requer muita concentração, certos conhecimentos, pés firmes no sentido de manter a cientificidade e ética.

### *2.2.3 Sudoeste do Paraná e Escola do Campo*

A Marcha para o Oeste, mais precisamente para o Centro - Oeste foi

realizada na época de Getúlio Vargas, para que houvesse a ocupação de terras no centro do território brasileiro. No ano de 1938, no início do Estado Novo. A intenção era incentivar a imigração, distribuição de terras para famílias que usassem conforme a necessidade do governo, construção de rodovias. Surgiram assim, muitas colônias agrícolas e vilas. Sem falar da política de exploração da borracha da Amazônia com apoio estrangeiro (WACHOWICZ, 1985).

A partir daí empresas colonizadoras de São Paulo, e Paraná, como a Companhia de Terras Norte do Paraná que ficou como organizadora pela região Oeste do Paraná, já que lá havia muitas terras sem produção para o governo, isto na década de 1920 até 1930 (WACHOWICZ, 1985).

Logo, inicialmente tudo era território campestre, o artigo de Priori et al(2012, p.75-76) resume as quatro etapas de colonização do Oeste do Paraná, a primeira pelos índios Kaikang, Tupis, Guaranis e Xetã, depois pela colonização espanhola com os jesuítas, em terceiro com a exploração da erva-mate, e depois com o que eles chamam de “colonização moderna do Oeste paranaense”.

Junto à marcha para o Oeste, a região Sudoeste, por intermédio da CANGO, também é ocupada por gaúchos e catarinenses e tudo mais que tu já leste anteriormente nesta produção. Então, depois de construírem acampamentos, igreja, e conseguirem terra fixa para a morada, construíram-se adaptações de escolas, para o letramento dos moradores.

### **III - ANÁLISE DE RESULTADOS DIANTE DOS OBJETIVOS**

Inicialmente, iremos explicar os primeiros contatos que a mestranda teve na Escola do Campo pesquisada, assim como em outras escolas de Francisco Beltrão/PR e uma de Adrianópolis/PR, para fins de aprofundar as justificativas por esta escola campestre em especial, a escolhida para as investigações dessa pesquisa.

Foi escrito um diário de campo, mesmo antes da escolha final do campo de pesquisa, então, previamente a escolher es passarofes de uma Escola do

Campo, a mestranda teve vivências com os passarunes do Ensino Médio desta escola e passarunes e passarofes de outras escolas do campo, urbana e quilombola de diferentes períodos escolares e áreas de conhecimento.

A *posteriori*, exporemos as análises das entrevistas de publique alvo dessa pesquisa; junto às investigações, diante do que os passarofes que se dispuseram a colaborar com o nosso trabalho, puderam oferecer no dado momento das visitas nas escolas e durante as entrevistas.

### 3.1 Descrições do diário de campo

Como referimos; as primeiras percepções no campo de pesquisa foram influenciadas pela teoria etnográfica, segundo Geertz (1989, p.15) “[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. Neste sentido, é essencial que se revelem as vivências diante dos diários de campo que não foram suficientes para se configurar com pesquisa etnográfica, mas o foram para realizar a análise do dito e não dito.

É uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p.20).

Não à toa, que durante vários fragmentos da dissertação, buscamos genealogias, desvendar o que pode ser tendencioso e adubar rituais da cultura e do próprio processo educativo. O que culminou no final, com estudo de caso, foi o ajustamento destas percepções para o que é discurso no conceito de Foucault, que culmina justamente na investigação dos fatos expressados a partir de uma

arqueogeneologia do saber.

Neste sentido

### *3.1.1 Diário de Campo: a Escola do Campo na ruralidade*

Antes da escolha da escola pesquisada, realizamos algumas oficinas de cultura paraense e paranaense, assim como oficinas sobre diversidade sexual por intermédio do Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade (LABGEDUS), que é um projeto que trabalha educação e sexualidade, com crianças, adolescentes e adultos. Até agosto, estávamos fazendo o levantamento teórico, então, no mês de setembro de 2016, começamos a intervenções em algumas escolas, urbanas e no campo e assim, percebemos que a que está nessa pesquisa, tivera maiores inendubilidades, quanto ao tema e por isso, contemplava melhor a problemática que estávamos como hipótese.

O início da pesquisa na Escola do Campo iniciou no mês de maio de 2017, entretanto, em 2016 pudemos conhecer uma escola urbana, uma escola urbana-periférica e a escola campestre escolhida, em 2017, pudemos conhecer também, mais duas escolas do campo, de municípios diferentes, sendo uma quilombola.

Estas visitas à escola escolhida foram essenciais para realizar a análise dos discursos e não-discursos dos passarofes em contraponto aos dos passarunes. Desta maneira, fizemos um diário de campo, com impressões e conteúdos diversos, nos quais não poderiam faltar, afinal também fizeram parte do dito e não dito da escola de campo pesquisada. Sendo o diário de campo da mestranda, foi escrito em primeira pessoa e reportado aqui, como foi escrito no diário, entretanto, retiramos os nomes dos participantes e algumas preposições que identificavam as pessoas faladas, e/ou situações que a ética da pesquisa não permite expor das pessoas analisadas e trocamos as palavras

“professores” e “alunos” para passarofes e passarunes, já que na época do diário de campo, ainda não havíamos tido essas inspirações metafóricas. Portanto, apesar de ter uma escrita mais informal não deixou de ser relevante para o processo da mestranda como pesquisadora.

- **1 - Dia 21 de setembro de 2016 (manhã e tarde)**  
**Palestra/ Roda de Conversa sobre Diversidade sexual**  
**Turma de 1º e 2º ano**

Primeiramente, iniciei a fala, com um slide, cujo conteúdo era sobre diversidade sexual. Explicando sobre expressão de gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Depois, expliquei sobre prazer, sexualidade na adolescência e sobre sexo e suas prevenções, pontuando em especial, as questões de zoofilia, que é o sexo com animais, pois diante o que a coordenadora relatou por telefone para mim, no LABGEDUS, essa prática é comum entre os colones daquela escola. Após a palestra, tivemos roda de conversa e dinâmicas.

(1º ano): Toquei violão no final com a música do Jota Quest (Ei Dor), Capital Inicial (Se um dia eu pudesse ver) e Pitty (Máscaras). (Foi a parte que eles mais gostaram e se expressaram melhor. Havia um passarune que tocou violão e tocou músicas regionais (Sertanejos).

(2º ano) Depois rolou música e violão, conversas informais depois da palestra e muitos falaram que não tinham problema nenhum com a homossexualidade, mas que tinha colegas que tinham, eles trouxeram questões do como realizar o ato sexual. A maioria declarou (de maneira tímida) não ter ainda praticado o ato sexual. (faixa etária de 14 a 17)

- **2 - dia 23 de setembro de 2016 (manhã)**  
**Apresentação Cultural – Histórias e cultura paraense.**  
**Para crianças e adolescentes**

A coordenação contatou o LABGEDUS, perguntando se poderíamos realizar alguma palestra para a semana cultural da escola escolhida, o público eram, todos os alunos da escola, pelo turno da manhã e pelo turno da tarde, com duas horas de intervenção cada palestra.

Então, expliquei sobre a colonização do estado do Pará, e a do estado do Paraná, comentei sobre alguns grupos indígenas do Pará (Kayapós, Tupinambás...) e dos índies de Mangueirinha, da etnia e sobre os bugres. Falei também da revolta dos posseiros e o quanto a mulher fez parte da história, mas foi esquecida. Mostrei mediante aos vídeos, danças típicas do Pará e comidas típicas também, falei as diferenças do Norte para o Nordeste. E também mostrei o vídeo que é um desenho da Matinta Pereira<sup>28</sup>. Foi mais bem recebido pelas crianças que pelos adolescentes. Mas todos estavam atentos, salvo os passarunos do terceiro ano que estavam no fundo da turma, tinham quatro mexendo no celular.

- **3 - Dia 22 de maio de 2017 (manhã)**

O passadire (passare+diretor) da escola foi ao Sarau Contra a Homofobia, realizado por uma colega, Gabriela Medlo e eu, no centro do calçadão, no dia internacional de combate à homofobia e dia municipal também, tanto que a prefeitura nos cedeu o espaço de prontidão, sem precisar pagar nada. Nesse evento, o passadire observou calado e ficou de fora das dinâmicas que realizei. Ao final, me convidou para realizar uma intervenção na sua escola. Realizar uma atividade com passarunos do Ensino Médio.

---

<sup>28</sup> **Matinta Pereira** é uma lenda do folclore paraense; uma idosa de vestido preto com os cabelos cobrindo o rosto, cujo ser se transforma em um pássaro (o canto do pássaro é muito alto e assustador), no qual é temida e amada. Reza a lenda que ela realiza pedidos em troca de peixe, café ou tabaco, sempre às seis da manhã ou seis da tarde, assim como faz pessoas que não respeitam a natureza se perderem na floresta. É cultuada na Wicca (Religião neopagã) como uma Deusa do submundo, que não é boa e nem má, e sim justa. Qualquer paraense conhece uma história da Matinta.

Não me pediu nada em específico, então eu escolhi ministrar algo. Sobretudo, para instigar uma expressão e demanda deles, do que eu trazer já algo pronto e acabado.

Ele me deu carona até a escola, junto com um passarofe de informática da UTFPR, meu conterrâneo ele é de Santarém/PA, ia ministrar uma oficina sobre os poderes da informática. Fomos conversando sobre grupos indígenas, sobre o folclore de Santarém, os rios e o mar híbrido, as praias. Depois falamos de alguns sites proibidos que têm conteúdos ilícitos e criminosos, como também livros que nos são censurados no mundo e no Brasil. Conteí a lenda do Taboque ou Botoque (alargador), sobre o índio que não tinha umbigo. O diretor disse “é muito legal conhecer a diversidade cultural do Brasil, é muita coisa que não conhecemos”.

- **Para o 3º ano (alguns passarunes já me conheciam da palestra de 2016)**

*Na segunda turma*

*Experimentos e Expressões artísticas*

1º turma rolou a dinâmica de apresentação dos nomes, relaxamento corporal, aquecimento corporal, exercícios de respiração. Depois perguntei: “se elies pudessem mudar a escola e colocar do jeito delies, como iriam querer?” Muites responderam que na verdade, não queriam ter as aulas, outros falaram que queriam que tivessem futebol, outros que não sabiam. Muita resistência de fala, mas as expressões eram bem visíveis, expressões de concordância e reflexão.

Surgiu o assunto da sexualidade, quando perguntei o que queriam na escola, um passarune respondeu que queria uma televisão imensa, e aí eu perguntei o que queria que passasse na televisão. Ele sorriu e não respondeu verbalmente. Todos riram e entenderam que o conteúdo seria erótico e pornô. A partir daí eu perguntei com quem es passarune conversavam sobre esses

assuntos... Perguntei se conversavam com os pais, disseram que não, e que se conversassem essas iriam dizer: “vai estudar!”. Uma passarune inclusive falou: “se eu falar o que eu sinto pro meu pai ele me mata”.

Nesta sala tinha uma passarune com deficiência intelectual e deficiência visual, que a maior parte do tempo ficou sem querer participar, quando realizei a dinâmica da peneira (feita de talo de madeira de guarumã) que é utilizada para peneirar mandioca no estado do Pará, de que a peneira tinha que peneirar as coisas ruins e ficar nela as coisas boas. Primeiro cantaram a música de carimbó (MPP – Música Popular Paraense) “[...] peneira, peneira de cá, peneira, peneira de lá [...]”. A maioria utilizou a palavra, “amor”, “amizade”, a menina com deficiência falou que queria que sobrasse a “paz”, companheirismo... Foram as palavras mais faladas.

Mais da metade da turma disse que já tinha consumido bebida alcoólica, então perguntei se os pais sabiam, disseram que não sabiam, mas que sabiam que já tinham ido para festas, alguns contaram que seus pais e avós às vezes passavam um dia andando ou a cavalo para chegar na festa. Alguns falaram esta questão de não ter transporte e as festas serem longe da casa.

O diálogo com os pais é pouco, e com passarofes também, pois só assistem aulas, escutam mais e falam menos. Elies são muito calades, pareciam desmotivades, e resistiram no início para participar das dinâmicas, só conseguiram se abrir melhor quando toquei violão e contei as lendas. Eles tinham mais reações verbais e não verbais quando falávamos de futebol, sexualidade, bebidas alcoólicas, festas, lendas do campo e urbanas e música.

**2º turma**, dinâmica dos nomes, depois a dinâmica de andar aleatório em silêncio sem encostar em ninguém, depois a dinâmica da cobra, fiz duas cobras (dois grupos de mãos dadas) que andassem na sala, sem poder se encontrar também, se caso se encostassem, as cobras teriam que se unir.

A segunda turma participou muito mais que a primeira, já entraram animadas, e nesta turma tinham mais passarunes que me conheciam da primeira e segunda intervenção. Fiz a mesma pergunta, de o que elies queriam mudar na escola. Responderam que precisam de mais apoio da direção e coordenação.

As meninas têm um time de handebol e falaram que queriam muito que conseguissem um ônibus para levar a torcida, pois a torcida é muito importante e falaram que queriam que tivessem um treinador de verdade. Os meninos falaram que queriam que tivessem futebol, que a maioria das aulas fossem físicas ao invés de ficar só na sala de aula. Achavam a aula “um saco” (*sic*). Falaram também de sexualidade, disseram que só pessoas de fora que falam sobre o assunto e que eles queriam que tivesse *WIFI* livre pra poderem pesquisar livremente sobre as dúvidas que têm, porque com es responsáveis não conseguiam conversar... dois meninos e algumas meninas que os pais falaram sobre a camisinha por conta das doenças, mas só, não aprofundaram mais nada.

Depois deste assunto, as meninas que já me conheciam, pediram para eu contar as lendas de Belém do Pará, pediram para eu repetir as histórias para quem não tinha ouvido ainda. Todes se reuniram e se juntaram, quando eu contava a lenda da Matinta Pereira, elies foram contando histórias deles sobre seres fantasmagóricos e lendas que es mais antigues contaram pra elies. Depois ao final fomos assistir o ensaio de dança des passarunes de espanhol do Ensino Médio que dançava uma música latina chamada Despacito.

Na volta, o diretor me deu carona.

Percebi que existem problemas com as idas e vindas da escola, sempre tem uma tensão para conseguir carona com alguém que vá voltar depois do almoço, ou só à tarde. Nas três vezes que fui lá, sempre aconteceu certa tensão em função do transporte de ida e vinda da escola, por ser fora e longe do centro

da cidade e as linhas de ônibus não terem horários favoráveis.

Ele deu carona para mim e para a dançarina que estava ensinando es passarunes para a apresentação da música do Despacito.

Dialogamos sobre a pesquisa que desejo fazer, por ele está tudo certo, contou uma história de que tinha um passarune com duas mães, e o quanto esse tema repercutiu na escola entre passarofes e passarunes, segundo o diretor, principalmente entre os passarofes. Depois falamos do controle do EUA sobre o mundo e até sobre a questão dos Extra Terrestres, sobre teorias da conspiração e o quanto esses assuntos são limitados, mesmo com toda rede de comunicação e acesso à informações.

O diretor, também aparentou querer saber o que es passarunes estavam falando, inclusive, ele comentou que provavelmente as meninas iriam dizer sobre o apoio ao time de futebol feminino (apesar das tradições sobre gênero feminino, o futebol feminino em Beltrão, tanto no campo quanto na cidade, tem protagonismo social, percebi isso ao visitar as outras escolas).

Ele justificou que a prefeitura só leva com autorização des responsáveis e que não daria para levar a torcida, somente es passarunes. Eu não confirmei a “suspeita” dele. Apenas afirmei que isto é complicado, mas que podia ser negociado, depois mudei de assunto.

- **4 - Dia 20/06/2017**

Vim de carona com o Diretor da escola, e percebi uma necessidade dele mostrar que sabe sobre o assunto homossexualidade e lesbianidades, expressou também certa preocupação com o conteúdo do discurso des passarofes, preocupado se iam “reproduzir algum preconceito”, foi a palavra que ele utilizou. Entretanto, expliquei que é necessário eu saber o que es passarofes realmente

pensam, mesmo que seja preconceituoso, expliquei que este conteúdo também tem sua relevância para a pesquisa, o que é dito e também o que não é dito. Assim como a resistência de participar da pesquisa, haja vista que eles mesmos falam que é um assunto delicado.

Conversei individualmente com cada passarofe (13 passarofes mais a coordenadora, umas tinham aula, outras estavam fazendo hora-atividade) de hoje e em conjunto em uma reunião (uma pausa) que tem para tomarem café da manhã.

Sempre antes de eu falar o passadire faz uma apresentação inicial e um início de fala fortificando que o tema é pertinente e que eles poderiam colaborar e somar com a pesquisa. Percebi que quando ele falou pesquisa, as expressões dos rostos mudaram. Pareciam desacreditados ou não a vontade. Com a entrevista da passarofe Gralha Azul, ( que será abordada mais na frente), foi justificada a resistência por mudanças vindo junto a palavra pesquisa e projeto. E ainda, quando o passadire também teve dificuldade para pronunciar a palavra lesbianidade, como se fosse uma difemia momentânea.

Sempre preocupado com a postura e participação dos passarofes, o passadire teve um papel que marcou o esforço pela adubação da temática, mas que pareceu mais imposição do que o desejo dos passarofes de fato quererem participar. Sobretudo, ao final, os passarofes agradeceram, apenas da resistência inicial. Acredito que o estímulo que o passadire promoveu, serviu para o crescimento acadêmico de todos. Pois, pareceu que eles esperavam algo e foi de outra maneira, que eles agradaram.

O diretor na volta falou do quanto a escola também reprime os estudantes, do quanto o passarofe fortifica preconceitos, contou um caso que havia dois estudantes nos quais suas mães se relacionavam entre si, eram casadas. E eles

eram filhos do primeiro casamento que foi heterossexual. Ele lembra o quanto isto foi polêmico na escola. Ele explicou que ano passado existia um grupo (não especificou quem nem quantos) de passarofes que era muito difíceis de relacionar, não queria realizar projetos e não queria abordar temas diversos. Ele disse que es mais antigues não queriam se abrir para o novo, e es passarofes jovens devido à formação não estavam preparades para lidar com situações novas por se sentirem insegures. Ele explicou que é diferente a teoria que se aprende na universidade e a prática na escola. Ele usou a palavra práxis.

Conversei com a passarofe Andorinha na sala des passarofes, na Escola do Campo. Ela na presença de outres passarofes ficou calada, quando es outres foram para suas aulas, e ela ficou pois estava fazendo hora-atividade, começou a contar uma história familiar. Disse que tinha uma sobrinha que era casada com outra mulher e um casal de sobrinhes do marido que o menino é gay e a menina lésbica. Entretanto fala que a família não aceita e que eles nunca falam sobre o assunto. Falou que ela e o marido têm duas filhas crianças, mas que o marido fica “cuidando”, ele quer saber de tudo sobre o que elas fazem, desejam, sentem. Ela diz que ele tem medo e que fica cuidando para que elas não “virem” lésbicas. Ela fala que não tem problema algum com a lesbianidades e acha que se as filhas fossem, ela aceitaria.

A outra passarofe, a Canarinha, que tem uma filhinha pequena, e leciona na disciplina de matemática, ficou muito constrangida quando falei do tema, disse que não entende muito do assunto e acharia que iria travar, pois não saberia se expressar sobre o tema. Eu falei que meu pai era passarofe de matemática e que não teria problema algum ela ser prática e direta, bastava falar o que pensava, sem medo de errar ou acertar. Ela falou bastante depois, disse que tinha um passarune que ela achava que era gay, mas que não conhecia nenhuma menina na escola que ela veria que seria lésbica. Estava com mais duas

passarofes que não entraram na pesquisa.

É pertinente, que as passarofes falaram que era mais fácil identificar meninos gays do que meninas lésbicas, elas também confundem gay com transmulher e *dragqueen*, contaram um caso de um estudante do ano passado que tinha 21 anos, ele se casou um homem e às vezes nas festas se vestia de mulher e se chamava por um nome feminino.

Investiguei com outra passarofe de Artes, a Quero-Quero, ela falou que também não prestou atenção se haviam homossexuais em sua turma, reparou somente em um menino que anda muito com as meninas e ele às vezes tem gestos delicados com as mãos, então, ela acha que ele é homossexual. Por não seguir um padrão masculino. Ela parecia mais a vontade que as duas primeiras mencionadas, mas ainda sim, falou sem estar na presença de outres passarofes também, assim como a Andorinha.

O passadire disse que chegou uns meninos (passarunes) e disse que uma menina (passarunes) tinha beijado outra, mas ele desacreditou, acha que foi inventado e que é mentira. Essa menina vivia agarrada com uma amiga, depois dessa história ela nunca mais andou com essa amiga.

Conversei com um passarofe de filosofia, o Bem-Te-Vi e parecia pouco a vontade, sempre movimentando para frente e para trás seus ombros, pausando a fala e parecia pensar com cuidado cada palavra que pronunciara. Ele teve reações parecidas quando falei o tema, inclusive, disse que eu gostava muito de filosofia, e perguntei qual teórico ele gosta mais. Ele não soube responder, tentou lembrar e não conseguia. Disse que era um teórico contemporâneo que fala sobre democracia, mas “travou”, ele não conseguia olhar para mim, apenas falava olhando para outras direções. Depois eu, ele agradeceu a ajuda. Ele perguntou se poderia responder apenas o questionário da pesquisa (Apêndice

4). Eu disse que sim, mas que me ajudaria muito fazer a entrevista também. Então, ele concordou em fazer. Dessa vez ele parecia mais calmo e conseguia não mais desviar o olhar quando eu o perguntava algo.

Teve uma passarofe mais antiga (uma senhora loira), a pedagoga alertou que ela seria difícil de lidar, de fato, esta é a Trinca-Ferro, contudo, foi a mais difícil somente no começo da minha apresentação com o passadire, na sala des passarofes e também na entrevista, mas depois esbanjou conhecimento de sala de aula e relações humanas. Disse que só faria se não tomasse muito o tempo dela, pois estava muito ocupada. Eu expliquei qual e como seria o processo de pesquisa e disse que estava ali para aprender com ela. Ela sorriu e disse que iria ajudar. Então marcamos para terça feira.

Conversei com es profissionais operacionais (passanáres), elies são da comunidade e têm bastante contato com es estudantes. Relataram que não conheciam nenhum caso de alguma menina lésbica na escola. Mas elas ficavam se olhando como se estivessem escondendo algo. E dizendo, “isso não tem aqui não”(sic), como “se fosse sujar a imagem da escola se tivesse, foi o que disse o passadire, comentando o ocorrido, quando me deu carona na volta deste dia. .

Neste momento citado acima, o passadire estava lá, e eu pedi para que ele que se retirasse, para que eu pudesse conversar melhor com elas. Ele queria estar presente em tudo. Estava sempre preocupado com o que e com o como elas iriam falar. Tive que explicar novamente que era importante eu saber o que as pessoas de fato pensam, e não que fizessem um discurso politicamente correto só para ficar bonito. Que era, para mim, mais importante os fatos concretos, como são, do que uma fala teórica, mas fantasiosa.

Logo no início da manhã, chegou uma passarofe mais senhora reclamando de dores nas costas, disse que só veio mesmo, pois estava com medo de ir ao

médico, colocar atestado e depois se prejudicar. Reclamou também sobre a diminuição da hora-atividade, que não dá para realizar os planejamentos e nem o que tem que ser feito e tão pouco tempo. O diretor estava na sala e concordou com os fatos. Todas as passarofes e um passarofe apareciam sempre agitados, dizendo que tinham muitas coisas para fazer e que estavam apressadas (ou como dizem por aqui, “apurados/apurades”) por este motivo.

Depois do passadire se retirar e eu ter o diálogo com es passanáres, ele voltou para dá um informe e realizar um convite. Anunciou uma festa em comemoração ao dia des passarofes, e também uma festa junina na qual eu fui convidada, entretanto, ele disse que me chamaria no aplicativo *Whatsapp* para lembrar a data e oferecer-me uma possível carona, que se não fosse com ele, seria com uma passarofe que não me recordo o nome. Entretanto, a data passou, não fui lembrada pelo *Whatsapp* e eu também não me lembrei de ir atrás da informação. Infelizmente, perdi a festa e um bom campo para enriquecer a pesquisa.

O passadire disse que es passarunes da Escola do Campo tem uns que são de assentamento (que segundo o passadire é um lugar em que era um acampamento, depois uma terra apenas ocupada, que a *posteriori* tornou-se a partir da divisão de terra, uma terra de direito) e têm outros que são de perto da região, inclusive, que inicialmente existiam muita resistência de matrícula entre es responsáveis des passarunes que não eram de terras assentadas, devido a escola estar instalada nessas terras. Perguntei se ele ficou sabendo de alguma briga entre passarunes, sobre essas diferenças.

Ele não soube dizer exatamente, mas falou que parece que é tranquilo, que es passarunes têm uma boa relação umes com outres. Falou que devido esta mistura de assentades e não assentades, o perfil des passarunes da escola é

diferente de outras escolas do campo em que a maioria são assentades. Ele disse que a maioria tem uma boa condição financeira e que a minoria é realmente pobre.

Es passarofes realizam visitas domiciliares cerca de três vezes ao ano justo para relacionar a comunidade a escola, conhecer e saber como es passarunes estão, bem como seus responsáveis.

- **5 - 27/06/2017 Vim Com o Passadire**

Conversamos sobre o quanto o refrigerante faz mal à saúde.

Cheguei ao colégio, todos deram bom dia. Encontrei uma passarofe de português que me tratou muito bem e me deu algumas dicas de leitura para que eu entendesse melhor sobre a Escola do Campo, história de ocupações e assentamentos.

O passadire percebeu meu interesse pela biblioteca da escola e disse que poderia emprestar os livros para a dissertação e me indicou alguns.

Realizei duas entrevistas hoje, a primeira com a passarofe de matemática, a Canarinha, ela disse que estava com ‘medo’ da entrevista. Depois que a entrevista terminou, ela falou que foi bem tranquilo, que apareceu mais como uma conversa, um bate-papo e não exatamente uma entrevista. Disse que gosta de “prosear”.

A segunda entrevista foi com o passarofe de filosofia, o Beija-Flor, ele escolheu a Daniela Mercury para ser seu nome fantasia (inicialmente, os nomes-fantasias seriam cantoras assumidamente lésbicas e de escolha deles). Ele perguntou se a entrevista demoraria muito. Sobre o questionário, fez uma pesquisa para poder responder a questão das lesbianidades. Estava com um papel impresso na mão sobre a sua pesquisa. Mas só utilizou o papel para

responder o que significavam os processos educativos, e falou que pesquisou em algum PCN (Parâmetro nacional curricular), mas não informou qual, disse que tinha algo sobre orientação sexual, sobre os temas transversais. Mas foi pesquisar sobre, pois antes não sabia.

### *3.1.2 Diário de Campo: a escola urbana na periferia da cidade*

- **Em 2016 Fui à escola urbana periférica, convidada pelo Passacorde (passare+ Coordenador) pedagógico**

Dilema do dia: quanto mais eu conheço mais desconheço e quanto mais desconheço mais eu conheço. Esse negócio de identidade é muito complicado.

Fui a uma reunião de passarofes, em que tinha um grupo de estudos para aprimoramentos de variados temas, como cultura, sociedade etc. neste grupo se encontravam a passadire, e o passacorde assim como es mais diverses passarofes de variadas matérias, me lembro de um passarofe de filosofia e sociologia, de duas passarofes de matemática, uma de português, outra de artes, uma de geografia e não me recordo des outres.

Fiz uma dinâmica de interpretação: primeiro coloquei sentimentos nos papeis e depois cantei uma música. Depois pedi para eles o que eles lembraram ao ouvir a letra da música. Alguns falaram que lembraram da adolescência, mas a maioria disse que parecia uma música triste.

Nos papéis coloquei sentimentos como ódio, tristeza, melancolia, preconceito, amor, ciúmes. Ou seja, a maioria dos sentimentos com aspectos negativos. E suas respostas foram conduzidas diante do que leram anteriormente.

A primeira música<sup>29</sup> (música autoral) falava de sexualidade lésbica, uma música irônica e levemente agressiva, com ritmo de rock, chamada

---

<sup>29</sup> Letra da música: Homofobia não é lesbofobia/ se beijo sapo ele não vira gia/ se beijo a gia qual a intenção?/ a gia vira sapa/Sapa então/ sapa-então/sapatão/Eu vim da ilha de Lesbos/a minha poesia é *undreground*/ dos aspectos mais sinceros/mulher nua no cais *no longe*. (Raoany Ribeiro)

LesbiUnderground.

A segunda música foi a música (Palpite - Kid Abelha<sup>30</sup>) - Eles lembraram de relacionamentos antigos, nada diretamente no presente. E ainda, relacionamentos que não deram certo.

O objetivo da dinâmica citada acima é o quanto um pequeno gesto, ou a imposição de uma palavra pode conduzir a pensamentos ruins ou a lembranças ruins, mesmo que a música não fale sobre isso. O que seria então o preconceito? Se não algo que é colocado sem fundamentação real ou reflexão crítica da letra da música, dos fatos. Evidente que apesar, de toda interpretação ter cunho subjetivo e ninguém saber totalmente o que os autores da música queriam, mas as palavras ali estavam carregadas de símbolos e significados que não condiziam com os sentimentos falados, mas condiziam com os sentimentos manipulados com as palavras de sentimentos negativos.

Desta maneira, expliquei o que queria pesquisar, sobre quais seriam os processos de maneira holística para a constituição de ensino-aprendizagem, qual seria o processo anterior, durante e presente, e ainda a possibilidade de futuro dos dispositivos da educação diante das lesbianidades cis na instituição escolar, bem como os riscos desses processos diante do que Foucault (1987) aborda. Expliquei que a intenção não era julgar e sim interpretar esses processos diante de todas as influências que contemplam o saber e fazer, o dito e não dito, o elucidado ou não elucidado.

Depois tocamos violão com música sertaneja antiga e o clima foi muito bom, apesar de algumas passarofes não parecerem tão abertas quando disse que gostaria de pesquisar as lesbianidades. Mas a maioria pareceu sentir-se

---

<sup>30</sup> Palpite - Kid Abelha: Diz pra eu ficar muda/ faz cara de mistério/tira essa bermuda que eu quero você sério/ dramas do sucesso mundo particular/solos de guitarra não vão me conquistar/ eu quero você como eu quero/ é precisa é de um retoque total/ vou transformar o seu rascunho em arte final/ agora não tem jeito/ você está numa cilada/ em cada um por si, você por mim e mais nada/ eu quero você como eu quero/ longe do meu domínio/ você vai de mal a pior/ vem que eu te ensino/ como ser bem melhor.

favorável a colaborar. Claro que foi percebido muitos olhares, de uma passarofe olhando para outra, como se estivesse entrando em alguns apuros, ou se estive pedindo alguma postura para seguir.

Acredito que essas situações adversas fazem com que a análise fique melhor, afinal entender e viver algumas diferenças me dá maior consistência nas expressões das identidades, penso que Tomas Silva apoiaria esta ideia.

### *3.1.3 Diário de Campo: a escola quilombola: amadurecer sem esmorecer*

- **15 de Setembro de 2017**  
**Voltando do Quilombo**  
**“Caiu a ficha”**

Pela disciplina Foi incrível, sou outra pessoa, tive que ir para uma comunidade quilombola chamada João Surá em Adrianópolis/PR, analisar como uma escola quilombola se organiza, ouvir as moradoras de lá, as matriarcas que comandavam a escola e a educação daquele povo. Um povo que andava mais de 30 km para conseguir estudar, um povo ameaçado constantemente pelas madeiras, um povo que mesmo diante de tanto sofrimento, nos recebeu com cuidados tão familiares à mim, que achei por alguns instantes que estava na minha cidade natal. A educação ali realmente fazia parte do cotidiano, es verdadeires passarofes, es mestries, segundo es passadire desta escola, eram as pessoas mais idosas, com mais experiência.

Tomamos banho de igarapé, conhecemos como era feita a produção de arroz no pilão. Vimos instrumentos de pesca de origem indígena, panelas de barro que são feitas apenas na lua minguante, ouvimos a lenda do cemitério que não permitia es mais jovens saírem tarde do assentamento. A lenda do porco que virava gente. Como eles aprendiam Química, Biologia e História, sempre valorizando a química que a comunidade utilizava no dia-a-dia, a biologia com as plantações, espécies de animais, corpo humano, a história de matriz africana,

Geografia em relação à importância de se conquistar a terra. Tudo adaptado às demandas e precisões da comunidade. Uma educação do futuro, eu diria.

Tudo isso para saber que essa pesquisa de dissertação não era etnográfica, e ainda, afinar minhas investigações assim como desconstruir muitos pensamentos colonizadores que impediam de caminhar com uma percepção menos eurocêntrica, afinal, escrevia tanto de sensibilidade, sobre perceber o que estava inadubado e eu mesma, tão soberba, não conseguia ver a Escola do Campo tal qual ela se mostrava.

A passarofe da disciplina no “Tópico Especial em Cultura Processos Educativos e Formação de Professores Estudos Decoloniais Relações Raciais”, a passarofe Georgina Lima, foi crucial nesta “caída de ficha” ela foi a primeira a dizer que eu não tinha vivência suficiente na escola de campo para ser ao menos de cunho etnográfica, lembrei-me imediatamente da compositora e cantora Maysa, “Meu Mundo Caiu”, mas como diz no final: “Se meu mundo caiu, eu que aprenda a levantar”; atriz tem dessas coisas de fazer drama, não é diário? Mas tirando mamãe, para mim, Georgina Helena Lima é a mulher mais linda do mundo.

Por este motivo inclusive, a metáfora da passarinha, pois es passarinhos sempre estiveram tanto nas entrevistas, quanto em todas as visitas que fiz, e nunca tinha percebido a existência delies. Então, antes ia colocar nomes de cantoras lésbicas da velha guarda para ser o nome-fantasia des passarofes, mas o que tinha a ver com passarofes do campo? De fato, aquela canarina que se pendurou na grade da sala des passarofes, sabia o que me estava “dizendo”. Assim como es passarofes pesquisades nunca perceberam as lésbicas desta escola.

Ainda fiz outras entrevistas e era nítido a falta de vontade de algumas passarofes (é engraçado como misturo linguagem inventada e a não binária com a binária, rrsr...). Antes insistia, afinal precisava ter sujeito de pesquisa. Mas

depois me dei o direito de não me humilhar tanto assim, não é à toa que têm 8 pássares/pessoas entrevistadas. (Dava para fazer um estudo de caso de cada passarofes pesquisado, seria maravilhoso, fiquei com esse desejo). Fico pensando por que é tão ruim convencer estes seres da educação a ajudarem em pesquisa científica? Que formação é essa que não valorizou a importância da pesquisa? (indignada) Não diziam “não” por completo, mas seus corpos pareciam dizer “já não tenho tempo e agora mais isso”. No mínimo triste. Depois de tanta coisa vivida em três dias de Quilombo e escuta, percebi que o caderninho (Diário de Campo) só me atrapalhava. Claro que é sempre bom registrar coisas que eu acredite ser importante, mas é muito mais eficaz, viver o momento sem pressões de análises. Depois, quando chegar em casa ou ficar sozinha, fazer as anotações cabíveis.

Enfim, depois do Quilombo, a Escola do Campo de Francisco Beltrão nunca mais foi a mesma, as cores mudaram, o cheiro do mato molhado era outro, os risos das crianças, o barulho do ônibus chegando, partindo, a grama, o balanquinho, o som de passarinhos cantando, o perfume do café servido perto da sala des passarofes, os olhares das passarunes que havia percebido os trejeitos, e confesso que é tão estranho não lembrar de seus rostos, mas lembrar da sensação de interpretar esses olhares como: “queria conseguir falar o que sinto, mas não tenho coragem”, e me sentir culpada por não ter feito algo, não poder e/ou não ter conseguido fazê-lo, pois como iria saber se aquelas oficinas foram o suficiente? Eu que estudo esses assuntos, me percebi tão impotente quanto es passarofes que disseram precisar de orientação. Sim meu querido diário, dói, é sofrido, mas a gente passa a treinar a empatia, sensibilidade e sim, a gente amadurece.

**3.2 Análise do discurso e não-discurso: Investigar as formações discursivas que emergem na pesquisa em campo e nas entrevistas.**

**Proseando em Beltrão**

Querem quê a gentê ensine “por conta”?

“Pedê” pra ele:

“Ce é calaveiro que não monta?”

Teoria mesmo é “sô pra bonito”

Porque na prática

Ninguém “mête o bico”...

Faz mais cursos “daí”!

Se é tão “bão”, pague pra mim!

Será que é só a má formação?

Será que é só “mâtê velho”

que amaRga o “chimaRão”?

(Raoany Ribeiro)

A seguir, foram criadas categorias para destacar algumas identidades, nas quais têm vasão à análise dos discursos, facilitando a investigação e interpretação das variáveis sobrepostas que são mais que signos expostos, são resultados das práticas sociais em si mesmas colocadas nas falas dos passarofes entrevistades.

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse .mais. que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2008, p.54-55).

Foucault não chegou à conclusão de “signos vazios” sozinho, a autora Espíndola (2014) faz um levantamento histórico-crítico sobre autores estruturalistas que trabalharam com este conceito e a *posteriori* desses autores, com a quebra da centralidade e limitações que carregam o signo em si. “Dessa maneira, os pesquisadores preocupam-se mais em analisar as relações entre as partes do que o conteúdo, procurando conceituá-las” (p.150). Desta

forma iremos focar, mais nas relações de poder que se emergiram nas entrevistas do que procurar significados fechados de cada sujeito, apesar de termos feitos mapas identitários, mas apenas para nos direcionar os dispositivos que percorrem dentro dos discursos.

Michel Foucault nos diz, que as linhas de subjetividade são linhas de fuga... E aí eu acho uma coisa muito pertinente para a gente discutir a questão das identidades. Se ele nos diz que as subjetividades são linhas de fuga, significa que as identidades, elas nunca estão concluídas. Elas são sempre identificações em curso. Esses dispositivos vão produzindo a subjetividade como algo móvel, algo que está em curso algo que nós estamos nos tornando (ADAMAZÔNIA AD, 2013).

A passarofe Rosário Gregolin, diz nesta entrevista, que mesmo traçando resistências aos discursos de poder, como “linhas de fuga”, produzimos nossa subjetividade de acordo com o devir, com aquilo que nos é oferecido e com aquilo que buscamos. Neste caso, diante de tantas mudanças de governo do Paraná, mudanças de maneiras de governar. A Escola do Campo pesquisada, ainda está em linhas de fuga, mas de maneira frágil, pois suas resistências não conseguiram acordos que possam dar continuidade às identidades cujos valores são **da** e **para** essa escola campestre, pois tanto há o controle dos corpos des camponesies para que se transforme ao máximo na arquitetura urbana, quanto nos costumes. Há forças de controle e biopoderes de vigília e desconstrução, causando esquecimento das identidades que fizeram a escola seria construída e aquele pedaço de chão ser conquistado.

E por escrever sobre devir, estrutura e conquista, adentremos em uma reflexão de contrates teóricos, da evolução e do resgate, das tradições benéficas da memória para o presente do futuro.

O futuro é uma imaginação do presente, ao mesmo tempo um desejo. A sua inexistência pode estar ali, como ausência, permanência, mutação. O passado vem ao futuro do presente como fantasma. Aparição que se mostra ao olhar de quem está vivo como fantasma, do grego, imagem

que se apresenta ao espírito como objeto (ALMEIDA; PIMENTA, 2010, p. 502)

Projeção de uma arquitetura de uma casa, projeção da materialização de uma ação. Nunca será igual ao que se pensou, mas terá uma memória planejada, guiando possivelmente, para que as ações se assemelham ao que já foi construído mentalmente.

Três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais. (DREYFUS; RABINOW, 2010, p.307)

#### **Quadro 2 - Informações referentes aos dados sociais dos Passarofes entrevistades**

Nº	PASSAROFES	IDADE	GÊNERO	COR	ORIENTAÇÃO SEXUAL	RELIGIÃO
1	Andorinha	39	Feminino Cis	Branca	Heterossexual	Católica
2	Beija-Flor	55	Feminino Cis	Branca	Heterossexual	Católica
3	Bem-Te-Vi	41	Masculino Cis	Branca	Heterossexual	Católico
4	Canarina	26	Feminino Cis	Branca	Heterossexual	Católica
5	Quero-Quero	26	Feminino Cis	Branca	Heterossexual	Nenhuma
6	Sabiá	24	Masculino Cis	Branca	Heterossexual	Evangélico
7	Trinca-Ferro	56	Feminino Cis	Branca	Heterossexual	Católica
8	Gralha Azul	56	Feminino Cis	Branca	Heterossexual	Cristã/Espírita

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

Percebe-se pelo quadro 2, que a faixa etária dos passarofes é de 20 a 50 anos, praticamente trinta anos de diferença, no total de 7 passarofes, todes de cor branca, declarando-se heterossexuais, com apenas duas não-católicas: uma sem religião alguma, sem filhe (s) e um evangélico, sem filhe (s) também (dois dos três mais jovens). Todes es entrevistades e até mesmo es não entrevistades eram cisgêneros. Sendo 5 do gênero e sexo feminino e dois do

gênero e sexo masculino. Não identificamos nenhuma passarofe ou em outro cargo, que fosse transexual. Vale ressaltar que temos duas exceções em relação es sujeites de pesquisa proposto.

Fazer a distinção entre sexo e gênero também se faz necessário pois o senso comum usa as duas palavras como sinônimas. Porém a conexão entre homem e masculino, mulher e feminino, não é de estrita correspondência sempre. A palavra sexo se refere a diferença biológica entre macho e fêmea, incluindo as diferenças da anatomia, da fisiologia, da genética, do sistema hormonal etc. e a palavra gênero designa tudo que caracteriza o “masculino” e o “feminino” na diferenciação entre o mundo do homem e o mundo da mulher: o físico, a anatomia, o vestuário, a fala, os gestos, os interesses, as atitudes, o comportamento, os valores. Na linguagem científica o termo gênero redimensiona o termo sexual, removendo a conotação de determinismo genital e incluindo a dimensão cultural ao se designar os sexos (GUIMARÃES, 1995p. 24).

Há uma exceção que é uma passarofe (Andorinha) do fundamental, pois antes da entrevista houve um equívoco na comunicação, na qual pedimos somente es de Ensino Médio para realizar as entrevistas, sobretudo, foi importante para realizarmos uma avaliação das diferenças do ensino médio para o fundamental em relação à sexualidade. A segunda exceção é de uma passarofe que trabalha a mais de 15 anos com essa Escola do Campo, com pesquisas, vivências e projetos. Esta última será chamada de Gralha Azul.

Todes es passarofes que estão nesse quadro, se mostraram realmente dispostes a doarem seu pouco tempo para ajudar na pesquisa, junto às dificuldades de distância, financeiras e temporais da mestranda. O que nos permitiu um melhor aprofundamento de cada análise.

Os nomes de passarinhos não foram escolhidos com o intuito de atribuir a personalidade des passarofes às características da espécie e/ou o sentido cultural que cada nome de passarinhe tem para a cultura do sudoeste. A mestranda foi colocando de maneira aleatória, sobretudo, estudando melhor estas espécies, a mestranda percebeu algumas semelhanças. Exemplo disso é a Gralha Azul. As projeções da mestranda nessa passarofe foram de um ser

lendário, grandioso, muito conhecido e bem querido pela cultura e pessoas de Francisco Beltrão. E, de fato, essa passarofe se assemelha com tantos elogios grandiosos. Percebemos então, que não foi tão aleatório assim, que existiram projeções da mestranda em relação es passarofes pesquisades e os nomes-fantasia des passarinhos.

Afinal, “ouvir é sentir a impressão causada pelo som no ouvido; escutar é prestar ouvido atento. O dicionário de sinônimos acrescenta “*Quem escuta, de si ouve diz o ditado*”, o que aponta claramente na direção da subjetividade do pesquisador” (LOPES e GALVÃO, 2001, p. 88).

Com a passarofe Andorinha, por exemplo, a mestranda percebeu movimentos e discursos de militância, o que a lembrou da frase: “uma andorinha só não faz verão”; mas que havia uma história infantil, em que dizia que os outros bichos ao verem a andorinha levar no bico a água para apagar o incêndio da floresta, se compadeceram, e passaram a ajudar, assim conseguindo exterminar o incêndio. Fora que a Andorinha consegue enfrentar a águia, que aparentemente é maior e mais forte. Assim percebeu a passarofe Andorinha.

A passarofe Beija-Flor foi uma felicidade para a mestranda, e foi justo a ela a pergunta na entrevista de qual era “o passarinho” que cantava tanto na grade da janela a sala des passarofes. E assim como um beija-flor, pareceu às inferências da mestranda; delicada e muito importante, dando conta de fertilizar vários hectares de terra com os grãos que caem do seu bico, cheios de sabedoria.

Sobre o Bem-te-vi, a mestranda lembra da música “Jardim da Fantasia”, composição de Paulinho Pedra Azul, na qual a letra segue como: “bem-te-vi, bem-te-vi, andar por um jardim em flor, chamando os bichos de amor, tua boca pingava mel”. Passarofe de “doçura” na maneira de falar, sempre sorrindo após cada pergunta feita; de presença marcante, por vezes canto suave, por vezes

canto forte, assim como o pássaro bem-te-vi.

Sobre a Canarinha, a que se fez mais silenciosa durante a entrevista, falando mais baixo que as outras, parecia que estava mais distante em pensamentos enquanto o corpo se fechava (cruzava) constantemente, como braços (asas) e pernas (penas). Assim como a canarinha, a mestrandinha projetou esta passarife como a menos percebida, mesmo sendo a única, ou uma das poucas que de fato nasceram no campo, moram no campo e ainda são passarifes do campo.

Quero-Quero é na percepção da mestrandinha, aquela passarinha que parece delicada, mas é muito valente, tendo iniciativa e protegendo seu território como nenhuma outra passarinha, ao mesmo tempo esperta, meticulosa e seu grande poder vem por intermédio do bico, ou melhor, da fala.

Sabiá foi a lembrança mais engraçada de um “trava-língua”: “sabia que o sabiá sabia assobiar?”. Refletimos depois refletiu que essas projeções eram por conta da sua pouca experiência, pouca idade e a aparência de pouca idade. E apesar de todo esse julgamento estereotipado, foi o passarife que mais falou a palavra “lésbica” e o que mais tinha conhecimento acerca do tema do que as outras. Esse Sabiá sabia assobiar muito bem.

Finalmente, a Trinca-Ferro, como ela mesma diz: “eu falo mesmo, não mando dizer”. Esta passarinha possui um bico reforçado, pareceu em suas respostas ser mais objetiva e demonstrou a força que tem com exemplos que demonstrou modificar situações conforme queria, por intermédio de iniciativa, insistência e coragem. Esta espécie também tem um canto muito apreciado pelos beltronenses do campo, sabemos disso, pelas conversas fora às entrevistas com as funcionárias operacionais da Escola do Campo, ou deveria chamá-las de passanãre ou passanãres, afinal, o que seria da escola sem essas passarinhas? No mais, a Trinca-Ferro foi a mais resistente para iniciar a

entrevista, mas no final foi umas das que mais falou.

Situando os passarofes em períodos e espaços: Beija-Flor e Trinca-Ferro nasceram na década de 60, mudanças, mas quais se pronunciavam como um “fim” de ditadura, com o Golpe de 1964 (Tão falado pelas redes sociais e mídias o comparando com o Golpe de 2016 com a ex-presidenta Dilma). Segundo Pinheiro (2001, p. 263) essa suposta democracia também tinham práticas autoritárias e “Quase não se alteraram as práticas arbitrarias dos agentes dos órgãos repressivos do Estado em relação aos grupos mais vulneráveis”. Entretanto, pela década de 70, a sociedade civil começa a se organizar novamente “dentro de um contexto de um estado de direito limitado” (PINHEIRO, 2001, p.266).

Depois de 1985, o Estado se vê diante de movimentos da sociedade civil, numa escala muito maior do que em qualquer outro momento no passado, e de uma violência epidêmica. Apesar das desigualdades da pesquisa, refletida no texto, a comparação de alguns traços comuns nessas diversas fases talvez possa dar conta das formidáveis mudanças e dos enormes obstáculos presentes para realização do estado de direito do século XX (PINHEIRO, 2001, 267).

Esse período, os passarofes Beija-Flor e Trinca-Ferro, viviam suas juventudes, e na década de 80 para os anos 90 casaram-se e tiveram seus primeiros filhos (gênero masculino), Trinca-Ferro teve seu primeiro filho com 21 anos e Beija-Flor com 30. Beija-Flor já trabalhava como passarofe e já vivia as transformações identitárias desse período para o Brasil. Desta maneira, viveram a respeitosa conquista da constituição de 1988, no qual, “O sistema jurídico é um instrumento e um reflexo da sociedade e, portanto, da desigualdade social” (PINHEIRO, 2001, 267). Nesse sentido,

A partir da década de 1970, os princípios e conceitos dos direitos humanos – tanto civis e políticos como econômicos e sociais – emergem com o surgimento de novos atores durante a ditadura até 1985. Durante as greves na região do Grande ABC, em São Paulo, no período de 1970 a 1980, os trabalhadores e moradores uniram-se em movimentos de reivindicação comuns. Já no início da década de 1980, os movimentos

sociais progressivamente vão dedicar-se à promoção dos direitos sociais e econômicos dos setores pobres da população, pois houve o crescimento da insegurança social. Não foi mera “importação” de princípios, mas a criação de temáticas e definição de novas estratégias, que tornaram a sociedade civil tanto no Brasil como nas transições políticas da América do Sul e do Leste Europeu, “a grande celebridade” das mudanças, na feliz expressão de Alfred Stepan. Novas e inesperadas relações de reivindicação surgiram como no caso do movimento em favor dos direitos dos povos indígenas, que ampliaram e prolongaram a pauta da reforma agrária. Iniciou-se a defesa dos direitos dos grupos mais vulneráveis, como as mulheres, as crianças, os negros, os homossexuais e os portadores de deficiência, e a promoção do direito a moradia, saúde, educação e meio ambiente. Essa luta da sociedade civil pelo restabelecimento do estado de direito teve como ponto de apoio os movimentos sociais. Estes, por sua vez, se basearam nas estruturas formais existentes na sociedade, como as universidades, a Igreja católica e os sindicatos. A ditadura trouxe a urgência da criação de novos meios de participação popular nos destinos do país. No final dela, uma rede extremamente dinâmica de movimentos sociais começou a ser organizada nas cidades e no campo. (PINHEIRO, 2001, 290).

O mais novo passarofe nasceu em 1993, cinco anos depois da Constituição de 1988, dois anos para frente em 1991 nasceram Canarinha e Quero-Quero, nas épocas em que as grandes lutas das “minorias” havia ganhado resultados legislativos, preocupando-se o Brasil do século XXI, na adolescência dos passarofes, com as novas tecnologias, novas mídias, redes sociais, computadores, telefone celular, do disquete para o CD-ROOM, e depois pen-drive, novas maneiras de relacionar-se com o mundo globalizado, novas maneiras de organização civil de movimentos sociais feministas, LGBTQI+, movimentos dos trabalhadores sem-terra dentre outros, tão diferentes quanto da época de Beija-Flor e Trinca-Ferro.

No meio disso, Andorinha e Bem-te-Vi nasceram em final da década de 70 vivendo a adolescência nas mudanças sócio-políticas do país. Sobretudo, todes vivenciaram as inovações de produtos, produtos importados e sentiram o impacto do que Dupas (2001, p.458) chamaria de “modernidade no vermelho”. As consequências das dívidas externas, as crises, os novos empregos, o aumento

dos cursos técnicos, os novos cursos reconhecidos de graduações, mudanças que oscilavam a renda familiar com expressões que surgiam como: “tivemos vacas gordas e vacas magras”, assinalando o quão bom e ruim se está economicamente.

Todes são sulistas e suas famílias de origem europeia advindas des imigrantes já comentades no texto não ressalvam às suas possíveis descendências indígenas e negras. Os não discursos da cultura do embraquecimento inadubando e adubando as análises. Todas essas transformações colocadas são apenas para que se perceba minimamente os momentos sociopolíticos que es passarofes passaram e estão passando.

**Quadro 3 - Informações referentes aos tipos de vínculos, às turmas, turnos e faixa etária des Passarofes entrevistades**

Nº	PASSAROFES	VÍNCULO	TURMAS E TURNOS DO ENSINO MÉDIO	FAIXA ETÁRIA DES PASSARUNES
1	Andorinha	PSS	"uma turma matutino" (fundamental)	"09 anos até 13 anos"
2	Beija-Flor	PSS	"3 turmas, 1º, 2º e 3º ano matutino"	"14 à 17 anos"
3	Bem-Te-Vi	PSS	"4 turmas, 1º, 2º e 3º ano matutino"	"14 à 16 anos"
4	Canarina	PSS	"01 turma, Sala Apoio - matutino)	Não respondeu
5	Quero-Quero	"Efetivo - não lotado"	3 turmas, 1º, 2º e 3º ano ; matutino	"14 a 17"
6	Sabiá	PSS	2 turmas; vespertino	"entre 14 e 16 anos"
7	Trinca-Ferro	PSS	7 turmas de 6º ao 9º ano (Fundamental) e 1º ao 3º (Ensino Médio)	"11 a 17"
8	Gralha Azul	Projeto de Extensão	Escola	Escola

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

O PSS<sup>31</sup> é um tipo de vínculo empregatício que tem causado muitos transtornos, principalmente quando uma escola precisa de saberes específicos e vínculos relacionais com a comunidade, como uma Escola do Campo, por exemplo. Dessa maneira, foi perguntada à Galha Azul, se o PSS era prejudicial em relação à educação campestre e se influenciavam nas práticas educacionais. Prontamente, Galha Azul afirmou: “sim, influenciam nas práticas, têm professores que mudaram radicalmente, tem gente que estranham o jeito de trabalhar, mas no início é mais difícil [...] a escola é muito descartável... o PSS só piorou isso”. Falando que a cada ano, os passarofes mudam seu comportamento e postura frente às mudanças e/ou as adaptações pertinentes ao campo, relatou inclusive que mesmo passarofes do campo, não fazem além do que ministrar aulas, “não fazem além do corriqueiro”.

#### Quadro 4 - Respostas dos Passarofes para as perguntas 1. e 2.

Nº	PASSAROFES	1. O QUE É PROCESSO EDUCATIVO?	2. O QUE VOCÊ ENTENDE POR LESBIANIDADE?
1	Andorinha	"O processo que ajude o ser humano a entender os acontecimentos e relacionar ao processo histórico	"Relacionamento entre meninas"
2	Beija-Flor	"processo de transformação do ser"	"Tipo de homossexualidade"
3	Bem-Te-Vi	"Aprendizagem teórica e prática. Os métodos de ensino. O sistema de avaliação.	"relacionamento afetivo ou sexual entre duas mulheres"

<sup>31</sup> O PSS é um processo seletivo simplificado, realizado pela SEED, para contratação temporária de professores, pedagogos, intérprete de libras, auxiliares de serviços gerais e técnicos administrativos. O candidato deve possuir escolaridade compatível com o cargo para o qual queira se inscrever. Isto é, se a inscrição é para professor, deve possuir curso superior de licenciatura, se for para técnico administrativo deve possuir ensino médio e assim por diante. Cada edital indica qual a escolaridade necessária para o cargo pretendido. A classificação é gerada de acordo com a pontuação dos candidatos [...]. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/pss/guia%20de%20inscricao/02.pdf>. Acessado em 23/06/2017

4	Canarinha	"Engloba todos os meios, formas de aprendizagem, seja família, escola, sociedade..."	"Homossexualidade feminina - relacionamento entre mulheres"
5	Quero-Quero	"Engloba os diversos processos e fases da escolarização"	"Definição para homossexualidade feminina"
6	Sabiã	"Relação dialética que envolve sujeitos que buscam construir conhecimento, sendo o professor um mediador"	"Sei muito pouco. Sentimento de orgulho sobre o direito individual à homoafetividade"
7	Trinca-Ferro	"É o desenvolvimento gradativo da educação"	"A mulher se identificar sexualmente ao mesmo gênero"
8	Gralha Azul	Sim, muito importante. Vários aspectos tem relação com a educação. Destaco um, apenas: como a educação lida fortemente com o elemento humano, deve-se superar a lógica de que o ser humano tem um padrão para ser aceito pois, o enquadramento em um padrão, com certeza, influencia o desenvolvimento e a formação dos sujeitos educativos.	"Orientação comportamental em que mulheres se sentem atraídas por outras mulheres para tê-las como parceiras sexuais e companheiras afetivas, preferindo ter com elas relações afetivo/sexuais ao invés de tê-las com parceiros homens".

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

Nesta subseção, será vinculada a teoria com os discursos dos passarofes da escola do campo que foram pesquisadas. Haverá, então, interpretações diante dos processos que permeiam a educação nas singularidades dessa escola.

Sobre processos educativos, junto ao que temos de aporte teórico, todes se aproximaram dos conceitos pesquisados. Sobre a questão do que é lesbianidades, mesmo na afirmação que não sabiam “nada” sobre o assunto, se expressaram de maneira formal e acertada ao conceito de lesbianidade. Durante a mestranda realizar essa pergunta novamente (pois antes da entrevista foi dado um questionário para responderem levaram para casa e na próxima semana eu realizaria as entrevistas), todes responderam da mesma maneira que escreveram no questionário, sobretudo os corpos, principalmente os ombros curvando-se para trás, sorrindo e a maioria, cruzando braços ou pernas, com exceção da passarofe Quero-Quero que apenas ajeitou os cabelos para atrás da orelha direita, com as pernas cruzadas em formato de X e rosto ruborizado.

O não verbal, também demonstra o quanto o assunto pode causar desconforto, que a não adubação desse assunto, não desenvolve caminhos e maneiras de fertilizar saberes e poderes ao tema da diversidade e menos ainda a um tema que fale de gênero e sexualidade como a prática lesbierótica. Então a passarofe Rosário Gregolin, adubada com os discursos foucaultianos, retrata que Foucault (2008),

vai dizer o que caracteriza um dispositivo, apesar de todo [...] dispositivo tem suas curvas de visibilidade ele precisa ter visibilidade. As prisões, por exemplo, enquanto o prisioneiro se torna invisível para a sociedade, porque ele foi enclausurado, lá no interior do dispositivo prisional, existe uma excessiva visibilidade. [...] Então esse jogo de visibilidade e invisibilidade, é algo muito importante, a primeira dimensão de um dispositivo são essas curvas de visibilidade e invisibilidade (AMAZÔNIA AD, 2017).

Assim como a escola, as prisões, os hospícios, esse jogo de poder do que é permitido e não permitido, do que pode ser adubado e do que é inadubado se revela nas respostas formais, pois em outro momento, como assim confirmaram, nunca havia falado no assunto lesbianidade na escola. As preposições que

sustentaram foi a que Trinca-Ferro comentou: “eu nunca vi mas ouvi falar de uma menina que beijou outra, mas eu não sei porque, eu não vi”. Logo, alguns assuntos surgiram, mas pareciam assuntos ultrapassados, longe daquela realidade, como se nem tivesse acontecido ali. Inclusive este fato, pelas conversas informais que tive com es passanárias; eram duas meninas no 9º ano e uma dois meses após o acontecido, saiu da escola e ninguém sabe ao certo o motivo.

Então, nos discursos, sempre existiam as curvas que apareciam e desapareciam, mudando os discursos de “não sei” para: “mas teve uma vez que...”; “tem um parente meu”. Ainda, devemos confessar, são informações recortadas, que precisaríamos de mais vivência com a comunidade, para saber de fato como são percebidas e adubadas as adolescentes lésbicas que estudam nessa escola. Pois observamos que es moradores do assentamento precisavam de mais tempo para ganhar confiança a ponto de expressar os “causos” e acontecimentos daquelas terras.

### **3.3 Análise do discurso e não-discurso: Investigar as inadubações nos discursos, dispositivos e enunciados, formação e pelo o que es passarofes expressam em relação a sexualidade, diversidade sexual e lesbianidades *cis***

As inadubações aparecem desde a pesquisa teórica até as análises de resultados, os enunciados do como se pesquisa no *Google*, por exemplo até a maneira que a pergunta é feita no questionário, revela os cuidados que se deve tomar quando um assunto é considerado delicado culturalmente falando. A ordem das perguntas durante a entrevista, foram de acordo com as demandas que es passarofes foram trazendo, junto à suas histórias e respostas provocadas por um assunto que elies insistiam em dizer que não tinham conhecimento. O que ficou exposto, em primazia, a negação dos fatos, mas com o desenvolver e o passar do tempo, as lembranças referentes à diversidade

sexual humana vieram à tona.

**Quadro 5. Respostas dos Passarofes para as perguntas 3, 4 e 5.**

Nº	PASSAROFES	3. VOCÊ CONHECE ALGUM DOCUMENTO EDUCACIONAL QUE FALE SOBRE HOMOSSEXUALIDADE?	4. JÁ CONHECEU ALGUM PASSARUNE NESSA ESCOLA COM ESTERIÓTIPOS AFEMINADOS?	5. JÁ CONHECEU ALGUMA PASSARUNE NESSA ESCOLA COM ESTERIÓTIPOS MASCULINIZADOS?
1	Andorinha	"Atualmente está sendo discutido sobre gêneros, mas acredito que não tenha nada em forma de documentos"	Sim	Não
2	Beija-Flor	Sim	Sim	Não
3	Bem-Te-Vi	"PCN's"	Sim	Não
4	Canarina	"não tenho conhecimento"	Sim	Não
5	Quero-Quero	"Sim, há essa preocupação com os registros documentais"	Sim	Não
6	Sabiá	"nada específico"	"não deu tempo"	Não
7	Trinca-Ferro	Sim	Sim	Não
8	Gralha Azul	Não	Não	Não

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

Mediante ao quadro acima, analisamos a falta de certeza se existe de fato um documento educacional que retrate a comunidade LGBTQI+, que os passarofes conhecem como "homossexualidade". Logo após esta pergunta, foi instigada a questão do estereótipo. E confirmaram mais ainda as curvas que Foucault (2008) relaciona. O que é mais adubado e perceptível são meninos com traços afeminados, do que meninas com traços considerados masculinos para a sociedade. Assim como, Foucault (1984) ressalta o quanto a "bissexualidade" masculina era exaltada, tanto em pinturas, quadros em honras ao Deus Eros e o quanto não são exaltados as práticas lesbieróticas. Lembrando

que “toda produção de sentido pode ser um discurso; o discurso pode ser oral [...], ele pode ser escrito, ele pode ser pintado, a arquitetura é uma forma de discurso, enfim, tudo aquilo que produz algum tipo de sentido” (Rosário Gregolin, 2014). E, até hoje (2018) ainda, as percepções não são voltadas não só a signos que colocariam meninas em uma categoria de lésbicas, mas a imaginação que esse tipo de relação também existe.

Este assunto culmina nas perguntas fora a entrevista, es passarofes nos fizeram: “mas profe, como eu vou saber se na minha formação não falaram nada sobre isso?”, mesmo a sexualidade sendo pautada nas relações humanas, mesmo a formação não trabalhando com esses assuntos, não calharam de pesquisar por conta própria.

**Quadro 6 - Respostas des Passarofes para as pergunta 6.**

Nº	PASSAROFES	VOCÊ TEVE ALGUMA TEORIA DA SEXUALIDADE OU HOMOSSEXUALIDADE NA SUA FORMAÇÃO?
1	Andorinha	Não recordo
2	Beija-Flor	"Não" porém ressaltou a Grécia, Alexandre o Grande e a influencia da igreja, disse que leu isto.
3	Bem-Te-Vi	"Não, apesar de grandes filósofos serem"
4	Canarinha	"Não, isso não é da minha área"
5	Quero-Quero	"Não" entretanto se Reportou aos banquetes gregos e tutores renascentistas
6	Sabiã	"alguma coisa sobre sexualidade, mas não me lembro[...] nada sobre a homossexualidade"
7	Trinca-Ferro	"Não, minha formação foi péssima"
8	Gralha Azul	Não

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

Neste espaço também será considerado que es passarofes disseram em suas opiniões como agentes da educação, se os temas acerca das sexualidades são viáveis para a escola e para a sala de aula. Iniciamos aqui com a passarofe Quero-Quero, já que falávamos anteriormente dos Gregos assim como o beija-Flor, mas ela de maneira mais aprofundada.

[...] temos tendência hoje em dia a pensar que as práticas de prazer, quando ocorrem entre dois parceiros do mesmo sexo, implicam um desejo cuja estrutura é particular; mas sustentamos – se formos “tolerantes” – que isso não constituiu uma razão para submetê-la a uma moral ou, ainda menos, a uma legislação, diferente daquela que é comum a todos. O ponto de interrogação, nós o colocamos sobre essa singularidade de um desejo que não se dirige ao outro sexo; e ao mesmo tempo afirmamos que não se deve atribuir a esse tipo de relação um valor menor nem reserva-lhe um *status* particular. Ora, parece que as coisas foram bem diferentes entre os gregos (FOUCAULT, 1984, p. 171).

Em relação ao pensamento de Foucault, principalmente no que se refere à não-submissão de um legislação específica e fortalecida, principalmente na área da educação, condiciona as respostas dos passarofes a negativas imediatas e a interrogações do despreparo acusados por elies mesmos.

### **3.4 Análise do discurso e não-discurso: Investigar diferenciações entre Escola do Campo e escola não-campestres em relação ao tema: lesbianidades cis**

Devido a algumas experiências da mestranda com algumas escolas urbanas, urbanas-periféricas e escolas campestres, surgiu a curiosidade de saber quais eram os diferentes discursos de passarunes dessas instituições, percebemos no geral, que as categorias se subdividem em Escola Urbana Estadual, Escola Urbana Municipal, Escola Urbana periférica Estadual; Escola Urbana periférica Municipal; Escola Campestre Quilombola, Escola Campestre Não-quilombola<sup>32</sup>; Escola Campestre que já conquistou a terra legalmente; Escola Campestre que não conseguiu legalizar a terra ainda; Escola Campestre com meios de produção e exportação; Escola campestre apenas com produção para subsistência. Essas categorias não foram aprofundadas, apenas percebidas de maneira sutil pela mestranda, por intermédio das entrevistas, visitas e oficinas ministradas a essas instituições escolares.

---

<sup>32</sup> Não nos referimos a escolas indígenas ou ribeirinhas e sim para as escolas do campo de Francisco Beltrão, cujos assentamentos foram conquistados pelos típicos Sem terra beltronesne, descendentes que vieram da Itália, Alemanha e Polônia, junto a cabocles, índios e bugres que disputavam pedaços de chão para sobreviver.

Vale ressaltar que a questão de classe é sempre vinculada ao que a escola tem e ao que a escola precisaria ter, tendo disparidades significativas de tipos de organização e estrutura com dicotomias entre particular/pública; estadual/municipal; urbana/campestre; campestre quilombola/campestre não quilombola.

**Quadro 7 - Respostas des Passarofes para as perguntas 7. e 8.**

Nº	PASSAROFES	7. DIFERENÇA ENTRE PASSARUNES DO CAMPO COM ES URBANOS (PASSARUNES DO CAMPO - COMPORTAMENTO)	8. DIFERENÇA ENTRE PASSALUNES DO CAMPO COM ES URBANOS (PASSARUNES DO CAMPO - SEXUALIDADE)
1	Andorinha	"alunos do campo são mais comportados"	"Nunca perguntaram nada de cunho sexual, como grávidas, namoro, mas da urbana já perguntaram".
2	Beija-Flor	"Eu acho que tem uma certa diferença"; "alunos da cidade são mais pra frente"	"nunca vi, mas se acontecer...eu acho que, aqui eu vejo tem bastante pessoas ligadas a igreja católica, eu acho que teria uma cobrança maior nas meninas"(campo); "Eu acredito que lá é mais natural né"(cidade)
3	Bem-Te-Vi	"os alunos do campo tem os valores mais preservados, como o respeito, por exemplo"	"os alunos do campo são um pouco mais tímidos"
4	Canarina	Não tem experiência com alunos urbanos	Não tem experiência com alunos urbanos
5	Quero-Quero	"Alunos de escola urbana são mais agressivos"	"o ensino médio do campo tem muitas ideias de casamento, de namoros sérios em processo de oficializar. O namoro do Ensino Médio do campo é mais sério"

6	Sabiá	"não sei, é meu primeiro dia aqui"; "o que eu sei da Escola do Campo é o que a gente ler em livros"	"na escola da cidade" "posso falar do relacionamento hétero, rola solto, o pessoal se pega valendo"
7	Trinca-Ferro	"mais educados"; "eles são mais queridos eu acho"; "mais carinhosos, bem mais carinhosos".	"realidade era muito difícil, pai preso, mãe tipo chuchu (dá em todo lugar)"
8	Gralha Azul	Pergunta não composta na Entrevista (PCE)	PCE

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

Aqui, então, verificaremos se existe alguma correlação de acordo com a área de formação dos passarofes assim como a intimidade e saberes acerca da sexualidade. Se, por exemplo, se os passarofes formados na área da biologia, filosofia, artes ou letras, tem mais conhecimento do que os da área de exatas, como matemática, física e química percebem diferenças de comportamento dos passarofes de outras escolas que lecionaram em relação a esta pesquisada. E mesmo, em áreas diferentes, o que é disponibilizado pelo sistema educacional sobre sexualidade para todas essas áreas.

Em resumo os passarofes colocaram que os passarofes do campo são mais "quietos" e os da cidade são mais "agitados"; a passarofe Trinca-Ferro por exemplo, relatou sobre uma escola da periferia, municipal, do quanto os responsáveis dos passarofes tinham históricos de violência familiar, exposição à criminalidade, abusos psicológicos, sexuais e físicos que culminavam em um "mau comportamento", mas que afirmou que mesmo desta maneira, nunca teve dificuldade de lidar com esses passarofes.

O que nos faz refletir, quais são as regras que o biopoder (FOUCAULT, 1971) culminou na vida desses adolescentes, em que para sobrevivência social,

uns precisaram mostrar maior poder mediante a violência, enquanto outros demonstrar poder por intermédio da “aplaudida” quietude. No sentido de “sou melhor porque enfrento os passaros” e em outro sentido de “sou melhor do que os outros porque não dou trabalho pra ninguém”. Pois assim como o fogo pode nascer do atrito estimulado entre pedras, as rochas se formam parcialmente escondidas, quietas no fluxo das lentas precisões e transformações da terra.

As questões da sexualidade também são diferenciadas, desde assuntos mais falados como DST, namoros, gravidez precoce e casamento, como casos de estupros, sexo com animais, prostituição e tudo isso vinculado à família, classe econômica e muito atribuído à religiosidade. Tanto no quadro 7, quanto nas conversas fora-entrevista, perceberam-se diferenciações pontuais pautadas a variadas maneiras de sentir prazer e desprazer.

Lembra-nos por tanto, a Dietética grega, na qual ocorre uma dieta de prazeres pautadas no controle afrodisíaco dos corpos, dependendo do clima, se era primavera, verão, se era mestre ou discípulo (Foucault, 1984). Sempre os atos negativos como consequência de uma “dieta-ética” não cumprida devidamente, sobretudo, afinal, em quais parâmetros de ‘certo’ e ‘errado’ estamos nos pautando? Ainda na civilidade do século XX no Brasil? Ainda em uma educação pautada no modelo francês, modelo este o qual os próprios franceses lutaram para que mudassem? Quais fertilizantes oferecem para cada grupo adubar sua terra e mesmo sendo oferecidos de maneira desproporcional, ainda cobram a mesma quantidade de sacas de milho-comportamental?

### **3.5 Análise do discurso e não-discurso: Investigar o como ocorrem inadubações acerca do tema lesbianidades cis e apontar possíveis soluções**

Sobre o isso, algo que ficamos reflexivas no momento em traduzir o título da dissertação para o Inglês. A confusão foi justamente em colocar o “isso” no

sentido de “this” ou no sentido de “it”, pois, às vezes as entrevistadas se referiam como situações voltadas à lesbianidades, se referiam às lésbicas e a impressão que passava era que também se referiam às lesbianidades como “coisas”, algo que não se sabe dizer ao certo o que é. E no ano de 2017, lançou o filme de terror chamado “It”, no Brasil ficando como “It a Coisa”, um ser que se alimenta de medo e causa medo. Ora, o receio, o medo do desconhecido é explicado pelo funcionamento do cérebro em relação à nossa sobrevivência, entretanto, as perguntas que nos fizemos é: O que causa mais medo? O desconhecido? Ou a reação (esperada) de desprezo ou hostilidade do conhecido frente ao desconhecido? Quem tem mais medo de quem?

Optamos por colocar a palavra “it”, parece mais adequado ortograficamente, mas não esqueçamos que dentro desse “it” a pessoa e a coisa. Ao verificar o Quadro 8 percebemos certo cuidado para não ofender ou não parecer ser uma pessoa preconceituosa e alguns aceitam a possibilidade de vir a trabalhar com o tema da lesbianidade e/ou diversidade sexual, como o Sabiá, Trinca-Ferro e Bem-Te-Vi que se colocaram como possíveis atuantes não só como passarofes de uma disciplina fechada como química, português ou inglês, mas também como educadores sexuais. Para além desses recortes, as entrevistas inteiras também foram as que mais demonstraram saber da temática lesbianidades, em grande parte empiricamente, com parentes gays e lésbicas, do que teoricamente.

É fato que quando perguntamos a passarofes que estavam na sala de passarofes, a resposta foi unânime: “não sei nada sobre isso!”, (antes do questionário e da entrevista) percebendo a força que esta afirmativa tem, a questão da palavra “nada”, na contradição do pensamento de que se deve saber algo para se saber que não sabe o suficiente, mas “nada”, nos quer dizer que os dispositivos de poder que não adubaram esta terra de saberes sobre a

sexualidade. E es entrevistades se colocavam distante quanto ao assunto, tão distante quanto a mídia se coloca, como os dispositivos escolares se impõem. E em uma pergunta exercendo um poder que antes não era conhecido, a resposta de resistência veio como um soluço, como uma comida mal engolida.

**Quadro 8.** Respostas des Passarofes para ‘O ISSO’

Nº	PASSAROFES	O ISSO
1	Andorinha	“não participei de nada relacionado a isso”.
2	Beija-Flor	“E de alguma forma teve uma época, que com algum intuito, esconderam isso”
3	Bem-Te-Vi	“Pode servir que com o tempo eu possa assimilar e trabalhar com isso”
4	Canarinha	“Não falo sobre isso, pois não é minha disciplina”
5	Quero-Quero	“isso faz parte da nossa humanidade, vamos se dizer assim”
6	Sabiá	“a questão da escola é respeitar ou não isso” e os pais pensam “ensinar ou não a ser”.
7	Trinca-Ferro	“eu não vou tentar desfazer dela... eu nunca passei por isso”
8	Gralha Azul	Não teve

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

Dispositivos escolares em que todes se observavam na sala des passarofes como passarofes panópticos ambulantes de si mesmas e des outres. E mesmo depois das entrevistas com aquelas com mais “coragem”, digamos assim. A dúvida era o como fazer uma educação que falasse de sexualidade em uma Escola do Campo tradicional e ainda, no momento em que estamos passando. Tanto que Sabiá e Quero-Quero comentaram sobre a “Lei da Mordaça” e o receio que todo esse alvoroço em relação à sexualidade e à liberdade des passarofes. Mas algo unânime, todes mostraram tensão sobre as mudanças trabalhistas, sobre não saber como serão as novas normas escolares, tensões em relação a pessoas reacionárias e fanáticas, intolerância política, perseguições institucionais dentre outras situações, principalmente pelo fato da maioria ser PSS.

Gralha Azul confirmou as questões de resistência a situações novas

propostas com a afirmativa de: “são muito conservadores”, relatando que em sua maioria eram de religião católica, todavia, algo contraditório, pois mesmo com tanto conservadorismo, existem, segundo ela, muitas famílias não-nuclear, ou não-tradicionais, pois “tem gente que é criado só pelo pai, só pela mãe ou só pela avó”.

E mesmo com esta contradição e dentre outras, as passarofes possuem temores ao pensar em desagradar a comunidade, ainda mais com os projetos de leis vigentes. Exemplo disso a passarofe Quero-Quero falou da seguinte maneira: “No sexto ano, como explicar na aula de Artes sobre a mitologia grega, que tem os Deuses, Deuses Nórdicos. É complicado defender isso dentro de uma escola”. Então, perguntamos se já havia visto alguma questão religiosa cristã, como uma oração, por exemplo, logo Quero-Quero respondeu: “Nunca viu nenhuma oração nessa escola, orações e tal [...] Mas na escola urbana já vi, num sistema de áudio, já ouvi rezando Pai Nosso”.

Ainda sobre as resistências e o medo de mudança e até mesmo de exaltar identidades que fizeram essa Escola do Campo ser possível, com muito penar, a Galha Azul “piou” como se estivesse machucada:

Tinham pinturas da parede que eram do MST e mudaram a pintura. Ninguém conseguiu mudar o painel[...] A interferência política na escola é fortíssima. As pinturas...As mudanças são difíceis[...] Teve uma época que a prefeitura colocou a diretora de direita, arrancou estufa, arrancou painel, fez um terrorismo, perseguição[...]**como matar a vontade da mudança**[...] Hoje em dia os professores têm medo. a direita no Paraná é muito forte (grifos nossos).

Em negrito foi uma frase que nos causou impacto enquanto realizava a entrevista, tudo pautado no medo, as passarinhos acabam desistindo de voar, como se tivessem virado passarinhos de cativeiro, acostumados a espaços limitados, a ficarem dependentes de instancias maiores para fazer apenas o que lhe deixam fazer, sendo perseguidos e aterrorizados, quando decidem sair da gaiola do conformismo, neste sentido “Todo sistema de educação é uma maneira

política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”(FOUCAULT, 2014, p.41). O que também comove é que Foucault disse esta frase na década de 70, alimentando a disciplina que “é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2014, p.34) e acaba que esses professores acabam tomando estas disciplinas como suas, como a maneira mais confortável e eficaz de jogar nesse sistema.

Desta maneira lendo o livro de Isaura Guimarães da década de 90, percebi que as situações problemáticas pouco mudaram, sobretudo, insistimos aqui, em colocar uma adaptação de seu quadro, como uma possível organização.

#### Quadro 9 - Realidade do campo - Adaptado de Guimarães (1995, p.85)

##### A. ESPAÇO INSTITUCIONAL Estrutura Escolar

- Desvinculada da Comunidade
- Decisões Centralizadas
- Comunicação Burocrática e Burocratizante
- Pobreza de Recursos e Materiais
- Profissionais Despreparados
- Programas Interrompidos

- Repressão
- Normatização Rígida
- Imposição de Estereótipo de Gênero
- Machismo
- LGBTQIFOBIA
- Racismo
- Intolerância Religiosa
- Intolerância Política
- Desinformação
- Ausência de Diálogos etc

##### B. PROCESSO EDUCATIVO processo pedagógico

- PREPARO DE PASSAROFE
- Treinamento, estudo, pesquisa
  - Assessoria Multidisciplinar e Interdisciplinar
  - Recursos Didáticos
  - Encaminhamentos
  - Trocas com Outros Profissionais

- RELACIONAMENTOS
- Passarofe/Passarofe
  - Passarofe/Passarune
  - Passarune/Passarune
  - Passarofe/responsável pela passarune

Conteúdos programáticos incluindo o Sexo e o Prazer com adaptação de linguagem de acordo com a faixa etária

Fonte: GUIMARÃES, 1995 (com adaptações das autoras).

E assim, cita a autora em relação ao esquema posto,

É possível que professores, diretores, funcionários, refiram-se às inquietações físicas da puberdade e às manifestações de curiosidade sexual como “problemas”. Fatos como gravidez precoce, homossexualidade, uso de anticoncepcionais, podem ser discriminados e reprimidos como tabus. Abaixar a voz, abrir os olhos num susto, procurar um espaço reservado para fazer perguntas, são atitudes comuns nas pessoas, ao se defrontarem com temas de sexo (GUIMARÃES, 1995, p.17).

Na página 18 do livro de Guimarães, do ano de 1995, percebemos semelhanças com a atualidade (2016 a 2017) em relação a passarofes não quererem ter problemas com es responsáveis. A autora destacou um fala de sua pesquisa “Agora mais essa de ter que discutir essas coisas com alunos? [...] Eu não vou querer ter problemas com os pais” (p.18). Esta percepção que acontece tanto na escola urbana quanto no campo, limitam e “cristalizam” as relações.

A Escola do Campo tem como seu aspecto principal, a conquista da terra em primazia, preocupando-se com a sobrevivência diária, também focam nos meios de produção, tanto para uso próprio quanto em muitos casos para venda. E quanto aos seres que ali habitam? Suas relações? Suas práticas? Suas sexualidades? Seus prazeres?

Gralha Azul também contempla este pensamento, afirmando que o campo é visto como “meros produtores e exportadores de matéria prima”.

Essa ação provocadora de mudanças só poderá emanar do engajamento comprometido, processual, coletivo dos próprios sujeitos do campo, que vão diretamente se envolvendo e reconstruindo referenciais de valores vinculados à sua prática política sociocultural. Tal concepção demanda do alargamento da compreensão de participação social ou da chamada cidadania. Precisamos tomar a história na mão e, ainda que em nível local, micro, em pequenas porções, modificar os rumos, explicitar as contradições do projeto hegemônico, o qual dita para o campo ser apenas um espaço de produção, de monocultura e do agronegócio. Sabemos que a educação e desenvolvimento andam juntos. Ambos se complementam e também se conflituam! Desta forma, dinamizar o movimento sociocultural e produzir o movimento político da Educação do Campo, passam a se reconhecer a luta de classe e engajar-se nela, tornando-se movimento, bem como compreender a diversidade existente

junto aos povos do campo, recuperando a solidariedade, a política de resistência e a conscientização. Ainda, é a grande tarefa da Educação do Campo reavivar a identidade do campesinato, do agricultor, da agricultora, dos povos do campo em suas diversidades, concedendo reconhecimento aos seus direitos, à sua história, à sua cultura e aos seus saberes, que foram negados historicamente (HOELLER, 2013, p .16-17).

O Bem-Te-Vi é um passaromem (pássaro + homem) de quase quarenta anos, casado. Tem um filho. É passarofe de filosofia em várias escolas do campo, branco, heterossexual, não deu para conhecer sua classe econômica, mas não parecia passar fome. Tem a maior parte de sua experiência em escola urbana, disse, sobretudo que sobre a aula ministrada não havia muita diferença, tanto se vê o quando a identidade de Escola do Campo ainda se faz precária, afinal como disse Galha Azul “a vergonha de ser camponês” [...]“do jovem da roça”.

Bem-Te-Vi também retratou que basicamente a disciplina são as mesmas, o que muda é o “enfoque” (*sic*) das teorias. Como por exemplo, ele realiza discussões acerca da eficácia dos transgênicos, dos avanços tecnológicos; das questões éticas que cabem às plantações no campo com ou sem agrotóxicos, assim como questões que es passarunes perguntam em sala de aula. Logo ele suscita a percepção do lado econômico de usar os transgênicos, o lado positivo e também as pesquisas que apontam o lado negativo e até mesmo consequências em relação à saúde des camponeses, discurso de um poder econômico que parece interessar mais es passarunes.

Assim como o Sabiá e es outres passarofes, que procuram realizar interpretações de textos que possam ser de interesses do campo, a passarofe de Química, Artes, a outras passarofes de língua portuguesa. Mas, e passarofe de matemática, mesmo sendo a única que nasceu no campo e vive no campo pesquisada, não especificou nenhuma atividade voltada às demandas do campo. E mesmo nesses discursos, pareciam disciplinas mais gerais de uma escola de

campo, do que voltadas às demandas dessa comunidade em si. Eis a “luta” que tanto a Gralha Azul expõe, com projetos que envolvem a comunidade e ainda ressalta, que “que o grande diferencial desse assentamento é que a comunidade participa mais que as outras escolas do campo”, dando exemplo da significativa quantidade de responsáveis que vão para as reuniões da escola, assim como festas e encontros.

“[...] o que faltam nas escolas públicas é ter profissionais habilitados pra orientar [...], pra que a gente fale de uma forma que não ofenda a pessoa, que a gente sabe que dependendo da forma que você chegue, fale e até haja com a pessoa, a pessoa pode ou se deprimir demais, ou pode ter muitos casos de suicídio, ou muitos casos de... enfim né, de problemas maiores ou [...] falta de compreensão de ela não saber o que tá acontecendo, tanto com homem como a mulher, se descobri isso de forma errada né... então falta um acompanhamento psicológico e muitas vezes, até mesmo, de uma assistência social né, pros pais também, eu acho que falta isso, porque pra[...] chegar, eu não sei como chegar e falar: “olha isso normal, isso não é normal”, primeiro porque eu não fui orientada pra isso, é...eu não sei, eu tenho pessoas na minha família, é... que tem isso, mas elas nunca chegaram pra mim, pra dizer que elas são (ANDORINHA, 2017).

Passarofe Andorinha ressaltou sua preocupação com a temática do suicídio e sofrimento psicológico, como até então, es outres não comentaram. Aqui percebemos o quanto a orientação sobre as temáticas lesbianidades são urgentes e elementares, na educação como um tanto, sobretudo na educação campestre.

**Quadro 10. Respostas des Passarofes para as perguntas 9, 10. e 11.**

Nº	PASSAROFES	FILHE(S)	9. SE FOSSE SUA FILHA/FILHO?	10. CONHECE ALGUMA PASSARUNE ASSUMIDAMENTE LÉSBICA?	11. SE A PASSARUNE LHE PEDISSE AJUDA?
1	Andorinha	2 meninas (Crianças)	"não sei, acho que ia tentar orientar né"	Não	"é complicado, também não sei dizer, o que falta é um acompanham

					ento na escola sobre o assunto”
2	Beija-Flor	3 Filhos, Dois homens e uma mulher (Adultes)	“ vai ter todo meu apoio, porque eu quero que meus filhos sejam felizes”	Não	“Primeiro se aceitar como é, né, primeiro se aceitar como é, eu não sei se é fácil, então deve ter um apoio familiar, também a família entender isso como sendo uma coisa normal, não criando barreiras, eu vejo assim”
3	Bem-Te-Vi	1 filho (Adolescente)	“que há muita discriminação e preconceito, mas não restaria outra saída...é... a não ser apoiar. Acho que a felicidade pode está relacionada com...com a escolha sexual”	Não	“é uma situação que eu teria que me preparar mais”
4	Canarina	1 menina (Criança)	“não sei”	Não	“eu ajudaria, mas não saberia como”
5	Quero-Quero	Não	“Acho que seria tranquilo, não teria problema nenhum” “teria medo dos outros”	Não	“Eu acho que seria uma forma de tentar”[...] “pra que ela não fique...inibida , presa”

6	Sabiá	Não	“é complicado, acho que o estranhamento seria normal[...] mas aceitaria, não teria porque recusar né, a opção dele ou dela”	Não	“primeiro eu iria encaminhar para a parte pedagógica da escola né, antes de tomar qualquer medida”
7	Trinca-Ferro	2 filhos (adultos)	“não sei como eu agiria se meus filhos fossem assim, tenho amigos, adoro eles, mas não sei”	Não	“eu ia pedir(perguntar), o que que você quer que eu faça que eu vou fazer”, “vc quer que eu vá na sua casa conversar com seus pais? Dentro da pouca experiência que a gente tem né, com carinho, a experiência vem, eu vou fazer o que eu poder pra te ajudar, eu não vou tentar desfazer dela[...]”
8	Gralha Azul	PCE	PCE	PCE	PCE

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

Quando aqui é falado de teoria, também é considerado o seu oposto, que seriam os achismos. Neste sentido, o que se mistura com valores e teorias nas práticas desses profissionais da educação em relação às lesbianidades?

Como todos, o profissional da escola de adapta às posturas novas do cotidiano sem muito espaço de crítica. Passivamente ele assiste TV, lê

revistas e jornais, frequenta bares, clubes, mas na escola *e esse é o ponto intrigante*, ele assume o papel repressor sendo defensivo contra mudanças, omitindo-se aos fatos que podem sua participação como um educador sexual (GUIMARÃES,1995, p.18).

Beija-Flor e Trinca-Ferro, as passarofes com mais idade diante das entrevistadas, foram as respostas mais precisas, seguras e empáticas que pudemos analisar, Beija-Flor já em período de aposentar-se com 30 anos de experiência e Trinca-Ferro com 10 anos de Docência e apenas com um ano de diferença de idade, demonstraram maiores soluções em relação aos outros, ambas com categorias semelhantes de filhos, casamento, religião, idade etc pareceu que diante às p.34, suas várias vivências com as diversidades humanas, lhes fizeram imaginar uma maneira de resolver os conflitos com mais facilidade que os outros, mesmo sendo uma situação que nunca havia lhes acontecido.

Esses outros passaros, procurariam ajudar, admitiram precisar de melhor orientação, procurando assim ajuda da coordenação pedagógica e/ou diretoria. Percebemos nessas relações o pouco diálogo sobre sexo e outras expressões da sexualidade com os passaros. Então para quem essas passaros reportam?

Com quem então, eles falam de sexo? Com os amigos, seus pares. O amigo íntimo é a figura preferida para “tirar dúvidas” sobre sexo, e os amigos em geral servem para conversações abertas, os irmãos mais velhos, tios, avós e namorado socorrem em crises. A mãe informa as principais indagações sobre a reprodução e o pai é ausente nessas questões para a maioria absoluta (GUIMARÃES, 1995, p.20).

E por qual motivo falamos de sexo e sexualidade? Foucault (1988) trabalha não exatamente com a questão da relação sexual e sim com os dispositivos de poder que permeiam a relação sexual, sobre onde fazer, quando fazer, com quem fazer, como fazer incluindo a negativa dessas afirmativas, sobre onde não fazer, quando não fazer, com quem não fazer, como não fazer; sendo essas prerrogativas todas pautadas à interesses econômicos nos quais um grupo, uma elite compõe modelos, padrões e normas a serem seguidos de

maneira inquestionada, então, quem tem o poder, domina os prazeres, incluindo o sexo. Lembrando que namoro, casamento, relacionamento, inclui em sua maior parte, a relação. Então, quando falamos de lesbianidades na adolescência, ou em uma Escola do Campo, também falamos de sexo lésbico, de contraceptivos lésbicos, de leis que amparem a não-violência contra esse grupo de pessoas. Mas em oposto disso, há extensa repressão sexual mediante a ausência de leis, ausência de diálogo familiar, dentre outras tantas ausências (inadubações).

Reich (1971,1983) une a essa crítica os fundamentos da psicanálise, afirmando que na estreita ligação entre família e economia está a explicação da ampla repressão sexual e submissão ao domínio de autoritarismo político de seu tempo. Para ele, a regulação da vida sexual pelo sistema patriarcal, o elogio à prole numerosa, reforçam as estruturas familiares que reprimem as forças da libido através do enraizamento, a nível psicológico profundo, do sentimento de culpa. Acredita que, diminuindo a autoconsciência individual, formando traços de caráter rígidos, o fascismo impôs o desenvolvimento de idéias reacionárias de dever e honra, de coragem, de autocontrole, de compromisso cego e emocional com a pátria. Propõe que, se o homem recuperasse a lei natural da sexualidade, ele recuperaria tanto a existência prazerosa perdida pela cultura, como sua emancipação social, política e econômica (GUIMARÃES, 1995, p.37).

A autora trabalha com algumas concepções de Reich, no qual percebe que 'naturalmente' o ser humano é poligâmico, ou seja, possui naturalmente a possibilidade de desejar várias pessoas, uma de cada vez ou ao mesmo tempo. Mas a cultura cria regras como freios de conduta. "A contradição natureza e cultura fica mascarada pelo fenômeno da massificação, que forja uma opinião pública coletiva, controlando as mais íntimas necessidades humanas, por intermédio do poderio tecnológico" (GUIMARÃES, 1995, p.38) Ressaltamos aqui também, a influência das grandes redes de propagação de controle como: "os livros, os jornais, a mídia tecnológica, invadem a introspecção humana de modo que a esfera pública (o outro) hoje se confunde com a privada (o eu)" (GUIMARÃES,1995, p.41)

Um exemplo nessa Escola do Campo, a passarofe Quero-Quero nos conta

uma situação que aconteceu no período de festa junina:

A festa junina, tudo bem que é uma questão cultural, a gente tá trabalhando e...música tradicionais[...]mas ainda há... ainda tudo isso tem que ser o parzinho, menino e menina, por conta dos próprios profes dizendo: 'não tu não pode ter, é... do mesmo sexo misturado, ...eles não podiam se escolherem, tinha que ser, os parzinhos, os casaizinhos". Quem escolheu foi a professora. 'Tinha professora que cobrava bastante'.

Quando Quero-Quero foi perguntada se tinha alguma menina que quis fazer com alguma amiga, ela respondeu que "Tinha porque se sentia mais à vontade também" e ainda completou:

foi unidos vários turmas, então, por exemplo, teve bem mais...no Ensino Médio, dois meninos apenas, do Ensino Médio dançaram, alguns não puderem porque estavam nos jogos no dia, mas todo restante, só dois que foram, então, era tudo entre meninas mesmo, elas se sentiram mais a vontade de fazer uma dança associada à isso, mas no fundamental foi imposto, tem que ser e os que não queriam, acabaram ficando sem ir dançar"[...] Teve um caso no fundamental de dois meninos que queriam dançar juntos, não chegaram a se apresentar, porque eles queriam ficar brincando nos ensaios, não estavam levando a sério. Não teve tempo pra amadurecer a situação, não estavam rendendo [...] Músicas trabalhadas: Rio Negro e Solimões e músicas country. [...] Ensino Médio tiveram mais autonomia, Sharaia...(Shania Twain - Any Man Of Mine) sei lá. Não quiseram dançar Xote. As meninas propuseram envolver o Country, depois colocaram a música de Rio Negro e Solimões.

Essa imposições das quais Quero-Quero fala, são como já foram comentadas, reproduções do que o sistema de poder nos oferece, tratando a sexualidade como um mal, ou uma doença contagiosa, principalmente quando se trata de criança e adolescente. Sexualidades essas que são expressas nas danças e socialmente aceitas pela comunidade escolar e pelas responsáveis que não perceberam que a tradução dessa dança Country de cunho feminista, iniciando a letra com: "isto é o que uma mulher deseja... qualquer homem meu, é melhor que tenha orgulho de mim, mesmo quando estiver horrível, é melhor que ele ainda me ame...", isso tudo é a expressão da sexualidade velada.

A sexualidade humana se explica pela natureza e cultura e pode ser compreendida tanto em sua evidência objetiva, manifestada no social,

como na realidade subjetiva, experimentada internamente pelo *ser humano*.[...] O local onde a natureza e a cultura se encontram em estado primeiro é a família e nela a moldagem cultural da natureza intensa (GUIMARÃES,1995, p.29 grifo nosso).

A família aceitaria, assim como aceitou, que as passarunes dançassem essa música, tanto que conseguiram as roupas e não é como uma escola urbana em que é mais fácil esconder alguns eventos da escola des responsáveis e podemos nos perguntar, por quais motivos uma menina se sentiria mais à vontade dançando com outra menina. O que pode representar um par masculino em uma dança que fala de relacionamento amoroso heterossexual? O que esse masculino simboliza, de maneira a reprimir uma adolescente a não querer sua companhia em uma dança?

Será que de fato não existem diferenças de gênero? Será que esse assunto não é importante a ponto de causar certos desconfortos e até confrontos relacionais, nas quais meninas não se sentem à vontade na presença de meninos quando se colocam em situações de toque, como uma dança mais próxima, por exemplo? Existe essa sobreposição do mito do macho superior.

Foucault fala da sexualidade como sendo uma elaboração histórica, para ele o ato sexual toma sentido no contexto em que ocorre. A divisão dos sexos em classes antagônicas e até hostis e a crença na superioridade masculina, tidas como “fatos naturais” são posturas próprias de uma mentalidade construída culturalmente, mas nem a biologia nem a antropologia as justificam (GUIMARÃES, 1995, p.31).

E diríamos, nem a Psicologia justifica essas afirmativas condicionadas ao sexismo. Neste mesmo “voo”, ocorreu um episódio em que Gralha Azul conta:

tem um episódio muito interessante sobre a sexualidade[...] Ela foi fazer uma oficina pra nós lá e, sobre Diversidade Sexual...os meninos maiores, trataram ela...até de forma desrespeitosa, como se ela fosse uma vagabunda que vai lá falar de sexo. E eles se deram o direito de chegar[...]“se vc passar daquele padrão alí que é permitido, se passar pra lá é prostituta” do oitavo para o nono ano.

Gralha Azul conta que um dia uma passarofe foi realizar uma oficina e por

falar sobre sexo em alguns determinados momentos, es passarunes do fundamental, sentiram-se a vontade de demonstrar afetos erotizados à oficinaira. O que nos deixa em questão, nas diferenças entre Ensino Fundamental e Ensino Médio, pois Andorinha, que é passarofe do Ensino Médio, revelou que de fato, es passarunes desse período são mais agitados, disse que “tudo virava brincadeira, não produz tanto” quanto passarunes do Ensino Médio. Ora, essa agitação em ligação com as transformações identitárias e de seus corpos poderiam dar bons “frutos” para uma pesquisa de doutorado, afinal, estão no auge das grandes transformações. Trabalhar então, questões da sexualidade, questões de gênero.

Por falar em gênero diante das dúvidas des passarofes sobre o como poderiam trabalhar sexualidade e gênero em uma Escola do Campo, não é no mínimo intrigante revelar es responsáveis pela agricultura? Criação de gado, fabricação de cerâmicas e tecelagens? Aproveitando, para explicar o que aconteceu depois desta época, conhecida como matriarcal.

Com a repressão sexual, gradativamente vai surgindo a família patriarcal, onde o acúmulo de poder está na geração mais velha masculina, sendo a autoridade centrada no homem, que se apropria tanto da força de trabalho quanto da subjetividade da mulher e dos filhos, que passam a lhe pertencer (GUIMARÃES, 1995, p.33).

E mais uma vez a economia, o ter masculino indo na frente do desejo do ser feminino, partindo de relacionamentos monogâmicos construídos pela espreita da posse das coisas e a mulher como coisa. Por isso, ainda, a dúvida do “this” ou “it”.

Também a dicotomia corpo e mente, no ser humano, se acentua, uma vez que os corpos passaram a ser tomados como valor de troca nas uniões ou casamentos, e que agora passam a ter um significado de acordos políticos, econômicos e ideológicos, prioritariamente. (GUIMARÃES, 1995, p.33).

E mesmo em que tudo agora virou institucional, o casamento, a união entre

duas pessoas, o dito é colocado com um reforço daquilo que é esperado, sendo assim, o contrário, nem precisaria comentar, pois os prazeres e as normas jogam em conflitos sadomasoquistas, nos acostumando a só saber sobreviver de poucas maneiras já preestabelecidas. E mesmo saindo deste regime, caímos em outro, mas a descoberta da disciplina é a justa maneira de ter uma oportunidade de fazer-se diferente principalmente dessa cultura patriarcal.

Uma cultura patriarcal e autoritária encorajou o homem contra sua própria natureza interior e contra a miséria exterior ao seu redor. A sujeição de um sexo pelo outro acentuou-se, como dominação e conflito, a partir da família monogâmica. (GUIMARÃES, 1995, p.34).

Desta maneira, a mulher, a mulher lésbica, a transexual, o homem cis gay, ou tudo aquilo que tende a mexer na identidade sensível de um suposto homem cis heterossexual, é desmerecido, depreciado, escondido, diminuído, não adubado. Gralha Azul confirma dizendo que “ou é um assunto que vem como piada”, “ou é um assunto que vem com observação preconceituosa”, mas que “hoje é bem mais tranquilo”. Gralha Azul ainda complementa:

com as questões da comunidade. Se fosse fazer uma fala. “mulher sozinha” [...]. Em vinte anos, só se soube um homem homossexual, mas que era discreto e que não falava que era gay...mas ele era muito querido, ele era muito respeitado[...] Um deputado o chamou de “seu viado filha da puta” mas a comunidade ficou do lado dele, final da década de noventa, prometeu um monte, e plantaram milho na ponte, porque demorou muito a promessa, o deputado entendeu o recado[...] Depende do tipo de trabalho que a pessoa exerce, daí eles pensam assim: “ele é viado, mas é um bom profissional”.

Percebemos que existem algumas histórias soltas sobre LGBTI+, todavia, a atenção da pesquisa, foi trabalhar com o imaginário des entrevistades, já que disseram nunca ter passado por situação de ter uma passarune que se colocasse como lésbica nessa Escola do Campo. Então, colocamos uma pergunta mais impactante, que movesse a resposta para o lado pessoal, pois a teoria e os acontecimentos com es outres são mais fáceis de quando acontece na nossa família conosco. Desta maneira a pergunta que se destacou foi: E se fosse sua

filha ou filho?

Bem-te-vi respondeu dessa maneira: como eu te falei né, é uma questão de situação... o que me resta é aceitar [...] primeiramente não é uma coisa que se espere ou que se aceite [...]. Ressaltou que geralmente as pessoas têm mais facilidade de aceitar quando é com a família de outro, quando é na sua família, geralmente tem uma reação um pouco diferente. “a minha opinião seria de aceitação”. Quando perguntando o que ele poderia falar para o filho, respondeu: “que há muita discriminação e preconceito, mas não restaria outra saída... é... a não ser apoiar. Acho que a felicidade pode estar relacionada com... com a escolha sexual”. Depois repetiu a palavra aceitação e a conversa mais uma vez, afirmando que não teria como ser diferente. “A felicidade está muito relacionado com isso”[...] então o respeito e a tolerância e claro essa questão de saúde, tem toda essa relação com os cuidados da saúde e conscientização das dificuldades”.

Com o Sabiá a resposta foi a seguinte:

é complicado, acho que o estranhamento seria normal[...] mas aceitaria, não teria porque recusar né, a opção dele ou dela[...] Ele pensa em ter filhos[...]eu acho tão bonita menina, pra ser filha”. “se ela quisesse ter uma relação com uma menina também não teria problema.

Andorinha ressaltou que orientaria a filha, se caso fosse, mas não se prolongou muito, relatou inclusive que talvez o marido tivesse mais resistência.

Já Trinca-Ferro, expressou uma reflexão mais elaborada:

“eu acho que na verdade, se eu tivesse alguma insatisfação, seria de não ter neto, né, por que daí...até meu mais velho sempre fala que vai adotar...não ia mudar com eles ia ser maior amor, tanto pra eles quanto pro namorado né, eu acho, eu acho(gaguejou) que conseguiria ser assim, mas eu acho que eu não ia ser feliz como eu sou hoje, eu acho que eu ia querer que meus filhos me dessem um neto e aquela cultura, que eu acho na verdade idiota, mas tá enraizada(enraizada), ...a gente ensinado desde pequenininho que é papai, mamãe e filhinho, então, é uma coisa assim, que, mas, eu, eu sempre me acostumei com qualquer coisa, eu me acostumei que eu fui embora morar no Paraguai, pra, pra, pra, pra minha, pro um jeito que eu pensava, era extrema, pros últimos dos

últimos que ia morar pra lá, era pra quem era pobre, palpérrimo, sabe, a credence, do jeito que fui criada, e fui sobrevivi, se quer saber, eu tenho saudade, eles tratam a gente com carinho com respeito.

A Beija-Flor revelou que já havia pensado na possibilidade, mas que teria todo o seu apoio, respondendo que: “quero que meus filhos sejam felizes”. Apenas lembrando que seu marido teria mais resistência “Eu acho que teria mais um pouco mais né, por questão da formação mesmo, ele não é machista nada, mas teria talvez que trabalha mais um pouquinho com ele, com a cabeça dele, mas também não teria grandes dificuldades”.

Quero-Quero afirmou que não teria problema algum, mas que precisaria estuar mais sobre o assunto: “eu teria que ter uma base”, mas que não tinha nenhum receio particular [...] “eu ainda vejo que é uma... acho que carrega consigo, de nascença, vamos se dizer assim, alguns dizem que é uma doença que pode ser curado... eu vejo que a gente sem uma certa autonomia como administrar. E com respostas mais curtas, Canarina disse que não saberia e não voltou mais ao assunto.

Sendo assim, a maioria se mostrou solícito a tentar entender, então, foi es passarofes foram fomentades a responderem com veracidade se elies de fato achavam essa pesquisa importante ou não.

**Quadro 11. Respostas des Passarofes para as pergunta 11.**

PASSAROFES	VOCÊ ACHA ESTA PESQUISA É IMPORTANTE PARA A EDUCAÇÃO? EXPLIQUE.
Andorinha	"Sim, pois auxiliará no processo educacional"
Beija-Flor	"Sim. Conhecer os alunos ajuda a entendê-los melhor"
Bem-Te-Vi	"pode identificar e repensar tabus e preconceitos, referentes à sexualidade, evitando a discriminação e a intolerância"
Canarina	"Sim, para difundir o assunto que hoje é tão pouco conhecido e comentado"

Quero-Quero	"Sim, uma vez que é necessário apresentar a comunidade dados científicos sobre o assunto, ou seja, deixar o senso comum".
Sabiá	"Sim. Uma vez que contribua para a redução da incidência de intolerância de gênero".
Trinca-Ferro	"Sim, esclarecimentos"

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos das entrevistas (2016/2017).

Todes concordaram que a pesquisa era importante para a educação, servindo-lhes de explanamentos e difusão de saberes que es passarofes não tiveram na formação e nem em formações continuadas, assim como a Bem-Te-Vi falou, relatando justamente o objetivo intrínseco da pesquisa, a diminuição da discriminação e intolerância de sexualidade e de gênero, como bem aponta o Sabiá, além de auxiliar no processo educacional como afirma a Andorinha. Com esta pesquisa, será possível es passarofes entenderem melhor alguns aspectos da sexualidade das passalunes, como lembra a Beija-Flor e escrevendo sobre Escola do Campo, a importância de difundir o assunto junto à comunidade como ressalta a Canarinha, dando-lhes a opção de alguns conhecimentos científicos para que não fiquem apenas no senso comum, como bem reporta a passarofe Quero-Quero.

Acreditamos que assim como o mate, a homossexualidade ainda será percebida não mais como doença e sim como mais uma maneira saudável de viver os prazeres de sermos humanos.

Entre os padres jesuítas das reduções Guairá, o mate era conhecido como a erva do diabo devido à crença em seu poder afrodisíaco. No século dezesseis, chegaram até a proibir a sua produção e uso. Diziam que quem participava das rodas de chimarrão ficava possuído pelo demônio e adquiria poderes infernais. Além disso, ficava doente, perdia o gosto pela guerra e o brio. Apesar da proibição, a produção e a utilização do mate continuaram. No século dezessete os próprios padres jesuítas passaram a incentivar o seu uso para afastar as pessoas do álcool, considerado de consequências mais perniciosas (SCHMIDT, 1996, p.48).

Desde o início falamos do quanto os saberes são contínuos e interessados

e este fato do mate ser novamente legalizado, não foi só pelos benefícios à saúde, mas os padres perceberam que podiam fazer desse produto mercadoria. Por isso, questionamos que as leis que sucedem só são aceitas por proporcionarem ganhos econômicos significativos a ponto de contradizerem o já dito. Neste ponto, o que foi produzido, esperar-nos-emos que não tenha só mero interesse econômico, como melhorar o relacionamento das pessoas diante das diversidades para elas trabalharem mais e melhor e sim para proporcionar uma educação com saúde e qualidade de vida, que não fique apenas na biblioteca da UNIOESTE, desejamos, sobre todas as coisas, que tenha utilidade, principalmente para a escola pesquisada e para a sociedade como um todo.

E sobre todas esses questionamentos uma pergunta ecoa por entre as passarinhas, “quem somos nós”? Modelados por dispositivos escolares, transformando nossa maneira de ser, escrever, pensar, por conjuntos heterogêneos das práticas pedagógicas e processos educativos que nos colocam tecnologias de poder, nas quais o intuito é pesquisar justo a arqueogenealogia, para descobrir a disciplina que nos encontramos e desenvolver outra que possamos viver melhor, com melhores adubos, terras férteis, comidas saudáveis e relacionamentos que nos proporcionem prazer.

## CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES DAS CONTINUIDADES FINAIS

O campo tem cheiro de terra, assim como a sexualidade tem cheiro de gente. Uma terra adubada se personifica em processos de melhorias relacionais, psicológicas, morais, físicas, assim como todas as instâncias humanas cotidianas. Por outro lado, em terras inadubadas, ocorre o acúmulo de corrosões sobre todos os adjetivos citados acima, prejudicando a todos nesse espaço ou a quem vive perto dele.

Es passarinhos que cantam em cima das árvores nessa escola, em especial, a canarina daquele dia, nos presenteando com sua graça e seu simbolismo, atrás das grades da janela da sala dos passarofes, algumas passares, porém, com seus estojos, pastas e cadernetas, mal conseguiam apreciar seu piado e por quê não uma música de duas notas musicais, em uma ópera do campo, como uma soprana leggero, suave, leve e ligeira, nas tentativas metafóricas de fazer-nos entender as inadubações de si mesmas e des que estão pedindo atenção pelas limitações dos espaços hierárquicos e de poder entre passarofe e passarune, entre passadire e passarofe, dentre outras hierarquias que envolvem o panoptismo de si e de outre.

O isso, o discurso pelo não-discurso, são as amostras das corrosões que nos acostumamos em nossas vidas, assim como marcas em nosso corpo e em nossa corporeidade, em processos de sujeições que nos dispomos e nos dispõem, sem nem sequer saber ou sentir. Como algo que *califica* (Calo por cima de outro calo) e nos construímos ao redor dessas terras inadubadas. Uma educação cultural de uma tecnologia e dispositivos *distancia*-dores (se não sabermos onde dói como encontrar soluções) ao invés de emancipatórios.

Todavia, es passarofes pareceram tão dispostes, que a esperança de uma flexibilização das temáticas não só das lesbianidades cis, mas das lesbianidades outras e por que não, das diferenças como um todo, poderão inspirar possíveis

intervenções ou pesquisa-ações que respondam suas questões e da comunidade.

E ainda, as ressalvas evidentes de quem está do lado dos camponeses, há um clima de instabilidade e medo, até mesmo com o Golpe e a retirada da ex-presidenta Dilma e a prisão política de Lula (Ex-Presidente), cujo foi o que mais conseguiu direitos aos movimentos correlacionados, sendo estas afirmativas representadas nas entrevistas de Gralha Azul e Trinca Ferro de maneira direta e de maneira indireta dos outros.

Esta ruptura requereria uma nova pesquisa, afinal, falar de sexualidade e mais específico de lesbianidades cis, ou outras lesbianidades, em clima de instabilidade de todas as variáveis como psicológica, moral, econômica, posse de terra etc, as respostas talvez possam trazer novas questões, perguntas, demandas e até mesmo propostas, como temos acompanhado, por exemplo, pelas movimentações populares e a visita de Lula em Beltrão (dia 26/03/2018), pouco antes de ser sancionada sua prisão (dia 07/04/2018), Curitiba sendo ocupada por camponeses de todo Brasil, assim como indígenas e quilombolas.

As investigações dessa pesquisa, também são questões relativas à cidadania e ao Estado de direito, assim como a Escola Campesina por si só, ela mesma encaixa-se e se flui nas categorias de discurso de poder e microrresistência, nas quais mesmo as passarunes camponesas de identidade lesbiana que estejam vivendo todo esse processo de instabilidade político-econômico-cultural-legislativa, agravado com estado de instabilidade emocional com a banalização das erosões cotidianas.

Percebemos que as passarunes do Ensino Médio, segundo as passarofes, estão desmotivadas para participar das aulas, com algumas críticas da componente “externa” de que também, as passarofes não passam do “corriqueiro”(sic), ou do trivial, por acreditarem que as passarunes do campo são mais ‘quietos’, até que ponto, a cultura de iniciativa e luta não estão

adormecidas? A passividade junto ao sentimento e ação passiva, não geram movimentos ou conquistas, cristaliza a construção de uma escolarização de acordo com as demandas dos passarunes. Mas quais demandas são essas se o fazer recreativo/lúdico/didático não têm apoio ou autonomia, como um simples jogo de futebol feminino, por exemplo?

Por mais rodas de conversa às palestras. O que a escola quer para eles é sensibilizada com a troca de passarofoes pelos PSS e pelas direções abusivas que tiveram no passado. Então como construir a pergunta “O que eles querem da escola?”, se mal sabem o que querem deles. Atentemo-nos que essas críticas perpassam por essas páginas, em conhecimento das dificuldades que os passarofes passam sobre sua própria autonomia de ação, como uma escada de limitações impostas, desmotivando-os a um estado parecido com os de passarunes, de passividade simbólica, em que Bourdieu (1998), bem coloca, como um acordo impositivo entre as partes, consciente ou inconsciente, como se o Estado falasse: “eu finjo que dou e tu finges que recebe”, casando com o Biopoder de (Foucault, 1987), sobre o controle desses corpos calejados e cansados de tanto descaso.

Mas, proseando sobre estas jovens camponesas “discípulas” de Safo, marcadas também em seus corpos o embotamento de suas pétalas lesbierótica, desencorajando seus prazeres, as conduzindo a casamentos impostos. Qual seriam as ações, ou políticas que as fizessem se sentir parte da comunidade? Lembrando que a terra sempre se recupera após um tufão, mas tomemos cuidado com as “coisas” do coração, que não é apenas romântico, delicado ou singelo, também nos deparamos com corpos que se encontram e praticam atos sexuais, sem eufemismos. Quais prevenções de DST sem não existe uma camisinha feita para esta demanda de lesbianidades cis?

Reiteramos os votos de dias melhores, com mais poesia e menos dor,

cujas identidades sejam valorizadas não como algo estático, mas como rios, cujos marrecos se banham e mesmo em lagos, jamais são os mesmos, com correnteza ou sem correnteza aparente. Que os instrumentos possam ser trabalhados e investidos para que essas adolescentes possam ter orgulho de representar suas terras e sua comunidade, com orgulho e (re) conhecimento, respeitando as possíveis diferenças que possam surgir na comunidade.

A temática sexualidade e as políticas estão totalmente ligadas, afinal, se escrevermos sobre corpo - a corporeidade é política e é um dispositivo de padrão ou não-padrão - com a presença ou a falta de discurso pelo discurso e discurso pelo não-discurso. Neste sentido, aspiramos que as lesbianidades *cis* ou não, possam fluir com melhor liberdade, focando sempre na saúde e qualidade de vida, por intermédio de uma escolarização do campo, no campo e para o campo.

## REFERÊNCIAS

ADAMAZÔNIA AD. **Introdução aos estudos do discurso e a obra de Michel Foucault por Rosário Gregolin**. Publicado em 14 de dez de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EUwmCxBlTp4&t=571s>>. Acessado em: 27/01/2016.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: \_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó-SC: Argos, 2009, p. 27-51.

ALMEIDA, Milton J. ; PIMENTA, Alan V. **Alguma Memória do Futuro**. *Educ. Soc., Campinas*. V. 31, n. 111, p. 501-515, abr.-jun. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a11.pdf>>

ALTMANN, Helena. Sobre a educação Sexual como um problema escolar. *Revista Linhas*. v. 7, n. 1, Universidade de Santa Catarina – UDESC, 2006. Disponível em: [www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1324/1133](http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1324/1133) em: Acessado em: 22/06/12.

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **Contos plausíveis / Carlos Drummond de Andrade. A Verdade Dividida**. posfácio Noemi Jaffe. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13274.pdf> Acessado em: 13/09/2014.

APP SINDICATO. **Conselho da APP decide: assembleia dia 12 e greve a partir do dia 17 de outubro**. 2016. Disponível em: <http://appsindicato.org.br/index.php/conselho-da-app-decide-assembleia-dia-12-e-greve-a-partir-do-dia-17-de-outubro/> Acesso em: 19/11/2016.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori [et al]. **A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos**. 3º Ed. Coleção Zero à esquerda, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo. **Crítica à Lógica da Exclusão: ensaios sobre a economia e teologia**. São Paulo: Paulus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Lisboa: Litoral, 1989.

BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Planeta, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

\_\_\_\_\_. **Moral da Ambigüidade**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes, Rio Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mulher Desiludida**. Título do original: La femme rompue. Tradução de HELENA SILVEIRA. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

BENTHAM, Jeremy. (et al.) **O Panóptico**. organização de Tomaz Tadeu; traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BERTÉ, Rosane. **Discursos e Expressões**: uma cartografia da adolescência contemporânea. Jornal de Beltrão, Francisco Beltrão, 2014.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Memorial**. Apresentado à Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão - FAPEX para o Prêmio Pesquisador do Ano 1994/UFBA, Área III - Ciências Humanas. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1995.

BORGES, Lenise S. **Visibilidade Lésbica na TV**: comentários a partir da novela Senhora do Destino. Instituto de Estudo de Gênero, UFSC, 2009. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/L/Lenise\\_Santana\\_Borges\\_20.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/L/Lenise_Santana_Borges_20.pdf)> Acesso em: 10/05/2013.

BORRILLO, D. A homofobia. In: Lionço, T.; Diniz, T. (orgs). **Homofobia e Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004.

BRAGA, Eliane R.M.; RIBEIRO, Paulo R. M. **Palavras, Palavrões**: A Sexualidade Escondida. Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores (UNESP), 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139620/ISSN2175-7054-2009-8683-8695.pdf?sequence=1>> Acesso em: 17/10/2017.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos - Apresentação dos Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Pcn Do Ensino Médio - Bases Legais ano 2000**. 2000b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>> Acesso em: 12/05/2016.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos - Apresentação dos Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 2006a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Coordenação de Prevenção e Vigilância. **A situação do câncer no Brasil/Ministério da Saúde**, Secretaria de Atenção à Saúde, Instituto Nacional de Câncer, Coordenação de Prevenção e Vigilância. -Rio de Janeiro: INCA, 2006b.

\_\_\_\_\_. SECAD/MEC. **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas**. Brasília: SECAD, março de 2007.

\_\_\_\_\_. **Dilma Rousseff sanciona lei que torna hediondo o crime de feminicídio**, 2015a. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/governo/2015/03/dilma-rousseff-sanciona-lei-que-torna-hediondo-o-crime-de-feminicidio>> em: 28/10/2015.

BRASIL. **Ministério Da Educação (MEC)**. 2015b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13561>> Acessado em: 28/10/2015.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da juventude** [recurso eletrônico]: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata. - 2. ed. - Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015c. - (Série legislação; n. 166).

\_\_\_\_\_. **Novo Ensino Médio - DÚVIDAS**. Profissionais com notório saber poderão dar aula na parte comum do currículo? Como será a formação de professores? Brasília: MEC, 2016a. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas> > Acessado em: 27/08/2016.

\_\_\_\_\_. Senado abre processo de impeachment contra Dilma Rousseff. 12/05/2016b. Disponível em < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/12/senado-abre-processo-de-impeachment-contradilma-rousseff> > , Acessado em: 15/05/2016.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Novo Ensino Médio - DÚVIDAS**. 2016c. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem\\_08](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_08)> Acesso em: 13/04/2016.

\_\_\_\_\_. PEC 241/2016. 2016d Disponível em:< <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351> > Acesso em: 21/11/2016.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **EMC 12/2016 PEC24116 => PEC 241/2016**. 2016e. Disponível em: Acesso em: 30 de junho de 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos que Pensam: Sobre os Limites Discursivos do Sexo**. In: O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.) 2 e., p. 126-151, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of 'Sex'**. New York and London: Routledge, 1993.

CALDERARO, Fernanda. **Políticas de saúde voltadas às lésbicas: um estudo sobre as possibilidades de reverter um quadro histórico de invisibilidade**. São Paulo: PUC-SP, 2011.

CANCISSU, Cynthia R. P. **Lésbicas, Família de Origem e Família Escolhida: um estudo de caso**. Biblioteca Digital Sapientia PUC São Paulo, Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. 2007. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=4866](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4866)> Acessado: 13/11/2013.

CARROLL, L. **Alice no País das Maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

CARVALHAES, Flavia Fernandes; NASCIMENTO, Marcio Alessandro Neman do; LIMA, Marli Machado; TOLEDO, Livia Gonsalves; MANHAS, Roberta Duarte; PERES, William Siqueira. **Territórios, Gerações & Cultura: (Des)continuidades das Expressões de Gênero entre Lésbicas**. Revista Latino-americana Geografia e Gênero, v. 2, n. 1. Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, 2011.

CARVALHO, B. R. S. N. ET AL. **Invisibilidade lésbica e a interseccionalidade de opressões**. In: 18º REDOR, Perspectivas Feministas de Gênero: Desafio no Campo da Militância e das Práticas. UFPB, 2014.

CASTANHA, André Paulo [*et al.*]. **História da Educação: levantamento de fontes e instituições escolares**. Cascavel/PR: Coluna do Saber, 2008.

CECCARELLI, Paulo. Reflexões sobre a Questão Lésbica. **LES Online**, v. 1, n.1 2009. Disponível em: <<http://www.lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=article&op=view&path%5B%5D=15&path%5B%5D=19>> Acessado: 12/03/2010.

CERTEAU, Michel de. **A cultura do plural**. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIAVENATO, Júlio J. **Cabanagem: o Povo no Poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Periferia Urbana**. Revista Geosul, v. 1, n. 2, p. 70-78. Universidade Federal de Santa Catarina, 1986. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12551/11859>> Acesso em: 26/01/2017.

COSTA, Zora, Y. T. **Safo, Foucault e Butler: a Constituição do Corpo Político Lesbiano**. Brasília, 2011. 148 f. Dissertação. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Programa de Pós - Graduação em Filosofia.

CUNHA, Eduardo. **COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA PROJETO DE LEI Nº 5.069**. Acrescenta o art. 127-A ao Decreto Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, 2013. Disponível em: <[https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1381435&filename=TramitacaoPL+5069/2013](https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1381435&filename=TramitacaoPL+5069/2013)> Disponível em: <<http://periodicos.unb>

br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6720/5427 >. Acessado em: 24/07/2015.

DALL'AGNOL, R. S. (2003). **A sexualidade no contexto contemporâneo: permitida ou reprimida?** Psic - Revista de Psicologia da Vetor Editora, [on-line], 4(2), 26-31. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psic/v4n2/v4n2a04.pdf>. Acesso em 30 mar. 2018.

DICIONÁRIO TUPI-LATIM do Padre Manoel de Moraes, traduzido para Português, 2017. Disponível em: <<http://arlindo-correia.com/dicionario.html>> Acessado: 05/09/2016.

DICIONÁRIO TUPI GUARANI - tupi antigo - português. Disponível em: <<http://dicionariosvarios.blogspot.com.br/2009/06/dicionario-guarani-tupi-tupi-antigo.html?q=perceber>> Acessado em: 14/04/2016.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

D' ACRI, Gladys [et al]. **Dicionário de Gestalt-terapia "Gestaltês"**. São Paulo: Summus, 2012.

ESPÍNDOLA, Alexandra Filomena. **Estruturalismo: o sujeito e o signo como estrutura sem referente**. Revista Científica Ciência em Curso - R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 3, n. 2, p. 149-156, jul./dez. 2014.

FAUR, Mirella. **O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a Deusa**. 2 ed. São Paulo: Gaia, 2001.

FAVAL, Gabriela. **Educação Sexual - Do Transversal ao Curricular Interdisciplinar: Prática Crítica Filosófica e Freireana**, 2009. Disponível em: <[http://www.recantodasletras.com.br/autor\\_textos.php?pag=2&id=58687](http://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?pag=2&id=58687)> Acessado em: 24/07/2015.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6º Edição (org.), São Paulo, Cortez, 2000.

FERNANDES, Ana. Cidades e cultura: rompimento e promessa. In: JEYDI, Henri Pierre e JACQUES, Paola Berenstein (Org.). **Corpos e cenários urbanos**. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUBA, 2006. Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads>> Acessado em: 08/09/2016.

FITZ, Ricardo Arthur. Os Jesuítas no território Gaúcho. In: **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Organizadores: Sandra da Silva Careli, Luiz Claudio Knierim. Porto Alegre-RS: CORAG, 2011. p.43-64.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no College D'e France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Edições Loyola, 2

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Trad. Maria. Tereza. C. Albuquerque e Ver. técnica de José. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Trad. Maria. Tereza. C. Albuquerque e Ver. técnica de José. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. M.T.C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Michel Foucault, Uma Entrevista**: sexo, poder e a política da identidade, *verve*, 5: 260 - 277, 2004. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537>> Acesso em: 20/11/2015.

\_\_\_\_\_. **As Verdades e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. Michel Foucault: edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros ; tradução: Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. - 2º ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber/**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância**: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

GALVÃO, Patricia Rehder. **Textos de Pagu publicados n'A Tribuna, Santos/SP**, em 27 de novembro de 1960. Disponível em: <http://www.pagu.com.br/blog/obras-e-textos-pagu>. Acessado em: 17/06/2017.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia / Jostein Gaarder ; tradução do norueguês Leonardo Pinto Silva. – 1ª- ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2012.**

GEADA ARARAQUARA. **Análise do Discurso com Michel Foucault | Ep. 03 O dispositivo escolar**. Direção Maurício Neves Corrêa Roteiro Maria do Rosário Gregolin; Publicado em 23 de ago de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TdVYvrh-JfA&t=2256s>. Acesso em: 23/09/2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

\_\_\_\_\_. **Negara: the Theater State in nineteenth-century Bali**. USA: Princeton University Press, 1981.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROUX, Henry. Professores como Intelectuais Transformadores. In:\_\_\_\_. **Os professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 157-164.

GOIS, C. W. de L. **Psicologia Comunitária no Ceará – uma caminhada**. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire, 2003.

GLASMAN, Jane Bichmacher de. **Presença Judaica na Toponímia Brasileira: Brasil, Origem e Mistérios**. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/82.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/82.pdf) Acessado em: 17/03/2016.

GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da. (orgs). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. Prefeitura Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher; Secretaria do Governo Municipal. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004 188 p. (Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, 8).

GODOY, Rosane M. **Modos de Vida de Mulheres Lésbicas em Florianópolis**. (org.) LAGO, Mara C.de S.; TONELI, Maria J.F.; BEIRAS, Adriano; VAVASSORI, Mariana B.; MÜLLER, Rita de C. F.; **Gênero e Pesquisa em Psicologia Social**. Ed. Casa do Psicólogo, 75-89, São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.academia.edu/3160675/Eu\\_tu\\_elas...\\_in\\_the\\_ghetto\\_os\\_sentidos\\_d\\_o\\_homoerotismo\\_feminino\\_sob\\_a\\_otica\\_do\\_territorio](http://www.academia.edu/3160675/Eu_tu_elas..._in_the_ghetto_os_sentidos_d_o_homoerotismo_feminino_sob_a_otica_do_territorio) Acesso em: 11/05/2013.

GOLDSTEIN, K. **The Organism**. Nova York: Zone Books, 1995. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/57229/Vida%20Nua,%20Vida%20Besta,%20Uma%20Vida%20%28P.P.pdf>> Acessado em: 11/03/2016.

GOMES, Karina. **A única cidade a adotar o 'Escola sem Partido'**. Publicado 08/09/2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-unica-cidade-a-adotar-o-escola-sem-partido>> Acesso em: 16/09/2016.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: mito ou realidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995 (Coleção Dimensões da Sexualidade).

HERB, Karlfriedrich. **Além do bem e do mal: o poder em Maquiavel, Hobbes, Arendt e Foucault**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº10. Brasília, janeiro - abril de 2013, pp. 267-284. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n10/08.pdf>> Acessado em: 18/07/2016.

HERDT, Gilbeit. **Same sex, differSnl'cultures: gays and lesbians across cultures**. Boulder e Oxford: Westview Press, 1997.

HOELLER, Silvana C(Org.). **ProJovem Campo Saberes da terra: comunidade, família e escola - por uma educação do e no campo**. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.

IPÓLITO, Jéssica. **Lesbofobia Não é Igual à Homofobia!** **Revista Vírus Planetário**. 12 março de 2017. Disponível em: <<http://www.virusplanetario.net/lesbofobia-nao-e-igual-a-homofobia>>. Acesso em 05/07/2017.

JACONDINO, E. Nunes. **Sobre o Corpo: Epistemologia, Identidade, Educação, Cultura**. Cascavel/PR: UNIOESTE, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária**. In: ABEH. Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero. Salvador, 2012.

JORNAL DE BELTRÃO. **Há 20 anos, falecia Júlio Assis Cavalheiro**. Publicação: 25-07-2014. Disponível em: <<http://www.jornaldebetrão.com.br/noticia/177501/ha-20-anos-falecia-julio-assis-cavalheiro>> Acesso em: 26/10/2017.

JULIO, Ana Luiza dos Santos [et al]. **Mulheres Que Amam Mulheres: Trajetórias E Vivências Nas Militâncias Feministas**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais): Diásporas, Diversidades e Deslocamentos. UFSC: 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291376\\_ARQUIVO\\_fazendogenero9\\_Aline\\_Piason.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291376_ARQUIVO_fazendogenero9_Aline_Piason.pdf)> Acesso em: 12/05/2013.

KATZ, Phyllis A. *Psychology of Women Quarterly*. v. 20, Ed. 3. Colorado-USA, 1996.

KERLINGER, F. N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: E.P.U, 1980.

LAU, Héilton Diego. *Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro: os discursos de Carlos Apolinário e Eduardo Cunha nos PLs 294/2005 e 1672/2011*. 174 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) - Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, Ponta Grossa-PR, 2016.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFFA, Vilson J. *Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto*. In: LEFFA, Vilson J.; ERNST, Aracy. (Orgs.). *Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa*. Pelotas-RS: Educat, 2012, p. 253-269.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOMBARDI. J. Claudinei. *História e Historiografia da Educação no Brasil*. 2003. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis14/art4\\_14.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis14/art4_14.pdf). Acessado em: 24/06/2017.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. 1ª ed. RJ: DP&A, 2001. 115p.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da Sexualidade*. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.)2 e., p. 7-34, - Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.2, pp. 541-553. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>> Acesso em: 19/06/2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

MALTA, Magno. PROJETO DE LEI DO SENADO nº 193, de 2016. Senado Federal, Atividade Legislativa, 2016. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125666>> Acesso em: 22/12/2016.

MATOS, Gregório de. *Seleção de Obras Poéticas*. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo, 1998.

MELO, Sonia M. M. de. **Corpos no Espelho: A Percepção da Corporeidade em Professoras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MELLO, Alex Oestreich [et al]. **O Discurso Sanitarista como Discurso Político e Ideológico na República Velha**. Revista Historiador Número 03. Ano 03. Dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>> Acesso em: 17/02/2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. 1 ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIGUEL, Lucia Oliveira dos Santos; BRAGA, Eliane Rose Maio. **A Importância da Família no Processo de Aprendizagem, Visando Ao Sucesso Escolar**. Secretária de Educação do Estado do Paraná, 2017. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2272-8.pdf>> Acessado em: 01/02/2017.

MOLL, Jaqueline. **Educação Integral na Educação Básica: as mudanças necessárias**. Brasil. Ministério da Educação. p.144-221. 2013.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: a natureza humana**. 4 ed. Rio de Janeiro: Europa-America, 1973.

MULLER, Luiza de S. **A Interação Professor-Aluno no Processo Educativo**. 2002. Disponível em : <[http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos\\_academicos/276\\_31.pdf](http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf)> Acesso em: 10/08/2017.

OLIVEIRA, Anamar Moncavo. **A psicologia de Platão: sobre a teoria da psyché (alma) humana no diálogo Fedro, a partir das categorias do apolíneo e do dionisíaco**. Revista Plêthos, v. 2, n. 1. UFF: 2012. p.176-196. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/vol2num1/13anamar.pdf>> Acesso em: 10/10/2017.

PADILHA, Adriano; CABRAL, Paulo. **Significados**. Empresa 7Graus: Disponível em:< <https://www.significados.com.br/processo/> >. Acessado em: 15/12/2016

PADILHA, Adriano; CABRAL, Paulo. **Significados**. Empresa 7Graus: Disponível em:< <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cidadania/>>. Acessado em: 01/04/2018

PADIS, P.C.**Formação de uma Economia Periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: HUCITEC, Curitiba, 1981.

PALMA, Yáskara A.; PIASON, Aline da S.; **Mamãe e... Mamãe? Apresentando as Famílias Homomaternais**. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, PUC RS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3296](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3296)> Acesso em: 06/09/2013.

PALMA, Yáskara Arria [et al]. **Experiências de vida e os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres**. Revista Interdisciplinar de Psicologia e Promoção a Saúde-Aletheia, n. 33, SET/DEZ, p.18-29, 2010.

PALMA, Yáskara A.; LEVANDOWSKI, Daniela C. **Vivências Pessoais e Familiares de Homossexuais Femininas**. Biblioteca Virtual em Saúde, Rev Psicologia em Estudo v.13 n.4. Universidade Estadual de Maringá, dezembro de 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722008000400015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400015&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 06/09/2013.

PARANÁ. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PR. Disponível em : <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=844>. Acessado no dia 18/04/2017.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

\_\_\_\_\_. "Sexual cultures, HIV transmission, and AIDS prevention". AIDS 8 (suppl), 1994. p.5309-5314.

\_\_\_\_\_. **Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade**. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.) 2 e., p. 114-125, - Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_, HERDT, Gilbeit e CARBALLO, Manuel. "Sexual culture, HIV transmission, and AIDS research". The journal of sex research 28, 1991. p.77-98.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. **Afetividade, Processos Educativos Projetos de Jovens Estudantes do Ensino Médio**. 2012. Disponível em: <[http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/Trabalho\\_2070006380\\_1.pdf](http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/Trabalho_2070006380_1.pdf)> Acesso em: 14/03/2016.

PELBART, Peter Pál. **Vida nua, vida besta, uma vida**. 2017. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>> Acesso: 03/03/2017.

PEREIRA, V. L. Gênero: dilemas de um conceito. In STREY, M.N., CABEDA, S.T.L. & PREHN, D.R. (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 173-198.

PERLS, F. **Gestalt Terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**, 2 Edição, Ed. LTC, Rio de Janeiro, 1977b.

PERLS, F. S. **Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo.** (Trad. Schlesinger) 3º ed. São Paulo: Summus, 1979.

PESAVENTO, Sandra. J. **Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano estudos históricos**, Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol.8, n.16, 1995, p. 279-290.

PESSOA, Fernando. **Os Poemas Completos de Álvaro dos Campos.** Luso Livros. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/08/Poemas-Completo-de-%C3%81lvaro-de-Campos.pdf>> Acessado em 23/09/2016.

PERUCCHI, Juliana. **Eu, tu, elas... in the ghetto: os sentidos do homoerotismo feminino sob a ótica do território.**(org.) LAGO, Mara C.de S.; TONELI, Maria J.F.; BEIRAS, Adriano; VAVASSORI, Mariana B.; MÜLLER, Rita de C. F.; **Gênero e Pesquisa em Psicologia Social.** Ed. Casa do Psicólogo, 61-74, São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.academia.edu/3160675/Eu\\_tu\\_elas...\\_in\\_the\\_ghetto\\_os\\_sentidos\\_d\\_o\\_homoerotismo\\_feminino\\_sob\\_a\\_otica\\_do\\_territorio](http://www.academia.edu/3160675/Eu_tu_elas..._in_the_ghetto_os_sentidos_d_o_homoerotismo_feminino_sob_a_otica_do_territorio)> Acesso em: 09/08/2013.

PIASON, Aline da S. **Mulheres Que Amam Mulheres: Trajetórias de Vida, Reconhecimento e Visibilidade Social às Lésbicas.** Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, Mestrado em Psicologia Social, PUC RS: 2008. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1981](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1981)> Acesso em: 19/03/2013.

PIASON, Aline da S.; STREY Marlene N. **Um Novo Olhar em Relação à Mulheres: em busca de visibilidade às lésbicas.** Google Books: **Vida de Mulher: Gênero, sexualidade e etnias.** (Org.) JULIO, Ana dos S.; PIASON, Aline da S.; STREY, Marlene N. Ed. EdiPUCRS, Cap. 5. p.103 - 126. Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=2BpuzBioTHoC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>>

PINHEIRO, Transição Política e Não - Estado de Direito na República. 260 - 305. SACHS, Ignacy; Wilhelm, Jorge; Sérgio, Paulo (ORG.) **Brasil: um século de transformações.** São Paulo: Companhia de Letras, 2001.

PPGED. **Linha de Pesquisa: Processos Educativos** (Programa de Mestrado). UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA, 2016. Disponível em: <[http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/mestrado/Processos\\_Educativos.pdf](http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/mestrado/Processos_Educativos.pdf)> Acesso em: 18/05/2016.

PREFEITURA DE FRANCISCO BELTRÃO. Disponível em: <http://franciscobeltrao.pr.gov.br/departamentos/turismo/pontos-turisticos/praca-eduardo-irmond-suplicy-e-o-calcadao-central/>. Acessado em: 15/01/2017.

PEGORARO, Ivo A.. **História**. 2017. Site Prefeitura de Francisco Beltrão Disponível em: <http://franciscobeltrao.pr.gov.br/o-municipio/historia/>. Acessado em: 25/06/2017.

PRIORI, A., et al. **História do Paraná: séculos XIX e XX** [online]. Maringá: Eduem, 2012. A história do Oeste Paranaense. pp. 75-89.

PSICOLOGIA, Conselho Federal. Resolução 001/99. **Código de Ética do Psicólogo, Brasília, 22 de março de 1999**. Disponível em: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)

RIBEIRO, Raoany de Souza. **O Estado da Arte na Produção Teórica em Psicologia Sobre a Homossexualidade Feminina de 2003 - 2013**. Trabalho de Conclusão de Curso, Belém/PA, UNAMA, 2013.

RIBEIRO, Raoany de Souza; GAGLIOTTO, Gisele Monteiro. **Panoptismo às Identidades de Lésbicas Cís: A Escola que Vigia, Rotula, Pune e Controla**. In: Simpósio Internacional em Educação Sexual: saberes/trans/versais currículos identitários e pluralidades de gênero (Anais). UEM, 2016.

ROCHA, Graciliano. **Reza foi 'ataque à Constituição', diz ativista**. São Paulo. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1641112-reza-foi-ataque-a-constituicao-diz-ativista.shtml> Acesso em: 22/03/2017.

RODRIGUES, Rita C. C. **O débito constitucional em Direitos Humanos**. 2012. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/21326/o-debito-constitucional-em-direitos-humanos> Acesso em: 26/04/2014.

RODRIGUES, Hugo Elidio. **Introdução à Gestalt-terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SAFO. **Poemas**. Ciberfil Literatura Digital, 2002. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000390.pdf> Acesso em: 21/09/2012.

SCHKALEI, Cleiton A. **Índios, caboclos e europeus: uma percepção sobre os pioneiros no Estado do Paraná**. In: VII Seminário Estadual de Estudos Territoriais, II Jornada de Pesquisadores sobre a Questão Agrária no Paraná. "Perspectivas da Geografia Agrária no Paraná: Abordagens e Enfoques Metodológicos" (Anais). UEPG, 2014.

SCHMIDT, Maria A. M. S. **Histórias do Cotidiano Paranaense/ Orientação de pesquisa e texto final**. Curitiba: Letraviva, 1996.

SCHULTZ E SCHULTZ. **História da Psicologia Moderna**. 8 Ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SILVA, Marley Antonia Silva da. "o que se precisa para o adiantamento das lavouras". Tráfico negreiro no Grão-Pará com o fim da Companhia Geral de Comércio (século XVIII). Belém: Monografia de graduação em História apresentada a Universidade Federal do Pará, 2008.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

SILVA, Anita I. de M. da. **A Posse da Terra e os Lugares de Memória**: Francisco Beltrão - 1969-2007. UFPR, Curitiba, 2010. Disponível em: [http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25047/anita\\_final\\_pdf.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25047/anita_final_pdf.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

SOUSA, Roseli. **Palavracendeavida**: Poesia Pagã. Belém: Cromos, 2012.

TOLEDO, Livia G. **Lesbianidades e biopoder**: um olhar genealógico. Revista de Psicologia da UNESP, 7(1), 180, SP. 2008, p. 176-188.

TOMASI, Cristiane Sabadin. **Relógio instalado na Torre da Concatedral já faz parte do dia a dia dos beltronenses**. 26/08/2016, Disponível em: <https://www.diariodosudoeste.com.br/noticia/relogio-instalado-na-torre-da-concatedral-ja-faz-parte-do-dia-a-dia-dos-beltronenses>. Acessado em: 27/07/2017.

TONELI, Maria J. F.; PERUCCHI, Juliana. **Territorialidade Homoerótica**: Apontamentos para os Estudos de Gênero. Rev. Psicologia & Sociedade; v.18, n. 3, 39-47; Universidade Federal de Santa Catarina, Porto Alegre, set/dez. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822006000300006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000300006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 17/09/2013.

TRINDADE, E. Maria. C. de; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

VALLE, Maria R. do (Org.). 1964-2014: **Golpe Militar, história, Memória e Direitos Humanos**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VICARI, Badger. 2015, **O Ano Que Não Acabou**. Jornal de Beltrão. Publicação: 19/12/2015. Disponível em: < <http://www.jornaldebetrão.com.br/colunista/blog-do-bada/10014/escola-sem-partido> >. Acessado em 21/12/2015.

WACHOWICZ, R. Christovam. **Paraná, sudoeste**: ocupação e colonização - Curitiba: Litero-Técnica, 1985.

WEEKS, Jeffrey. **O Corpo e a Sexualidade**. In: *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.) 2 ed., p. 35-82, – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WEREBE, Maria José. **Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 36, 1981. (mesa-redonda) 32ª Reunião da SBPC. Rio de Janeiro, 1980.

Yin, R. K. (1994). **Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos** (2 ed.). Porto Alegre: Bookman.

YONTEF, G.M. **Processo, Diálogo e Awareness**. Ensaios em Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

ZATTA, Ronaldo. **A Colonização Oficial do Sudoeste Paranaense e Mito do “Vazio Demográfico”**. In: XV Encontro Regional de História: 100 anos da Guerra do Contestado-histórigrafia, acervos e fontes (Anais). Universidade Federal do Paraná - Curitiba, 2016. Disponível em: <[http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1466125179\\_ARQUIVO\\_TrabalhoAnpuhPR2016RonaldoZatta.pdf](http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1466125179_ARQUIVO_TrabalhoAnpuhPR2016RonaldoZatta.pdf)> Acesso em: 13/06/2017.

ZIEGLER, Adriane Marconatto. **A poética dos quatro elementos na obra de Maria Carpi**. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2015.

## APÊNDICE 1 - TERMO DE CIÊNCIA DE RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO

*Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP*

*Aprovado na  
CONEP em 04/08/2000*

### ANEXO IV

#### TERMO DE CIÊNCIA DE RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO

Título do projeto: **Discurso e não-Discurso do “isso”. *Passarofes* do campo, *inadubações* e lesbianidades *cis*.**

Pesquisadoras: Raoany de Souza Ribeiro e Giseli Monteiro Gagliotto.

Local da pesquisa: \_\_\_\_\_.

Responsável pelo local de realização da pesquisa:

As pesquisadoras acima identificadas estão autorizadas a realizar a pesquisa e a coleta dados, os quais serão utilizados exclusivamente para fins científicos, assegurando sua confidencialidade e o anonimato dos sujeitos participantes da pesquisa segundo as normas da Resolução 510/2015 CNS/MS e suas complementares.

(local e data) \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Nome e assinatura de responsável pelo campo da pesquisa

**APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE  
ANEXO I**

*Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação*

*Comitê de Ética em Pesquisa - CEP*

*Aprovado na*

*CONEP em 04/08/2000*

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Título da Pesquisa: **Discurso e não-Discurso do “isso”. *Passarofes do campo, inadubações e lesbianidades cis.***

**Pesquisadoras:** Mestranda - Raoany de Souza Ribeiro (46-99171859)

Orientadora - Giseli Monteiro Gagliotto (46-991157479)

Convidamos  **você**  a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de Investigar o discurso e não-discurso de passarofes de uma Escola do Campo de Francisco Beltrão/PR, sobre o tema *lesbianidades cis*.

Esperamos, com este estudo, dá maior visibilidade ao que elas querem e precisam para melhorar a educação, cidadania e qualidade de vida, haja vista a necessidade real das questões das *lesbianidades*. Para tanto, precisaremos que  **você**  e responda a uma entrevista gravada e um questionário, na qual  **você**  é livre para escolher responder as perguntas ou não, na entrevista as respostas podem ser por escritas ou por áudio para evitar falsas interpretações das falas e facilitá-las.

Durante a execução do projeto poderá ter constrangimentos pelas perguntas nas entrevistas  **você**  poderá respondê-las ou não.

Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas para fins científicos.  **Você**  também não pagará nem receberá para participar do estudo. Além disso,  **você**  poderá cancelar sua participação na pesquisa a qualquer momento. No caso de dúvidas ou da necessidade de relatar algum acontecimento,  **você**  pode contatar os pesquisadores pelos telefones mencionados acima ou o Comitê de Ética pelo número 3220-3092.

Este documento será assinado em duas vias, sendo uma delas entregue ao sujeito da pesquisa.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
(Nome de sujeito de pesquisa)

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

(local e data) \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

## APÊNDICE 3 - TERMO DE COMPROMISSO PARA USO DE DADOS EM ARQUIVO

*Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP  
Aprovado na  
CONEP em 04/08/2000*

### ANEXO III

#### TERMO DE COMPROMISSO PARA USO DE DADOS EM ARQUIVO

Título do projeto:

Pesquisadoras: Mestranda - Raoany de Souza Ribeiro

Orientadora: Giseli Monteiro Gagliotto

As pesquisadoras do projeto acima identificadas assumem o compromisso de:

1. Preservar a privacidade dos sujeitos de pesquisa e dados coletados;
2. Preservar as informações que serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
3. Divulgar as informações somente de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
4. Respeitar todas as normas da Resolução 510/2015 CNS/MS e suas complementares na execução deste projeto.

(local e data) \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
(Nome e assinatura do pesquisador responsável)

\_\_\_\_\_  
Nome(s) e assinatura(s) da(s) pesquisadora(s) colaboradora (s)

### APÊNDICE 4 - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA		
Nome Completo:	Você sabe se já foi realizada alguma palestra e/ou intervenção, aula ou roda de conversa que aborde os temas da sexualidade ou homossexualidade?	
Idade:		
Gênero:		
Orientação Sexual:		
Religião:		
Trabalha em quais disciplinas?		
O que você entende por Lesbianidade?	Você acredita que esta pesquisa é importante para a área de educação? Independente da resposta, explique o por que.	
O que você entende por Processo Educativo?		
Qual sua formação?		
Você ministra aula de que nessa escola?		
Você tem filho(s)? Se sim, qual o gênero e idade.		
Quantos anos de experiência em sala de aula você tem?		
Qual seu vínculo com a instituição? PSS? Efetivo (concurado)?		
Quantas turmas você leciona? Quais são? Quais turnos?		
Qual é a faixa etária dos alunos de sua(s) turma(s) do ensino médio?		
Quantas alunas você conhece que são assumidamente lésbicas? Qual ano estudam?		
		Você tem alguma dúvida sobre a pesquisa?

<p>Quantas alunas que não são assumidamente lésbicas em público (na escola), mas já ouviu rumores de que se relacionaram com outra(s) menina(s)?</p>	
<p>Você sabe de algum direcionamento em relação aos documentos educacionais (diretrizes, ppp's, etc) que fale de sexualidade ou homossexualidade?</p>	